

SHARON DOGAR

A incrível história do rapaz
que amou Anne Frank

NO ANEXO

“Uma reconstituição delicada, serena e escrupulosa”

The Guardian

ASA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ficha Técnica

Título: No Anexo

Autor: Sharon Dogar

Tradução: Ana Beatriz Manso

Revisão: Maria Cortes

ISBN: 9789895579952

Edições ASA II, SA

é uma editora do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdova, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

Annexed

Copyright© Sharon Dogar, 2010

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.asa.leya.com

www.leya.pt

*Para Jem, Xa e Ella
Os nossos filhos
Isto é para vocês.
Obrigada.*

Que nunca deitem a cabeça na almofada sem terem uma mão para segurar...

PREFÁCIO

Passaram quase cinco meses desde o início de 1945. A Segunda Guerra Mundial está prestes a terminar. Peter van Pels¹ encontra-se num campo de concentração nazi chamado Mauthausen². Há registos de que foi admitido na enfermaria do campo a 11 de abril. Isto significa que teria estado na enfermaria durante três semanas, o que só pode estar incorreto ou ser extraordinário. Não era plausível que alguém que tivesse sobrevivido à ocupação nazi da Holanda, ao transporte para Auschwitz, à caminhada pela Polónia e a Áustria até Mauthausen e que depois tivesse “trabalhado” durante três meses conseguisse sobreviver mais do que alguns dias numa enfermaria – que não passava de um rio de moribundos de passagem. Não havia tratamentos e quase não havia comida – pelo menos nesta fase da guerra.

Mas, durante todo o Holocausto, sucederam-se histórias extraordinárias de sobrevivência contra todas as probabilidades. Portanto, e se foi verdade? E se, enquanto jaz na enfermaria, Peter começa a viajar mentalmente através da sua curta vida? Ele tem dezoito anos. Passou dois desses dezoito anos no “Anexo” em Amesterdão: um lugar celebrizado pelo diário de Anne³ Frank. Mas como foi para Peter?

Neste romance, baseado num acontecimento histórico, tento imaginar como poderá ter sido viver de facto com Anne Frank. Tornar-se o objeto do seu amor e ser arrancado da sua companhia de modo tão cruel, num momento em que a libertação estava prestes a chegar à Holanda.

Um dos mais aspetos mais desconcertantes na história de Anne Frank e da sua família e amigos no Anexo foi o facto de terem

estado tão perto de sobreviver e conseguir chegar ao fim da guerra. Foram levados no último comboio que saiu da Holanda para Auschwitz. No fim, só um deles sobreviveu: Otto Frank, o adorado pai de Anne.

Na altura em que escrevo, Anne Frank (se fosse viva) estaria apenas na casa dos oitenta anos. Poderia ainda estar a escrever histórias, ainda a relembrar-nos o significado de permanecermos vivos para a beleza do mundo, quando em toda a nossa volta só há evidências de morte, ódio e destruição.

Mas, apesar da sua inteligência e vivacidade singulares, Anne não viveu a sua vida com a noção de que haveria de se tornar um ícone. Era uma jovem extremamente apaixonada, inteligente, insolente e, por vezes, difícil. Otto Frank disse publicamente que “não conhecia” a Anne Frank que toda a gente pensa conhecer tão bem através do seu diário, e que a partir daí só pode fazer uma dedução: “que, enquanto pais, não conhecemos os nossos filhos”. Qualquer relato “imaginário” do que se passou no Anexo deveria ter em conta esta afirmação do pai de Anne. A Anne que se vê no diário não é necessariamente a mesma Anne que as pessoas no Anexo sentiam conhecer.

Então e Peter? Será que o Peter acerca do qual Anne escreve apresenta alguma semelhança com o que Peter poderá sentir que é? Como será ser-se referido no diário de outra pessoa (sobretudo uma pessoa tão famosa), lembrado para todo o sempre do modo como se foi visto pelos olhos de outrem? E se Peter não fosse nada assim e – como Anne sugere várias vezes – não fosse nada do que ela pensava?

A maneira como os vemos aos dois e à História pode mudar ao longo do tempo. O diário de Anne tem uma importância vital para a nossa História. Conta-nos com algum pormenor como foi viver escondido durante a ocupação nazi e a “limpeza”⁴ da Holanda. Os factos do Holocausto não são uma coisa com que os escritores

devam brincar, mas o que *podemos* fazer é recriar a história do que aconteceu entre as pessoas que estavam no Anexo – e o que sentiam umas pelas outras. Como é que sabemos o que diria Anne agora acerca de tudo, se pudesse? É quase certo que seria mais caridosa em relação à mãe e a Fritz Pfeffer. O que sentimos na adolescência pode ser tão forte como apaixonado, mas não é a única verdade.

E que teriam os outros a dizer acerca do retrato que ela fez deles – sobretudo Peter? Isto é o que eu imaginei. Como tudo poderia ter sido do ponto de vista de Peter. Fiz os possíveis para não alterar os factos da vida deles no Anexo nem (dentro do que se consegue saber) do que aconteceu depois de deixarem o Anexo e entrarem no mundo dos campos de extermínio nazis.

Recriar pode ser importante para manter a História viva, e não havia ninguém mais sagazmente alerta, inteligente e curiosa em relação ao mundo do que Anne Frank. Infelizmente, não podemos mudar o que lhe aconteceu, nem à sua família e amigos. Mas podemos continuar a contar a sua história, continuar a pensar no que significa ser-se humano, tanto no amor como no ódio que sentimos por nós próprios – e podemos (tal como Anne Frank fez) tentar que os factos do que aconteceu durante a Segunda Guerra Mundial permaneçam vivos para cada nova geração, na esperança de que se mantenham cientes de como podem ser catastróficas as consequências do ódio.

[1](#) Conhecido como Peter van Daan no diário de Anne.

[2](#) Um dos campos mais famosos pela sua crueldade.

[3](#) Anne pronuncia-se Anna.

[4](#) Foi o que lhe chamaram os nazis quando desimpediam uma área de judeus, ciganos, deformados e deficientes e os transportaram para campos de trabalho e de extermínio.

Os sonhos surgiam nas noites brutais,
Sonhos recheados e violentos
Sonhados de corpo e alma,
De ir para casa, de comer, de contar a nossa história,
Até que, depressa e baixinho, vinha
O toque da alvorada:
Wystawach

Agora encontrámos de novo a nossa casa.
A nossa fome foi saciada,
Todas as histórias foram contadas.
Está na hora. Não tardaremos a ouvir de novo
A ordem alheia:
Wystawach

*Primo Levi – químico, membro da resistência,
autor, sobrevivente de Auschwitz*

PRÓLOGO

Maio de 1945 – Peter: Áustria, Mauthausen, enfermaria

Acho que ainda estou vivo.

Mas não tenho a certeza.

Estou doente.

Devo estar, porque estou deitado. Nós nunca nos deitamos.

Nos campos nunca se descansa.

Devia estar a carregar pedras pelos degraus da pedreira. O caminho é longo até ao cimo da pedreira. Nunca sei se irei conseguir. Se alguém à nossa frente cair, caímos todos – a menos que sejamos rápidos. Por vezes os guardas esperam até que um de nós chegue ao último degrau, já a pensar em pousar o seu fardo, no alívio de se livrar do peso. É nessa altura que esticam as botas e nos dão um pontapé. Caímos como peças de dominó.

É só disso que me lembro, de cair pelo flanco da pedreira. Sinto o corpo a sacolejar e a ressaltar. Sinto os outros corpos a aterrar em cima de mim. Sou esmagado, corpo esquelético sobre corpo esquelético. Agora somos todos tão aguçados. Os meus ossos estalam. Estou a sufocar. Os corpos saem de cima de mim, os mortos são empurrados para o lado pelos vivos. Consigo respirar. Os meus ossos voltam ao lugar com um estalido. Estou vivo e tenho de me levantar, senão sou empilhado com os mortos. Tento pôr-me de pé.

Percebo porque se riem os guardas. Pareço uma marioneta. Uma marioneta de ossos com os cordelinhos todos cortados. Ponho-me de pé. Caminho. Prossigo. Mas sei que na verdade continuo morto no chão, que a cada dia morre um pedaço de nós.

Em breve chegará alguém para me acordar e o pesadelo irá começar.

Estou à espera da palavra, daquela palavra:

Wystawach.

Acordem.

Se eles chegarem, tenho de levantar-me e ir trabalhar, senão tenho de morrer.

Se calhar já estou a morrer.

No fim, toda a gente morre, não há outra escapatória.

E agora é a minha vez.

É um alívio.

O problema de estar deitado é que me traz lembranças. Estão sempre a surgir, recordando-me de quem sou.

Do mundo.

Da minha vida.

Os judeus alemães têm uma palavra para isso.

Heimweh.

O anseio por voltar a casa. Evitamo-lo, se conseguirmos. Pode ser fatal.

Estou quente. Dói-me a cabeça. Dói-me o corpo. Estas são só palavras, não explicam a dor. O modo como os meus ossos se amolam uns aos outros. Não há palavras para uma dor assim.

Mas as lembranças são piores – imagens de uma época anterior. De uma época que tenho de negar, para que, quando vierem acordar-me, eu possa prosseguir. Pôr um pé à frente do outro, fingindo que só existe este momento, este dia, esta noite a ultrapassar – e sobreviver.

Para contar a minha história.

Mas as recordações persistem; esgotam a minha resistência. Transbordam.

Havia uma miúda, não havia? Havia um lugar.

Um lugar onde as folhas caíam de uma árvore como moedas douradas para dentro de água, enquanto olhávamos pela janela do sótão... e antes disso havia uma casa, uma rua, um mundo, uma miúda que eu amava...

PARTE UM

O ANEXO

13 de julho de 1942 – Peter van Pels: Amesterdão, Zuider-Amstelaan

Corro pelas ruas; é manhã cedo e o sol tenta irromper pela neblina. Os meus passos ecoam. Tenho a cabeça a mil à hora: *Não vou para o esconderijo. Não vou para o esconderijo – muito menos com os Franks!*

Não sei para onde hei de ir; só sei que não posso fazer isso. Não posso ficar trancado num apartamento minúsculo com duas raparigas (e logo a Anne Frank), a Mutti e a Sra. Frank! Lá por o Pai ter negócios com eles, isso não significa que tenhamos de gostar deles! Preferia correr os meus riscos nas ruas.

Os meus pés pisam o passeio. Algures atrás de mim ouve-se o som de um motor. Percebo logo do que se trata. Todos conhecemos aquele som – um veículo militar.

Abrando, mantenho-me nas sombras. Ainda é hora do recolher obrigatório para os judeus, se bem que eu não tenho ar de judeu.

Está quase lá.

Na casa da Liese.

“Liese.”

Sussurro o nome dela. Imagino o seu rosto, os olhos violeta e o cabelo escuro e suave. Imagino o que poderá fazer quando lhe disser que vou fugir. Poderá segurar-me; poderá deitar-se na relva comigo. Poderá...

Preciso de me concentrar. Preciso de saltar o muro e entrar no quintal dela.

Dou uma corrida e tento passar-lhe por cima. É alto. Falho o salto. O som do motor aproxima-se.

Ponho o pé esquerdo no muro e, com o medo a impulsionar-me o pulso, agarro-me à parte de cima com a mão direita – e desta vez consigo.

Caio sobre a relva. Respiro fundo e estico-me em busca de uma pedra, um galho, qualquer coisa que possa atirar-lhe à janela para a acordar.

Mas algo me detém. Ponho-me à escuta. As ruas estão silenciosas. Não se ouve um som. Quer dizer que o motor parou. Fico completamente quieto. Será que me viram? Estarão neste momento a vasculhar as ruas, à escuta, à espera que eu me denuncie – que faça um barulho?

O silêncio é interrompido por um estrondo, um bater de punhos à porta e vozes aos gritos.

– Abram! Abram!

Fico parado no quintal, paralisado. Vejo as luzes a acender-se. Vejo o rosto de Liese a surgir por breves momentos por detrás da janela enquanto corre os cortinados – depois ela desaparece. Vejo toda a família a reaparecer por detrás da janela iluminada da sala de estar. Estão de camisa de noite. Gesticulam, discutem, mas lá acabam por fazer as malas, vestir os casacos e desaparecer – com a Liese.

Sei que estão a convocar raparigas adolescentes. É por causa de a Margot Frank ter sido convocada que vamos para o esconderijo. Mas nunca pensei que fosse acontecer à Liese.

Tento correr para ela, mas as minhas pernas não se mexem, tenho a mão imóvel atrás de mim a segurar a pedra. Não sei quanto tempo falta até conseguir tornar a mover-me, até saltar o muro e correr para a esquina da rua, mas sei que é tarde demais. O furgão já está em movimento. Observo-o a contornar a esquina e acelerar.

Com a Liese lá dentro.

Começo a correr. Corro bastante, mas o furgão já acelera pela rua abaixo.

Liese!

Liese!

O furgão prossegue e desaparece. Continuo a correr até cair de joelhos. Tarde demais.

Tarde demais.

Ela foi-se.

Não posso acreditar. Porquê? Porquê ela? Porquê agora?

Viro-me de novo para a casa. A porta está trancada, mas sei onde está guardada a chave. Destranco a porta devagar. Está tudo limpo e arrumado. O piano tem o tampo aberto – a peça musical preferida da Liese está no suporte da partitura. Tudo parece igual, mas a casa está vazia sem ela, e assim tudo fica completamente diferente. Para onde a terão levado – e porque é que os levaram a todos? Para onde hei de ir agora?

Não sei o que fazer.

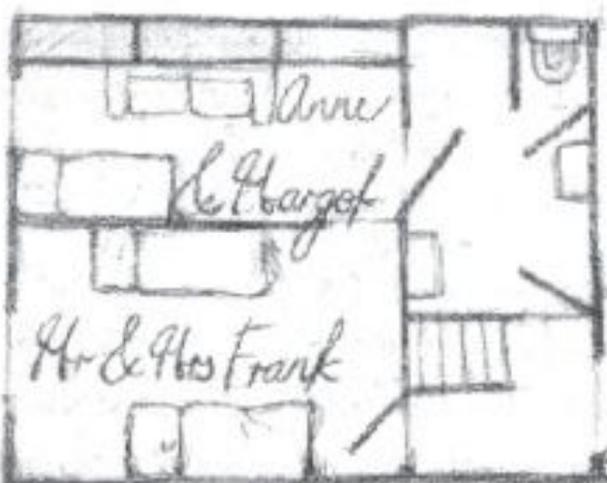
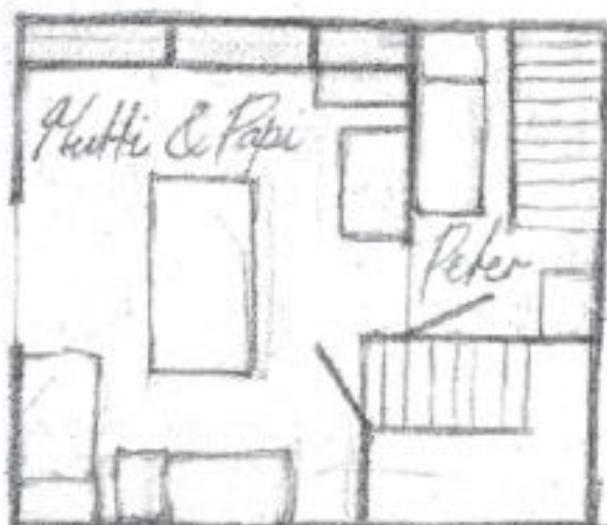
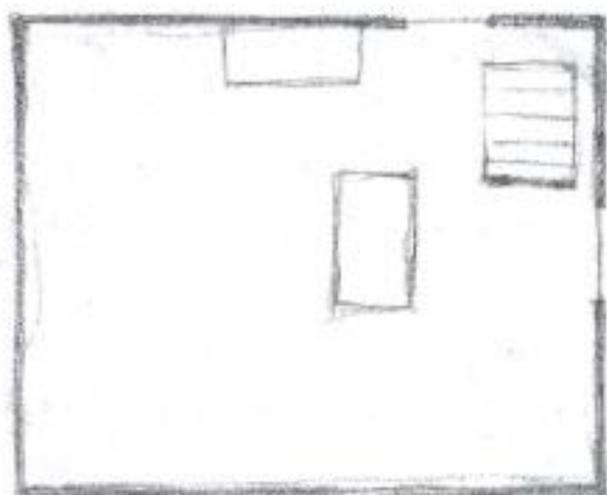
Olho para a rua pela janela. Olho para o meu relógio. Seis e vinte e dois. Tenho de estar no trabalho do Sr. Frank daqui a umas horas. Vamos chegar em separado, todos nós. Vamos entrar no edifício como se fosse uma visita normal – só que desta vez não tornaremos a sair.

Vamos lá ficar.

Não sabemos por quanto tempo.

Olho pela janela.

As ruas matutinas estão vazias, tal como eu. Não consigo pensar em nada – a não ser que o furgão desapareceu e que eu fiquei ali a permitir que isso acontecesse! Como é que pude pensar que podia fugir deles, ou combatê-los?



Ela foi-se.

E eu sei o que vou fazer.

Vou para o esconderijo.

Fico à espera de ver as ruas a encher-se de gente. Fico à espera de ver o sol a subir mais alto. Fico à espera de ver o mundo a ganhar vida. Fico à espera, sabendo que não vou fugir para lado nenhum, porque não há para onde fugir.

Olho pela janela.

O mundo que consigo ver já não é o meu mundo – é o deles: do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães – os nazis. O meu foi-me tirado – aos poucos. Não posso andar de elétrico nem de carro como as outras pessoas. Não posso nadar na mesma água nem sentar-me a ver filmes no mesmo cinema. Não posso fazer compras em lojas gentias. Não posso sentar-me na rua. Não posso beber das fontes. Não posso ir a pé para lado nenhum sem ter uma estrela ao peito. Não posso... não posso... não posso fazer nada. Se alguém decidir atacar-me, não posso esperar nenhuma ajuda – e não devo ripostar. Se o fizer, podem espancar-me até à morte, que ninguém os deterá. Se não ripostar, passo a ser exatamente o que eles dizem que eu sou – um rapazinho judeu covarde.

Já não existo. Transformaram-me num zé-ninguém para poderem eliminar-me da face da Terra.

Isso parece-me agora tão óbvio.

Como é que não percebi?

Como pude pensar que conseguia escapar?

Como pude pensar que conseguia lutar?

Tenho de ir-me embora. Está na hora. Encontro uma sacola e um casaco sobresselente com uma estrela lá cosida, mas, no último instante, decido não o vestir. Se esta é a minha última caminhada pela cidade, vou fazê-la com liberdade – como eu próprio – e, se alguma coisa acontecer, se me encontrarem, pois que seja.

O trajeto até Prinsengracht é longo, talvez uma hora a pé. No final existe um armazém; no cimo do armazém, escondido nas traseiras, há um anexo.

Ninguém sabe da sua existência, a não ser os funcionários que irão ajudar a esconder-nos. O Pai diz que temos sorte, sorte por ele ter negócios com o Sr. Frank. Sorte por o Sr. Frank nos ter convidado a nos juntarmos à família dele no esconderijo. Não me parece. Eu preferia estar na América.

Tenho uma planta do Anexo. Sei por onde entrar, que escadas tenho de usar e de que modo encontro o caminho de volta à casa onde estão escondidos os quartos. Onde eu vou estar escondido.

Agora tenho de ir.

Se é que vou.

Estou na rua. O sol bate-me na cara. Não tenho estrela nenhuma ao peito. Sou livre por mais uma hora. Uma hora mais. Todo o mundo à minha volta me parece estranho: astuto e belo. Sem a minha estrela não recebo olhares piedosos. Já me tinha esquecido de como era passar despercebido. Paro. Bebo de uma fonte. A Mutti haveria de ficar horrorizada. Eu podia ser preso, morto, exilado, se fosse descoberto. Um judeu a beber de uma fonte! Podia infetar todos os não-judeus, mas com quê?

O que é que temos de tão maléfico?

– Bela manhã! – diz uma mulher, sorrindo. Retribuo-lhe o sorriso, mas, por dentro, estou a pensar: “Sou judeu, sua estúpida, não percebe? Não consegue sequer perceber o que eu sou se não tiver a minha estrela a indicar-lho? Tome lá”, penso em dizer-lhe, “ponha-a ao peito. Se sentem assim tanta pena de nós, porque não a usam todos? E depois quem é que perceberia a diferença entre nós?”

Mas não digo nada.

Limito-me a retribuir o sorriso.

E afasto-me a caminhar.

A caminhada termina rápido – rápido demais. As avenidas amplas viram para os pequenos canais e ruas em redor do centro de Amesterdão. E eu chego lá. Chego ao armazém – 263 Prinsengracht. Fito as portas largas de madeira do armazém e a porta estreita ao cimo dos degraus que eu devo percorrer.

Estou assustado.

Quero fugir. Quero correr e só parar quando encontrar a Liese. Vou pegar-lhe na mão e fugiremos juntos até encontrarmos uns bosques, umas colinas, umas grutas onde nos escondermos. Mas não há nada disso – só planícies. Já fugimos da Alemanha para aqui. E agora estamos cercados. Os nazis estão por toda a parte: Luxemburgo, Bélgica, França. A Holanda não passa de um pequeno bolso num casaco todo feito de nazis. Já não temos para onde fugir. Olho fixamente as portas.

Sinto-me indisposto.

Sinto o calor do sol nas costas.

Viro-me e olho para o fundo da rua. Não devia estar a fazer isto, não devia estar a fazer nada que atraia as atenções sobre mim – mas não consigo evitar. Viro-me e olho para o fundo da rua comprida e estreita. Olho para as árvores e para a água do canal. Olho para as pessoas que passam por mim, mas não importa quanto tempo ali fico parado a olhar. Nada irá mudar.

A Liese não vai voltar.

É provável que nunca mais a veja.

O meu nome é Peter van Pels. Tenho quase dezasseis anos. Subo os degraus de pedra e giro a maçaneta da porta estreita de madeira. Abro-a com um empurrão e avanço. A porta fecha-se sozinha atrás de mim.

Ainda consigo ver a rua e sentir o ar suave e veranil. Ar fresco. No Anexo lembrava-me do ar como agora recordo o sabor dos legumes frescos e o som do riso.

Como algo já perdido – e que é melhor ser esquecido.

13 de julho de 1942 – Peter entra no Anexo: 263 Prinsengracht, Amesterdão

Entre as duas portas há escuridão e calor. O ar está viciado. Empurro a segunda porta e subo a escadaria. Revejo a planta da casa na minha cabeça.

Tenho de fazer bem as coisas. Tenho de ser silencioso. Passo por uma janela com a palavra ESCRITÓRIO escrita. Há vozes por detrás dela, sombras de pessoas que se movem. Sou um fantasma; eles não sabem que aqui estou. Percorro em silêncio o corredor estreito e escuro. O calor é sufocante. Subidos mais alguns degraus, o corredor alarga. À minha esquerda há uma janela, tapada por tecido escuro. Por baixo há outra escadaria que desce. Está escuro. Fico parado à espera que os meus olhos se adaptem. À minha frente há uma porta ampla com um ferrolho. Não quero entrar por ela. Quero voltar para trás. Quero fugir. E é então que vejo na minha mente o furgão a desaparecer pela rua abaixo. O meu coração bate tão depressa que eu não consigo respirar. Levanto o ferrolho rapidamente, antes que possa pensar, e abro a porta.

Oiço uma voz sonora e límpida:

– Bem, somos uns felizardos, não somos? Imaginem se não tivéssemos um pai que nos arranjasse um anexo, ou se estivéssemos aqui todos encafuados a odiar-nos uns aos outros!

Sinto uma pontada aguda de irritação. A Anne Frank, tão barulhenta e segura de si como sempre!

Felizardos? Como é que podemos ser felizardos? Da maneira como fala, parece que estamos a jogar um jogo de tabuleiro.

Mesmo à minha frente está outra escadaria; íngreme e perigosa. As vozes vêm do lado esquerdo. Tudo é pequeno e atafalhado, como as ruas e os canais lá fora. E escuro.

Viro à esquerda e fico à soleira da porta. Os Franks estão sentados a uma mesa. Todos se viram e me fitam.

– Ah! – diz a Sra. Frank. Por um instante faz-se um silêncio de choque. Todos nos fitamos uns aos outros. – Ah, Peter! És tu! Por momentos não te reconheci.

Pestanejo. É difícil ver-lhes os rostos com nitidez no lusco-fusco. O Sr. Frank está de pé e dirige-se para mim. Sorri:

– Peter. Estás cá. Deixa-me mostrar-te o teu quarto.

– Quarto! – diz a Anne. – Eu não lhe chamaria isso.

– Anne! – diz a mãe dela. Não olho para ela. A Anne Frank já se tem em grande consideração sem que eu contribua para isso.

– Olá, Peter – diz a Margot, de modo tranquilo. “*Porque é que estás aqui?*” A ideia cruza-me furiosamente a mente. “*Porque é que estás tu aqui e não a Liese?*” Aceno-lhe com a cabeça.

O Sr. Frank leva-me de volta às escadas íngremes. Sigo-o lentamente na subida. Atravessamos uma cozinha.

– Este será o quarto dos teus pais e a nossa cozinha comum. Receio que todos tenhamos de nos emparelhar.

Não digo nada. Não posso. Ao lado do lava-loiças há uma porta. Ele atravessa-a.

– E este é o *teu* quarto.

Há uma janela, tapada por um estore escuro. Custa a acreditar que o sol ainda está lá fora, por detrás dela – a brilhar. Somos comprimidos um contra o outro devido à falta de espaço. Ao nosso lado há outra escadaria que sobe.

– Por cima de ti ficam os sótãos onde armazenamos tudo e penduramos a roupa – o que significa que vais ver-nos a todos a cirandar por aqui, receio eu.

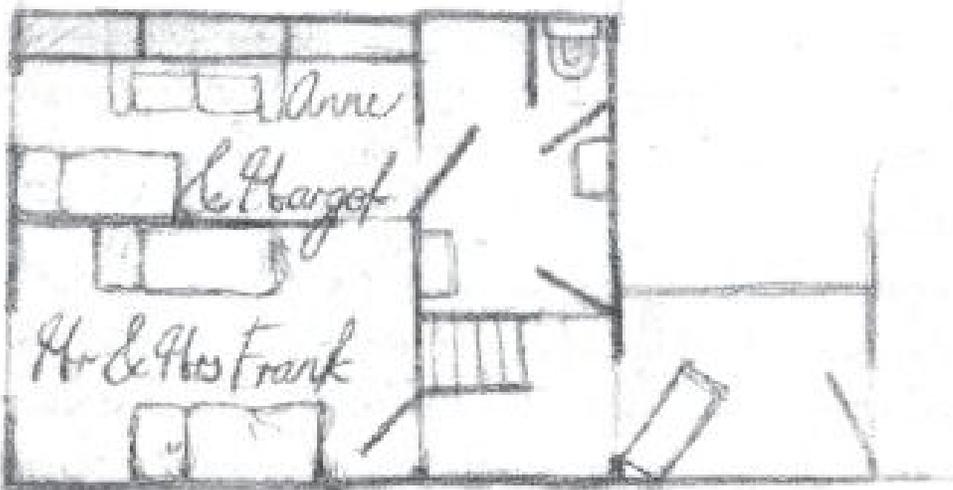
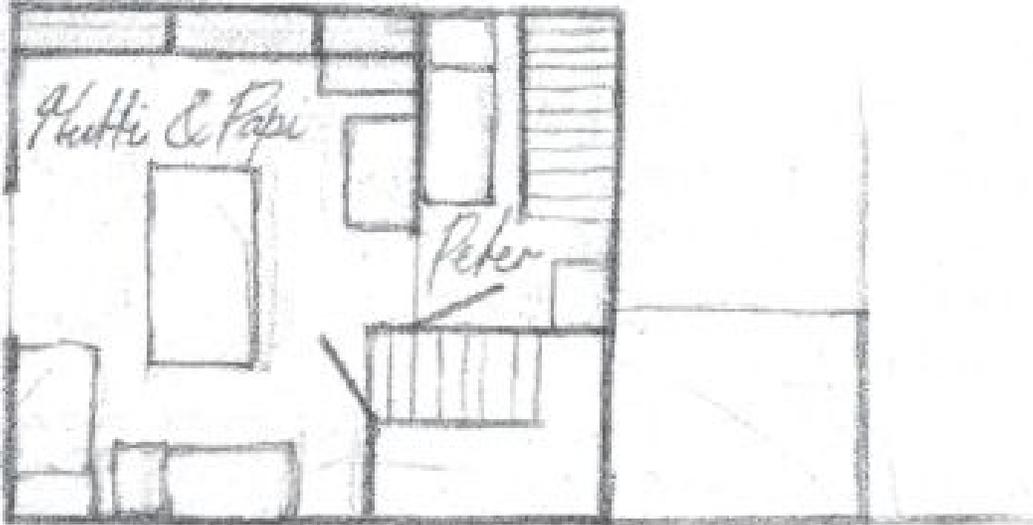
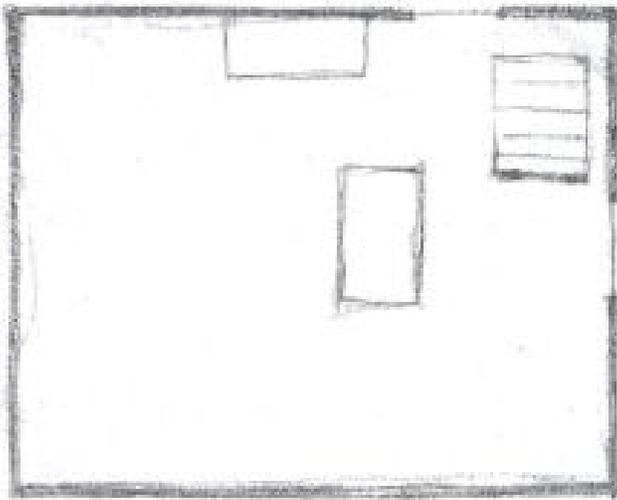
Pelo menos entra luz de algum sítio.

– As janelas do sótão estão demasiado altas para serem tapadas – diz o Sr. Frank – , portanto, pelo menos este quarto apanha alguma luz. – Como se conseguisse ler-me o pensamento. Respiro fundo. Espremida ao lado da escadaria está uma cama. Aos pés da cama há uma secretária.

– Bem – diz ele –, talvez não seja aquilo a que normalmente chamamos um quarto, mas é todo teu.

Sento-me na cama.

– Obrigado – digo. As palavras saem-me fracas.



– Agora vou-te deixar... – mas detém-se à porta. – Queres ver a casa de banho?

Abano a cabeça.

– Sabes os nomes de todos os funcionários do escritório lá em baixo que nos vão ajudar, não sabes?

Abano a cabeça. Não me lembro. O Sr. Frank sorri.

– Bem, hás de ter imenso tempo para os conheceres. Há a Miep Gies, que é o nosso contacto principal com o mundo exterior, e depois há o Sr. Kugler, o Sr. Kleiman, a Bep e o pai dela, o Sr. Voskuijl.

– Obrigado – repito.

– Bem, vai lá ter abaixo para beberes qualquer coisa quando estiveres pronto. E sê bem-vindo, Peter!

– Obrigado – disse eu, rapidamente. Quero que ele se vá embora.

Deito-me. Fecho os olhos. Por detrás dos olhos, o calor lateja-me na cabeça. O quarto não tem ar. Se eu esticar os braços... se esticar os braços, embatem na parede num dos lados e na escadaria do outro. Se esticar as pernas, os meus pés batem na porta. Fico deitado na cama e mantenho tudo perto dos meus flancos. Algures lá fora, o relógio da igreja faz soar o quarto de hora.

Fecho os olhos e começo a tremer. Abro-os, mas continuo a conseguir ver o rosto da Liese à janela – e o furgão a desaparecer.

Onde está ela?

Para onde a levaram?

Sou acordado pelo som de vozes na porta ao lado.

– Sra. Van Pels, é verdade que trouxe chapéus na sua caixa de chapéus? – ri-se a Anne.

– Não! Não! – diz a Mãe. – Não trago um chapéu aí dentro, trago... um penico!

Todos se riem. A Mutti é quem ri mais alto. Puxo o lençol para cima de mim. Escondo a cabeça por debaixo do seu algodão leve e aninho-me, tentando uma escapatória, mas a imagem não para de

surgir... o rosto da Liese... uma dor ardente cauteriza-me a mente. Branca, como um relâmpago.

A Mutti atravessa a soleira da porta.

– Peter? – chama. – Peter! – Estica-se para alcançar a minha mão, mas eu meto-a depressa por baixo do lençol. Ela morde o lábio.

– Estás cá! – diz ela. – Graças a Deus!

– Porque é que não haveria de estar?

Ela olha-me fixamente. Desvio o olhar.

Então ela sabia.

Pressentia que eu queria fugir.

Não digo nada.

Quero que ela se vá embora.

Mas não vai. Em vez disso, olha em volta.

– Oh, Petel! – sussurra. – É tão pequeno. – E depois respira fundo.

– Mas pelo menos estamos cá todos. E todos em segurança!

Menos a Liese.

Não digo nada. Seja como for, nunca digo grande coisa, ao contrário dos Franks – mas penso muito. Como se poderá chamar vida a isto? Como podemos estar num espaço assim tão pequeno? Estamos encurralados neste edifício como ratazanas numa casa em chamas, à espera de serem apanhadas. A dor volta a assolar-me a cabeça, um raio a atingir um pináculo.

A voz da Anne flui pela escada acima:

– Já fizemos toneladas de compota... e não é que toda a casa cheira maravilhosamente? A cerejas e açúcar! Ah, e olha, papá, acho que este deve ser o melhor esconderijo de toda a Holanda!

Sinto o corpo a comprimir-se. Não consigo evitar, nem fazer nada contra isso. Retrai-se com as palavras dela. Está a assumir vida própria. É como se estivesse a tentar arrastar-se pelas paredes, de volta ao exterior.

De volta a onde quer que esteja a Liese.

Porque é que eu não fiquei? Porque é que não lutei? Porque é que fiquei lá parado com uma pedra na mão sem fazer nada?

Solto um gemido bem sonoro.

– Da maneira como ela fala, parece que estamos numa festa! – silvo.

– Peter! – diz a Mutti. – Temos de estar...

– Gratos – digo rapidamente, porque se a oiço a dizê-lo acho que vou ter de gritar ou de lhe dar um estalo.

A Mutti olha especada para mim.

– Desculpa – diz ela. – Sei que vai ser difícil para ti, mas somos uns felizardos. Por estarmos vivos e por termos alguém preparado para nos ajudar a escondermo-nos!

Felizardos! Outra vez aquela palavra. Felizardos!

Não me sinto felizardo.

– Peter? – diz ela, e eu viro-me para a olhar.

– O que foi?

– Naquela caixa não havia só um penico, sabes?

Faz sinal para a porta. Parado à soleira da porta, de cabeça inclinada para o lado e as orelhas em pé, está o *Mouschi*. O meu gato.

– Oh! – digo eu. A Mutti sorri.

O *Mouschi* salta para a minha cama e aninha-se ao meu lado.

– Obrigado! – digo eu.

– Bem, agora que já cá está, o que é que alguém pode dizer? – murmura ela.

Não respondo. Limito-me a enterrar a cabeça no pelo dele. Quando ergo os olhos, ela já lá não está⁵.

⁵ Na verdade, *Mouschi* chegou com Peter. Agradeço a Carol Anne Lee por esta informação, bem como por ter comentado que, embora Anne se refira a *Moushi* como uma ela, ele era um macho.

Eu não sabia.

Não sabia que uma cama por debaixo de um sótão era um luxo. Não sabia que sofrer, como eu sofria pela minha liberdade, era uma bênção e um privilégio, para além de ser uma mágoa.

Aqui no depósito não há sentimentos. Só os minutos a passar, um pé à frente do outro, a lama, a posição ereta, o agarrar-se à colher para comer a sopa, de modo a que ninguém no-la roube. Não podemos sofrer por causa de outras pessoas. Estamos demasiado ocupados a garantir que não nos vai tocar a nós.

8 de agosto de 1942 – Peter é assombrado por Liese nos seus sonhos

Acordo com o coração acelerado, fazendo estalidos como um comboio a atravessar um túnel. Escuridão.

Humidade nas mãos.

Olhos bem abertos e a perscrutar no escuro.

Tento agarrar-me a algo. A minha mente tenta alcançá-lo, mas já se foi. Acabou. Acabado e sem força. Sinto o rosto a ruborizar na noite. Fico à escuta. Algures à distância, o relógio da igreja dá as três horas. Na porta ao lado, a Mutti resmunga e vira-se.

Será que fiz barulho? Será que alguém me ouviu?

Oiço o silêncio. É tão sonoro aqui em cima. Toda a noite parece diferente.

A recordação do sonho surge sem aviso prévio. Sonhei com a Liese. A Liese no meio de uma multidão. É levada por um rio de gente. O seu cabelo escuro não passa de um ponto entre muitos.

– Liese!

Grito o nome dela.

Sinto-me aterrorizado por ninguém saber quem ela é. Ninguém a não ser eu.

Ela vira-se. Os seus olhos violeta estão dilatados e assustados, os nossos olhos cruzam-se antes de ela ser levada pela torrente de pessoas. Obrigada a seguir em frente pelas pilhas de soldados ao lado deles.

De repente, dou por mim mesmo ao lado dela. Comprimido contra ela pelos milhares de corpos à nossa volta. Levantam-nos os pés do chão. Sinto o rosto a enterrar-se nos seus seios, os braços a cerrarem-se em redor do seu corpo. Sinto-nos a sermos levados enquanto as pernas dela me envolvem a cintura... afundo-me nela. Seguro-me com força até explodirmos juntos.

E é então que me vejo longe, por cima de nós os dois, observando as lembranças que vertem de mim. O sabor dos seus lábios, o toque da sua pele sob os meus dedos, a primeira vez que a vi, as mãos dela a percorrer as teclas do piano, o dia em que lhe pedi para me deixar levar-lhe os livros... as lembranças caem à nossa volta como chuva, enquanto nos agarramos um ao outro.

Mas o rio de gente continua a andar – embora nada esteja a acontecer.

– Liese – sussurro.

Ela segura-me a cara com as mãos e fitamos os olhos um do outro.

– Peter!

Estico-me, mas ela já está afastada de mim. Impotente, vejo-a a desaparecer na multidão. A chamar pelo meu nome.

– Peter!

Eu sou o Peter – aquele pensamento acorda-me.

É isto que sou.

Sou o Peter.

Murmuro as palavras à noite.

Tento agarrar-me à recordação do calor do corpo da Liese nos lençóis.

Não sei como irei lavar os lençóis. Não sei como irei esconder a vergonha. Não sei como irei continuar a viver.

Sim, sou o Peter – mas alguém me dirá como?

9 de agosto de 1942 – Peter está a sufocar no Anexo

– Petel! Petel! – A voz da Mãe acorda-me. – Levanta-te. Está toda a gente a perguntar por ti!

Mas eu não consigo. Aqui está sempre tão escuro, é como se o dia nunca começasse de facto. Acordo tão cansado.

– Estou cansado – digo. Viro-me para o outro lado.

– Tens cinco minutos! – silva ela. Está envergonhada por minha causa. Eu devia estar acordado, em vez de estar a dormir. Devia sentir-me um felizardo, em vez de estar preocupado por poder estar a morrer. Mas eu só quero dormir.

A cozinha fica mesmo ao lado do meu quarto. Toda a gente toma lá o pequeno-almoço. Consigo ouvir tudo. O Pai está a contar a todos como conseguiu enganar as pessoas dizendo que os Franks tinham fugido para Maastricht. Entro na divisão a cambalear. Ninguém me cumprimenta; limitam-se a olhar para mim de relance, para a roupa que uso para dormir e para o meu cabelo imundo. Sento-me. Acenam-me com a cabeça e prosseguem.

Ponho-me a pensar se estarei mesmo ali.

A história é “O que Aconteceu Quando os Franks se Foram Embora”. Já a ouvi um milhão de vezes, todos nós já a ouvimos, mas mesmo assim eles continuam. Tento prestar atenção às palavras, mas o som das vozes deles chega até mim de muito longe. Todas as palavras fazem sentido na minha cabeça, mas continuo a ter os sentimentos errados. Estremeço, enquanto todos os outros se riem.

A Anne olha para mim – com um olhar severo e inquiridor. Um lento rubor sobe-me pelas faces. Ela desvia o olhar com desdém.

– ... e foi a própria velhota, a Sra. Siedle, que me disse que vos tinha visto a todos a serem levados num veículo militar! – diz a Mutti.

Lembro-me da sensação de ter o pé no muro do quintal da Liese, oiço o motor militar a descer a rua.

– Pois foi! – ri-se o Papi, assumindo a conversa. – Eu também ouvi! E aqui estamos nós, sentados mesmo no centro da mesmíssima cidade! Quem haveria de dizer?!

Todos se riem. A Anne torna a lançar-me um olhar agudo de relance:

– O Peter não acha piada – diz ela.

Levanto-me depressa demais e a cadeira cai. Lentamente, os olhos deles recaem em mim. Tento endireitar-me e ser educado. Não sei o que me está a acontecer. Tenho a cabeça cheia de aparas – peças excedentes sem forma nem significado.

– Com licença – digo, sentindo o rosto a corar. Saio da cozinha. Atrás de mim oiço a Anne a bater palmas como uma criança com um presente novo.

– Agora *nunca* ninguém haverá de adivinhar. Nunca! – O riso continua.

Não me deito na cama, deixo-me cair nela. Afasto-me dos pensamentos que não param de se agitar dentro de mim.

Onde estás, Liese?

Como é que isto pode ter piada?

Serei a única pessoa do mundo que não se está a rir?

Adormecer parece-me errado – dá a sensação de que estou a afundar-me.

Não consigo levantar-me. Os dias passam – metade luz, metade escuridão. Eu durmo. Alimento-me, mas a comida não me sabe a nada. Coro e atrapalho-me quando os Franks falam comigo.

Sonho com a Liese. E às vezes acordo com os lençóis molhados e o coração acelerado. Já não sei bem o que é real. Acho que a Anne veio pôr-se à soleira da minha porta.

– Gostas do teu quarto, Peter?

– Não é um quarto, é um corredor. – Ela levanta os olhos para o teto. É tão magra, não passa de uma criança, não é como a Liese.

Liese.

Liese.

Liese.

Onde estás? O que te aconteceu?

Estremeço. Quando ergo os olhos, a Anne já não está lá. Não tenho bem a certeza de alguma vez lá ter estado.

Se fechar os olhos consigo sentir as mãos da Liese a caírem sobre mim. Leves. Suaves, como borboletas. Quase gemo em voz alta. Abafo o gemido. Sinto um sofrimento ansioso, uma dor nos flancos. Não consigo respirar.

Estarei a morrer? Acho que sim.

– Estou a morrer! – Não posso crer que o disse em voz alta, mas devo ter dito, porque está toda a gente a olhar para mim.

Ruborizo.

– Sinceramente, Peter! – diz a Sra. Frank, enquanto dobra um pano da loiça limpo.

– Alguma vez ouviste a palavra *hipocondria*? – pergunta a Anne.

– Não consigo respirar! – sussurro.

– E que tal fazeres mais qualquer coisa e dormires menos? – diz o Sr. Frank com amabilidade.

A Mutti e o Papi olham um para o outro enfurecidos.

Ninguém acredita que estou doente.

Volto para a cama.

Os sinos da igreja Westertoren dão a meia-noite. Subo os degraus do sótão de gatas. Uma das janelas está muito ligeiramente aberta. Deito-me a respirar o ar fresco da rua. Golfadas dele.

– Consegues ouvir os sinos, Liese?

Olho para a Lua, como sempre prometemos um ao outro que faríamos. Nunca dissemos adeus, apenas:

– Às dez.

– Às dez.

Sussurro as palavras – será que ela está a fazer o mesmo algures?

Onde estás?

Adormeço na aragem que entra pela janela. Não sonho. Durmo perguntando-me se a Lua estará a brilhar sobre nós os dois. Durante toda a noite oiço os sinos da igreja a irromper pelos meus sonhos.

Consegues ouvi-los, Liese?

Quando acordo, já há luz. Os pássaros cantam no grande castanheiro lá fora. Sinto uma rigidez no pescoço e a cabeça pende-me para um dos lados do pescoço como se estivesse inclinada e à escuta. Ou partida. A ouvir algo que já lá não está.

O relógio repica cinco vezes. Torno a ouvi-lo, por debaixo dos sinos, o estalido de rodas nos carris, os comboios que nos levam a todos dali. Para onde? Há sussurros como rodas. Rumores como túneis escuros. Mas na verdade sabemos, não é? Todos sabemos, mas não podemos dizê-lo.

Campos.

Campos de extermínio.

De repente, percebo-o, sinto-o. Ela foi-se. Estava aqui em Amesterdão, onde poderia ouvir o relógio, mas agora foi-se – no meio daquele rio de gente.

Arrasto-me, com rigidez e lentidão, pelos degraus do sótão abaixo.

– Peter!

A Mutti está parada ao fundo das escadas, de olhos levantados para mim. Há quanto tempo ali estará?

– O que foi? – começo a dizer, e depois vejo que tenho o meu lençol imundo enrolado na mão. Na minha cama está um lençol branco limpo e liso. Olhamos de relance um para o outro, desviamos os olhares.

– Eu...

– Xiu! – Ela sorri-me. – Não te preocupes. Posso lavá-lo antes que os Franks sequer acordem, e podemos substituir-lhes o lençol. Não vão dar por nada.

– Obrigado – balbucio, mas ela já se foi embora.

A cama sabe bem. Fresca e limpa. Durmo sem sonhos.

Quando torno a acordar, o pequeno-almoço já terminou.

Quando sonho com a Mutti, é assim que a vejo, parada ao fundo das escadas. Como fazia quando eu era criança, de pernas cruzadas e braços no ar, à espera que eu lhe saltasse para os braços.

Sonho que estou em lençóis lavados num colchão a sério, e que irei acordar com o sol a bater-me no rosto. O melhor de tudo é que vou virar-me para o outro lado para adormecer de novo à luz do sol.

Mas não passa de um sonho.

Quando acordo, rastejo sobre todos os cadáveres e corpos moribundos para ir mijar ao penico. Ainda bem que o penico não está muito cheio. Mijar quando está cheio pode significar a morte. Temos de sair para a noite gélida para o esvaziarmos. Depois disso, já ninguém dorme.

Acaba-se toda a esperança de descanso.

Rastejo de volta e aguardo a palavra que nos arrasta para fora dos beliches:

Wystawach.

Acordem.

Mas esta não chega.

21 de agosto de 1942 – O pai de Peter está zangado

– Peter! Peter! Peter!

Não sabia que estava a dormir. O meu nome chega até mim sibilante e irado.

– Peter! Peter! Peter! – É o Pai a chamar-me. Sento-me logo muito direito.

– *O que foi?* – estou quase a gritar, mas a mão dele tapa-me rapidamente a boca, obrigando a minha cabeça a deitar-se de novo na almofada.

– Sou só eu: o Papi – silva ele. – Está tudo bem, não faças barulho. Forço o meu corpo a amolecer. Fecho os olhos. Sinto o coração a bater.

– Levanta-te – silva. – Levanta-te e vem ajudar. Já. Estás a ouvir? Não respondo. Tento afastar a mão dele sem abrir os olhos, mas ele mantém-na lá.

– Pelo menos podias tentar ser um homenzinho! – diz ele. Viro-me para o outro lado. Quero tornar a adormecer, estar em qualquer lugar menos ali.

– Como te atreves a envergonhar-nos a todos desta maneira?! – silva ele. – Tens quase dezasseis anos. Acorda. Levanta-te. Começa a ajudar. Aquelas duas miúdas fazem mais do que tu. – Afasta a mão.

– Se eu não puder combater, de que é que vale? – Não sei de onde vêm as palavras; estão ali, entre nós. O choque das palavras faz-me abrir os olhos. Fitamo-nos um ao outro.

– Combater! – diz ele, recostando-se e abanando a cabeça na minha direção. – Achas que consegues combater isto? Levanta-te e torna-te útil, é assim que combatemos.

Não me mexo. Tento não pestanejar. Olho-o fixamente.

– Mostra-me que consegues sair da cama e cumprir um dia de trabalho antes de falares em combater! – diz ele.

– Estás à minha frente – silvo em resposta. Ele levanta-se. Passo as mãos pelo cabelo, que está teso por causa da poeira. Levanto-me devagar, em parte porque ainda estou a tremer, em parte só para o irritar. Ele está parado ao lado das escadas do sótão. Com ele ali, não tenho espaço suficiente para mudar de roupa. Não consigo levantar-me sem ter de lhe tocar.

– Estou à tua espera na cozinha – diz ele. – Dois minutos.

Não digo nada. Espero que ele saia e visto-me.

Desço as escadas. O Sr. Kugler está a tentar tornar secreta a entrada para o Anexo.

– Olá – diz ele. Tem uma cara simpática. – Dás-me uma ajuda?

Tento. Reúno aparas de madeira e coloco-as dentro de uma fronha. Faço um amortecedor acolchoado para impedir que toda a gente bata com a cabeça no caixilho da porta. É um trabalho constrangedor e escusado, feio, não é como as coisas que eu fazia para a Tia Henny: restaurar as peças que ela adorava, arranjar-lhe o sofá. Preciso de me esquecer de tudo isso. Disfarçámos a porta de estante de livros, e o dintel está escondido para termos de nos agachar. Bestial, penso eu, uma estante. Como se já não fosse mau o suficiente estar trancado com os Franks, que são tarados por livros.

– Oh! – diz a Anne. – Com que então agraciaste-nos com a tua presença? – Não respondo. Gostaria de o fazer. Gostaria de lhe perguntar porque é que está sempre a partir coisas, a deixá-las cair e a ir contra elas. Porque é que não é mais cuidadosa? Porque é que se comporta sempre como se isto fosse uma casa em festa?

Mas não digo nada.

– Obrigada, Peter – diz a Margot.

– De nada. – Fico corado. A Margot vira costas, tentando não ver, mas a Anne fita-me, como se estivesse a tentar decidir exatamente que tom de vermelho estava eu a assumir. Viro-me e cambaleio pelas escadas acima.

– Que parvalhão! – diz a Anne, deixando depois cair a chávena e provocando o riso nas duas.

A Mutti está à porta do meu quarto, sorrindo para mim como se eu tivesse acabado de aniquilar um pelotão inteiro de nazis sozinho, em vez de simplesmente ter fechado um saco cheio de aparas de madeira!

– Melhor? – pergunta ela.

– Melhor – digo eu, embora não esteja.

– Ao contrário do teu cabelo! – E sorri. Devolvo o sorriso. Sinto uma sensação de estranheza, com os músculos a ranger para tomarem uma nova forma.

– Deixa-me lavar-to – diz ela. Estou prestes a dizer que não, mas depois penso nela a roubar mais um lençol do armário comum. Penso no lençol branco e limpo na minha cama. Penso em como ela me lava os pecados e os seca – sempre sem dizer uma palavra. Penso nos insultos que ouve da Sra. Frank por minha causa.

– Se pensas que podes usar os nossos lençóis todos e nenhum dos teus, estás muito enganada! – diz a Sra. Frank. A Mutti não diz nada, não refere o facto de eles usarem as nossas tigelas e esconderem as deles. De a Anne já ter partido quase todas as nossas e nunca ter pedido desculpa. Portanto digo que *sim*. Deixo-a lavar-me o cabelo imundo.

Ela esfrega e crava as unhas e fricciona-me o escalpe como se pudesse livrar-se de todo o mal com os seus dedos. Faz doer. Por fim, termina.

– Ah! – diz ela. – Assim já és o meu Petel.

– Obrigado – murmuro.

– Margot! – Ambos ouvimos a voz da Anne do lado de fora da casa de banho. – A mãe dele está lá dentro a lavar-lhe o cabelo! Eu só tenho treze anos e até já pinto sozinha o bigode!

– Xiu! – diz a Margot rapidamente, mas o estrago já está feito. O sorriso da Mutti descai-lhe do rosto e cai no chão. Coitadinha da

Mutti; nunca é tão boa como os Franks, nunca é tão esperta, nem engraçada – nem sensata. Se a Anne fosse um rapaz, dava-lhe um murro. Cuspia nas palmas das mãos, desenhava uma linha reta entre aqueles olhos castanhos armados em superiores e fazia embater o punho mesmo no meio de toda aquela confiança.

Odeio-a.

– Muito melhor – digo em voz alta. – Obrigado, Mutti, sinto-me ótimo.

E assim que o digo, apercebo-me de que é verdade.

Sinto-me mesmo melhor.

Um bocadinho.

22 de agosto de 1942 – Peter irrita-se

A Anne e a Margot descobriram o sótão. É uma chatice. A maneira como atravessam o meu quarto para lá chegar. Já sei, já sei. O mundo está a acabar do lado de fora do Anexo (como a Anne lhe chama), pelo menos para os judeus e os ciganos e todos os outros que não correspondem ao padrão nazi! O Sr. Frank disse que eles acham que sabem que somos judeus medindo-nos os narizes ou os crânios! A Mutti bufou e disse:

– Bem, eu sei de uma maneira mais fácil para perceber se um homem é judeu! – Mas não o disse à frente dos Franks; esperou até que estivéssemos só os três, sozinhos, no piso de cima.

Tudo aquilo a acontecer lá fora e eu sou tão estúpido que estou zangado com duas das raparigas mais irritantes do mundo. Pelo menos a Margot tem ar de quem pede desculpa, agora a Anne! Essa limita-se a bambolear-se pelo meu quarto adentro.

– Algum achaque hoje, Petelzinho? – ri-se.

Passam séculos lá em cima, abarbatando-se daquilo, o único sítio onde podemos ver o céu.

A Sra. Frank tenta fazê-la descer do pedestal:

– A mãe da Hanneli tinha razão a teu respeito, Anne – diz ela. – Lembras-te do que ela disse?

A Anne olha furiosamente para a mãe e depois vira-se para o pai, que desvia o olhar. Acho que é capaz de estar a sorrir.

– Ela disse: “Deus sabe tudo, mas a Anne Frank sabe sempre mais.” Bem, a verdade é que não sabes, minha menina! – diz a Sra. Frank.

A Anne fica branca de raiva e com os lábios a tremer. Sai disparada, sem dizer nada.

Todos fingimos estar ocupados. Passado um bocado, a Margot vai atrás dela.

– Bem! – diz a Sra. Frank. – Não há dúvida de que se trata de mais um episódio para a Kitty desfrutar. – A Sra. Frank olha de relance para ela – um olhar de aviso. Pergunto-me quem será a Kitty e como é que a Anne mantém o contacto com ela.

– Todas as crianças precisam de privacidade. O que ela escreve no diário é lá com ela – comenta o pai dela no seu tom de voz normal, tranquilo e calmo. Ninguém ouviu o Sr. Frank a levantar a voz. Nunca.

– Mas porquê chamar Kitty ao diário? – pergunta a Sra. Frank. Mas o Sr. Frank não responde, limitando-se a abanar o jornal.

Ah! Com que então a Anne tem um diário. Aposto que sei o que lá escreve – o quão maravilhosa é!

26 de agosto de 1942 – Peter descobre as alegrias da leitura

Durante o dia, todos os funcionários do escritório estão no piso de baixo: a Miep, a Bep, o Sr. Kugler e o Sr. Kleiman – e por aí fora. Estamos totalmente dependentes deles. Trazem-nos a nossa comida. Encomendam o material de estudo para a Anne e a Margot. Entregam as revistas da Anne e dão-nos papel. Fazem tudo por nós.

Nós limitamo-nos a estar aqui sentados.

Hoje a Miep trouxe ainda mais livros – há uma grande pilha deles sobre a mesa. A ideia é estudarmos. Para a Anne e a Margot é fácil, porque elas *querem* estudar Grego e Latim, e por aí em diante... mas eu não quero. Eu quero fazer coisas, ser carpinteiro. Não há livros para isso. Mas ali na mesa *está* um livro que eu gostaria de ler, embora saiba que o Papi não haveria de querer. Só a capa já me faz pensar na Liese. Quero-o. Pego nele e lanço-lhe um olhar de relance. Ninguém repara nem diz nada.

“Ele tomou-a nos seus braços, a sua respiração acelerou quando os lábios dele roçaram nos seus...” – Levanto os olhos à cautela, de modo casual, largo-o de novo na pilha – depois agarro numa braçada de livros e afasto-me. Ninguém diz nada, só a Mutti me olha de relance, com um sorriso ao canto da boca. Os nossos olhos fixam-se por um segundo e eu percebo que ela não irá dizer nada.

– Alguma coisa de jeito? – pergunta o Sr. Frank por detrás do seu jornal.

– Oh! Eu também gosto de um bom romance – diz a Mutti em voz alta. – Os melhores são aqueles em que o herói é muito alto, muito moreno e muito mau... um bocado como tu, talvez, Otto!

O Sr. Frank arregala os olhos.

– Não me parece que seja o tipo de homem que... Oh, Gusti – diz ele. – Estás a meter-te comigo! – e sorri, levantando o jornal. Os outros Franks olham todos para a Mutti como se ela estivesse algo

louca, mas ela não se rala. Está a proteger-me. Só a Anne lhe responde.

– Ah, sim! – murmura à Mutti, com as mãos cerradas sob o queixo.
– Não há nada como uma boa história!

Estou no sótão. O sol brilha e eu sento-me a ler. O livro faz o tempo mudar. Fá-lo deixar de estar pendente. Algures consigo ouvir a brisa na árvore atrás de mim. Sinto o sol nas minhas costas e as páginas viram-se e fazem-me esquecer. Apenas existem as pessoas naquela página e o que irá acontecer em seguida. O que irá acontecer às pessoas no livro, não o que irá acontecer-me a mim – ou o que poderá estar a acontecer à Liese. Esqueço tudo. Até me esqueço do tempo – até ouvir o Papi atrás de mim.

– Peter!

Está parado ao cimo das escadas. Claro que está. Já não podemos gritar. Não podemos bater portas nem correr lá para cima, nem entrar disparados com a fúria se estivermos zangados. Aproximamo-nos de mansinho uns dos outros e silvamos, em vez de gritarmos.

– Peter, anda para baixo, o que é que tens estado a fa... – e é então que vê o livro nas minhas mãos. Não diz rigorosamente nada, nem me dá a hipótese de explicar, limitando-se a tirar-mo das mãos e a virar-me costas, descendo rapidamente as escadas. Por um instante, fico tão perplexo que me deixo ficar ali sentado, mas depois levanto-me e vou atrás dele. Quero aquele livro. Quero saber o que acontece.⁶

Está toda a gente na cozinha, deve ser hora de almoço. Não me interessa. Tiro-lhe o livro das mãos. Ele agarra novamente nele. Lutamos. Estou a ganhar. Apercebo-me de que sou maior e mais forte do que ele e que vou... e é então que ele me dá um TABEFE!

Largo o livro. Largo-o para poder bater-lhe. Puxo o punho atrás e... *não posso. Não posso.* Os pensamentos cruzam-me a mente enquanto o meu punho aguarda. E se o magoo? E se ele precisa de um médico? Onde é que o vamos arranjar? Viro-me e fujo da

cozinha. Se nem sequer consigo bater no meu próprio pai, que utilidade teria eu num movimento de resistência?

Corro para o sótão. Tenho o coração aos saltos. As minhas entranhas contorcem-se... Não sei o que fazer. Ando para cima e para baixo. Escancaro a janela, não me ralo com quem a vê. Ponho-me a pensar se conseguirei atravessar os telhados. Tenho de sair, mas a janela não abre o suficiente para eu passar. Estou encurralado.

Quero...

Quero...

GRITAR.

Quero esticar os braços e deitar abaixo as paredes. Quero correr para tão longe e tão depressa a ponto de me lembrar de como é sentir a respiração a queimar-me o corpo. Quero mexer-me. Quero viver. Quero...

Assobio. Assobio tão alto que imagino que a Holanda inteira consiga ouvir-me. Sou judeu. Sou judeu! E estou mesmo aqui no meio de Amesterdão. Escondido. Oiçam-me! Respiro bem fundo e grito o mais alto que consigo pela chaminé abaixo.

– Não vou descer... *descer... descer!* – A minha voz ecoa pelo tubo e sai para as salas em baixo.

Começo a rir.

Bem alto.

Lá está! Até que enfim! Um silêncio *autêntico* no Anexo. Não o silêncio que pende sobre nós a toda a hora e que temos tanto medo de quebrar, mas um silêncio a sério. Fui eu que o fiz. Imagino-os a todos sentados lá em baixo a suster a respiração, à espera...

À espera...

À espera de saber se o meu grito fez alguém nas casas e quintais à nossa volta saltar, olhar para cima e pegar no telefone...

Mas a única coisa que acontece é que o Papi também grita.

– Já estou pelos cabelos com aquele miúdo!

Fi-lo gritar! Fi-lo gritar tão alto como eu. Aparecem ao cimo das escadas. Ele e o Sr. Frank.

– Pede desculpa! – diz o Pai.

– Peter, devias ir para o teu quarto pensar nisto – diz o Sr. Frank.

Fico muito quieto. A verdade é que tenho tanto medo do que fiz que nem consigo mexer-me. – Peter? – chama o Sr. Frank.

Começam a encaminhar-se para mim. Recuo até sentir a parede atrás de mim e já não ter para onde ir. Estendem as mãos na minha direção. Vão levar-me de volta lá para baixo, de volta à escuridão e aos sussurros e aos sonhos. Empurro-os para os repelir. Escoiceio e grito e contorço-me como a dor e o medo que sinto nas entranhas, mas eles seguram-me com força. Levam-me no ar pelas escadas abaixo e largam-me em cima da cama.

Viro-me para a parede.

– Um dia, Peter, esperemos que em breve, hás de aprender a pensar nos outros e não em ti – diz o Pai.

– Tenta compreender – diz o Sr. Frank. – E, por favor, Peter, não faças mais barulho. É importante.

Vão-se embora.

Estico os dedos para tocar na parede.

Tenho a cara molhada.

Acho que devo estar a chorar.

[6](#) No diário de Anne Frank, este incidente demora vários dias.

28 de agosto de 1942, ao fim da tarde

Quando acordo, há vozes na cozinha e a luz do sótão esmorece. Subo as escadas e ponho-me à janela. Olho lá para fora. Observo a luz a desvanecer-se no céu e a desaparecer.

Lá fora.

Lá fora.

Como é que duas palavras tão pequenas podem significar algo tão grande?

Observo os ramos do castanheiro a escurecerem lentamente e a tornarem-se negros tendo o céu como pano de fundo. O vento para. As folhas estão quietas. O sol desvanece e mergulha para lá do quadrado da janela. As nuvens são iluminadas por uma cor dourada no centro, com linhas profundas e escuras a delinear-lhes os rebordos. Vejo a cor a abandoná-las, vejo-a a esvair-se em cor-de-rosa e lilás, até que todo o céu se torna ardente e arroxeadado e, por fim, negro.

Vejo a noite a chegar e o dia a terminar. Percebo que estou a despedir-me. Não apenas deste dia, mas do mundo lá fora.

Lá fora.

Estou a abdicar dele.

Tem de ser, porque nele não há lugar para mim. Se não conseguir abdicar dele, ponho-nos a todos em perigo. Agora sei disso.

O relógio dá a meia-noite e meia. Lá fora não há estrelas no nosso retalho de céu. Levanto-me no escuro. Sinto-me rígido e procuro às apalpadelas o cimo das escadas íngremes. Por um instante, fico quieto. Oíço a minha respiração no escuro.

Estou com medo.

Com medo de poder cair e não conseguir parar.

Com medo de nunca vir a fazer amor com uma rapariga.

Com medo de ser cobarde.

Com medo de estarmos encurralados.

Com medo de podermos ser apanhados.

Com medo de que seja o meu fantasma que ali está parado, à minha espera ao fundo das escadas. Que seja só isto – tudo o que resta da minha vida.

Dou um passo em frente... primeiro um e depois outro... Sigo às apalpadelas pela escuridão, até chegar ao fundo das escadas e conseguir esticar-me às escuras para a beira da minha cama.

Deito-me nela de olhos bem abertos – e espero que chegue o sono.

15 de setembro de 1942 – Anne e Peter discutem

A Anne está parada à minha porta. Por uma vez, não está a insultar-me. Em vez disso, limita-se a insultar o meu quarto.

– Sabes, Peter, se ao menos pusesse aqui um tapete e um armário na parede, ou quem sabe umas fotografias... Mmm! – diz ela, pondo uma mão na anca e a cabeça inclinada para o lado, com um dedo nos lábios. Está a olhar para o meu quarto minúsculo, mas, pela expressão dos seus olhos, podia ser para um palácio – onde ela, claro está, fosse a decoradora de nível mundial. Às vezes ela faz-me sorrir, apesar de ser tão irritante, sobretudo quando entra no meu quarto sem pedir licença.

– Mmm – torna a dizer – podias montar uma mesa ou uma prateleira. E tens uma colcha tua? O trabalho de retalhos é bom para dar vida a um quarto escuro, e a tua parede tem espaço para fotografias... – Lança-me um olhar de esguelha, como se soubesse exatamente quem é que eu gostaria de pendurar na minha parede. E continua a falar. Olho-a fixamente. As palavras não param. Simplesmente jorram dela. Se fossem balas, conseguiríamos deter um pelotão inteiro com elas. Com uns milhares de Annes, o mundo poderia ser salvo. Vejo uma imagem na minha mente, um desenho animado. Uma linha da frente cheia de Annes.

– Fala! – grita o oficial responsável e, de súbito, todos eles começam. Os opositores caem como tordos ao serem atingidos pelas palavras. Rio-me. Depois coro. A Anne detém-se a meio da frase. Fitamo-nos um ao outro. Ela é muito magra. Tem uns olhos muito castanhos, com uma luz que dança dentro deles. O cabelo dela encaracola e retorçe-se à volta do seu rosto como eletricidade. Mas, por detrás de todas as suas palavras, ela ainda é uma criança – não é como a Liese.

– O que é que havia no livro que roubaste? – deixa sair. Torno a corar.

– Não é para crianças – digo.

Curva o lábio e vira costas. Muda de ideias, para e vira-se para olhar para mim. Está zangada, tem duas manchas vermelhas nas faces.

– É óbvio para toda a gente, sabes? – diz ela.

– O quê? – pergunto. Sinto o rubor, o calor nas faces, e o meu coração afunda-se.

– Que és um cachorrinho apaixonado! – sibila, dando depois meia volta e saindo.

Ouvi-la a dizê-lo é como um murro no estômago. Será? Será óbvio? Odeio-a. De que percebe ela? De nada a não ser de livros e palavras. Fico furioso. Estou a corar, o que me deixa ainda mais furioso. Que direito tem ela de entrar no meu quarto? Quem pensa ela que é? A Mutti diz que devíamos pôr uma ervilha na cama dela para ver se ela é assim tão nobre como pensa que é.

Um cachorrinho apaixonado!

As palavras perturbam-me.

Estarei apaixonado?

Sim. Acho que sim.

Será algo de que deva envergonhar-me?

Não sei.

Talvez por vezes não existam respostas. Talvez por vezes existam apenas os sentimentos e as perguntas – tais como, onde estás, Liese?

Estás morta?

Porquê?

Porque nasceste judia.

Porquê?

Outra pergunta a que ninguém consegue responder.

Talvez eu esteja envergonhado porque é difícil *não* me sentir envergonhado, quando só o facto de ter nascido é razão suficiente para ser morto.

Lembro-me daquela sensação, daquela vergonha. Mas a vergonha é um sentimento para os homens livres. Eu sou um Häftling^Z – uma besta de carga, que transporta o ódio deles. Uma besta que foi obrigada a perder tudo de vista, menos o esforço de pôr um pé à frente do outro. E quando isso falha, tenho de recuperar um fôlego atrás do outro – e sobreviver.

Estar aqui deitado sem fazer nada acorda os sentimentos.

Eu não quero sentir.

Esta vergonha – a vergonha de ser um Häftling.

^Z Häftling – prisioneiro, recluso em campo de concentração.

23 de setembro de 1942 – Anne e Peter brincam no sótão

Nada acontece. Tudo acontece. A Anne lê e conversa e enlouquece-nos a todos. A Margot estuda e limpa e é simpática e sossegada. A Mutti cozinha e namoriska com o Sr. Frank (namoriska, sim, eu sei que sim, tomara que não o fizesse, mas talvez esteja entediada, como eu). O Pai anseia pela próxima refeição, conserta tudo até não restar nada partido – e fuma e conta anedotas. A Sra. Frank arranja as nossas roupas, elogia a Margot e zanga-se com a Anne. O Sr. Frank lê e sorri e tenta manter a paz. Há noites em que ouvimos rádio. Eu detesto. Relembra-me que está toda a gente a lutar enquanto eu estou aqui sentado – a ouvir.

Depois disso, todos discutimos acerca do seu significado.

– Vão ver que daqui a poucos meses está tudo acabado!

– Nunca vai acabar, e nós vamos morrer todos nos campos!

Mas do que estamos de facto a falar é de como nos sentimos nesse dia. Contudo, nunca devemos dizê-lo – *nunca!* Se o fizermos, passamos logo a ser o inimigo, e seremos abatidos e incendiados, como um avião.

Não queremos ser razoáveis. Não queremos a verdade. Só queremos acreditar que os britânicos hão de chegar, porque, se isso não acontecer... bem, se isso não acontecer, não ficaremos cá para contar a história. E é por isso que... não queremos ser razoáveis e não queremos a verdade. Só queremos acreditar... e assim vamos avançando. Para a frente e para trás, nos mesmos quartos, com as mesmas pessoas. À média luz. Estamos sempre à média luz, mesmo durante o dia. Só no sótão é que há luz. E céu. Mas sei que, no inverno, haverá dias em que a luz nunca irá chegar. A ideia assusta-me.

A Anne aparece no meu quarto e pergunta:

– Gostas de vestir-te a rigor?

Assinto com a cabeça. E torno a corar. Penso que ela se refere a usar roupas bonitas para ir sair, mas afinal não, refere-se a vestir-se como as crianças que se mascaram.

– Anda daí! – diz ela, com os olhos a brilhar como já não brilham os de ninguém, nem sequer os da Margot. E eu estou *entediado*. Nunca acontece nada, e é suposto nós ficarmos *contentes* por isso. Bem, a verdade é que *estamos* contentes por isso, já que estamos com muito medo do que *poderia* acontecer – o que pode explicar o facto de eu estar a descer a escada do sótão com o vestido da Mutti entre o indicador e o polegar, com a esperança de não cair pelas escadas abaixo e ter necessidade de ser visto por um médico. A Anne vem atrás de mim, com o chapéu do pai e um bigode desenhado a lápis. Meu Deus, se o meu amigo Hans pudesse ver-me agora! Nem consigo suportar a ideia. A Anne corre para a cozinha.

– Por favor, o vosso aplauso para...

Não sei o que fazer. Começo a transpirar. A Anne está a silvar-me:

– Anda lá!

Entro na cozinha e vejo a Mutti a sorrir. Sem pensar, puxo a saia para cima e viro a cabeça sobre o ombro, como ela faz às vezes.

A Anne pega num livro e tosse, como faz o pai, e começa a falar de Descartes num holandês terrível (os nossos pais falam todos mal holandês – parece que estão a falar em alemão!). Parece mesmo o Sr. Frank a falar! Comporto-me como a Mutti, tentando fazer crer que compreendo o que ela está a dizer, anuindo com a cabeça. Aconchego-me ao pé da Anne e espreito para o livro, fazendo perguntas cada vez mais parvas. De cada vez que responde, afasta-se de mim e eu aproximo-me. Olha especada para mim, de olhos dilatados com um alarme fingido (igualzinho ao do seu pai!).

Aproximo-me tanto que lhe respiro para o pescoço, tanto que consigo sentir o seu cheiro. Cheira ao sabão que todos usamos e a mais qualquer coisa... algo que é só dela.

Só da Anne.

E é então que a Margot se ri em voz alta e eu me afasto. Fazemos uma grande vénia, tiramos os chapéus e saímos dali para fora a correr. Rimo-nos tanto que temos de ajudar-nos um ao outro a subir os degraus do sótão.

– Oh, que revigorante! – Oiço a Mutti a rir-se. – Eu sou assim tão óbvia?

– Auguste, és encantadora! – diz o Sr. Frank.

Não consigo despir o vestido. Está encravado! Tenho o rabo de fora numa ponta e a cabeça perdida lá dentro.

– Respira! – diz a Anne, dando um puxão. Eu vou para um lado e a Anne e o vestido vão para o outro. Ficamos deitados no chão, a rir.

– Olha! – diz a Anne. – Olha para cima!

E eu olho para cima. No nosso retalho de céu há milhares de estrelas cintilantes.

– Espetacular! – digo.

8 de outubro de 1942 – Miep toma uma decisão difícil

A Miep chora. Está sentada na cozinha. Vemos-lhe as lágrimas a escorrer-lhe do rosto. Todos a fitamos. Não sabemos o que fazer. O que é que podemos fazer? As nossas vidas estão nas mãos que ela leva à cara. Ela acha que deveria ser capaz de salvar toda a gente, mas hoje teve de fazer uma escolha – e escolheu-nos a nós. Estamos-lhe gratos, mas também estamos tristes – e envergonhados. Pelo menos eu estou, por a Miep ter tido de fazer esta escolha.

Uma senhora de idade ou nós.

A Gestapo deixou uma velhota judia à porta da casa da Miep. Fartou-se de bater à porta e, quando a Miep finalmente a abriu, a mulher implorou que a Miep a salvasse, que a acolhesse. Mas como poderia ela fazê-lo? A polícia sabia que a mulher lá estava. Se a Miep a deixasse entrar, poderiam prendê-la ou fazer uma busca ao seu local de trabalho. E o que encontrariam então? Nós.

E é por isso que a Miep está agora sentada à mesa da cozinha. A chorar.

– Mas aquela pobre mulher, o que será dela? – diz, com as lágrimas novamente a cair. Nós não choramos. Estaremos todos a pensar no mesmo? Que para a próxima podemos ser nós? Seja quando for. Um bater à porta diferente. Não queremos responder à Miep. Não podemos. Não queremos pensar no que poderá acontecer à velhota porque isso significa pensar no que poderá acontecer-nos a nós. A Miep repara, como repara sempre em tudo.

– Estou a ser tonta. Sinceramente! Quem não soubesse, haveria de pensar que era eu que estava em perigo.

Endireita as costas e diz à Mutti:

– Não quero que nunca ninguém te encontre, Auguste. Fazes a melhor sopa de toda a Holanda!

A Mutti sorri.

– Para a melhor mulher de toda a Holanda! – diz ela, e todos concordamos. É exatamente isso que a Miep é – e todos os outros do escritório – todos eles estão em perigo, a arriscar a vida por nossa causa.

À saída, o Sr. Frank põe-lhe a mão no ombro.

– Não foste tu que criaste este mal, Miep, mas és tu que o combates. Estamos-te gratos.

Ela sorri-lhe.

– Obrigada – diz ela.

Mas ele encolhe os ombros.

– Não, nós é que temos de te agradecer – diz, sorrindo em resposta. Percebo que ela se sente melhor.

O Sr. Frank é assim.

Sim. É assim. Era assim.

Se eu acreditasse nessas coisas, diria que ele tinha Deus na alma, mas não acredito. Já não acredito. Acho que o Sr. Frank tinha algo melhor do que Deus, algo que não podiam tocar, combater ou gasear. Algo que não podiam destruir – pelo menos nele. Ele tinha esperança – e uma convicção.

Que somos bons, na nossa maioria.

Ainda bem que ajudei a mantê-lo vivo, mesmo até ao fim, em Auschwitz.

Até que eu...

Nesse dia, mais tarde

Depois de almoço, vou para o sótão olhar para o céu.

Ainda tenho tantas perguntas dentro de mim. Porque é que nos ajudam – a Miep e a Bep e o Sr. Kleiman e o Kugler? Tento perguntar-lhes, mas mandam-me calar – como se eu ainda fosse uma criança. Dizem-me que os holandeses odeiam os nazis e que, se tiver de ser, irão combatê-los até toda a Holanda ficar vazia e em silêncio.

Consigo imaginar Amesterdão vazia: apenas as árvores a contornar os canais – olhando para si mesmas na água –, as folhas à deriva, os barcos sem ninguém. As gaivotas. Tiro o meu lápis e começo a desenhar. Com o desenho terminado, sinto-me melhor.

Oiço passos nas escadas e escondo rapidamente o desenho. Aparece o Sr. Frank.

– Tudo bem? – pergunta ele.

– Porque é que eles não de continuar a ajudar-nos? – desabafo.

O Sr. Frank fita-me durante muito tempo antes de responder.

– Bem, em parte porque lhes pagamos os ordenados.

– Mas como é que pode dizer uma coisa dessas?

– Porque é *uma* das razões, Peter. Uma razão menor, mas que é importante não esquecer. Maioritariamente, fazem-no porque sentem que o que está a acontecer é errado e não querem tomar parte nisso. Mais do que isso, querem acabar com a situação.

– Mas isso não os afeta. Não são judeus, pois não?

Ele suspira.

– Isto não diz respeito apenas a judeus, Peter, pois não? Diz respeito a todas as pessoas que eles odeiam. Acho que os funcionários do escritório sabem que isto os afeta *de facto*, Peter – é o que os torna tão especiais. O que está a acontecer-nos diz respeito a toda a gente, embora seja a nós que eles culpem, em primeiro lugar, em último lugar e acima de tudo. Tem que ver com o ódio.

Não podemos ficar parados sem fazer nada quando há pessoas a serem mortas por causa da sua diferença.

Respiro fundo.

– Mas nós *não* estamos a fazer nada. Porque é que não estamos a lutar? – Ele dá um passo atrás e eu apercebo-me de que lhe sibilei em voz alta. Coro mais uma vez. Não era minha intenção.

– Estamos a fazer o *nosso* trabalho, Peter. Eles estão a fazer o *deles*. Porventura a cria põe a cabeça de fora do ninho enquanto a progenitora combate o gavião?

– O quê?

Mas ele não responde. Está a olhar para o céu, sobre os telhados no horizonte até ao mar. Olha para lá como se por vezes também se pergunte se ainda lá estará mesmo tudo.

– Eles estão cheios de ódio, Peter! Estão tão cheios de ódio que o voltam contra nós – contra tudo o que seja diferente – e depois tentam matá-lo. Estão a tentar aniquilar-nos: país a país, cidade a cidade, como se fosse uma praga. Mas um dia, um dia destes, talvez até depois de já todos termos morrido, terão de olhar para si próprios – e o ódio continuará lá. E depois? Pergunto-me o que acontecerá. Mas até lá... – Exala. Abana a cabeça. – Isto não é nada de novo. O nosso trabalho não é combater, não agora. O nosso trabalho é sobreviver. Principalmente os mais novos. Principalmente vocês. De que outra maneira poderá o mundo saber o que aconteceu? Se a juventude se for, onde estará o nosso futuro?

Dou um passo atrás. Nunca o ouvi a arengar desta maneira. É um bocado assustador.

– Mantém-te vivo. É a tua função, Peter. Haverá outros por aí, a lutar.

– Judeus? – pergunto.

Ele sorri.

– Claro que sim! – diz ele. – Então? Achas que não há nenhum de nós a resistir?

– Não sei – murmuro.

– Bem – sorri – até pela lei das probabilidades, deverá havê-los, não te parece?

Encolho os ombros.

– Não sei.

– Não – diz ele, baixinho – , não temos maneira de saber, Peter. Não temos maneira de saber. Mas podemos acreditar.

– Acreditar em quê? Que Deus nos vai salvar?

– Bem, já seria uma ajuda, sim – mas só existirá a fé cega para nos salvar? Não haverá outra coisa qualquer que possamos fazer, mesmo estando aqui confinados?

– Não sei – murmuro, porque não sei mesmo. Os Franks são tão espertos que às vezes é difícil saber o que querem dizer.

O Sr. Frank suspira.

– Temos de tentar, Peter. Temos de tentar e acreditar que o *nosso* amor pode ser maior do que o ódio *deles*.

– Quer que eu os *ame*! Mas eu *odeio-os*. Odeio-os. Se eu pudesse, fazia...

Ele levanta a mão.

– Não, claro que não quero que os ames. O que estão a fazer é... é... maldade, mas se também os odiares, Peter, será que vais ser melhor do que eles?

– Não me parece bem – é tudo o que consigo dizer. E não parece.

– *Quero* que as pessoas que fizeram isto sofram. Quero que morram. Quem me dera... quem me dera estar a combatê-los em vez de estar aqui encurralado a... – Detenho-me. Não quero parecer ingrato por estar aqui, mas o Sr. Frank limita-se a sorrir.

– Com a tua idade, eu também preferiria estar a combater. Precisamos de combatê-los. Não nos deixam outra hipótese.

– Mas o senhor disse que tínhamos de os *amar*!

– Não! Disse que não deves deixar que o ódio deles se transforme no *teu* ódio.

– Eu só quero que eles morram!

– Olho por olho, dente por dente – diz ele, suspirando.

– Sim! – digo eu.

Pousa a mão no meu ombro.

– E quando estivermos todos cegos e desdentados, o que é que acontece, Peter?

– Não sei – resmungo.

Às vezes odeio o Sr. Frank.

– E odiá-los é tão mais fácil do que desconhecer a razão por que nos odeiam, não é verdade? – pergunta ele, com calma.

Anuo com a cabeça, porque é verdade. É mesmo.

– Pergunto-me que coisa terrível evitarão eles ao odiar-nos tanto – resmunga o Sr. Frank. – Sim, por vezes pergunto-me que coisa terrível será! – E depois vira-se e sai da sala, ainda a resmungar, até chegar aos degraus, onde se volta e me sorri. – Não te esqueças de fazer aquele trabalho de casa de Inglês, Peter!

O Sr. Frank é assim!

Otto Frank. Até em Auschwitz era ele próprio. "Eles não podem matar os nossos sonhos, Peter", dizia.

Mas está enganado, porque aqui todos temos os mesmos sonhos. Todos rangemos os dentes quando sonhamos com comida. Comida que os nossos dentes pudessem trincar. Comida de que os nossos corpos pudessem alimentar-se.

Tenho sempre o mesmo sonho: com ervilhas, ainda verdes e frescas e rijinhas. São escalfadas no caldo de galinha da Mutti com um bocadinho de alface. No meu sonho é primavera e ela traz uma grande terrina fumegante para a mesa – com mais ervilhas do que eu conseguiria comer. Levanto a colher até aos lábios. Inspiro o aroma, aprecio a cor, fico com água na boca pelo sabor que há de vir. Levo a colher aos lábios, abro a boca e fecho-a... em redor de nada.

O meu companheiro de beliche enterra os joelhos nas minhas costas... passado um segundo, começa a ranger os dentes... o sonho espalha-se pela barraca... junta-se ao interminável ruído dos gritos dos nossos sonhos, desesperado para tentar encontrar sentido em alguma coisa, qualquer coisa... não, nem os nossos sonhos são nossos.

Não aqui.

13 de outubro de 1942 – Peter sonha com Liese

Sonho com a Liese. Ela está nua. Está tão bonita que nem consigo falar, só desejar. Há filas e filas de pessoas. Estão todas nuas. Têm as mãos entre as pernas. Mantêm a cabeça em baixo. Estão envergonhadas.

Mas a Liese não.

Ela é esguia e bela. Não olha para o chão como todos os outros. Olha para cima, para o ar sobre ela, para o céu. As mãos não estão a tapá-la, estão soltas pelos flancos. Observo-a, maravilhado, a levantá-las lentamente. Os braços erguem-se sobre ela num arco perfeito. Os seios empinam-se. São tão lindos. No meu sonho, oiço música quando ela começa a dançar. As pessoas em silêncio levantam as cabeças curvadas para a ver sair da fila.

– Para! – grita um guarda. Mas ela não se detém. Mantém-se num ritmo perfeito em relação à música que só nós conseguimos ouvir. Tem o rosto absorto em concentração; as costas direitas e esticadas à medida que se equilibra. Dá um passo em frente e ergue no ar uma bela perna despida, depois vira-se. Dá passos ligeiros, lentos. Vira-se e contorce-se ao som da música invisível.

Detém-se. Diante do guarda.

Baixa os braços. Está a transpirar. A sua respiração está ofegante. Ergue os olhos e sorri-lhe. Apercebo-me de que ele tem a idade dela. A minha idade. Ele fita-lhe os seios.

Tudo é silêncio e um olhar fixo.

Ela faz uma vénia. Os joelhos dobram-se, os braços recuam, os seios são uma oferenda; e então, num movimento célere, ela lança os braços para a frente para o abraçar. Tira-lhe a arma do coldre e dispara. E depois vira a arma para a sua própria cabeça, mas, antes que consiga disparar, o seu corpo já dança sob o impacto de balas disparadas.

– Liese! NÃO!

Acordo com o meu próprio grito.

Fico deitado no escuro.

À espera.

A respirar.

A ouvir os sinos de Westertoren a dar as horas até ao amanhecer.

A pensar em ódio.

14 de outubro de 1942 – Peter não consegue esquecer o seu sonho

Acordo com dor de barriga, com medo de que ela já esteja morta. Obrigo-me a sair da cama.

Sinto o coração tão pesado que nem sei como carregá-lo. As coisas simples parecem-me estranhas. Durante todo o dia faço as minhas tarefas e observo-me a mim mesmo, maravilhado com o modo como sigo em frente, como se nada estivesse a acontecer.

– Bom trabalho, Peter!

– Obrigado.

– Porque é que não comes, Peter? Come mais! Não gostas?

– Está ótimo. Já estou satisfeito.

À noite, fico acordado, com receio de todos os sonhos que poderão estar à minha espera nas paredes. Por vezes, a meio da noite, subo os degraus do sótão e fico parado na escuridão, à espera que as bombas caiam, pensando que, se ficar cá em cima à espreita, posso de algum modo impedi-las de caírem sobre nós.

Às vezes o *Mouschi* vem deitar-se no meu peito, a ronronar. Olhamos para as estrelas pela janela.

Na noite passada, a Anne deixou uma maçã na minha cama. Levo-a lá para cima para o sótão e como-a. Faz barulho na escuridão. Está estaladiça e fresca e doce. É uma maçã. Não sabia que uma maçã podia saber a milagre. Mas pode.

Como-a devagar, observando as estrelas a percorrer o pequeno retalho de céu. Desço as escadas ao primeiro raio de luz e adormeço.

Falto ao pequeno-almoço. A Anne acorda-me.

– Dorminhoco! Nem sequer agradeceste a maçã!

Tento abrir os olhos. Ela está sentada na cama, a baloiçar-se.

– Sai daí!

Mas ela continua.

– Levanta-te! Levanta-te! Levanta-te! Temos de ser pesados.

Resmungo. Viro-me para o outro lado. Tento deixar de a ver. Dói-me a cabeça. Doem-me os ouvidos. Dói-me o corpo todo por causa do sonho; tenho o corpo em sofrimento.

Mas ela não para.

– O Peter Palerma pegou num pedaço de pimenta Opekta. Estás a ver como o meu inglês está a melhorar?

E depois tenta fazer-me cócegas através das cobertas. Levanto-me rapidamente. Não suporto que me toquem. Ela ri-se e depois para.

– Peter! – murmura. – Ainda estás vestido.

E é verdade. Não me dou ao trabalho de mudar de roupa. Ela não diz nada a ninguém, o que é simpático. Somos pesados. Somos pesados todas as semanas. Perdi 3,6 quilos numa semana. Estou chocado. Como é que isso pode acontecer, se nem sequer estou a fazer nada?

– Estás a ver? – diz a Mutti. – Não admira que o coitado do rapaz não consiga fazer mais nada senão dormir. Precisa de mais comida.

– Nós tratamo-nos muito bem aqui, Auguste – diz a Sra. Frank.

– Claro que sim. Eu não estava a... – resmunga a Mutti. Quando passa por mim, ainda vai a resmungar. – Aquela balança não pode estar certa. É impossível eu pesar assim tanto. Peso quase tanto como a Edith!

Sorrio.

– Eu ganhei 8,6 quilos em três meses! – diz a Anne, com orgulho. Que mentirosa! Mas, quando olho para ela, é verdade. Ela ganhou qualquer coisa. As suas formas estão a mudar.

29 de outubro de 1942 – A casa dos van Pels é “limpa”

O Pai entra no meu quarto.

– Já sei! Já sei! – digo, rapidamente. – Estou a levantar-me. Vou a caminho!

E é então que olho para ele. Não está zangado. Pestaneja. Estende a mão para se equilibrar ao sentar-se na beira da cama. Tem um ar envelhecido. E cansado. E assustador.

– O que foi? – sussurro. – O que foi?

– O nosso apartamento – diz ele. – Levaram tudo.

– O quê?

– O apartamento foi todo esvaziado, Peter. Não sobrou nada. Todas as nossas coisas...

– Oh! – digo eu. – Oh, Papi!

– Foi-se – diz ele, abanando a cabeça. – Tudo. Uma vida inteira.

Ficamos ali sentados. Não consigo dizer nada. Vejo o nosso apartamento, a nossa casa; os quartos dançam-me diante dos olhos.

– Ora, bem – diz ele, passado um bocado. – Pelo menos ainda cá estamos, não é?

Ponho-lhe a mão no braço.

– Lamento, Papi – e lamento mesmo. Lamento que todas as coisas que juntámos, todas as coisas que construímos todos estes anos tenham desaparecido – assim sem mais nem menos. Não há nada para onde possamos sonhar em voltar.

– Foste tu que roubaste tudo? – pergunta. Abano a cabeça. Ele sorri, ou pelo menos tenta. – Acho que não suporto contar à tua mutti – murmura.

Durante todo o dia recordo-me de coisas, coisas que nem sabia que tínhamos, como o pequeno navio dentro da garrafa. Vejo o local exato em que estava – em cima da prateleira do corredor, e a acompanhar a lembrança sinto um safanão interior ao perceber que se foi.

E eu não sei para onde.

O nosso apartamento agora está vazio – sem que nada reste para relembrar alguém de que alguma vez lá estivemos.

O Pai pede-me que não conte à Mãe. É ridículo. Porque é que está certo contar à Anne e não à Mãe? A Anne sabe.

– Lamento! – diz ela. – Mas, sinceramente, o que é que interessam as *coisas*? Tens a tua família, e podemos confiar em Deus.

Olho especado para ela. Não digo nada. Não consigo, estou demasiado zangado. Por uma vez, ela cala-se e vai-se embora. Conto à Mutti. Não sei se está certo ou errado. Já não me importo. Só sei que tenho de contar.

Está parada ao lado do lavatório, a lavar-se depois do jantar.

– Mutti? – sussurro-lhe ao ouvido. Ela vira-se para mim e sorri.

– Peter! – diz ela, e é custoso proferir as palavras quando ela está a sorrir e a olhar para mim assim – tão feliz por me ter perto dela. Mas eu falo. Digo as palavras depressa.

– Mutti, esvaziaram o apartamento.

De início, ela apenas fecha os olhos. Fecha os olhos e fica ali parada. Vira-me costas e apoia as palmas das mãos na antiga superfície de granito e respira fundo. Observo-a, impotente, a cerrar os dentes, a erguer as mãos e a enrolar os dedos à volta da torneira de latão, apertando-a.

– Não vou chorar, não vou chorar – murmura.

O Pai aparece por detrás dela e envolve-a com os braços.

– Kerli – sussurra ela –, a nossa casa, o nosso...

– Gusti – diz ele.

E abraça-a.

– Por favor – sussurra-lhe ela – por favor não me digas que somos uns felizardos... não... eu não consigo...

O Papi encosta a cabeça no ombro dela.

– Não... – diz ele. – Não digo.

– Tudo? – pergunta ela, e ele anui com a cabeça contra o corpo dela. Ela sucumbe.

– Papi – sussurro –, querem deitar-se no meu quarto?

Ele assente com a cabeça e eles avançam os poucos passos até ao meu quarto.

Fecho a porta. Ficam ali deitados, abraçados um ao outro. É tudo o que temos agora. Estes quatro quartos que nem sequer são nossos, são emprestados pelos Franks. Estes quartos – e uns aos outros.

8 de novembro de 1942 – Peter faz dezasseis anos

Estamos a 8 de Novembro. Faço dezasseis anos.

Oiço os passos da Anne a correr escada acima.

– Acorda! Acorda, Peter! Não estás entusiasmado?

Sorrio.

A Mutti e o Papi esforçaram-se tanto. Há um jogo de tabuleiro, uma navalha (apesar de eu não ter nada para barbear), um isqueiro e dois cigarros. Penso nas pilhas de prendas que antigamente recebia no meu aniversário e em ir tomar chá aonde me apetecesse. Agora só há estas poucas coisas, e constituem um esforço milagroso.

Sorrio à Mutti.

– Obrigado!

Na noite passada, ela veio ao meu quarto. Não disse nada. Sentou-se na cama e pegou-me na mão. Passado um bocado, foi-se embora. Por vezes não há nada que possa ser dito.

Agora é o meu aniversário e a Anne está de pé na nossa cozinha como se fosse o dia mais emocionante do ano, por isso algo teria de ser dito, fossem qual fossem os nossos sentimentos.

– Olha, cigarros! – Levo um à boca e finjo que o fumo. Pavoneio-me com a mão atrás das costas e digo em alemão: – *Ach so*, estão no esconderijo, *ya*? Dizem que são alemães? Alemães? Um judeu pode ser alemão?

– Não! – diz a Anne, de modo apaixonado. – Nunca mais voltaremos a ser alemães. Agora somos holandeses!

– Não! – digo em alemão. – Tu não és holandesa nem alemã. És apenas judia! – Todos se riem menos eu. Não sei porque disse aquilo. Nem sequer tem piada. É triste.

Ponho-me à janela com o desejo de poder olhar lá para fora.

– Ah – digo. – Não há nada como um cigarrinho logo de manhã! – E depois viro-me para trás. – Obrigado, Papi.

Mutti tem lágrimas ao canto dos olhos.

– Estou... – diz ela – estou tão...

– Eu sei – digo rapidamente, na esperança de que ela pare, na esperança de que não o diga. Mas, ainda assim, ela continua, como sei que fará, como sei que tem de fazer, por mais que eu desejasse que não o fizesse.

– Estou tão *grata* por aqui estares – diz ela. Anuo com a cabeça e obrigo-me a sorrir e a olhar para ela.

– Eu sei – respondo. E sei. Sei mesmo. Sei que por vezes o amor é tão difícil de tolerar como o ódio, que pode doer o mesmo.

Pergunto-me o que o Sr. Frank diria acerca disso!

A Anne anda atrás de mim o dia todo.

– Então, Peter van Pels, como é ter dezasseis anos? – Encosta um microfone imaginário à minha cara. – Não te preocupes, posso deixar-te incógnito no meu diário. Portanto podes dizer o que te apetecer, que nunca ninguém saberá que foste tu! – Ela dá-me esta última informação quando estou mesmo ao cimo das escadas do sótão, com uma saca cheia de feijões às costas. Quando me viro, a saca entorna os feijões todos, que ficam a saltitar por toda a parte. O barulho é aterrador! A Anne larga o seu microfone imaginário e protege a cabeça, enquanto os feijões chovem à volta dela. Finalmente descobri uma maneira de a calar! Quando o barulho para, ela levanta a cabeça e olha para cima, chocada. Faz-me lembrar um pinto recém-nascido a deitar a cabeça de fora da casca do ovo. Esperamos, como sempre fazemos depois de um grande barulho.

– Credo! – diz a Mutti, espreitando pela porta. – Foi uma sorte o polícia que ia a passar não ter ouvido! Apanhem-nos todos, vocês os dois, com aniversário ou sem ele.

Começamos a apanhar os feijões.

– Parecias um pinto – digo eu.

– Ora, tu parecias um condenado!

– O quê? Não parecia nada!

– Parecias, sim! – Ela começa a rir-se. – Parecias alguém acabado de ser apanhado a fazer alguma coisa de mal.

Rimo-nos os dois. Baixinho. Rimo-nos tanto que temos de nos sentar.

Com que então, ela escreve sobre mim no seu diário, não é? O que será que diz?

Mais tarde vamos todos ouvir rádio.

– Peter – sussurra o Pai. – A melhor prenda de anos! Os Aliados aterraram no Norte de África! Escutem!

Oiço a voz do Sr. Churchill.

«Isto não é o fim. Não é sequer o princípio do fim, mas é, talvez, o fim do princípio.» Olho para a Anne e sorrio. Ela está a mexer os lábios, a testar as palavras. Nos dias que se seguem, repete-as constantemente. Separa as palavras e volta a juntá-las, e, quando termina, anuncia que estão perfeitas.

– Isto não é o fim. Não é sequer o princípio do fim, mas é, talvez, o fim do princípio. Percebes, Peter? – diz ela, pela milionésima vez.

– Então não está nem perto do fim? – pergunto.

E, por algum motivo, toda a gente se ri.

*Comboios. Uma plataforma.
Era o princípio do nosso fim.
Os selecionados.
Custa a crer que já houve um antes.
Ou que alguma vez poderá haver um depois.
Será que sobra alguém?
Será que há alguém a ouvir?
Os corpos à minha volta continuam a emitir ruídos, a suspirar,
apesar de estarem mortos.
Espero pela ordem.
Mas ainda assim ela não surge.
Wystawach!
Acordem!
A palavra que me fará mexer – levantar – e continuar a morrer.*

16 de novembro de 1942 – A chegada de uma oitava pessoa ao Anexo

Na semana passada, o Sr. Frank anunciou que haveria outra pessoa no Anexo. Não me perguntou se me importava, embora toda a gente estivesse a falar nisso.

– Isso é bom! – diz a Anne, rapidamente. – E não me importo de partilhar o meu quarto. Que importância é que isso tem se pudermos salvar mais uma pessoa?

Olho especado para ela. Detesto a ideia de ter aqui outra pessoa, mesmo que seja o Dr. Pfeffer, o dentista. Ele é simpático, e a Lotte, a mulher que vive com ele⁸, é amorosa. Mas, ainda assim, é mais uma pessoa – mais um na cozinha, na casa de banho, na sala de estar, em todo o lado, na verdade.

A Mutti e o Papi anuem com a cabeça.

– Vai ser difícil, mas será uma boa ação; a Anne tem razão – diz o Papi.

Bem, não foi isso que disse ontem à noite quando os Franks se foram deitar.

Olho para a Margot.

– A Margot vai dividir o quarto connosco, portanto o inconveniente para vocês será o mínimo possível – diz a Sra. Frank, e, de repente, sinto-me envergonhado. Isso significa que eles não terão nenhuma privacidade e nós sim – principalmente eu. Também significa que não posso dizer nada contra isso. Não temos esse direito. Este Anexo não é nosso. Fito os meus joelhos na esperança de que ninguém perceba o que estou a pensar.

Sempre pensei que gostava do Dr. Pfeffer, mas agora sei que não gosto. O rosto dele parece diferente no Anexo. É rechonchudo e tem uma covinha no queixo que se mexe quando ele fala. É alto e acha que sabe tudo. Está sempre a falar na sua Lotte. Ainda bem que ela

não é judia, senão talvez tivéssemos de arranjar lugar para ela também! Se bem que eu sempre gostei mais dela do que dele.

– Se tiveres uma dor de dentes, não tardarás a lembrar-te de como gostas dele! – diz o Sr. Frank.

Não me parece.

O Dr. Pfeffer entra no Anexo com o mundo lá fora ainda agarrado a ele. Mexe-se de uma maneira diferente da nossa. Dá a sensação de ser grande e barulhento demais. Não se enquadra. Semicerra os olhos apesar de estar demasiado escuro e debruça-se para nos ver e ouvir melhor.

Traz notícias que não quero e não posso ignorar. Conta-nos como as coisas estão terríveis lá fora; que estão a concentrar os judeus, a pescar-nos como se fôssemos peixe. O sul da cidade onde vivíamos está cercado, para que ninguém possa escapar. Eles andam de casa em casa. A procurar. A inquirir. Em busca de alguém que esteja escondido.

– Mas para onde nos levam a todos? – pergunta o Pai.

– Ouviu os rumores, não ouviu? – diz o Dr. Pfeffer. E eu tenho vontade de lhe dar um murro. Estará a gostar? A adorar ser o portador de todas as notícias?

– Há um campo perto de Westerbork. Rapam a cabeça a toda a gente. Dizem que estão só a realojar-nos. Dizem que estão a mandar-nos para campos de trabalho, dizem muita coisa. Quem sabe qual é a verdade?

Fez-se um longo silêncio.

– Quanto mais tempo teremos de esperar? – sussurra a Mutti.

– Não somos só nós que sofremos – diz o Pfeffer, olhando em volta para todos nós. – Os holandeses também. A cada ato de resistência, matam alguém. Não interessa quem. Um homem inocente pode ir a caminhar para casa e, de repente, é encostado a uma parede – e depois é morto!

O Pfeffer abana a cabeça. Eu faço festas ao *Mouschi*. Os nossos pais fazem perguntas de modo incessante, como se acreditassem mesmo que, se conseguissem compreendê-lo, talvez um dia aquilo pudesse de facto fazer sentido.

A Margot olha especada para eles e suspira baixinho.

A Anne está pálida e a tremer; levanta-se e sai. O *Mouschi* salta do meu colo e segue-a pelas escadas abaixo. Passado um bocado, faço o mesmo.

Ela está parada à janela do escritório principal, espreitando pela brecha minúscula entre a cortina negra e o vidro, para ver a rua lá em baixo. Ponho-me atrás dela e olho-lhe por cima do ombro para a nesga de rua. É surpreendente o quanto se consegue ver por uma brecha tão estreita. Está escuro e a luz do candeeiro a gás reflete-se na água do canal. Avista-se uma fila de pessoas a caminhar pela rua – uma fila de judeus. Dispersam-se, mas há guardas de sobra para os vigiar. As pessoas são indistintas ao anoitecer. Parecem estranhamente volumosas.

– Devem ter todas as suas roupas vestidas – sussurra a Anne. Está com lágrimas nos olhos.

Parecem estar tão perto, embora caminhem mesmo ao lado do canal. Dá a sensação de que conseguimos esticar-nos e tocar-lhes. Ficamos muito quietos, com medo de nos mexermos; com medo de que alguém possa virar-se e reparar num movimento por detrás das janelas escuras.

Um bebé chora e uma mulher da fila para. Tem uma mala de viagem numa mão e o bebé na outra. Não consegue levar as duas coisas. O guarda grita com ela, empurra-a. Ela larga a mala e agarra-se à criança.

E depois vão-se embora e a rua fica em silêncio. Só lá fica a mala, deitada de lado. O hálito da Anne embacia o vidro.

Nenhum de nós fala.

Das sombras surge um rapaz magricela e andrajoso. Abre a mala e começa a tirar de lá roupas e castiçais. Não tarda a que apareça uma multidão silenciosa de crianças, todas a empurrar-se e a andar à briga na rua. Surgem do nada. Tudo termina em segundos e a rua esvazia-se de novo. A mala jaz no chão, escancarada. Um homem sai do seu barco convertido em casa e vai para a rua. A Anne recua rapidamente, direita ao meu peito. O homem parece estar muito perto. Por um instante, seguro-a nos meus braços, onde a sinto a tremer.

– Desculpa! – sussurra ela, e, quando olhamos para trás, a mala desapareceu.

Só o candeeiro público brilha na rua vazia.

– Miúdos das barracas! – silva a Anne, mas com lágrimas no rosto, duas delas a cintilar como pequenas chamas de vela. Não respondo e ela sobe as escadas a correr. Ainda consigo sentir a súbita forma dela nos meus braços.

O *Mouschi* enrosca-se nas minhas pernas.

Olho para a nesga de rua vazia.

Não há sinal de pessoas.

Só resta uma memória.

A minha memória.

Tenho medo.

Medo de me esquecer.

Nessa noite, sonho. Sonho que tenho algo nas mãos. Não consigo olhar. É cerdoso como o dorso de um porco – mas também ligeiramente suave e arredondado. Aconchego-a junto ao peito. Pego-lhe ao colo como a um bebé. Sei que tenho de a manter a salvo. Estimá-la. Nunca a largar. Agarrar-me a ela para sempre. É muito pesada.

Baixo os olhos.

Os olhos da Liese fitam-me em resposta.

Tenho a sua cabeça rapada nas mãos.

8 Não eram casados porque ela era católica e não lhe era permitido casar-se com um judeu.

Estas são as minhas lembranças. Não posso impedi-las de surgir.

Se vo-las apresentar, vão acreditar nelas?

Vocês, que permanecem no mundo lá fora?

Estão a ouvir?

No Anexo eu conseguia acordar dos meus sonhos, mas nos campos o sonho nunca tem fim. Acordo e o pesadelo é real.

Nem eu próprio consigo acreditar que está a acontecer, portanto, porque haveriam vocês de acreditar?

Acreditam?

Irão reparar que falto eu – ou que as ruas parecem estranhamente vazias?

Ah! Aquela mulher tomou a decisão certa. Para onde ia, não precisava da mala. Mas a verdade é que também não precisava da criança.

18 de novembro de 1942 – Peter pensa em Deus

Está escuro quando acordamos e ainda mais escuro quando vamos para a cama. Vamos para a cama cedo. Acordamos tarde. Por vezes há gelo da parte de dentro do vidro. Trememos de frio. Vestimos todas as nossas roupas. A Anne e a Margot até vestem os robes por cima do resto da roupa. Fazemos tudo o que podemos para fazer o tempo passar. Estamos à espera.

À espera de notícias.

À espera do fim da guerra.

Será que vamos conseguir?

Será que algum dia tornaremos a descer o Prinsengracht a correr? É melhor nem pensar nisso. Atribuo tarefas a mim mesmo. Já desenhei todas as ruas das redondezas. Já desenhei o trajeto desde aqui até Merwedeplein, perto do sítio onde vivíamos, com marcos ao longo das ruas. E o percurso do elétrico de Merwedeplein até Zaandvoort. Já desenhei as ruas em redor de Prinsengracht.

Quando estou sentado no sótão à noite, imagino que estou num avião. Olho para baixo e vejo todas as ruas que se estendem à minha volta. Imagino as farmácias e os cafés. Por vezes, eu, a Anne e a Margot tentamos lembrar-nos de todas as lojas numa rua em particular – ou de todas as lojas ao longo de um percurso de elétrico.

– Na verdade, não estivemos em muitos sítios, pois não? – diz a Anne.

– Bem, tu estiveste uns tempos em Aachen com a Avó! – diz a Margot.

– Sim, mas dificilmente se pode dizer que a Alemanha e a Holanda representem o mundo, não é?

– Onde irias tu, Peter? – pergunta a Margot. Enrolo-me na cama e penso.

– Gostava de ir a um sítio quente: com areia para mim e talvez uma floresta para o *Mouschi*!

– Está tanto frio – diz a Anne.

– Gelado! – dizemos em coro.

A Margot suspira.

– Eu ia para a América!

– Porquê? – ri-se a Anne.

A Margot encolhe os ombros.

– Quero ir a um sítio novo – diz ela. – Um sítio onde nada disto tenha acontecido.

A Anne olha especada para ela.

– Acho que vocês estão os dois malucos. Eu nunca hei de querer ir-me embora! – diz ela. – Quero ficar aqui na Holanda para sempre!

– E ca-sar com o Sr. Ku-gler! – ri-se a Margot.

– Mar-got!

– An-ne! – diz a Margot, tal e qual a Anne.

– Pois sim! – diz a Anne.

Levanto-me da cama e saio-lhes da frente. A Anne e a Margot atiram-se uma à outra. Estão furiosas e concentradas e silenciosas. Isso é que é o mais engraçado. São letais com as almofadas, mas fazem-no em completo silêncio. Apanho os óculos da Margot antes de caírem no chão. A Anne detém-se.

– Estão partidos?

– Não.

– Graças a Deus. Desculpa.

– Quites? – pergunta a Margot.

– Quites. – E atiram-se para o chão a dar risadinhas.

– O Sr. Kugler! – ri-se a Anne. – Que ideia! Tal não seria o desespero!

Por um qualquer motivo, ambas olham para mim. Devolvo os óculos à Margot e saio do quarto. As risadinhas delas seguem-me pelas escadas acima.

– Que bom ver-te a sorrir! – diz a Mutti, mas o Papi faz-me sinal em silêncio de que quer falar. Vou para o meu quarto e ele segue-me passados uns minutos.

– Sabes fazer um *menorah*, Peter? – pergunta ele.

– Os Franks hão de ter um – digo, rapidamente. Não quero pensar no *menorah* que tínhamos em casa; nos espessos castiçais de prata que acendíamos todas as sextas-feiras à noite. Agora já não existe, e eu não posso fazer nada quanto a isso.

– Então e a Mutti? – pergunta ele. – Achas que os Franks irão trazê-lo cá acima todas as noites? Será especial para ela?

Não respondo.

– Então? – diz ele.

– Talvez possamos pedir à Miep que... – Ergo os olhos. Ambos sabemos o que eu ia dizer, e que era uma parvoíce.

– Pois bem! E em que oficina exatamente é que a Miep vai entrar para pedir que lhe façam um *menorah* judeu? – pergunta o Papi.

Expiro. O Pai senta-se ao meu lado.

– Desculpa – diz ele. – Eu próprio o faria, Peter, mas sabes o quanto significaria para ela se fosses tu a fazê-lo.

– Está bem. Mas não digas a ninguém que o fiz.

Ele levanta-se.

– Se alguém perguntar, dizemos que fui eu que o fiz; e obrigado, Peter.

– Vou construí-lo na arrecadação e no sótão, para ela não perceber. Ele sorri.

A cabeça da Mutti surge do outro lado da porta.

– O que é que vocês os dois andam a cozinhar?

– Nada tão saboroso como tu! – diz o Papi.

– Chiu! Assim os Franks ouvem!

– E que mal tem isso? – retorque. – Um homem já não pode achar a sua mulher saborosa?

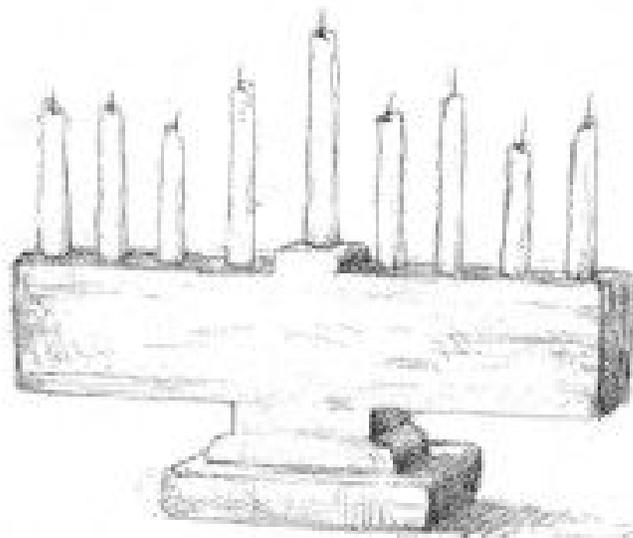
– Oh, por favor! – digo eu.

– Bem, nos dias que correm, eu não daria grande refeição – balbucia a Mutti. – Estamos todos a ficar pele e osso.

Mais tarde, encontro um pedaço de papel e começo a desenhar. Um *menorah* de *Hanukkah* tem de ter nove castiçais. Faço um esboço e começo a projetá-lo.

O Sr. Voskuijl, o pai da Bep, arranja-me a madeira. Gostaria de o construir a partir de uma única peça de madeira, mas, como não é possível, faço-o por peças e com juntas.

Gosto de esculpir à noite, lá em baixo na arrecadação ou no armazém. Gosto do cheiro. Gosto de estar sozinho. Gosto da maneira como o *Boche*, o gato do armazém, por vezes se vem sentar ao meu lado. É bom sentir as minhas mãos a trabalhar de novo. Consigo ver a forma na madeira; a forma que tomará se eu fizer os golpes certos nos lugares certos. Penso na madeira, no seu granulado. Imagino onde ela quererá dar-se a mim e onde irá resistir. A forma desenvolve-se sob as minhas mãos. Oito velas laterais e uma nona mais elevada no centro. Nove chamas – uma por cada pessoa do Anexo e uma pelo templo.



À medida que vou esculpindo cada um dos braços, faço uma marca, um entalhe na madeira, um símbolo para cada pessoa. A Anne é um olho porque vê tudo. O Pai é um sorriso e a Mãe uma mão. Tudo me ocorre com facilidade. O Sr. Frank é um livro, também é fácil. A Margot é a mais difícil. Ela escorrega-me para dentro e para fora da mente e eu tenho de esperar para ver o que me ocorre. A Sra. Frank é uma agulha. É penetrante, mas também conserta todas as nossas coisas! O Pfeffer é fácil – um limão amargo! Depois de tudo, a Margot é uma onda. Não sei porquê. E eu? Acabo por fazer um símbolo do *kippah*. Um judeu. Se é isso que sou aos olhos do mundo, então é isso que serei.

O melhor que conseguir ser.

Esculpirei o *menorah* e acenderei as velas e recitarei o *Kaddish* para os que estão mortos. E farei orações de esperança para os que restamos. Rezo por um milagre, tal como no templo. Entalho os símbolos sob cada vela. Dedico cada um deles a uma pessoa. Enquanto trabalho, relembro as orações; oiço-as na minha cabeça e murmuro as palavras enquanto trabalho – as orações do *Hanukkah*. Nunca percebi porque é que tinha de sabê-las de cor, mas agora já sei – é porque estão sempre comigo. As minhas mãos movem-se ao ritmo das palavras, entalhando-as na madeira com os meus pensamentos. Até que enfim que sinto que estou a fazer alguma coisa.

Tu, na tua misericórdia abundante, ergueste-te por eles
em momentos de aflição, defendeste a causa deles,
elaboraste um juízo de valor, vingaste-os do mal e
entregaste os fortes
nas mãos dos fracos,
os muitos nas mãos dos poucos,
os impuros nas mãos dos puros,
os perversos nas mãos dos justos e
os insolentes nas mãos dos que vivem pela
Torah... E em nome do teu povo conseguiste
uma grande libertação e redenção

Murmuro novamente as palavras. *E em nome do teu povo conseguiste uma grande libertação e redenção.*

Por favor, Deus. Liberta-nos.

A mim e à Liese, e a todos os judeus em todo o mundo. Todos os fracos e os coxos e toda a gente que eles tanto odeiam. Salva-nos, por favor.

Demoro algum tempo a fazer o *menorah*. No final, eu e o *Boche* somos bons amigos. Ele observa-me com atenção e, quando paro de trabalhar, aproxima-se. Estende uma pata e toca na madeira. Devagarinho.

– Quere-lo? – pergunto-lhe. – Quanto é que dás por ele? – O *Boche* olha espedado para mim, levanta a cabeça e afasta-se amuado.

– Ah! – digo eu. – Com que então achas-te demasiado importante para estar a discutir dinheiro? – Mas ele limita-se a continuar a andar. Volto ao trabalho. O *Boche* não demora a voltar. Para observar.

Às vezes, quando tenho os músculos tensos, estendo-me no chão e fico deitado muito quieto. O *Boche* anda por cima de mim. Começa nos meus pés e equilibra-se, uma pata à frente da outra, subindo-me desde os pés até ao queixo. Roça os bigodes no meu rosto ou levanta uma pata para me bater ao de leve nos olhos.

Gosto mais quando ele se aninha e se deita no meu peito. Gosto da sensação do seu calor e do som dos nossos corações a bater em uníssonos na sala escura e silenciosa.

Juntos e em paz.

3 de dezembro de 1942 – A primeira noite do Hanukkah

O *menorah* está terminado. Hoje à noite começa o *Hanukkah*. A Mutti está a fazer *latkes*. Penso na nossa casa, agora vazia, sem ninguém que acenda as velas. Penso no facto de em tempos eu não saber que era judeu. Bem, saber, sabia, mas era apenas uma das coisas que eu era, entre muitas outras.

Não a única coisa.

Quantos de nós ainda restarão? Quantos de nós estarão a acender as velas atrás de cortinas escuras e a sonhar com a liberdade?

Levo o *menorah* às escondidas para o meu quarto. Depois do jantar, com os Franks já lá em baixo, paramos à soleira da minha porta com o *menorah* atrás das costas e esperamos que a Mutti repare.

– O que é que vocês os dois estão a fazer? – pergunta ela. Nós sorrimos. – Há algum motivo para sorrir? – diz, de repente. Está triste. Se calhar não acertámos. Se calhar a tristeza é demasiada.

Dou um passo atrás, mas o Papi limita-se a dizer:

– Há, sim. Anda cá – e obriga-a a ficar de frente para nós. Mas eu estou preocupado. E se não estiver bem? Na verdade, não é bonito, nem é de prata. Sei que nunca poderá substituir aquele que a Oma, a mãe dela, lhe deu. Como é que isso poderia acontecer?

– Peter – diz o Papi.

Tiro-o devagar de detrás das costas. A Mutti arqueja de surpresa. Fita-o e estende lentamente as mãos para lhe pegar. Percorre-o com as mãos e ergue os olhos para mim.

– Eu... eu... – gagueja ela, com os olhos marejados de lágrimas.

– Sei que não é bonito como o da Oma, mas eu...

– Peter... foste tu que o fizeste? – pergunta.

Assinto com a cabeça.

– Eu... eu não sei o que...

– Desembucha, mulher! – ri-se o Papi, para ela depois começar a chorar como deve ser. As lágrimas escorrem-lhe pela cara, com as palavras a saírem em soluços pelo meio.

– Nunca pensei que alguma vez pudesse... Estava tão... Não pensava que pudesse vir a sentir o mesmo por outro *menorah*, e estava tão... e vocês os dois, e oh, oh, Peter... Obrigada... É lindo!

Na verdade, não é, mas ainda bem que ela acha que sim.

12 de dezembro de 1942 – Peter e os pais comemoram o Hanukkah

Mantemos o *menorah* na cozinha. Todas as noites, depois de os Franks descerem, acendemos uma vela. Não lhes falamos nisso. Todas as noites digo uma oração em silêncio pela pessoa por quem é acesa a vela. Que mais posso eu fazer? Rezamos com rapidez porque as velas são preciosas. Gosto do facto de sermos só nós os três. Gosto da expressão nos rostos da Mutti e do Papi, da seriedade à luz das velas. Gosto da maneira como proferimos as palavras juntos – para depois termos uns poucos segundos de silêncio e rezarmos sozinhos. Na noite em que rezo pelo Sr. Frank, a vela não se quer apagar. A Mutti tem de tentar duas vezes!

Quando chega a minha vez de rezar por mim, torna-se difícil. Só consigo pedir para me manter vivo. Senhor, por favor mantém-me vivo – e à Liese. Ajuda-nos a tornarmos a encontrar-nos, um dia. Mas estou sempre a ouvir a mesma pergunta: Porquê? E não há resposta, porque não há razão para eu sobreviver quando há tanta gente a morrer. Não há razão.

A verdade é essa.

Quando chega a última noite do *Hanukkah*, as velas são praticamente tocos! Os Franks acendem-nas e todos dizemos a oração em conjunto antes de comermos. Dizem-na rapidamente e terminam. Para eles, o *Hanukkah* é isso. A Anne ficou mais entusiasmada por comemorar o São Nicolau pela primeira vez. Quando se vão embora, a Mutti torna a acender uma vela e fita a sua chama. Sei que está a rezar por mim, a agradecer a Deus por eu estar vivo. E sabem que mais? Escolheu a vela certa. Debruça-se para a apagar – e detém-se. As suas lágrimas cintilam na luz tremeluzente.

– Eu... eu... – murmura. – Não consigo! – Por isso debruço-me e eu próprio a apago. Ela sorri.

– Achas que, se a deixássemos aqui, ela arderia durante oito dias?
– pergunta. Ri-se como se estivesse a dizer uma tolice. Mas não está. Não sei de onde me vêm as palavras. Sou péssimo com palavras.

– Precisamos de um milagre – digo eu. E ela anui com a cabeça.

– Boa noite, Peter.

– Boa noite. – E o Papi abraça-nos aos dois. Vou para o meu quarto e acaba-se o *Hanukkah*.

Na manhã seguinte, ao acordar, sinto as mãos vazias. Não tenho nada para fazer. Desço até à arrecadação e vou à procura do *Boche*. Não o encontro em lado nenhum. Às vezes passa dias inteiros nas ruas, a vasculhar o lixo. Quando volta para casa, cheira a ar. Cheira às ruas. Enterro a cara no pelo dele e inspiro. É maravilhoso. Está cheio do aroma outonal de Amesterdão a fumo de lenha húmida. Ao aroma dos canais e candeeiros públicos.

Do mundo lá fora.

18 de março de 1943 – A Turquia entra na guerra!

– Agora vão invadir. Até que enfim, alguma ação! – diz a Mutti.

– E talvez alguns cigarros! – diz o Papi.

– Sinceramente! – diz a Sra. Frank. – Eles não estão a combater na guerra só por nossa causa, sabiam?

Silêncio.

– Não, não estão – diz o Sr. Frank. – Mas se calhar é difícil lembrarmo-nos disso quando estamos aqui trancados, à espera.

– Porque é que lhe chamam limpeza? – pergunta a Anne, de repente. Não repara no silêncio, na tristeza que nos assola a todos quando ela se refere às coisas de modo tão súbito, sem aviso prévio. O Sr. Frank suspira.

– Porque é que achas, Anne? – pergunta ele. Mas ela não responde, limita-se a perguntar de modo abrupto: – É verdade que eles limpam as crianças?

– Não sabemos ao certo o que está a acontecer, Anne. Só sabemos que é mau.

Penso que ele não queira dizê-lo, não quer dizer que sim, é claro que eles limpam as crianças. E que a adorável e sabichona Anne não consegue perceber isso.

– Sabemos, sim! – Ela di-lo alto demais. Apesar de ser hora de jantar e de todos os funcionários já terem ido para casa, devia falar baixo. – Sabemos que querem ver-se livres de nós, portanto o que é que fazem connosco quando nos juntam em grupos?

Todos ficam em silêncio. Até a Anne repara, mas talvez pense que é por discordarmos dela. Talvez não perceba que as perguntas são coisas que fazemos sozinhos, em casa, à noite. Fazemos as perguntas quando nada mais ouvimos a não ser o vento a bater na janela e os sinos da igreja a darem as horas. Não as fazemos em voz alta. Só a Anne é que o faz – e depois sente-se mal por isso, e portanto passa a ser culpa de toda a gente.

Ela dá um salto e desce as escadas a pavonear-se.

– Anne! – exclama o pai.

– Cuidado com essas escadas! – silva a Sra. Frank. A Anne detém-se e vira-se para ela.

– Não estás preocupada por eu poder magoar-me – silva ela. – Só estás com medo de que nos encontrem!

– Anne! – O Sr. Frank sussurra num tom mais alto.

– Criaste uma criança muito mimada – murmura a Mutti.

A Margot fita o seu prato sem desviar o olhar; inspira pelo nariz e expira pela boca. Eu levanto-me e peço licença para sair da mesa.

– Ora aí está um rapaz bem-educado – sorri a Mutti.

– Meu bom Senhor, desce cá abaixo e dá-me um cigarro pelas minhas provações! – murmura o Papi. Acho que a Margot sorri por debaixo do cabelo. Eu estou outra vez a corar. Detesto que a Mutti me faça elogios à frente de outras pessoas – sobretudo por causa de uma coisa tão parva.

Más notícias: a Turquia não entrou na guerra. Está apenas a pensar não se manter neutral. Se fosse judia, talvez não precisasse de pensar tanto.

24 de março de 1943 – Peter descobre um assalto

Há alturas em que não aguento o ambiente no Anexo. Sei que a Margot sente o mesmo. Ela lida com isso fazendo tarefas domésticas e lendo. À noite e aos fins de semana, vou à procura do *Boche* lá abaixo à arrecadação, ou então desço mesmo até ao armazém do piso térreo.

Só posso ir lá abaixo aos fins de semana ou à noite, claro está. A outras horas andam por lá os funcionários do escritório e do armazém. Gosto de descer em silêncio, de peúgas calçadas, a escadaria secreta. Gosto de me ir afastando cada vez mais do Anexo. Mas à noite tenho de descer para aferrolhar a porta, e voltar no outro dia de manhã para a desferrolhar, de modo a que o Sr. Kugler possa usar a sua chave.

Na arrecadação faz escuro, tal como em todos os outros sítios do Anexo – só que faz mais escuro ainda porque as janelas estão completamente tapadas. E tem cheiro. “Cheira ao mundo, Peter”, diz o Sr. Frank – e tem razão. Agora já consigo identificar os cheiros. Sobretudo a pimenta. Faz os gatos espirrarem.

A Anne e a Margot detestam isto aqui em baixo, acham que é sinistro. Isso é bom, porque assim fico com tudo para mim. Os olhos demoram um bocado a adaptar-se à escuridão, mas depois deixa de haver problema. E fica tudo em sossego. Só eu e o *Boche*, a ronronar. Eu gosto.

Estou a brincar com o *Boche*, ajoelhado na escuridão quase total e com um feijão numa das mãos atrás das costas.

– Adivinha! – sussurro, mostrando as duas mãos ao *Boche*. Ele inclina-se para a frente e cheira-me as mãos. Os bigodes fazem-me cócegas. Senta-se e fica a fitar-me, e depois levanta delicadamente uma pata e dá-me uma patada ao de leve na mão esquerda. Viro-a. Abro-a. Está lá o feijão. – O *Boche* é muito esperto! – sussurro. Acenamos com a cabeça um ao outro e recomeçamos. Escondo o

feijão atrás das costas, trago as mãos à frente, mas, de repente, o *Boche* deixa de querer brincar e vira o focinho para o lado.

– Então? – murmuro. – Rato? – Mas ele não responde, limitando-se a encaminhar-se de modo empertigado para a porta do armazém, para depois fazer o caminho de volta – empurrando-me os joelhos com força com a sua cabeça.

– O que foi? – Esfrego-lhe a cabeça. O crânio parece tão pequeno debaixo do pelo. Não gosto disso. Ele faz força contra as minhas mãos. Ajoelho-me e olho-o nos olhos. – O que foi? – Mas ele desvia a cabeça de mim e torna a encaminhar-se de modo empertigado para a porta... O som estrepita no ar.

Dou um salto. Levanto-me de um pulo e fico parado às escuras, com o coração a bater com força. O que foi aquilo? Não estou habituado a barulhos. Por uma fração de segundo, não consigo perceber nada do que está a acontecer. Depois o meu cérebro começa a funcionar, depressa. Caiu um barril no armazém. Deve lá estar alguém. O *Boche* estava a tentar dizer-me que estava lá alguém. Ter-me-ão ouvido? Saberão que eu aqui estou? Terei sido suficientemente silencioso? O *Boche* olha especado para mim. Eu olho especado para ele.

Fico muito, muito quieto. Vejo a maçaneta da porta a virar. Dá uma volta completa e depois a porta chocalha, com força.

Recuo.

Quem é? Se fossem simpatizantes dos nazis ou da Gestapo, limitavam-se a entrar, não era? Deviam ser ladrões. Com ladrões podemos negociar. Ou será que não? As pessoas estão a morrer à fome. Qual é o preço de oito judeus? Não sei. Não sei grande coisa.

Olho para o *Boche* a encaminhar-se lentamente para a porta, para a arranhar e soltar um sonoro miado.

Viro-me e fujo.

Esgueiro-me em silêncio e apresso-me a subir as escadas. Parece que demoro uma eternidade.

Os Franks estão na sua sala de estar/quarto de dormir. Sussurro ao Sr. Frank. A Anne apercebe-se logo do que está a acontecer e começa a tremer. Fica branca como a cal e a Margot envolve-a rapidamente com um braço. O Sr. Frank levanta-se com celeridade e vamos lá abaixo. Para no escritório principal e avisa a Mutti para desligar o rádio e ir lá para cima. Ela olha para mim de relance, está prestes a estender os braços para me abraçar, até que vê a advertência nos meus olhos – e deixa cair a mão no seu flanco.

– Pronto? – murmura o Sr. Frank. Assinto com a cabeça, orgulhoso por ele não me ter mandado embora, não ter ido à procura do meu pai. Descemos com cautela e esperamos ao fundo das escadas, à escuta. Apercebo-me de que não temos armas, nada a não ser os nossos punhos. Ergo-os. A escuridão é total. Ficamos parados a ouvir a respiração um do outro. Não há mais nenhum som, nada.

E é então que se ouve uma porta a bater.

Pum! E mais outro – pum! Como um tiro. E o Sr. Frank sussurra:

– Vou avisá-los lá acima! – Desaparece. Fico sozinho.

Dou um passo em frente, de punhos erguidos, mas nada acontece, por isso vou atrás do Sr. Frank. O Pfeffer está no seu quarto. Aquele que divide com a Anne.

– Vá lá para cima! – digo. A frase sai-me concisa e abrupta.

– Como te atreves a falar assim comigo, seu pequeno... – Encaminho-me para ele, com o coração acelerado de medo. Seguro-o pelo colarinho. Seguro-o com demasiada força. Talvez seja por estar assustado. Talvez não.

– Há gente no armazém! Vá já lá para cima! – sibilo-lhe. Faz-me sinal com as mãos. Percebo que não se pode mexer enquanto eu não o largar. Sobe as escadas a correr. A fazer barulho. Idiota.

Vou atrás dele.

Em silêncio.

O Pai é a única pessoa que não está na sala de estar dos Franks. Um a um, subimos com cautela para a cozinha – e esperamos. À

escuta. O Pai tosse. A Margot vai buscar-lhe um remédio. É célere, silenciosa e corajosa. Esperamos. A Anne continua a tremer. Por uma vez, branca e sossegada.

– Estás bem? – sussurro.

– Quando te ouvi a subir as escadas – diz ela –, eu... eu... não sabia se... não tinha a certeza se eras tu e o Pai... Pensei que pudesse ser...

– Chiu! – sussurra a Margot. – Agora não, Anne. – Todos sabemos o que ela pensou. Que eram eles, que nos vinham buscar. O Pai tosse outra vez. Depois pede desculpa. Depois tosse. Depois fica vermelho por causa do esforço para tentar não tossir. Depois pede desculpa. E depois torna a tossir – até me apeteecer estrangulá-lo.

– Desligaste o rádio? – pergunto baixinho à Mutti. Ela assente com a cabeça, mas a Anne ouve-me.

– O rádio ainda lá está! – grita. – E se a patrulha vem cá revistar o prédio? – murmura, horrorizada. – Vai encontrar oito cadeiras em torno de um rádio ilegal sintonizado para a Grã-Bretanha... e há de...

– Anne! Chiu. Neste momento não podemos fazer nada quanto a isso – sussurra a Margot. Ergo os olhos para ela. Regra geral, é bastante sossegada, mas, agora que as coisas atingem o desespero, está calma e corajosa, e é a Anne que está a desmanchar-se.

O Sr. Frank levanta-se.

– Vou ver o que é que se passa lá em baixo. – Levanto-me com ele. O Pai também.

Esperamos para ver se o Pfeffer vem connosco, mas ele fica sentado com as mulheres. Vou buscar um martelo. O Pai veste as calças e o casaco e pega num formão. O Sr. Frank não leva nada. Descemos para a escuridão e ficamos à espera. Nada. Nem um som.

– Devem ter-se ido embora – sussurra o Pai.

Esgueiramo-nos de volta ao escritório principal e substituímos as cadeiras; escondemos o rádio e esperamos que nenhum membro da

patrulha se aperceba da entrada forçada e venha passar revista. Voltamos lá acima e esperamos.

É o que fazemos sempre.

Esperamos.

Pelo sim, pelo não, escondo o martelo debaixo da cama.

Assim que adormeço, começam os sonhos. Homens com capacetes reluzentes como insetos rastejam vindos das paredes. Durante toda a noite acordo, ponho-me à escuta, espero. Sonho.

Ao pequeno-almoço estamos todos tão cansados que mal conseguimos falar – à exceção da Anne, claro está.

– Ouviram os sinos ontem à noite? – pergunta ela. – Estive à escuta a noite inteira, mas não soaram. Onde será que estão?

– Ah, então foi isso que me transtornou tanto! – diz a Mutti, dando uma palmada na coxa.

– Ah! – exclama o Pai. – São como os filhos, esses sinos da igreja. Primeiro atormentam-nos, mas depois habituamo-nos de tal maneira que já não conseguimos viver sem eles!

Toda a gente sorri.

– Mmm, e eu a pensar que não conseguia dormir porque nos tinham entrado em casa – diz o Sr. Frank com secura, escondendo-se atrás do jornal do dia anterior.

– Sinos? Quais sinos? – pergunta a Mutti. – Nunca ouvi sinos nenhuns.

O Sr. Frank ri-se.

– Sinceramente, Auguste, todos sabemos que estás só a meter-te com ela!

– Chama-se um carrilhão – diz a Margot, de repente. – Quando há um conjunto de sinos que tocam melodias, isso chama-se carrilhão. Não é adorável? Ela para e cora.

– É lindo – digo eu. Murmuro a palavra para mim mesmo. Carrilhão.

– Bem – diz a Anne –, pararam de tocar. Porque será? – Nesse preciso momento, inventa uma história que diz que os sinos se fartaram e recusam-se a tocar para os nazis. – Só tocarão no dia em que todos os judeus forem libertados – diz ela, enchendo de novo a boca com aquilo a que presentemente chamamos comida.

– Para onde é que estás a olhar? – pergunta-me.

– Como é que fazes isso? – pergunto em resposta.

– Como é que faço o quê?

– Como é que inventas essas coisas?

Ela encolhe os ombros.

– Como é que consegues ir lá abaixo sabendo que pode lá estar um ladrão? Eu não conseguia!

– Mmm – sorri o Sr. Frank. – Graças a Deus que somos todos diferentes.

– Só que, se não fôssemos, não haveria uma guerra – diz a Mutti.

Ficamos todos em silêncio por um minuto a pensar naquilo – e depois, sabe-se lá porquê, desatamos todos a rir.

Gosto quando isso acontece.

27 de março de 1943 – Peter e Margot conversam no sótão

Porque é que tenho de aprender inglês? Será que os britânicos ou os americanos me matam se eu lhes agradecer em holandês? E para quê francês? Quer dizer, o som da língua agrada-me, gosto de dizer as palavras, mas não estou muito interessado no seu significado. Já falo holandês e alemão – não chega?

Répondez s'il vous plaît. É o que quer dizer RSVP por extenso – significa resposta se faz favor. A Margot e a Anne aprenderam estenografia. Passam bilhetes uma à outra escritos de forma abreviada, leem-nos e dão risadinhas. *É tão irritante.*

– Pelo menos aprendem alguma coisa! – diz a Sra. Frank, lançando-me um olhar tão penetrante como as suas agulhas.

– A serem mal-educadas, ao que parece! – diz a Mutti, de repente.
– Onde será que vão buscar aquilo?

Levanto-me.

– O que é que achas, Peter? – pergunta a Anne. – Incomoda-te o facto de escrevermos bilhetes? *RSVP, tout de suite!*

– Dão-me licença, por favor? – pergunto e saio.

– *Il répond, ça c'est vrai* – ri-se a Anne.

– *Oui, avec son pieds* – sorri a Margot.

Não respondo. Não sei do que falam. Se calhar os meus pés cheiram mal – *pieds* é pés, não é?

Fico parado no sótão. Obrigo-me a respirar fundo e de forma lenta e tento não me sentir zangado. Ergo os olhos para a árvore, que está cheia de rebentos. Quem me dera poder esticar-me e tocar-lhes. Quem me dera ter uma mão-cheia deles. Quem me dera estar sentado nos ramos da árvore a baloiçar as pernas ao ar, com a Liese.

Quem me dera uma série de coisas.

Mas nenhuma delas irá acontecer.

Às vezes gostava que a Anne desaparecesse numa nuvem de fumo. E depois sinto-me mal por desejar tal coisa, porque nós *estamos* a desaparecer. A toda a hora. Acabámos de ouvir que a limpeza dos judeus terá de ser feita em todos os territórios ocupados alemães. Temos de ser “limpos no Norte e Sul da Holanda” entre o dia 1 de Maio e o dia 1 de Junho.

– Quem nos vai tirar da rota vai ser o Herr Rauter! – diz o Sr. Frank em inglês. A Anne ri-se como se percebesse a piada. Talvez perceba, porque é inteligente ao ponto de conseguir salvar-se.

Mas como irão limpar-nos? Foi o que a Anne perguntou e o que eu quero saber. A limpeza faz-me pensar em formigueiros e veneno. Faz-me apetecer calçar botas e esmagar com os pés todos os nazis, como se fossem escaravelhos. Será disto que o Sr. Frank fala quando diz que eu não devia estar cheio do ódio deles? Será que isto me torna tão mau como eles?

Alcanço a parte de trás das vigas e tiro de lá um dos cigarros do Papi. Acendo-o. O fumo faz-me tossir.

– Tudo bem? – pergunta a Margot. Aparece de modo tão silencioso que eu dou um salto. Não a ouvi.

– Limpos – sussurro. Com a Margot é assim. É tão silenciosa que conseguimos continuar o raciocínio. – Estão a limpar-nos, como se fôssemos baratas.

– Para eles, nós *somos* baratas – diz ela. Mas até isso diz de modo tranquilo, como se fosse um facto assente, não uma coisa que nos devesse transtornar sobremaneira. Senta-se ao meu lado e debruça-se, inspirando o fumo.

– Queres fumar? – pergunto. – Mas assegura-te de que não travas, para não começas a tossir!

Ela abana a cabeça.

– Só queria saber como era. Detesto. Cheira mal.

Ficamos em silêncio por um bocado.

– Pelo menos os holandeses continuam do nosso lado – murmura ela. Assinto com a cabeça. Há uns dias, os membros da resistência holandesa vestiram-se de oficiais alemães e rebentaram com a agência de emprego! O melhor foi quando chegaram os bombeiros e não desligaram as mangueiras, de modo a encharcar tudo de propósito, ao mesmo tempo que extinguiam o incêndio. Portanto, todos os registos estão arruinados. Olhamos um para o outro e sorrimos.

– Não somos baratas, pois não, Margot? – Não sei porque pergunto, mas as palavras saem-me da boca.

– Não, Peter – diz ela –, mas eles tentam fazer-nos sentir como se fôssemos, e, se o conseguirem, terão vencido. – Olho especado para ela. Acho que nunca a ouvi dizer tantas palavras nem ter um discurso tão apaixonado. Ela cora. – Pelo menos é o que diz o Pai – acrescenta rapidamente, para depois virar costas.

– Peter, para onde achas que nos mandam? – pergunta ela, de repente. Não olha para mim e também não espera pela resposta antes de fazer a pergunta seguinte. – E o que é que achas que fazem connosco?

Não respondo. Lanço-lhe um olhar de relance, um olhar rápido. Os óculos dela cintilam à luz. Desvio o olhar. É como andar sobre brasas quentes, a fazer perguntas. Ergo os olhos para os rebentos na árvore. Não olho para a Margot.

– Não sei – murmuro – mas suponho que... penso que limpar significa ver-se livre de... significa matar. Acho eu.

– Mas porquê? – murmura ela.

Abano a cabeça.

– O teu pai diz que eles estão tão cheios de ódio por si mesmos que têm de se livrar disso de alguma maneira.

– Peter! – sussurra ela quase a gritar, e eu apercebo-me de que estou a queimar os dedos. Largo o cigarro. Esquecera-me de que ainda o tinha na mão.

– Rápido! – diz ela. Esmagamo-lo repetidamente até que desapareçam todas as centelhas.

– Imagina! – é tudo o que diz a Margot. E nós fazemo-lo. Ambos sabemos que, se o prédio se incendiasse, seríamos corridos dali a jatos de água como animais – ou morreríamos queimados. Ambos sabemos até que ponto estamos encurralados. Até que ponto estamos indefesos.

A Margot tenta sorrir e vira costas para sair. Não respondi à pergunta dela. A pergunta que todos estamos constantemente a fazer a nós próprios, mas que só a Anne faz em voz alta.

– Margot? – Ela ergue os olhos.

– Eu... eu não sei porquê nós – digo.

Ela abana a cabeça.

– Nem eu, mas às vezes... – detém-se.

– O que foi, Margot?

Ela para no cimo das escadas e pouisa o queixo nas mãos. Eu espero.

– Às vezes fico contente por não sermos só nós – diz ela. – Por haver outros, quero eu dizer. Por eles odiarem toda a gente que não seja exatamente como eles... oh, sei lá!

– Eu também não sei.

– Achas que isso faz de mim má? – pergunta ela. – Ficar contente por haver outras pessoas a sofrer, quero eu dizer?

Rio-me.

– Tu, Margot? Má? És a pessoa mais doce do mundo.

– Oh! – diz ela. – Eu... Tu...?

– Margot, tu não conseguias ser má, nem que te esforçasses.

– Acho que conseguia – diz ela, de modo lento e pensativo, como se fosse uma coisa que ela devesse experimentar.

Começo a rir-me.

– Não se tiveres de pensar assim tanto nisso!

De repente, ela sorri.

– Talvez tenhas razão – diz.

– Tenho, sim.

– Pois, ora bem, está na hora da minha leitura. – Desce as escadas íngremes. Observo-a. Vai devagar. Vai com cautela, para não fazer barulho. Fá-lo para se manter em segurança. Fá-lo para não se colocar a ela nem a nós em perigo. É assim que vivemos – e por vezes dá-nos vontade de gritar. Por vezes dá-me vontade de esmagar pessoas com as minhas botas.

Reduzo a pó o resto da beata que tenho debaixo do calcanhar. Esmago-a até não restar nada. Pego no pó e sopro-o. E depois viro costas e desço as escadas atrás dela.

Nessa noite, sonho que sou um pé – um pé muito grande que pisa soldados. Sinto os capacetes deles a estalar como carapaças de escaravelho debaixo das minhas botas. O chão é escorregadio e vermelho. Salto por cima de sangue – como se fossem poças. E a cada passo ergue-se uma palavra: Ódio... Ódio... Ódio... Ódio, numa baforada de fumo que se desloca e transforma, e, por mais que eu tente destruí-la, ela esquiva-se.

Acordo subitamente na escuridão. Abro bem os olhos e espero que uma nesga de luz lhes chegue.

Nada.

Oiço os sinos para me ajudar a calcular as horas de escuridão que me restam.

Desapareceram.

O mundo está silencioso.

E eu estou zangado.

Será que nos vão deixar alguma coisa, alguma coisa que seja? Será que não sou mais do que isto?

Um buraco no silêncio.

Tu sabias, meu rapaz. Tu sempre soubeste. De alguma maneira, pressentiste-o, mesmo naquela altura.

O medo.

De que eles pudessem conseguir eliminar-nos da face da Terra.

De a nossa história desaparecer com a mesma facilidade com que as nossas casas eram limpas.

Mas, ainda assim, custa a acreditar que eu em tempos tenha vivido a tua vida.

É mesmo verdade que em tempos tu foste eu?

E eu tu?

Dezembro de 1943, Hanukkah

Estou aqui há tempo demais. Por vezes tenho a sensação de que a minha vida antes disto foi um sonho. Por vezes tenho a sensação de que a ideia de um qualquer futuro só pode ser um sonho, embora eu não o diga.



Lá fora, o céu está azul e frio. Os ramos do castanheiro estão novamente despídos, a não ser lá muito em cima, do lado esquerdo, onde algumas folhas castanhas e enroladas se agarram a um ramo. Faço apostas com a Anne. Ela diz que vão aguentar-se o inverno todo e que ainda lá estarão para serem expulsas pelas folhas novas na primavera. Eu digo que o vento as vai levar antes de fevereiro.

Espero que ela tenha razão.

Estou à procura do *menorah*. Tiro-o de dentro de uma caixa. Já passou um ano desde que o fiz. Houve dias soalheiros, outros quentes, outros frios. Dias felizes, dias tristes, dias de fúria e dias de tédio.

Sacudo lentamente a poeira dos castiçais e fito os símbolos que entalhei.

Um ano inteiro.

Já tenho dezassete anos. Dezassete. Nunca fiz amor com uma rapariga – só em sonhos. Nos meus sonhos lembro-me de cada centímetro da Liese: da curva da sua cintura, do peso que imagino terem os seus seios, do toque aveludado da sua pele e da luz nos seus olhos.

Na realidade, não sei nada.

Seguro o *menorah* na mão. Pergunto-me o que terá acontecido às minhas orações. Para onde terão ido?

Desapareceram tantos de nós. Tentamos não pensar nisso, não falar nisso. Vivemos. Seguimos em frente. Agarramo-nos uns aos outros como as folhas castanhas à árvore.

Passou um ano inteiro. Nunca pensei ainda cá estar em 1944.

Fiquei no sótão a ver uma luta de cães, vi bombas a cair e incêndios a deflagrar. No Outono, vi os gansos a partir. Ouvia-os todas as manhãs, a voar sobre o sótão. Passavam a voar pelas janelas, a chamar, a voar em direção ao Sol.

Lá fora.

A Margot vinha para cá para ficarmos os dois a ver. Na maior parte das manhãs, só conseguíamos ouvi-los – mas, certo dia, certo dia voaram mesmo por cima de nós. Doze gansos que voavam em formação como uma longa asa aberta – uma linha escura que ia desaparecendo com o céu em pano de fundo.

– Parece um milagre – disse a Margot.

– O quê? – perguntei.

– Que ainda consigam fazer aquilo. Que ainda consigam voar para longe.

E parece. Percebo o que ela quer dizer. Quando se está encurralado como nós estamos, o facto de o mundo lá fora continuar é um milagre. É uma sensação estranha as flores ainda crescerem, ou a Miep poder ir lá fora e voltar. Porque o nosso mundo parou de girar. Está encravado. Há o estar vivo e há o viver. Nós estamos vivos. Talvez um dia voltemos a viver.

– Ah, viver! – diz o Papi. – Talvez um dia isso nos toque.

Ainda cá estamos todos, nós os oito. Tal como o facto de os gansos ainda voarem, também isso é um milagre.

É difícil acreditar em milagres. É mais fácil viver com as coisas do dia-a-dia, coisas que sei que podem ser feitas. Esforcei-me tanto por ter fé, mas acho que, para uma pessoa como eu, é necessário o ar da rua para que ela se mantenha.

Não posso acreditar num Deus que permite que isto aconteça. Não acreditarei num Deus que diz que os judeus são o seu povo de eleição.

Não quero causar sofrimento e não quero ser persuadido. Não posso acreditar que ser judeu é melhor ou pior do que ser outra coisa qualquer, e, se Deus faz de facto essa escolha, como poderá Ele ser melhor do que nós? Porque é isso que *e/les* fazem, não é? Só que *e/les* decidem odiar-nos mais, tal como Deus decide amar-nos mais.

Ambos estão certos, ou ambos estão errados.

E nós somos apenas pessoas – é o que estou sempre a pensar. Somos apenas pessoas, tal como todas as pessoas que passam pela porta do Anexo sem nunca olhar para cima, sem nunca saber que estamos aqui à espera que o nosso mundo comece de novo.

Não sei.

Continuo a adorar as velas. Continuo a proferir as palavras da oração. Não quero que ninguém saiba como me sinto. Não quero falar nisso.

Este ano irei pensar em cada um de nós e naquilo que nos resta.

Na Margot, que por vezes penso que poderia amar.

Na Anne e nos seus olhos que ainda conseguem cintilar.

Na Mutti: tonta e maravilhosa e irritante e bondosa.

No Papi, com as suas graçolas e o seu temperamento e a sua tentativa de me deixar ser um homem.

Irei tentar lembrar-me de todas as coisas que me esqueci ter conhecido em tempos, tal como a sensação de rir em voz alta e sem medo.

Ou das pernas a doer depois de uma grande caminhada.

Ou de escolher o que comer!

Ou do direito de detestar a escola em vez de ansiar por ela.

Por vezes, ainda agora, acordo e viro-me para o lado, à espera de ouvir a voz da Mutti a chamar do cimo das escadas para me dizer que me prepare para ir para a escola. Depois abro os olhos, vejo as paredes e lembro-me.

Que estou aqui.

Era por isso que rezaria, se acreditasse que poderia fazer diferença. Por acordar de manhã e descer a Zuider-Amstellaan a pé, a caminho do Liceu. Na minha cabeça, seria outono. Haveria folhas a flutuar nos canais. O sol brilharia. O mundo seria dourado, e um amigo gritaria: "Ó van Pels!" E eu levantaria a mão para lhe acenar.

"Encontramo-nos mais logo no Oasis!" E eu assentiria com a cabeça e continuaria a andar.

É isso! É o meu sonho. O meu sonho de um mundo lá fora onde eu possa viver cada dia como aquilo que é – apenas mais um dia.

– Peter! – Viro-me. O Papi está ali parado.

– Se não desceres com esse *menorah*, é a *ti* que a tua mutti vai pegar fogo! – Vem pôr-se à minha frente. Olhamos juntos pela janela. Não tardará a que escureça. Estamos a meio do inverno. No Anexo está sempre escuro, mas no inverno consegue ser pior – é frio e húmido. Até a Anne deixa de andar tão alegre e brincalhona.

O Papi sorri e passa os dedos pela roupa que está ali a secar. As roupas são velhas e estão gastas. A Sra. Frank dá cabo da vista a coser com esta luz, mas ainda assim os buracos crescem. Todos temos as nossas tarefas: o Sr. Frank mantém as nossas mentes em unísono e a Sra. Frank mantém as nossas roupas unidas. A Mutti mantém os nossos corpos intactos e o Papi conserta coisas e faz-nos gemer em voz alta e sorrir das suas piadas.

Ainda assim, gostava que não discutissem tanto uns com os outros.

– Lembras-te de a Anne ter pendurado os papéis todos dela para secarem? – diz ele. Assinto com a cabeça. – A Maria de Medici ao lado do Carlos V, que grande afronta para a segregação racial! – Sorrio, pois é uma das melhores piadas dele, no que às piadas diz respeito, mas todas se esgotam passados uns tempos.⁹

– Ah – diz ele, segurando entre os dedos um colete esburacado. – Olha para isto. Que lástima! A tua mãe usava coisas tão bonitas. Tão bonitas, Petel. Seda cor-de-rosa, havias de ter visto... – Vira-se de repente e olha pela janela. No silêncio, uma ave branca atravessa o céu a voar. As costas do Pai estão muito direitas. Depois ele sorri. Não consigo ver o sorriso mas consigo senti-lo. Começa a falar baixinho com os seus botões.

Não me mexo.

Fico à escuta.

– Ah, Gusti, eras tão linda. Tão linda que nem consigo dizer-te. – E depois fala em voz alta. – Camadas, Peter! Era assim que

embrulhavam as noivas naquela época. Camadas, como um presente para nós desembrulharmos. E tudo do melhor! Ela usava seda. Cor-de-rosa, como as suas jovens maçãs-do-rosto. Ainda o guarda, mesmo aqui. Ah, tão pequenino, um lencinho de seda. Sabes, na noite em que soube que a nossa casa tinha sido esvaziada, segurou-o nas mãos a noite inteira. Um pedaço de seda fininho. Ah, que loucura é esta, hã? Eu a falar com o meu próprio filho acerca da sua mãe!

Não me mexo. Não sorrio. Quero que ele continue e quero dizer: “Não sabes, Papi? Achas que eu não vos oiço à noite?”

Sobretudo na noite em que nossa casa foi esvaziada.

Vira costas à janela. Tem o colete enxovalhado nas mãos. Será que pensa que eu não vejo? A sua mágoa – a sua saudade do passado?

Bem, pelo menos o meu pai teve um passado, ponho-me a pensar. Eu não tive. Pelo menos um passado que se visse!

– Traz lá então o *menorah* – diz ele.

Depois vira-se e desaparece.

[9](#) Na verdade, isto acontece muito mais tarde no diário, mas eu usei-o aqui.

5 de janeiro de 1944 – Peter está no seu quarto, a tentar fugir de Anne

Por vezes, enerva-me a maneira como a Anne olha para mim. Lembra-me de quando andamos a medir coisas, como quando se tiram as medidas a um pedaço de madeira antes de se dar a primeira machadada. Não sei bem se gosto disso, mas talvez goste. Não sei.

Ela está no meu quarto. Tem a mão a apoiar-lhe a face e inclina a cabeça para o lado. Não sei quem está a ser hoje, mas é óbvio que está aqui para ficar. Suspiro e saio da cama (o sítio mais confortável para uma pessoa se sentar) e vou sentar-me à secretária. Tento continuar a fazer as palavras cruzadas, mas ela não para de dar saltos para fora da cama e de olhar por cima do meu ombro, dizendo-me as respostas. Escrevo-as.

– O que é que a Margot faz aqui? – pergunta ela.

– A Margot não vem para aqui, vai lá para cima para o sótão.

– Ah!

De cada vez que ergo os olhos, ela fita-me diretamente nos olhos. É estranho. Estou a ficar vesgo de tentar olhar em redor dela. Suspiro. Quem me dera que fosse a Liese que estivesse ali sentada.

A Anne está a falar. As palavras não param. Está a dar-me um sermão acerca do meu rubor. A dizer-me que um dia hei de parar, que leu um artigo sobre isso, portanto sabe. Fala-me acerca disso. Assinto com a cabeça. Não consigo falar. Não consigo ouvir propriamente as palavras. Só consigo ver o rosto da Liese. A maneira como os seus olhos se iluminavam quando pousavam em mim. Com a Liese nunca corei.

Olho com atenção para as palavras cruzadas, concentro-me, tento encontrar significados. Passado um bocado, a Anne acaba por levantar-se. Eu também me levanto, para me despedir. Será que

consegue perceber como estou desesperado por que ela se vá embora?

Caio em cima da cama. Aninho-me. Apoio a cabeça nas mãos. Mas a imagem da Liese não surge. Ao invés, não paro de ver a Anne: o seu cabelo esquisito, a sua expressão estranha. Sinto-me zangado, zangado por ela ter vindo até ao meu quarto, zangado por ser demasiado educado para lhe pedir que saia, zangado por ela se ter interposto entre mim e as recordações que tenho da Liese.

Onde estás, Liese?

Estás viva ou morta?

Já estás algures aí em cima, a olhar para mim cá em baixo?

E é então que surgem as lágrimas.

Quentes e escaldantes.

24 de janeiro de 1944 – Anne chama a atenção de toda a gente

A Anne diz que já decidiu: Ano novo, Anne nova. Hoje veio jantar com o cabelo bem preso atrás e uma estranha madeixa espetada à frente. Pelo menos ficou espetada por um bocado, até lhe cair para os olhos.

A Margot sorriu-me por cima da couve podre (não penses, mete-a na boca e engole). Não dizemos nada. Os pais dizem o suficiente.

– Quem és tu hoje, Anne? Dá uma voltinha! – diz a Mutti.

– Estás ridícula! – diz a Sra. Frank. – Eras capaz de ir para a rua nessa figura?

Faz-se silêncio, mas a Anne limita-se a rir-se.

– Era capaz de ir para a rua em qualquer figura, se pudesse sair daqui! – riposta ela.

– Anne! – exclama o Sr. Frank. A Margot baixa a cabeça e expira. A Anne afasta-se a pavonear-se. A Margot recolhe o prato da Anne.

– Pousa o prato, Margot – diz-lhe o pai. Ela fita-o por detrás dos óculos. – Senta-te – diz ele, com calma. Ela senta-se. Ele vai buscar a Anne, que torna a sentar-se em silêncio na mesa até terminarmos e depois levanta-se.

– Não há razão rigorosamente nenhuma para a tua irmã ir limpar o que sujias e os teus disparates! – oiço-o sussurrar-lhe. A Anne assente com a cabeça e engole em seco. Mantém a cabeça erguida, mas o cabelo caído dá-lhe um ar ridículo.

– Eu ajudo – digo eu, e juntos tratamos da lavagem da louça. A Margot seca. É espantoso como conseguimos ser silenciosos no lusco-fusco.

– Não precisas de ajudar, Margot – diz a Anne, mas a Margot não responde.

– Não é verdade que já toda a gente acha que és perfeita? – silva a Anne. A Margot suspira.

A Anne dá uma risadinha.

– Pensavas que o *Boche* era uma fêmea, não pensavas, Peter?

– Deixa-o em paz, Anne! – diz a Margot. Lavo mais um prato.

– Pensava, sim! Ele pensava que o gato ia ter bebês! – Coro um pouco mais.

– Não tinha verificado – digo. – Ele tinha a barriga inchada.

– Toda a gente comete erros, Anne. Até tu! – balbucia a Margot, mas a Anne ignora-a.

– Sabes distinguir se é macho ou fêmea? Sabes como se vê? – pergunta ela.

– Mmmm – respondo eu.

– Estou aqui – silva a Margot.

– Estás? – pergunta a Anne.

– Gatas! – digo eu, e depois coro.

Se fossem gatas, teriam o dorso arqueado e estariam a mostrar os dentes uma à outra. Pelo menos a Anne estaria. A Margot haveria apenas de espetar a cauda e afastar-se. Que é o que eu faço assim que terminamos.

– Venham lá abaixo comigo, se quiserem, que eu mostro-vos que é um macho – digo eu. Não me parece que elas venham, sinceramente, mas a Anne segue-me pelas escadas abaixo. Quando lá chegamos, o *Boche* não está por perto. Sento-me encostado à parede e esperamos. Não quero falar. Este é o meu canto, o meu canto sossegado. Na verdade, não sei o que fazer com a Anne aqui. Vamos embora passado pouco tempo.

Mais tarde, desço sozinho. Estou a tentar escavar um desenho numas placas antigas de cortiça. É bom porque me consome muito tempo. De cada um dos lados talhei uma cortina e uma fatia de janela. Estou a desenhar o barco convertido em casa do outro lado do canal. Bem, a talhá-lo, na verdade. É muito básico. Não tenho grande jeito para aquilo, mas gosto porque me consome tempo. Qualquer coisa que consuma tempo é bom.

A sala está tão escura que quase trabalho por tato. Oíço os passos, apesar de serem muito silenciosos. Escondo o trabalho rapidamente e pego no *Boche*. Ele geme e a Anne espreita pela porta. Tem o cabelo preso atrás, apenas com alguns caracóis de fora, e veste a velha camisa de noite andrajosa por cima da roupa. Está frio. Há dias em que vestimos quase tudo aquilo que temos – e, se tivermos sorte, os buracos antigos tapam os novos.

– Olá!

– Olá!

Ela encaminha-se para o *Boche* e estende as mãos.

– O que é que estás a fazer com ele? – pergunta. O *Boche* esquiva-se dela e eu enterro os dedos no seu pelo espesso, percorrendo-lhe a coluna com as mãos, como ele gosta. Passado um bocado, ele aninha-se. Quando ergo os olhos, a Anne está a olhar especada para mim – para as minhas mãos.

– O que foi? – pergunto. Tomara que se fosse embora. Gosto de estar sozinho no escuro, a sentir uma imagem a tomar forma. Gosto do som do *Boche* a bocejar e a fazer a ronda.

– Então, como é que sabes que é um macho? – pergunta ela, corando em seguida.

– Ah, ora bem. Está mesmo aqui.

Viro o *Boche* ao contrário e mostro-lhe.

– É um macho. Dá para ver porque não tem maminhas, tem isto.

Aponto, pois é difícil dizer a palavra.

– Oh! – diz a Anne. – E também é assim com os humanos?

– Sim – digo eu, olhando com atenção para o *Boche*, que esgaravata para se virar. – Embora sem pelos!

Começamos os dois a rir.

É óbvio que ela não sabe muito. Faz imensas perguntas, sobretudo acerca de como é possível não se engravidar. Pergunta se a Mutti e o Papi só queriam um filho. É agradável saber um bocadinho mais do que ela, para variar.

O *Boche* começa a dar-me pancadinhas na mão com a pata. Quer brincar. Escondo um feijão na mão.

– Peter? As mulheres são diferentes dos homens, não são? – pergunta, de rajada.

– Sim – sorrio. Ponho-me a pensar no que a Anne quererá saber. Quando ela quer saber alguma coisa, não há nada que a detenha, nem mesmo o facto de estar obviamente constrangida.

Mas depois ela diz:

– Bem, eu sei que *geschlechtsteil* quer dizer órgão sexual, e sei o nome que se dá ao da mulher, mas como se chama o do homem?

Fico tão chocado que não digo nada por um instante.

Fico chocado com a palavra.

Fico chocado por ela estar a perguntar-me.

Fico chocado por estar a falar de rapazes com uma rapariga.

– Sabes tudo de grego, mas nada acerca disto? – pergunto eu.

– Bem – diz ela, sorrindo –, os livros não nos ensinam tudo.

Não sei o que dizer. Não quero meter-me em sarilhos. Que irá o Sr. Frank pensar de mim, a falar da palavra pénis com a filha dele? Deveria eu estar a ter esta conversa?

– Vou perguntar aos meus pais – digo, de rompante. – Afinal de contas, eles é que têm experiência nestes assuntos!

Ela assente com a cabeça de modo sério, sem perceber que era uma piada. Graças a Deus. Não quero que o Sr. Frank pense que estou a corromper-lhe a filha. Se bem que mais pareça que ela é que está a corromper-me a mim.

Pego na chave e dirijo-me para as escadas.

– *Podes* perguntar aos teus pais? – pergunta.

– Mmm – murmuro.

– É que eu ouvi a tua mãe dizer que nunca falava destas coisas contigo.

– Ouviste isso?

– Oiço muita coisa – diz ela.

– Bem – respiro fundo –, talvez a Mutti simplesmente não quisesse ouvir o filho a dizer-lhe que era uma namorada gorda que já devia saber que não devia estar a dizer-lhe essas coisas!

Faço-lhe um grande sorriso e subo as escadas a correr.

1 de fevereiro de 1944 – Peter vislumbra o diário

A Anne está sentada à mesa da cozinha, a escrevinhar. Por um momento, acho que poderei ter um vislumbre do famoso diário que ela diz sempre que está a escrever, mas o que ela está a fazer é a escrever o seu nome vezes sem conta. A assiná-lo, como se estivesse a treinar para quando fosse famosa. Depois para e suspira. Um suspiro profundo, que vem direto das entranhas.

– Achas que alguma vez alguém saberá de nós? – pergunta ela, mas baixinho, porque há sempre alguém por perto que pode ouvir. E se os nossos pais nos ouvem a fazer uma pergunta, saltam-lhe para cima como um gato atrás de um rato e desfazem-na em pedaços até não nos restar nada em que *queiramos* sequer pensar. Sento-me ao lado dela.

– Não sei – respondo eu. – A que é que te referes? A nós aqui ou à raça inteira?

– Ah, não! – diz ela, quase a sorrir. – Só a nós aqui no Anexo. Pensar em qualquer das outras coisas é demasiado deprimente. – Ela está a sussurrar. Nunca tinha reparado que o sussurro era íntimo.

– Não é para sempre – digo eu. – Esperemos.

– Não? – pergunta ela, com um ar triste. Triste e magro e cansado e jovem. E as olheiras debaixo dos seus olhos estão mais escuras. Despenteio-lhe o cabelo. Não sei porquê, mas sinto que ela precisa de consolo. Ela sorri-me.

Olho para o caderno e ela fecha-o rapidamente. Ah, deve ser o seu diário! Desvio o olhar.

– Por vezes – digo – olho para uma coisa que fiz e pergunto-me se ainda cá estará depois de eu ter ido embora.

Não sei se é a isso que ela se refere, mas é o melhor que consigo.

– Isso é diferente – sussurra ela.

– Diferente de quê?

– De palavras e histórias e ideias. – Reparo que as nossas cabeças estão quase a tocar-se. Estico-me para o diário, afago-o. Ela não me impede.

– Mas isto não deixa de ser uma coisa, pois não? – pergunto. – Quer dizer, estas palavras irão continuar aqui, não é verdade? Mesmo se nós... se nós não continuarmos? – consigo dizer.

Ela fita-me, e aquele olhar sabe bem. Dá a sensação de que a surpreendi.

– Eles queimaram livros – sussurra ela. – Queimaram-nos, em pilhas. Montes deles.

Assenti com a cabeça.

– Eu sei, Anne. Mas é como diz o teu pai: eles não podem queimar ideias. Pelo menos não todas. – Ela assente de novo. E depois levanta a cabeça e fita-me.

– Porque é que não falas mais, Peter? – pergunta ela. Sorrio. Será que vai chegar o dia em que *não* exista uma pergunta dentro da Anne Frank?

– Bem, vê lá o que acontece quando falo. Fico entaramelado e coro, ou então falo com raiva. Seja como for, na maior parte das vezes, o meu desejo era ainda ter dois anos de idade e poder dar um murro a alguém em vez de falar!

– Como o Pfeffer? – pergunta ela.

Assinto com a cabeça. Ele irrita-me.

– Eu falo *demais!* – diz ela. E, por não haver muito mais para fazer, e por sentir que ela quer que o faça, tento falar. Falo como se estivesse a fazer festas ao *Mouschi*, a acalmá-lo. Falo acerca de nada. Falo porque os olhos da Anne me fazem lembrar de como me senti quando aqui cheguei, sozinho e assustado e incapaz de pensar fosse no que fosse. Ela aconchega-se no sofá e olha para mim de modo contemplativo, o que de algum modo facilita as coisas, porque na verdade não importa o que eu digo, pois não? O mais provável é

que a Anne o transforme noutra coisa qualquer. Uma coisa que lhe dê mais jeito!

3 de fevereiro de 1944 – Peter não consegue encontrar palavras

Quem me dera ter palavras como a Anne e a Margot. Quem me dera saber escrever em vez de desenhar. Quem me dera conseguir descrever a sensação de estar aqui preso. Em tempos, uma professora falou-nos da tortura. Disse que não é só a dor que magoa, é o saber. Saber que a dor vai acontecer. Aqui dentro é assim. Todos sabemos, mas temos de fingir que não, caso contrário, de que é que serve? Para quê continuar se vamos morrer na mesma?

Será que vamos sobreviver?

A pergunta atormenta-nos. Corrói-nos por dentro. É como um arranhar de paredes à noite. Dá vontade de saltar da cama para ir à procura do responsável. Dá vontade de matar o rato ou a ratazana que está a fazer o barulho. Mas também dá vontade de ficarmos a dormir, quentinhos e aninhados na cama.

A fingir que não está lá.

Mas os nossos pais não conseguem parar de se preocupar com a ratazana, de pegar nela e de a abanar entre os dentes. Quando virá a invasão? Porque é que os britânicos não se despacham? Serão os britânicos ou os americanos? Faz-nos diferença? Não! E se a comida se esgotar? Os alemães serão fortes até que ponto? Por quanto tempo irão resistir os holandeses? Quanto valem oito judeus? Todos os dias, as mesmas perguntas, as mesmas discussões.

De modo interminável.

Parece mesmo que pode estar a acabar. Toda a gente pensa que o fim chegará em breve. Toda a gente está entusiasmada. Toda a gente está assustada.

Acho que, quando nos formos embora, vai ser um alívio para todo o pessoal do escritório.

E um alívio para mim não ter de continuar a ver o Pfeffer com bichos-carpinteiros. Levanta-se. Senta-se. Levanta-se. Senta-se. Limpa o nariz e esfrega o queixo. Quando o vejo a fazer isso, só me apetece decepar-lhe os dedos. Levanto-me da mesa, apesar de estar com fome. Estou sempre com fome. Só o Pfeffer me conseguia fazer afastar da comida.

– Peter! Senta-te!

– Peço licença. Não estou com fome.

– Não sejas malcriado!

Sento-me. Não sou eu que sou malcriado. Não sou eu que estou a meter o dedo no nariz à mesa. Olho para baixo para deixar de o ver.

– Não suporto amuos de crianças – diz ele. Suspiro. A Margot lança-me um olhar de pura piedade. A Anne parece aliviada por não ser ela em sarilhos, para variar.

Penso no meu amigo Hans. Há séculos que não pensava nele. Quem me dera que ele aqui estivesse. Porque é que os Franks haviam de ter só raparigas? Se a Margot fosse rapaz, podíamos jogar à apanhada no sótão. O Hans haveria de perceber ao que me refiro em relação ao Pfeffer. Quem me dera que fosse ele que estivesse sentado à minha frente, em vez de ser a Margot. Ponho-me a pensar onde estará ele agora. Não penso nada. Não penso nada. Antigamente brincávamos com o facto de ambos termos um ar tão alemão que até poderíamos entrar para a Juventude Hitleriana. Se calhar ele é espião. Se eu saísse daqui, será que poderia ser espião?

Podia ser.

A ideia enche-me de entusiasmo.

Podia levantar-me neste preciso momento e descer as escadas a caminho da rua.

O que haveria de acontecer? Se calhar, nada.

– Dão-me licença que me levante da mesa?

– Sim – diz a Mutti rapidamente, antes que mais alguém possa dizer alguma coisa. A Sra. Frank bufa em desaprovação. Vou para o meu quarto. Ainda os oiço a todos, claro está. Estão mesmo na porta ao lado. Deito-me na cama e finjo que sou espião. Infilto-me nos serviços secretos nazis e mando a agência de trabalho pelos ares.

É uma boa sensação.

Até ter de me levantar e começar a fazer os trabalhos de casa de Francês e Inglês.

Em francês, não se diz amo-te, diz-se: *Je t'adore*.

Inglês: *I love you*.

Italiano: *Te amo*.

Alemão: *Ich liebe dich*.

Holandês: *Ik hou van jou*.

É provável que a Anne e a Margot também saibam como se diz em latim e em grego, e que ainda o saibam estenografar! Bem, boa sorte para elas. Com que frequência é que uma pessoa se apaixona por um antigo romano ou um deus grego?

Se alguma vez sair daqui, vou fazer amor em tantas línguas – com uma rapariga de cada nação (à exceção da Alemanha). Ou, se encontrar a Liese, vou fazer amor com uma rapariga só mas em todas as línguas.

Tenho uma lista de coisas a fazer se alguma vez sair daqui.

Vou ganhar dinheiro.

Vou comer o que me apetecer.

Vestir roupas diferentes todos os dias.

Comprar um chapéu de feltro.

Não vou ser judeu, nem cristão, nem nada. Vou ser apenas um homem.

Vou construir mobílias. Vou nadar no mar. Vou ter gatos. Vou viver. Nunca mais vou ver o Pfeffer nem os Franks. Mas, neste preciso

momento, tenho de estudar Inglês Comercial. É tão aborrecido. Expedições. Capacidades de carga. Eis a minha carta.

Exmo. Sr./Sra.,

Tenho o prazer de informar que temos necessidade de um carregamento de medicamentos profiláticos, tal como requerido. Estes destinam-se aos vossos judeus recém-libertados.

Como deverão ter conhecimento, há muitos anos que estão em cativeiro. E creio que a necessidade seja muito elevada. É favor proceder à expedição da referida quantidade.

Com os melhores cumprimentos,
Peter van Pels

Tenho de sublinhar as expressões comerciais relevantes. Não dei esta carta ao Sr. Frank para rever, embora esteja muito boa para mim! Talvez a mostre à Margot, talvez não.

Às vezes gosto de a ver corar.

13 de fevereiro de 1944 – Peter discute com o Dr. Pfeffer

O Pfeffer está a dar comigo em doido. Não consegue estar quieto. Devíamos ter esclarecido as coisas: Por favor, não venha viver num espaço tão pequeno se for incapaz de estar sossegado. Estamos a tentar ouvir rádio e ele está sempre a levantar-se e a mexer na antena, a fingir que melhora a receção, até que eu não aguento mais.

– Por favor, não pode parar? – queixo-me.

– Eu é que sei avaliar quando devo parar! – diz ele.

– Não parece saber! – As palavras saíram sem eu dar por isso.

Coro.

– Sim, Fritz, senta-te e deixa-nos ouvir em paz! – diz o Pai. A Mutti lança-lhe um olhar de aprovação. Eu olho para o chão.

14 de fevereiro de 1944 – Anne e Peter estão juntos no sótão

Estou deitado num retalho de luz do sol no sótão. Está frio; há frio e poeira à minha volta. À minha esquerda está roupa a secar. Por vezes, troco a roupa de sítio, só por piada. Ponho as cuecas grandes da Mutti ao lado das ceroulas do Sr. Frank. Isso faz-me sorrir. A Mutti fica tão irritada quando a roupa lavada se mistura.

Concentro-me no sol na minha cara. Tento esquecer-me de que não estamos propriamente no verão. Finjo que ainda vivemos na Zuider-Amstelaan, perto de Merwedeplein, e que estou numa excursão de um dia à praia. Consigo ouvir as ondas ao meu lado; sentir a areia debaixo de mim. Em meu redor há céu aberto e ar livre. Em breve, vou sentar-me e faremos um piquenique, e, quando eu voltar, vamos todos ao Oasis, a geladaria onde todos os miúdos como nós costumávamos ir. A Anne estava sempre lá; podia ter comprado gelados para cada dia do ano! Toda a gente a adorava. Outras vezes estou na praia em Zaandvoort e outra ainda estou apenas a flutuar no mar.

Com leveza.

A Anne e a Margot às vezes fingem que estão no terraço em Merwedeplein. A Anne diz que está com a avó. A Margot, como sempre, não diz nada, mas pensa imenso. Por vezes olho para elas as duas, com as cabeças tão próximas que os cabelos até se emaranham um no outro. Mas hoje sou só eu.

– Peter?

Não reparei na Anne, ao canto, a vasculhar uma caixa de livros.

Ela é tão silenciosa que eu não ouvi nada. A Anne já não é tão desajeitada como era. Tempos houve em que não conseguia atravessar uma divisão sem embater em alguma coisa ou deitá-la abaixo.

– Mmm? – digo eu.

Abro os olhos. Só um bocadinho. Sobre mim, o castanheiro está dourado por causa da luz. O sol é uma auréola em torno dos seus ramos castanhos. No outono, as folhas são douradas como moedas. Ou castanhas – e por vezes, mas com pouca frequência, há uma folha vermelha. Caem da árvore em cachos.

– Quem me dera conseguir fazer aquilo – sussurro.

– O quê? – pergunta a Anne.

– Flutuar para longe, como as folhas.

Sinto a cabeça dela chegar ao chão ao lado da minha. Ela tem de a pôr ali. O retalho de luz do sol é pequeno demais.

– Mas depois morrem todas, tolinho! – diz ela. Fecho os olhos. Não respondo. A luz do sol é tão gloriosa depois do inverno. Maravilhosa. Ficamos ali deitados – é agradável. Quem me dera poder flutuar assim ao sol. Como as folhas. Mas não podemos – e ainda só estamos em fevereiro, portanto, mesmo com o calor do corpo um do outro, está demasiado frio para estarmos muito tempo deitados. Sentamo-nos.

– Às vezes odeio o Pfeffer – oiço-me a dizer. Ela sorri-me.

– Ele não é assim tão mau, é só irritante – diz ela, a sorrir.

– Ontem, a minha intenção não era ser assim tão malcriado, só que... às vezes saem-me as palavras erradas e eu só...

– Eu sei.

– Não sabes. Nunca te falta o que dizer.

– E é por isso que às vezes falo demais.

– Tenho alturas em que só me apetece dar-lhe um murro! Porque é que não lhe dizes, Anne? Pelo menos ele podia dar-te ouvidos. – Mas a Anne limita-se a rir.

– Peter – começa ela –, achas mesmo que... – Mas eu não quero mais perguntas. Estou farto delas. Quero apenas um momento sem elas. Só quero o céu e a árvore e o toque do sol na minha cara. Por isso levo a mão aos lábios dela e toco-lhe na boca com a ponta do dedo. Ela arregala os olhos. Tem os lábios macios, mas secos – a

lascar debaixo dos meus dedos. Os seus olhos ficam muito quietos. Retiro o dedo e ela sorri.

E, por uma vez, não diz uma única palavra.

Olhamos para o retalho de luz do sol a subir pela parede e desaparecer. Ela deita a cabeça no meu ombro. E eu ponho o braço à volta dela. Está magra, esquelética. Ficamos sentados juntos por um bocado.

E é agradável.

Não é bom recordar coisas destas aqui no campo. Chegamos a ser cinco num beliche. Mas não há calor humano. Estamos sozinhos. Cada um de nós está sozinho. Cada um de nós numa luta contra a sorte para durar mais uma hora. Mais um dia. Mais uma noite. Mais uma vida. Fazemo-lo apoiando-nos nos outros. Fazemo-lo mantendo-nos juntos. Mas, no fim de contas, cada homem fá-lo sozinho.

Que mais se pode fazer quando a morte espreita?

16 de fevereiro de 1944 – O aniversário de Margot

Logo pela manhã vou dar a prenda à Margot. É uma cunha de porta. A ideia é ser uma piada. Na verdade, nunca precisamos de ter as portas abertas, precisamos é de mais tempo com elas fechadas. Ela fecha os olhos e sorri.

– Obrigada, Peter!

– De nada. Espero que... bem, quero dizer...

– Que um dia eu vá precisar dela? – diz ela, com candura.

– Sim! – Respondo, com alívio. A Margot parece sempre perceber o que quero dizer.

A Anne tem andado a entrar e sair do meu quarto o dia todo, por precisar de ir lá acima ao sótão. Primeiro é para ir buscar café e depois para ir buscar batatas.

– Estou a estragar a Margot com mimos! – diz ela. – Que mais lhe posso dar a não ser o meu trabalho? – Levanto-me rapidamente e afasto os meus papéis dos degraus do sótão. Escondo os desenhos. Demorei algum tempo a perceber, mas agora tenho a certeza. A Anne decidiu apaixonar-se por mim. Foi a Margot que me deu a dica.

– A Anne está sempre a vir ao meu quarto – disse-lhe eu.

– Oh! – disse a Margot. – Provavelmente está a armar-se na Deanna Durbin num carro desportivo com a esperança desesperada de que mais nenhum homem se apaixone por ela! – E levou a mão à boca. – Isto não foi simpático – disse ela. – Desculpa.

– Não – respondo-lhe. – Isso explica tudo. – E explica. Pobre Anne, sentada num quarto acanhado com o Peter van Pels e desejando ser uma estrela de cinema!

Não tenho ilusões. Se não estivéssemos encalhados no Anexo, a Anne Frank não olharia para mim duas vezes. Lembro-me de quando ela fez onze anos. Eu tinha treze. Dei-lhe um chocolate e, no momento em que me agradecia, já estava a olhar por cima do meu

ombro para ver quem entrava pela porta. Não sei o que fazer acerca disso.

Aqueles momentos no sótão foram agradáveis, o estarmos abraçados... E é agradável ter alguém com quem conversar. Mas... só há um problema. Eu. Não estou certo de querer ser o amor substituto da Anne Frank!

– Queres que feche o alçapão? – pergunta ela, ao subir os degraus.

Abano a cabeça.

– Eu fecho. Quando quiseres descer, bate.

Acho que ela tem esperanças de que eu me ofereça para ir lá acima com ela, mas eu não posso.

Não sei o que fazer.

Ela demora uns bons dez minutos no sótão. Deve estar enregelada.

Estará à espera que eu vá lá acima?

Não sei.

Sento-me e fico a aguardar que ela desça.

– Oh! – diz ela, de modo jovial. – Demorei séculos. Não consegui encontrar das pequenas. – Tiro-lhe o tacho das mãos. As batatas são todas do tamanho de ovos. São minúsculas! Sorrio para ela. Está a tremer. Não sei o que dizer.

– A mim parecem-me todas ótimas – consigo dizer, mas para o olhar de esperança que ela tem nos olhos não arranjo palavras nenhuma.

Quem me dera poder dizer: “Está tudo bem. Não te preocupes. Sei o que é querer ter alguém para amar. Sei o que é ansiar por isso.” Mas não digo nada. Limito-me a olhar para ela, até que se vai embora.

Quando regressa, eu não aguento. Tento detê-la. Ofereço-me para subir ao sótão e trazer-lhe as batatas. Discutimos. Ela vence. Deixo-a ir. Sento-me à secretária e deito a cabeça nas mãos. Olho para os degraus íngremes, sabendo que ela está lá em cima à espera.

Não vou subir. Não posso. Não quero.

– Posso ver o teu trabalho? – pergunta ela, quando desce, por fim. Atira o cabelo para trás, inclina a cabeça de lado e lança-me um sorriso cinematográfico. Sorrio em resposta. Ela senta-se na cama. Eu fico à secretária.

Falo. Falo com ela acerca de nada: acerca de como eram as coisas em casa, do jardim, da comida da Mutti. É estranho. Ela puxa por mim para falar. As palavras crescem. Falo da guerra, até lhe digo que acho que a Rússia e a Inglaterra vão acabar por ser inimigas um dia – terá de ser, são países tão diferentes.

– E quanto a nós, os judeus, toda a gente pensa que somos diferentes, e somos – diz ela.

As palavras saem-me sem pensar.

– Mas não temos de ser.

– Como assim? – Ela parece tão horrorizada que eu torno a corar. Digo-lhe que não tenho emenda, que não sei usar as palavras, mas depois acabo por tentar de novo.

– Mas podíamos ser qualquer coisa, não podíamos? Quer dizer, eu podia ter nascido cristão – digo eu.

– E querias? – pergunta ela.

– Não! Não é isso. Não é isso que quero dizer. A questão é mais... bem, porque é que havemos de ser o que quer que seja?

Ela está com um ar horrorizado.

– Nesse caso, qual seria o nosso lugar? – pergunta. – Pelo que é que lutamos, se somos todos iguais?

– Não seríamos todos iguais! Nós os dois somos judeus e não somos iguais, pois não? Seja como for, não me parece importante que alguém saiba se eu sou judeu ou não, pelo menos não depois da guerra.

– Mas porque é que haverias de mentir? – grita ela.

– Não é mentir, é... – mas não é como pensar para com os meus botões, nem falar com o *Mouschi*. Não consigo explicar. Esgotam-se-me as palavras.

– Ora, os judeus serão sempre o povo *eleito* – digo eu, zangado.

– Bem, seria agradável que por uma vez fôssemos eleitos para uma coisa boa!

Ela ri-se e o momento acaba. Continua a falar, e é bom ouvir a sua voz. É como ouvir o mar a sussurrar sobre a areia em Zandvoort.

– Estás com medo, Peter? – pergunta ela, de súbito. Penso nisso. Estarei? Estarei com medo? Às vezes estou. Tive medo na altura da entrada forçada. Mas, na maioria das situações, não tenho medo. Não disse. Tenho mais medo de nunca vir a perceber como é que isto aconteceu – ou porquê. Tenho sobretudo medo de mim. Das ideias que tenho e de não saber o que fazer com elas. E é isso que respondo.

Mas que sei eu?

Tinha razão em estar com medo. Tinha razão. Todos devíamos rezear o facto de nos conhecermos bem.

Os amantes sabem; aprendem da maneira mais fácil. Quanto a nós, aprendemos da maneira mais difícil – ficámos a saber que os nossos corpos são mais fortes do que as nossas mentes. Que os nossos corpos lutarão até à morte pela vida que têm dentro deles, pensemos nós o que quisermos acerca de nós próprios.

17 de fevereiro de 1944 – Anne está no quarto dos van Pels e clarifica os seus sentimentos

A Anne agora anda sempre nos nossos quartos. Consigo ouvi-la na porta ao lado, a ler para a Mutti. Consigo ouvir-lhe o zumbido da voz, mas não as palavras. Gosto do som da sua voz enquanto lê.

– Impressionante! – diz a Mutti, quando ela termina. – E foste mesmo tu que pensaste nisso tudo? Ou foi um sonho que tiveste?

– Bem – diz a Anne – sabe, é a isto que se chama personificação. Nas histórias gregas, transformam as árvores e os rios e as coisas todas em deuses, mas eu acabei de os transformar em ideias! Portanto, no “Sonho de Eva”, a rosa é a arrogância e a campainha é a modéstia!

– E que fizeste tu connosco, Menina Descarada? – pergunta a Mutti. A Anne começa de novo a ler. Desta vez, a Mutti dá gargalhadas sonoras e a Anne faz uma pausa e dá risadinhas. O que será que se passa? – Então, nesta história, nós, os van Pels somos os estômagos e os Franks são os cérebros! – diz a Mutti.

– Oh! – diz a Anne. – Não pretendia que... – Entro no quarto.

– Gosto de te ouvir ler – digo.

Desta vez é ela que cora.

– Espera! – diz ela, correndo depois escada abaixo. A Mutti levanta-me o sobrolho. A Anne demora um segundo a voltar cá acima. Vamos para o meu quarto.

– Ouve isto! – Ela começa a ler.¹⁰ Lê as palavras com tanta candura e clareza que, de alguma maneira, consigo perceber que são palavras dela. Que é ela a fazer a história acontecer. Deito a cabeça na secretária e escuto. Ela fala de uma rapariga, uma rapariga como ela que está sentada num banco de jardim. Passa por lá um rapaz. Sinto o rosto a ruborescer-me lentamente debaixo dos braços. Ainda bem que tenho a cabeça escondida. O rapaz tem dezassete anos. O

rapaz e a rapariga começam a falar, as palavras a tinem-me na cabeça:

– Tenho aspeto de alguém com quem as pessoas têm receio de falar? – pergunta a rapariga.

– Bem, não agora que te vejo melhor! – responde o rapaz.

Escreve sobre nós. O rapaz da história sou eu – ou, pelo menos, penso que sim. Ela continua a ler. Atos, palavras, coisas que eu disse – coisas que ela disse, coisas que fizemos. Está tudo baralhado, tudo misturado e transformado nas palavras que ela está a ler. Não sei o que fazer, nem o que dizer. Mantenho a cabeça deitada. Continuo a ouvir. O rapaz e rapariga falam de Deus. As perguntas, as dúvidas, são minhas. As respostas e a convicção são da Anne. Está lá tudo escrito. Graças a Deus que não lhe falei das minhas verdadeiras dúvidas. Acerca de Deus propriamente dito.

– Peter? – chama ela, e eu apercebo-me de que parou de ler, de que está à espera de que eu diga qualquer coisa. Levanto a cabeça. Que posso eu dizer? Posso dizer-lhe a verdade? Que me sinto roubado?

– Talvez Deus também seja uma personificação – sugiro, mas ela não está a ouvir. Tem os olhos arregalados e brilhantes, à espera de algo mais. Fitamo-nos um ao outro. Não temos mais para onde olhar. Não sei o que ela quer, nem o que dizer, a não ser: “Quem me dera que não tivesses feito isso. Quem me dera que não me tivesses colocado numa história e me fizesses sentir que já nada do que digo está em segurança contigo.” Não posso dizer isso, não quando ela olha para mim com tanta esperança nos olhos, à espera que eu lhe diga que aquilo é muito bom.

A Mutti aparece à soleira da porta.

– Tantas ideias! – diz ela. – Até me espanta que o cabelo não te caia! Não admira que seja tão encaracolado! – Olho para ela agradecido e ela pisca-me o olho.

– Só queria que percebesse – diz a Anne, sem que os seus olhos abandonem os meus – que eu não escrevo apenas para ter graça. Também consigo ser séria!

Assinto com a cabeça. Mas não gosto da sensação que tive, a de que qualquer pessoa poderia folhear uma página e tirar-me de lá. De que qualquer pessoa poderia saber o que ela pensa de mim sem ter a mínima noção do que realmente penso. Não posso dizer nada. A Anne não repara, ou repara? Não tenho a certeza. Só sei que ela sorri e sai.

O que é um alívio.

10 Na verdade, Peter lê a história para si mesmo.

23 de fevereiro de 1944 – Anne e Peter passam tempo juntos

O sol brilha. Todas as manhãs subo as escadas do sótão e vou lá sentar-me. Na maior parte das manhãs, a Anne também vem. Sentamo-nos num retalho de luz do sol. É assim que mais gosto. Em sossego. Em silêncio. Simplesmente a desfrutar do que aqui está. Se calhar, se não tivesse ficado enalhado no Anexo, nunca teria percebido como uma árvore, uma só árvore, pode ser maravilhosa. Ou um retalho de luz de sol. Ou o brilho das gotas da chuva num galho. Mas isso não altera o facto de, quando eu sair daqui, ir pintar paisagens completas, mares vastos e horizontes sem fim!

Espreguiço-me, levanto-me e começo a rachar lenha para o fogão. A Anne vai atrás de mim. Penso: oh não! Vai começar a falar outra vez. Mas não começa. Fica sossegada a ver-me rachar a lenha – tão sossegada que, passado um bocado, esqueço-me de que ela ali está.

Adoro rachar lenha. Adoro a concentração. Gosto de observar os veios, decidir onde bater, fazer cálculos com os olhos e dar-lhe uma machadada certa. Em cheio, ou de lado, como for melhor para partir de imediato o tronco. Gosto do balanço do machado. Às vezes, quando estou sozinho, imagino que estou a talhar os nossos inimigos em bocadinhos pequeninos. Sabe bem. Suspiro. Depois de terminar, ergo os olhos e sorrio, lembrando-me de que ela ali está.

– Às vezes – digo – imagino que estou numa floresta, à porta de uma cabana, a rachar lenha.

Ela sorri e ambos olhamos pela janela, vendo toda a cidade até ao mar. O ar está limpo e fresco. Imagino-o no meu rosto. Suspiro e fecho os olhos por um instante.

– Que maravilha! – digo baixinho. A Anne assente com a cabeça. Fico surpreendido. Surpreendido por ela conseguir falar sem palavras.

E sentir-se satisfeita.

26 de fevereiro de 1944 – O Sr. Frank está preocupado

– Oh, mas o dia está tão bonito! *Por favor*, Papá! – diz a Anne.

– Não, Anne. – A voz dele é meiga, mas, se eu fosse a Anne, não me daria ao trabalho de contestar. Ele está a falar a sério. Ela faz beicinho e semicerra os olhos.

– Por favor? – pede de novo.

Ele sorri.

– Não – responde.

– Porquê? – silva ela.

– Porque, embora o sol brilhe, embora não nos apeteça, o trabalho tem de ser feito.

– Mas faço-o todos os dias. Até aqui, apesar de provavelmente não valer a pena! – diz ela.

– *Anne!* – silva a mãe dela, mas o Sr. Frank prossegue, de modo tranquilo.

– Sobretudo nessa altura. Sobretudo quando não vale a pena, porque é aí que precisamos de ter algo a que nos agarrarmos – diz ele. – Portanto, vai lá. Senta-te e faz o teu trabalho.

A Anne dá um grande suspiro, vira-se e desce pesadamente as escadas até ao seu quarto. Não vê os pais a sorrirem um ao outro.

– Tenho de ver se consigo fazer com que as nossas roupas se aguentem mais um bocadinho – diz a Sra. Frank. O Sr. Frank dá-lhe uma palmadinha no ombro. – Que seria de nós sem ti, Edith? – murmura ele. E ela sorri. Percebo o quanto o elogio dele significa para ela. Acho que deve ser agradável ter alguém que tenha aqueles sentimentos por nós. Que ache que as nossas ideias têm importância.

Vou para o meu quarto. Quero desenhar o Sr. Frank. Há muito tempo que o quero fazer, mas, não sei porquê, não tenho coragem. Não sei bem se consigo apanhá-lo bem. Acho que, se me deitar na

cama por um momento a imaginá-lo, talvez me ocorra – a maneira correta de lhe desenhar a cara.

– Peter?

Abro os olhos e ele está ali. Sento-me rapidamente. Consigo perceber que ele não me tem em grande consideração por estar a preguiçar durante o dia.

– Sim? – respondo. – Estava só...

– Peço desculpa por estar a incomodar-te. Importas-te que tenhamos uma conversa? – Abano a cabeça. Reparo que ele fechou a porta. Reparo que está tudo calmo lá fora. Reparo que ninguém pode ouvir-nos. Fico a pensar acerca do que tratará a conversa.

Não fico, não.

Sei do que se trata.

– A Anne – diz ele. Assinto com a cabeça. O rosto dele é meigo. Os seus olhos são escuros e curiosos como os da Anne.

– Encontramo-nos numa situação difícil, não te parece, Peter? – começa ele, e depois espera. Não digo nada. Não sei o que dizer.

– A Anne é muito nova – diz ele, passado um bocado – e muito determinada! – Isso faz-me sorrir. Ele sorri em resposta.

– Eu nunca... – começo, mas ele levanta a mão.

– Não estou aqui para acusar nenhum dos dois – diz ele, com calma. – Estou aqui para falar, para pensar. – Assinto de novo com a cabeça. – Suponho – continua ele – que o problema é vocês, jovens, terem tão poucas alternativas entre estas paredes. – Torno a assentir com a cabeça. Não há muito mais que eu *possa* fazer.

– Mas não é só a Anne que cá está, Peter. É que também há a Margot, e ela... – ele suspira – bem, digamos que ela nunca faria um esforço tão grande como a Anne para chamar a atenção.

Assinto mais uma vez com a cabeça.

– Há duas raparigas e tu és só um.

Sorriso e coro.

– Portanto, o que é que vais fazer?

Não tenho a certeza se ele está mesmo a fazer-me a pergunta ou se está a falar sozinho.

– Não sei – respondo.

– Bem, talvez devamos pensar nisso?

– Eu... Sr. Frank... Acho que a Margot me vê mais como um irmão.

– Mmm, se sabes o que a Margot pensa, Peter, então sabes muito mais do que todos nós.

Durante um momento, não dizemos nada. Pergunto-me se deveria referir o facto de a Anne estar desesperada por saber mais acerca do corpo masculino, ou de como é maravilhoso estarmos os dois sentados num retalho de luz do sol. Pergunto-me se o Sr. Frank alguma vez se sentiu preocupado por achar que poderia nunca vir a fazer amor com uma rapariga. Pergunto-me como é que todos eles acham tão fácil colocar estas coisas por palavras. Só a ideia de tentar faz-me começar a corar e a gaguejar. Portanto não digo rigorosamente nada.

– E a Anne? – pergunta ele.

– A Anne quer ser adorada! – digo, de rompante. – E só estou cá eu.

Ele ri-se.

– Ah, já sei. Fora daqui, a Anne nem sequer daria por mim – digo eu.

– Peter, não tens vaidade nenhuma; uma qualidade maravilhosa numa pessoa!

– Obrigado! – Agora estou *mesmo* a corar.

– Sr. Frank?

– Sim?

– Obrigado por nos esconder. – As palavras saem num tom muito formal. – Eu nunca faria nada... que o fizesse arrepender-se.

Ele dá-me uma palmadinha no ombro.

– Sei que não o farias *com intenção*, Peter, mas também sei que, na tua idade, o nosso corpo pode ser mais forte do que as nossas

intenções. A Anne tem apenas catorze anos, embora ela própria sempre tenha achado que é mais velha do que é. E, Peter, ela nem sempre é simpática.

– Eu... não...

– Bem, receio que ela possa ser incapaz de resistir a vangloriar-se da sua conquista à Margot. E elas têm perdido tanta coisa, as duas. Para a Margot, ter de lidar também com isso... bem...

– É complicado – digo, e é. Tenho a cabeça a andar à roda.

– Sim – concorda ele.

– Acho que é melhor vocês os três serem amigos – diz ele, por fim. Assinto com a cabeça.

– Estou a tentar pensar também em ti, Peter.

Assinto de novo com a cabeça.

– Sr. Frank?

– Sim?

– Vai continuar a ser judeu depois da guerra? – Ele para e olha para mim.

– Bem – diz ele, passado um bocado – , seria certamente agradável pensar que poderíamos ter essa escolha! – E desaparece pelas escadas abaixo.

Demorei muito tempo até perceber que ele não me tinha respondido à pergunta.

27 de fevereiro de 1944 – Peter e Anne estão à conversa no sótão

É provável que o Sr. Frank tenha razão. Devíamos ver-nos menos, mas não é assim tão fácil. O problema são as palavras. São viciantes. Se calhar, se a Mutti soubesse o que se sente, advertir-me-ia como adverte o Papi em relação aos cigarros. Falar, coscuvilhar é contagiante. Na noite passada, passámos o tempo todo a falar do Pfeffer – *mais uma vez* – e das razões por que o odiamos tanto.

– Ele remexe em tudo!

– Pois é.

– A maneira como está sempre a tocar nas coisas antes de as mudar de sítio. Blhec!

– A maneira como tem sempre razão!

– Aquela covinha que tem no queixo – gostava de lhe espetar um alfinete.

– Quando ele fala, dá-me vontade de me coçar, como se fosse uma pulga. Tenho de sair dali!

– Lembras-te de quando o *Mouschi* teve pulgas?

– Ele passa quinze minutos inteiros a rezar! Às vezes até tenho de lhe olhar para as costas nuas. Blhec!

A ideia deixa-me indisposto. A Anne dá risadinhas e imita os ruídos que ele faz à noite. Bufa, como um animal, suaves baforadas de ar. Íntimas. Ponho-me de pé.

– Peter? – chama ela, inclinando a cabeça para o lado.

– É nojento – digo – que tenhas de partilhar o quarto com ele.

Com os braços à volta das pernas, ela encolhe os ombros. – Porquê? – pergunta ela. Sorrio-lhe. Parece o *Mouschi* à espera de festas. À espera do toque certo, das palavras certas.

– Não és nenhuma criança! – digo eu.

– Não sou? – pergunta ela, em resposta. Atira o cabelo por cima do ombro. *Mas ela é uma criança*, oiço o Sr. Frank a dizer na minha

cabeça. Apercebo-me de que arranjou outra vez o cabelo, que o prendeu ao alto para se parecer com as estrelas de cinema que tem na parede. Ela está à espera. Com os olhos levantados para mim. A brilhar. Sento-me ao seu lado. Olho para ela e digo:

– Não. Não, não és nenhuma criança. – Ela inclina a cabeça para trás e olha para mim por entre as pestanas descaídas.

Tenho de desviar o olhar.

Por um momento, não consigo olhá-la nos olhos.

Há algo dentro de mim que se agita.

Quando torno a olhar, ela já não está a fazer pose, é apenas outra vez a Anne.

– Peter? – pergunta.

– Não é nada – digo eu, mas não é verdade. É tudo... É a Liese. É o som da sua voz a dizer o meu nome, a lembrança dela a dançar nos meus sonhos. O peso da sua cabeça rapada nas minhas mãos. O som do estalido das rodas do comboio. São todas as coisas que não podem ser ditas, todas as coisas que impedem os meus olhos de se cruzarem com os da Anne.

Ela sorri. Talvez pense que estou subjugado pela sua sedução. A sua beleza. A sua sagacidade. Talvez esteja. Não sei. Só sei que dói olhar para ela. E que gostava de estar sozinho. Ou com o *Mouschi*. Ou num sítio qualquer que não seja aqui e agora – com a Anne.

A Anne e os seus olhos repletos de perscrutação, repletos de ânsia, repletos de esperança de eu poder dar-lhes algo em troca. É isso que eu não consigo aguentar. A esperança dela. É como ver uma pessoa nua. Não me parece que consiga suportar esse peso.

A expectativa dela.

– Agora devíamos ir lá para baixo. – Tento dizê-lo com calma, mas ela fica desgostosa. E depois encontra as palavras para levantar o ânimo.

– És um rapaz muito decente, Peter – diz ela. Estendo-lhe a mão e ela levanta-se. Abro o alçapão e escudo-a com o meu corpo

enquanto descemos de costas os degraus íngremes. No fundo das escadas, ela vira-se para mim. – Obrigada – diz ela, tão solene como uma dama. Vira-se para se ir embora. Mas depois detém-se à porta, dá meia volta e sorri-me por cima do ombro. Um sorriso alegre e estudado. Um sorriso que deveria ser iluminado por um milhar de câmaras e transmitido para todo o mundo – um sorriso ensaiado.

É um desperdício, porque só estou cá eu. E não sei o que fazer com tal sorriso.

Serei bom?

Serei decente?

Não sei.

Já não sei nada.

*As lembranças também são viciantes. Elas crescem. Como o coral-
uva. Reproduzem-se. Como ratazanas. Como os nazis imaginavam
que nos reproduzíamos. Apresentávamo-nos nus diante deles. Não
nus de esperança, mas nus de perda. Não foram só as nossas
roupas que nos tiraram quando nos despiram – foi o nosso ser. Esse
pedaço da história tem de aparecer.*

Digam-me.

Por favor, digam-me.

Estão aí?

Estão a ouvir?

Vão virar-me as costas?

Ou vão aguentar – como eu tenho de aguentar?

29 de fevereiro de 1944 – Outra entrada forçada

O Pai está zangado.

– Peter.

– Sim?

– Qual é a ideia de deixares tudo desarrumado lá em baixo?

– O quê?

– Nem sequer o pouco que te pedimos consegues fazer em condições?

– Eu faço!

– Achas razoável deixar o escritório naquele estado? E com as portas abertas?

– Não deixei!

– E agora mentes! A porta da frente está trancada, portanto, quem mais poderia ter sido?

– Não sei. Só sei que ajudei a Bep no escritório e que o deixámos arrumado!

– Não sejas sarcástico, além de preguiçoso!

A Mutti desce do sótão com o braço cheio de roupa lavada.

– Se o Peter diz que foi assim, é porque foi! – diz ela.

– E se a lógica te diz o contrário, vais continuar a fingir que és cega! – grita em resposta.

Baixinho.

– No caso do meu filho, serei cega se assim o entender. Tu também não poderias fechar os olhos a certas coisas de vez em quando?

– E abri-los para descobrir o quê? – silva ele. – Uma sala toda desarrumada e, se calhar, uma rapariga também toda em desordem!

– Hermann!

– Pai!

– Ora, só digo aquilo que toda a gente pensa. Não somos cegos! Aquela miúda anda atrás de ti para todo o lado como um cachorrinho. No meu tempo as raparigas tinham algum orgulho.

– O que é que tu sabes de raparigas e orgulho? – silva a Mutti em resposta, enquanto dobra a roupa, furiosa. – No amor há espaço para o orgulho? Dentro destas paredes há espaço para os sonhos? Ainda te resta algum sentimento que não seja pelos cigarros?

– Ah! Será que os problemas do mundo serão resolvidos por um homem a desistir das suas últimas baforadas?

– Talvez.

– Agora estás a ser ridícula!

– E tu? Não estás a ser ridículo?

Saio do quarto. Eles podem passar horas nisto.

– Estás a ver?! Um dia destes vais afastá-lo por completo.

– Para onde? Para onde irei afastá-lo, Auguste? Não há para onde ir, a não ser a porta ao lado, sua parva!

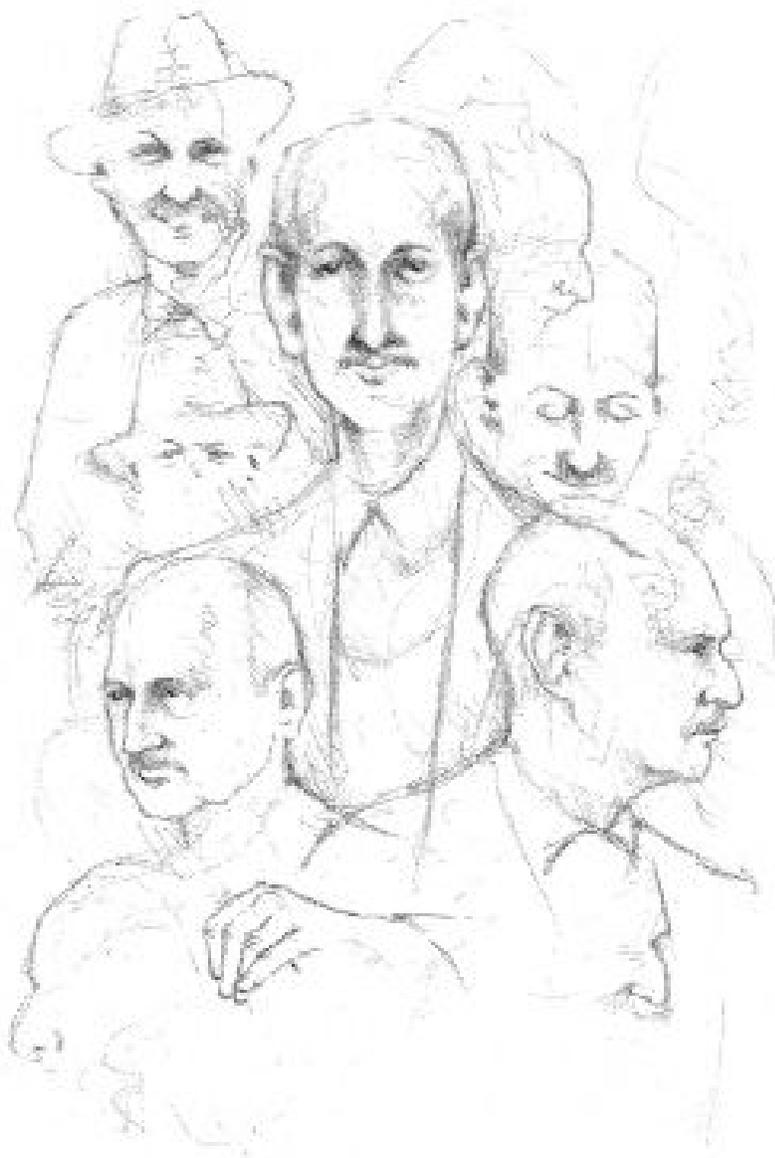
– Não me chames parva! Tu, que tens a sensibilidade de uma... uma... mosca!

Subo os degraus até ao sótão e encosto a cabeça às vigas. A madeira é áspera e reconfortante.

Ao jantar, a Anne tenta chamar-me a atenção. A Margot mantém a cabeça baixa. O Sr. Frank observa-nos aos três. Saio dali assim que posso. Ando às voltas no meu quarto. Para cima e para baixo. Paro à janela e inspiro um pouco de ar. Por fim, sento-me e começo a desenhar. Um retrato do Sr. Frank. Mas, por mais que me esforce, não consigo acertar. O rosto dele foge-me.

Tento dormir, mas estou demasiado zangado. Acordo cedo e espero que a escuridão se transforme em lusco-fusco. As ideias andam às voltas na minha cabeça: “Porquê nós? Porque é que temos de aqui estar? Porque é que o Papi não me deixa em paz? Porque é que eles estão sempre a discutir – e quase sempre por minha causa?”

Depois disto tudo, levanto-me e decido ir ver se o escritório está mesmo desarrumado. Esquivo-me lá para baixo na média-luz. Não há barulho. Nestas alturas, custa a crer que esteja mesmo a decorrer uma guerra.



Sinto ar no rosto. Primeiro, não percebo o que é. Fico parado muito quieto na escadaria e sinto-o em meu redor. Uma aragem. Não apenas no meu rosto. Não apenas o som de uma aragem nas folhas do castanheiro, mas ar a toda a minha volta. E é então que me apercebo do que significa – a porta da frente ao fundo das escadas não está trancada, deve estar aberta. Alguém esteve no prédio.

Então era isso a desarrumação no escritório – outro assalto! No gabinete principal verifico que desapareceu a pasta do Sr. Kugler e um projetor.

Subo as escadas a correr e acordo o Sr. Frank. Ele manda-me de volta lá para baixo para ir trancar a porta. Fico assustado. E se estiver lá alguém? E se eu não resistir à tentação que me assola de olhar lá para fora, ou ao desejo ainda mais forte de ir à rua por um segundo – só um segundo? Que diferença haveria de fazer? Poderia ver a rua inteira. Toda ela. Não apenas uma nesga pela janela. Este anseio que os meus olhos têm de ver alguma coisa inteira é como ansiar por uma refeição em condições.

O anseio de olhar para cima e ver o céu.

Bato rapidamente com a porta e tranco-a. Fico atrás dela, a tremer. Encosto-me a ela. Oigo passos lá fora. A que distância estariam? Se eu o tivesse feito, se eu tivesse ido lá fora, ter-me-iam visto? Serão passos alemães? Holandeses? Ter-me-iam traído ou tido pena de mim? Não posso saber, porque soam todos ao mesmo – a passos.

Volto lá para cima.

Está toda a gente em pé na cozinha, à volta da mesa do pequeno-almoço. Só que ainda não é uma cozinha, porque a Mutti e o Papi ainda estão na cama.

– Somos o centro das atenções! – diz o Papi, apoiado nas almofadas. – Alguma pergunta para o rei e a rainha?

– Alguém esteve no escritório! – diz a Anne. – Roubaram a pasta do Sr. Kugler e podem ter-nos ouvido!

– E o teu pai tem algo a dizer-te, Peter – diz a Mutti.

– É óbvio que não foste tu que desarrumaste tudo lá em baixo – diz ele.

– E portanto? – diz a Mutti.

– E portanto acusei-te erradamente.

– E tu não és? – pergunta a Mutti.

– Uma criança! – explode o Papi.

– Então pede desculpa e para de te comportar como se fosses!
– Não faz mal – digo eu. – Mas porque é que a porta lá de baixo ainda estava aberta?

Todos ficam em silêncio.

– Devo tê-los interrompido quando fui lá abaixo ontem à noite – diz o Papi.

– Sendo assim, eles sabem que há alguém aqui escondido? – pergunta a Anne, baixinho. Está branca e assustada. A Margot põe o braço à volta dela.

– Está tudo bem, minha tonta, ainda cá estamos todos.

– Anne – diz o Sr. Frank, com tranquilidade –, muitas pessoas sabem que aqui estamos. Confiamos nelas para nos alimentarem, para nos manterem a salvo.

– Mas ninguém da nossa confiança iria roubar a pasta do Sr. Kugler.

– E como é que a porta estava trancada ontem à noite? – pergunto.

– Deve ter sido alguém que tenha uma chave – diz o Sr. Frank. – Temos de esperar para saber mais quando os funcionários chegarem. Até lá, vamos tentar comer qualquer coisa, está bem?

Toda a gente olha para a Mutti. Ela olha para trás.

– Sim? – diz ela, a sorrir.

– Hã... bem... – diz o Sr. Frank.

– Bem, se todos saírem do quarto, eu saio da cama e faço o pequeno-almoço que toda a gente quer – diz ela. Juntamo-nos todos no meu quarto à espera. O Dr. Pfeffer dá um traque. A Anne e a Margot começam às risadinhas.

– Francamente! – diz a Sra. Frank.

– Estamos prontos – chama a Mutti, e nós voltamos de rompante ao quarto, engolindo grandes golfadas de ar. A Anne tem a cara vermelha de tanto prender a respiração. Chamo-lhe a atenção. Começamos a sorrir e depois a rir.

Baixinho.

O Sr. Frank lança-me um olhar fixo. Desvio os olhos.

– Francamente, Anne! – diz a Sra. Frank de repente num murmúrio. – Tens de parar de arreliar o Peter.

A Anne para. Fica imóvel. É como se a mãe lhe tivesse lançado água fria para a cara.

– Anne? – chamo-a, e ela vira-se para mim, com o rosto vago devido ao sofrimento. – Podes ajudar-me a terminar as palavras cruzadas depois do pequeno-almoço? Sabes que é escusado eu tentar fazer tudo até ao fim!

Ela sorri novamente e sacode o cabelo, lançando um olhar duro à mãe.

– Claro que sim – diz ela. O Sr. Frank levanta-me o sobrolho.

– E tu também, Margot, é claro – digo eu. – Mas, por favor, promete que nos deixas *tentar* descobrir as respostas sozinhos. – Não lhe consigo ver os olhos por detrás dos óculos, mas a Margot faz o seu sorriso doce e baixa a cabeça. Estou exausto. Quem me dera que fosse fim de semana e eu pudesse escapulir-me para o armazém e ficar lá sentado um bocado com o *Boche*, mas é dia de semana e ainda nem tomámos o pequeno-almoço. Se é que se pode chamar pequeno-almoço àquilo: café falso e pão com um bocadinho de nada de manteiga – e compota. A compota toda que quisermos. Podíamos cagar compota; talvez seja isso que provoca tantos traques no Pfeffer. Só é pena não cheirar a morango.

Do lado de fora do Anexo há passos, passos que se aproximam e param à porta. Do lado de fora do Anexo há alguém curioso. Alguém que se põe a pensar. Alguém subiu a escadaria e esteve no escritório fora de horas. Alguém ouviu o Papi a resmungar por causa da desarrumação.

Alguém pensa que aqui estamos.

Alguém vai descobrir.

Nesse dia, mais tarde

Antes que eu consiga escapar-me para a arrecadação, faz-se noite. Sento-me encostado à parede e fecho os olhos. Não quero desenhar nem talhar cortiça. Só quero estar sozinho e ficar a pensar no escuro.

Quase fui lá fora.

Vi a luz do dia.

Vivemos na escuridão. Habitúamo-nos a isso, mas, no verão, ir lá acima ao sótão é como ser cegado. Os nossos olhos agora estão diferentes. Vemos mais no escuro do que à luz. Por vezes penso que, se alguma vez sairmos, vamos ficar cegos. Não sei. Mas sei que nos esgueiramos pela escuridão. E que desaparecemos mal vemos a luz, tal como as baratas que dizem que somos.

– Não é verdade, *Mouschi*? – Sinto o *Mouschi* a enrolar-se nas minhas pernas. Ele olha para cima. Estendo as mãos e ele levanta a cabeça e funga, deitando a cabeça na palma da minha mão.

Sinto-me grato.

Quero sentir uma coisa quente nos braços na escuridão e sentir o cheiro dos barris e o sossego à minha volta. Poderão dizer que isso não é de homem. Não me importo. Não lutar não é de homem. Ficar sentado como um pato à espera de levar um tiro não é de homem. Não ter sequer um plano de fuga para sair daqui, isso não é de homem. Sonhar com a Liese e fingir que as minhas mãos são as dela, em vez de fazer o que é genuíno, suponho que isso não seja de homem. E essa é outra faceta de aqui estar dentro. Todas as coisas que fazem sentido lá fora não contam aqui dentro. Estamos num jogo diferente – o nosso jogo é o da sobrevivência.

– Não é assim, *Mouschi*? – Paro de andar para cima e para baixo. Nem sequer me apercebi de que estava a fazê-lo. Ando às passadas a todo o comprimento da sala, para a frente e para trás, à medida

que o *Mouschi* se entrelaça e se solta dos meus tornozelos em movimento.

Sento-me e o *Mouschi* aninha-se no meu colo, dando início ao seu ronronar maquinal.

Sobrevivência.

Necessita de uma coisa acima de tudo, que é do nosso orgulho. Acho mesmo que é verdade. O Sr. Frank mantém o seu orgulho porque acredita que, no final, tudo irá dar certo. Que, de alguma forma, iremos sobreviver. Não tenho tanta certeza. Pelo menos quando estou sozinho no escuro.

– Terej, *Mouschi*? – O *Mouschi* ronrona.

Às vezes ponho-me a pensar se o Sr. Frank alguma vez olha pela janela. O rebanho está a diminuir. Cada vez somos menos. Somos como água a escoar pelo ralo – em breve não restará nenhum de nós. A banheira ficará vazia.

Para eles não faz diferença nenhuma que eu *pense* que sou judeu ou não. Que eu acredite, que seja praticante ou não. Só lhes interessa que o tenha no meu sangue. Uma mancha que seja é o suficiente para me infetar por inteiro.

É assim que eles veem as coisas.

– Ó *Mouschi*? – Mas o *Mouschi* não responde.

Aqui temos tanto tempo. Podemos ficar deprimidos e ficar na cama para sempre, ou podemos levantar-nos. Podemos estudar. Podemos desenhar, escrever ou ler. Podemos fingir que há um futuro à nossa espera. Mas, se o fizermos, teremos de encarar as perguntas que o acompanham. É melhor fazermos isto sozinhos, acreditem. A Margot percebeu logo isso. Guarda sempre os seus pensamentos para si mesma. Eu sou demasiado lento, portanto nunca me surge a oportunidade de me juntar à conversa. Todos os outros lá chegam primeiro! A Anne quer que todos nós ouçamos as suas perguntas, mas isso só agita as pessoas por dentro. E, quando isso acontece, toda a gente se põe a andar. O que significa que temos de ouvir as

mesmas disputas de sempre. E depois a Mutti irrita-se e fica vermelha. A mãe da Anne fica fria e fala como se fosse o oráculo, enquanto repreende a Anne. O Sr. Frank suspira e fica com ar de quem lhe apetece bater com as cabeças de toda a gente, e depois o Papi tenta melhorar as coisas com uma das suas terríveis piadas.

Portanto, na verdade, o melhor é ficarmos calados e guardarmos as perguntas para nós. São tantas. Será que algum dia irá terminar? E, quando isso acontecer, será que irá sobrar algum de nós? Se os Aliados se aproximarem, será que os nazis nos matam a todos? Querem que acreditemos que Deus nos elegeu para isto?

Porquê?

Não tenho respostas, como veem. Não sou inteligente como a Anne, ou a Margot ou a Liese. Sou lento, e só tenho perguntas sem resposta. Não consigo controlar os meus pensamentos. Estou certo de que, algures, estão errados, mas é o que acontece quando se fazem perguntas a mais. Dentro de nós, fazem-se cada vez mais.

Será que um dia seremos imaginários? Seremos apenas como uma das histórias da Anne? Ou pior, será que a história que vai singrar vai ser a dos nazis – a de que só servíamos para ser aniquilados?

Como?

Como é que alguém pôde fazer isto?

3 de março de 1944 – Peter recorda o antigamente

Tem estado a nevar. Estou parado no sótão, à espera da Anne, e fito os ramos do castanheiro todos cobertos de branco. Há estrelas por detrás dele. A noite apresenta um azul límpido mas estranho. Sei que poderia pintar a minha vida inteira. Mas nunca conseguiria fazer um azul assim tão escuro. Tão profundo. Tão bonito. Nunca conseguiria fazer estrelas como buraquinhos de luz na noite. Nem o Van Gogh conseguiu fazê-lo. Lembro-me da neve a ser esmagada debaixo dos meus pés. Lembro-me de atirar bolas de neve. Às vezes, a neve era tão funda que não havia escola. Juntávamo-nos em bandos em redor do relvado de Merwedeplein e atacávamo-nos uns aos outros com bolas de neve. Escondidos atrás dos arbustos e das árvores. De cabelo molhado. De faces rosadas. O ar tão frio que desenhava formas com a nossa respiração. Olho pela janela do sótão. Quem me dera que os sinos tocassem. A Anne tem razão. Como é que alguma vez saberemos que estamos livres se não há sinos para tocar? Gostaria de sentir a neve no meu rosto. Ela enterra tudo. Enterra-nos a nós. Talvez um dia o mundo descongele e nós derretamos para longe daqui.

Talvez.

Neve.

Nunca mais vou conseguir ficar parado a olhar para ela e achá-la linda!

A neve de Auschwitz é terrível. Fez-nos dançar de frio. Usar energia que não tínhamos. Fez o meu hálito queimar os buracos dos meus dentes. Ficávamos parados sobre ela, com pijamas fininhos vestidos, hora após hora, dia após dia. Nunca se tornou mais fácil. Cada dia era tão horrível como o anterior. Não há palavra que descreva o frio de Auschwitz.

E no final: uma barraca, uma sova, uma sopa rala, mais um dia sem saber se vivíamos ou morríamos.

O terror de uma seleckcja.

O saber que a ordem vai chegar. Todas as manhãs. A invadir os nossos semi-sonhos, o nosso semi-sono, puxando-nos de volta ao pesadelo que é a nossa vida.

Wystawach.

Acordem.

7 de março de 1944 – Peter está com Anne

– Mas, Peter! – diz a Anne. Ela está feliz. Tem os olhos a brilhar. – *Tu* achas que sim? Não achas?

– Acho o quê?

– Que a mãe está enganada. Quer dizer, ela está sempre a dizer que o melhor era pensarmos em como a vida dos outros é muito *pior* do que a nossa.

– Às vezes pode ajudar – respondo, rapidamente.

– Ai sim? – diz ela. – Bem, sendo assim, porque é que estás sempre a olhar para o céu? Porque é que rachas lenha como se te desse muita alegria fazê-lo bem?

Sorrio.

– Não te limites a sorrir-me! Diz qualquer coisa! – Mas ela também está a sorrir.

– O que foi? – torno a dizer. Ela atira-me com uma almofada.

– O que foi, caso não saibas, não exprime uma opinião, e porque é que eu tenho de estar trancada com o rapaz mais irritante de toda a Holanda? – Mas ela não parece irritada. Apanho a almofada com facilidade. Sem problema. Agora estamos os dois a sorrir.

– Tu falas demais. O que é que interessa o que a tua mãe faz? Está a impedir-te de apreciares o céu? Ela tem o feitio dela, tu tens o teu.

E atiro a almofada de volta. Ela não se estica para a apanhar. Deixa que a atinja na cara e deixa-se cair no chão do sótão.

– Anne? – Ela não se mexe. Sei que não a lancei com força suficiente para a magoar, mas, ainda assim... – Anne? – Encaminho-me para ela e afasto-lha da cara com cuidado. Ela está a sorrir. Agora sorri imenso. Sobretudo quando está comigo. Gosto disso. Faz um gesto de correr o fecho à boca sorridente. Rio-me. Baixinho.

Estendo a mão para a ajudar a levantar-se. Ela pega nela. Sentamo-nos juntos e olhamos pela janela. O céu está azul e bonito. Não se vê o sol. Há rebentos minúsculos no castanheiro, debaixo da

neve. A Anne suspira profundamente e deita a cabeça no meu ombro. Fecho os olhos. Cheiro-lhe o cabelo. Reparo que não lhe larguei a mão. É pequena e cabe bem dentro da minha. Está fria. Ela está sempre fria. Ponho a minha outra mão sobre ela. “Quero aquecê-la, é só isso”, digo mentalmente ao Sr. Frank. “Só quero que ela esteja quentinha.” Ficamos ali sentados um bocado a olhar pela janela.

– Mas, Anne, tu sabes – digo, passado um bocado – que há sofrimento lá fora. Não há judeus na rua. Não há comida. Campos de extermínio, quer dizer, talvez a tua mãe tenha razão, as coisas estão piores para os outros.

– Mas nós também aqui estamos – suspira ela, com ar sonhador, e o seu corpo descansa mais profundamente contra o meu. – Ainda cá estamos, não estamos? Mesmo que só este pedacinho de céu de sótão nos possa ver. Estamos aqui e... – detém-se e olha para mim.

E há tanta coisa que eu gostava de poder dizer. Acho que ela é como as gaivotas que vemos a voar disparadas pelo céu num rasto prateado. E eu sou como o castanheiro que demora seis meses inteiros só para deitar uma única folha. Suspiro, porque ela está certa. Às vezes é maravilhoso estarmos exatamente onde estamos. Como neste momento.

Agora mesmo.

E esquecer o resto.

Mas não posso verbalizar todos os meus pensamentos. Nunca consegui fazê-lo. E, portanto, limito-me a sussurrar o seu nome. Anne. E ela olha para mim. Fitamo-nos um ao outro e, lá fora, o céu e a árvore olham por nós. E todos estamos à espera.

À espera.

E a pensar no que irá acontecer.

22 de março de 1944 – Peter pensa em Anne

A Anne é rija e esperta e sincera, mas, no fundo, está cheia de anseios – do mesmo modo que eu anseio pela Liese mas tenho de abraçar o *Mouschi*.

Será assim tão errado querer abraçar a Anne?

Será errado sentir-me contente por poder fazê-la feliz?

Bem, será?

Não sei.

Por vezes ainda subo até ao sótão para ouvir os tiros durante a noite. Há aviões no ar. Já não me assustam. Não sei porquê. Acho que talvez seja porque sei que nada poderá impedir o que vai acontecer. Se formos atingidos, somos atingidos. Se o prédio pegar fogo, pega fogo, e nós somos expulsos dele. Ficamos expostos. Pergunto-me se irei tentar fingir que sou alemão. Fingir? Como assim? Eu *sou* alemão, não sou? Isso é que é de loucos. É o quanto custa compreender hoje em dia até as coisas mais simples.

A Bep veio cá acima. Tossiu quando nos falou dos aviadores. Está magra. Estamos todos magros. Não comemos o suficiente. Ninguém come. Está toda a gente doente. Ela contou-nos que os nazis pulverizaram os aviadores com balas quando flutuaram pelo céu abaixo. O Sr. Frank abanou a cabeça e disse que no seu tempo era muito diferente.

– Não há comida suficiente – disse a Mutti. – Não que chegue para todos. Não querem dar-lhes de comer, por isso é que os abatem!

– Nem sempre tem que ver com comida, Auguste! – disse a Sra. Frank.

Começam a discutir. A Sra. Frank apunhala a nossa roupa com a sua agulha. Para dentro, para fora, para dentro, para fora, ao mesmo ritmo das suas palavras. A Mutti fica vermelha. Eu vou para o meu quarto. Ainda consigo ouvir as vozes delas a discutir.

– Lamento – sussurro para os aviadores mortos. A Bep não disse que eles estavam mortos, mas suponho que estejam. Se eu soubesse que ia morrer amanhã, será que pedia um beijo à Anne? Ou mais do que um beijo? Se ela soubesse que este era o nosso último dia de sempre, será que dizia que sim? Teria importância se nós só nos beijássemos por sabermos que amanhã poderíamos estar mortos?

Será só por essa razão que queremos?

Não sei.

E como é que haveremos de saber?

A Anne vem até ao meu quarto sem fazer barulho.

Torce as mãos à sua frente, nervosa. Sei que fui mau para ela, ao tentar manter-me afastado dela. Isso parte-me o coração. É horrível estar a afastá-la quando ela se esforça tanto; é como dar um pontapé num pássaro sem asas.

– Podemos ir para o sótão? – pergunta ela. Assinto com a cabeça. Subo primeiro, abro o alçapão e depois ajudo-a a passar. Quando viemos para o Anexo, subíamos os degraus muito devagarinho, por serem tão íngremes. Agora quase conseguimos subi-los a correr. Sentamo-nos nas almofadas.

– Estás zangado comigo, Peter? – pergunta ela. Não sei o que dizer, nem como dizê-lo. Estou zangado, mas não é com a Anne. Estou zangado por estarmos presos no Anexo; zangado por termos de fazer isto com toda a gente a olhar para nós; zangado por ser tão óbvio que a mãe dela não me aprova e que o pai está assustado por causa da Margot.

– São imensas coisas! – digo, bruscamente.

– A Mamã tem razão? Estou a arreliar-te? – pergunta ela, com uma voz arguta, não com raiva mas com necessidade de saber. A Anne é assim, tem sempre necessidade de saber, seja qual for a verdade. Sorrio.

– Não tem piada! – diz ela.

– Ouve – digo eu. – Ouve só. – Ela espera. Eu espero. Espero para saber o que dizer. Demora muito tempo. Coro. Os pássaros cantam. Uma carrinha barulhenta passa lá muito em baixo. Levanto-me e fecho o alçapão, embora ouvíssemos qualquer pessoa que tentasse subir.

– É tudo, Anne. Estar aqui preso, não saber, pôr-me a pensar... – Paro. Ela espera. – Quer dizer, e se for só isto? E se isto for o resto da nossa vida? Ou, se formos encontrados, o que é que acontece a seguir? Porque é que não temos um plano de fuga... e se esta for a nossa única oportunidade para...? – Ela está tranquila, tão tranquila que faz com que seja difícil continuar. – Para nos apaixonarmos ou para nos conhecermos um ao outro... – Fico sem palavras. Já falei demais. Paro. Estou a corar. A Anne fita-me com um ar sério, à espera.

– O que é que achas? – pergunto.

– Não sei bem o que estás a dizer – diz ela, mas está a tremer.

– Anne! E se nunca sairmos daqui?

– Não digas isso! – As palavras saem-lhe curtas e desesperadas. – Por favor, Peter, não digas isso! – Começa a tremer de modo descontrolado. Chego-me a ela.

– Oh, desculpa! Desculpa, Anne. Que foi que eu fiz?

– É só que... – Ela tenta falar mas tem a voz demasiado trémula. – É só que tenho tantas coisas dentro de mim. Tantas coisas que preciso de fazer – e tenho de sobreviver. Peter, *temos de sobreviver!*

– E vamos, e vamos – sussurro, horrorizado. – Não te preocupes, Anne. O teu pai há de fazer com que isso aconteça. Se alguém o pode fazer, é ele.

Abraço-a com toda a força que posso. Abraço-a como se pudesse travar este sentimento, impedir este medo de transbordar e afogarnos. Passado um bocado, os abalos tornam-se tremores.

– Desculpa – sussurra.

– Não peças desculpa – sussurro em resposta. Ela respira fundo.

– Tenho medo – diz ela. – Medo de que todas as coisas dentro de mim nunca vejam a luz do dia.

– Eu sei. – Embalo-a. – Eu também.

– O que é que... – soluça – o que é que te assusta mais? Refiro-me às coisas que podes não vir a fazer – sussurra ela, erguendo os olhos para mim.

Desvio o olhar dela. Não posso dizê-lo – ou posso? Será que podemos mesmo dizer um ao outro tudo o que nos vai na alma? Será possível?

Não sei como.

– Não, diz-me tu o que queres fazer – sussurro.

Ela não hesita, nem por um segundo. As palavras tropeçam-lhe nos lábios como se ela já sentisse que não sobra tempo para as dizer.

– São as histórias – diz ela. – Há tantas, Peter. Alguma vez pensaste em quantas há? Quantos de nós poderão existir, cada um deles com uma história – e as ideias. Às vezes penso que nem uma vida inteira seria suficiente para as contar a todas... – Ela agarra-me no braço. O aperto é apaixonado e forte. – Mas a pergunta era para ti – ri-se ela.

Engulo em seco.

– Peter?

Respiro fundo.

– Peter? – pergunta com suavidade. – Deve haver alguma coisa.

– Tenho medo de nunca vir a fazer amor com uma rapariga – digo baixinho. As palavras caem no meio de nós, com suavidade, com ligeireza. Sinto a mão dela a recuar.

– Oh! – diz ela. E senta-se direita, longe de mim. Os olhos ficam-lhe do tamanho da cara. A boca mexe-se, mas não sai de lá nada. E depois tapa a cara com as mãos e começa a rir. Todo o seu corpo abana.

– Isso é tão... Eu... – Ela abafa as palavras. – Nunca imaginei. Não fazia ideia de que fosses dizer isso!

– Nem eu!

E depois deixamos de poder falar porque estamos os dois a rir. Ela respira fundo várias vezes e limpa as lágrimas dos olhos.

– Anne? – pergunto, passado um bocado.

– Sim? – diz ela.

– Não escrevas isto no teu diário.

– Porque não?

– Não sei.

– Está bem – diz ela, rapidamente. – Não escrevo.

Falamos. Falamos até a luz se desvanecer e desaparecer. Falamos até as nossas palavras parecerem ter vida própria, parecerem separar-se de nós no ar do sótão.

– Anne – digo eu –, sei que nunca terias reparado em mim, se não estivéssemos aqui encalhados.

Ela ri-se e pega-me na mão.

– Oh, Peter! – diz ela. – E podia nunca ter reparado na maravilha que uma só árvore é, ou um vislumbre do céu. Seria uma pessoa diferente. Provavelmente uma pessoa pior! Nem sempre tenho orgulho da pessoa que era, Peter.

– És incrível!

– Tu também!

– Anne?

– Sim.

– Havia uma miúda lá fora. Uma miúda chamada Liese.

– Liese Lieberman?

Custa a ouvir o nome dela dito em voz alta por outra pessoa.

– Então e tu?

– Havia um rapaz chamado Peter, Peter Schiff.

Ficamos em silêncio. Ficamos sentados no escuro de mãos dadas. Não sabemos o que está a acontecer à Liese nem ao Peter. Não sabemos se estão vivos ou mortos. Só sabemos que estão vivos dentro de nós – e que isso dói.

Quando nos levantamos para descer, beijo o cocuruto da cabeça da Anne. Ela aperta-me a mão com força. Não dizemos mais nada. Não é preciso, ambos sabemos que estamos aqui, e eles não.

26 de março de 1944 – Peter está cheio de sentimentos

Ela abriu uma comporta. Os sentimentos inundam-me. Quero dizer: “Chamo-me Peter van Pels. Estou aqui. Sou real, não apenas uma ideia. O que farias se te abraçasse e te beijasse, Anne Frank?”

Mas sei que não devo. Tenho de pensar no Sr. Frank – e na Margot. Respiro fundo e concentro-me no que ela está a dizer.

– Não vou ser uma *Hausfrau!* – diz ela. Rio-me. A Anne nunca poderia ser uma *Hausfrau*. É demasiado desajeitada. Haveria de escrever uma história e esquecer-se de fazer o jantar. Ter uma ideia. Esquecer-se de ir às compras.

– Nem que tentasses conseguias ser uma *Hausfrau*.

– Conseguia, sim – diz ela, com altivez. – Só que não quero.

– Bem – rio-me –, é melhor que encontres um marido que não se importe.

– Talvez eu não vá ter marido.

– A sério?

Lança-me um dos seus olhares maléficos, segura num cigarro a fingir, dá uma longa e lenta baforada e tira-o da boca com leveza, com a mão a flutuar de lado.

– Achas mesmo que é necessário? – pergunta, com a fala arrastada. – Nesta altura e com esta idade, quero eu dizer?

Sorriso. Há tanta coisa que lhe quero dizer.

– É, se quiseres ter filhos.

Ela esquece a pose e põe-se a olhar para longe, relanceando-me depois rapidamente.

– Talvez não queira! – diz ela, de modo desafiador. – Não é obrigatório, pois não?

– Não – respondo.

– Não imagino crianças a saírem de mim – diz ela, de repente –, só histórias.

Não sei o que responder àquilo, portanto não digo nada.

– Achas que é horrível? – pergunta ela.

Encolho os ombros.

– Porque é que havia de ser? Depois disto, devíamos poder fazer seja o que for que nos apeteça.

– Quero escrever, Peter!

– Já escreves – digo eu. Ela vem sentar-se ao meu lado. Pega nas minhas mãos.

– Mas será que alguma vez irei escrever algo fantástico? – pergunta. – Uma coisa de alto gabarito, que mude a vida das pessoas?

– Porque não? – digo eu, porque, quando a Anne está assim, dá a sensação de que consegue fazer seja o que for, pensar seja o que for, ser quem quer que seja. Às vezes. Às vezes ponho-me a pensar que podia estar lá com ela, em pano de fundo. Como estou aqui. Acho que podia gostar disso. Podia verificar as portas. Mantê-la a salvo. Ponho o braço à volta dela. Deitamo-nos no chão e os sonhos dela jorram sobre nós. Estão sempre ali – sempre lá. Noutro lugar qualquer. No futuro.

Ela não percebe que eu começo a *gostar* disto aqui. Por causa dela. Ela está a mudar tudo. Ando desejoso de vir cá para cima deitar-me ao sol. Ouvi-la. Escutar a aragem a atravessar a árvore. Abrir os olhos. Ver o brilho de uma gaivota no céu. Desejar que as coisas possam ficar assim para sempre.

Gosto disso.

Mas a Anne quer mais.

Não de mim.

Do mundo.

– Já alguma vez beijaste alguém? – pergunta, de repente. Ambos fitamos as vigas do telhado do sótão.

– Não – respondo. Recordo o toque da pele da Liese, o sabor das costas da sua mão ao dar-lhe um beijo de despedida. Suave.

Quente.

– Eu também não – diz a Anne. Ela senta-se. Passa a língua pelos lábios e comprime-os. Sorrio para ela. Para o seu rosto ansioso e determinado.

– Não me parece que seja assim – digo. – Quer dizer, quando acontecer, acontece, não é assim?

Mas talvez seja *mesmo* assim. Talvez para nós não haja tempo para esperar para ver. Talvez para nós não haja escolha.

Só há o aqui.

Só há o agora.

Só há a Anne – que quer saber qual é a sensação de ser beijada – e eu – que gostava de fazer amor com uma rapariga.

Ela haveria de preferir uma estrela de cinema, ou, pelo menos, alguém mais inteligente. Eu haveria de preferir a Liese.

Mas eles não estão aqui.

E nós estamos.

Sento-me direito. Não posso fazer isto, não assim.

– É melhor descermos agora – digo.

E será imaginação minha ou ela está aliviada?

Ou talvez esteja desiludida?

Não sei.

Será que *ela* sabe?

Se eu voltasse a ter o meu tempo? Se ela se sentasse ali, cheia de perguntas, cheia de anseios. Se eu soubesse o que sei hoje? Teria feito alguma coisa diferente? Porque tínhamos menos tempo do que imaginávamos.

Muito menos.

27 de março de 1944 – Anne e Peter estão juntos no sótão

Adoro fazer a Anne sorrir. Consigo fazê-lo quando lhe pisco o olho. Consigo fazê-lo quando lhe pergunto como está ou se quer vir até ao sótão. Agora ando sempre a fazê-lo porque estou a tentar desenhá-la e não consigo que as covinhas dela me saiam bem. Nunca olhei com atenção para o rosto dela. Nunca reparei em quão castanhos são os seus olhos, em quão arguto é o seu rosto – como o seu cérebro, sagaz e pungente. Ela sabe e pensa tanto, mas nem sempre conhece as pessoas.

Toda a gente no Anexo tem um novo tema de conversa. Nós.

– A segunda casa da Anne – diz o Pfeffer quando ela se encaminha para o meu quarto. – Não te esqueças de voltar para nós, Anne!

A Anne sorri e pisca o olho, e age como se fosse tudo completamente normal. Está a gostar, tal como o Sr. Frank disse que iria acontecer. Como de costume, não digo nada – mas, no fundo, estou furioso. Detesto isto. O que é que eles têm que ver com o caso? Tiveram de se explicar aos *seus* pais? Não poderão pelo menos fingir que temos alguma privacidade?

29 de março de 1944 – Todos se apercebem do valor do diário de Anne

Na noite passada, o ministro do governo Gerrit Bolkestein anunciou na rádio que os escritos de quem está escondido serão reunidos depois da guerra para servirem de testemunho. De repente, todo o Anexo fala do diário da Anne. Toda a gente quer saber o que lá está escrito. Todos querem que ela escreva acerca deles. O Sr. Frank fala de deixar um testemunho. A Sra. Frank em legado. O Papi volta a contar as suas anedotas preferidas, não se dê o caso de ela as ter esquecido! Toda a gente acha que é maravilhoso. Toda a gente menos eu – e a Margot.

A Margot não diz nada.

– E se eu não quiser ser referido? – pergunto, ao jantar (couve malcheirosa com batatas), porque não quero.

– Rápido! Escreve isso, Anne! – diz o Papi, pondo toda a gente a rir. Mas eu ponho-me a pensar. Ponho-me a pensar se eles perceberão o quão apaixonada ela é, o quanto o diário significa para ela. Estremeço. Isto podia mudar tudo. Enquanto eles falam, a Anne já os olha espcada. Tento chamar-lhe a atenção, mas ela olha atentamente para a Margot, à espera de uma reação.

– Isso é fantástico – diz a Margot, com doçura, mas respirando fundo enquanto o diz.

– Temos de te dar mais tempo para trabalhares nele – diz a Sra. Frank. A Anne parece maravilhada.

– No *meu* quarto, não. Não posso ter a Anne a passar mais tempo no meu quarto. Não está correto encorajá-la em demasia – diz o Pfeffer.

– Isso não é problema nenhum, Pfeffer. A Anne terá tempo no *nosso* quarto. Não te afetarás em nada – diz o Sr. Frank.

A Margot fecha os olhos. Então para onde irá ela? Ninguém lhe pergunta e ela não pergunta a ninguém.

A Anne sorri.

– Obrigada, Papá! – A Sra. Frank acena com a cabeça em jeito de aprovação. – E a si, Mamã! – Mas ninguém agradece à Margot.

Já posso imaginar o modo como a Anne nos pode ver. A Mutti é uma namoradeira gorda e tonta; a Margot uma filha pródiga e irritante; e eu – quem sou eu? A ideia assusta-me. Sobretudo quando penso em tudo o que lhe disse.

30 de março de 1944 – Peter observa Anne a escrever

Espero por ela no sótão, mas ela não vem. Desço até ao quarto dos Franks; como ela não está na sala de estar, bato à porta do quarto de dormir.

– Ora, entra de uma vez – diz a Margot. – Ela nunca ouve nada quando está a escrever. – Abro a porta. A Anne está sentada à secretária, com a cabeça baixa e os dedos a voar pelas páginas. Não levanta os olhos – nem sequer sabe que eu ali estou.

– Anne? – Ela dá um salto e olha especada para mim, com uns olhos furiosos e perdidos. Fita-me e depois diz o meu nome.

– Peter?

– Nós, hmm, combinámos encontrar-nos no sótão.

– Oh! – exclama. Por um momento, é como se não estivesse ali. Tem um ar assustado, zangado.

– Não faz mal – sussurro. – Mais logo.

– Pode não haver um mais logo! – silva ela, virando-se de novo para a secretária. Não repara na minha saída. Fecho a porta e fico ali parado um bocado, abismado.

A Margot levanta os olhos do seu livro.

– Impressionante, não é? – diz ela, com secura. Assinto com a cabeça e vou-me embora.

Mais tarde, quando nos encontramos no sótão, nenhum de nós fala disso. É um segredo, como estar escondido.

Agora encontramos-nos à noite, pois os dias dela estão muito preenchidos – encontramos-nos no sótão. Como não podemos ter velas, sentamo-nos às escuras e à média luz.

– Estive a espiar-te – diz ela – no outro dia, quando estavas na arrecadação com o *Boche*.

– Sim – digo eu. – Andas sempre a espiar-nos, não é verdade? – Mas não sei como explicar que tudo agora parece diferente – e não sei como nem porquê.

– Tu... tu tens o *Boche* e o *Mouschi*, e eu... eu... – começa ela, mas não termina. De súbito, tem a cabeça apoiada nas mãos e o cabelo a tapar-lhe a cara, e soluça palavras por entre as lágrimas.

– Tenho saudades dele! Tenho tantas saudades dele! – diz ela.

– De quem? – pergunto.

– Do *Moortje* – responde ela.

É o nome do gato dela.

– Do teu gato? – pergunto. Ela assente com a cabeça. De início, apetece-me rir. Depois tento imaginar a vida sem o *Mouschi*. Não consigo.

É verdade que a Anne tem a Margot, mas não é a mesma coisa. As pessoas têm ideias e opiniões. Questionam-nos. O *Mouschi* limita-se a existir. Toco no rosto da Anne. Envolve-a com os braços e sinto-a a derreter-se por entre as minhas mãos. O corpo treme-lhe, mas, ainda assim, ela tenta estar sossegada...

– Eu... eu... queria...

– O que é que querias?

– Queria... – e ela chora e soluça compulsivamente – ter alguma coisa minha.

Não digo nada. Talvez a abrace com um bocadinho mais de força. Não sei. Deixo-a falar, mas estou sempre a pensar: “Estará a referir-se a mim? Serei eu que ela quer que seja só dela?”

Ela vai-se acalmando lentamente. Afasta o cabelo da cara. Dou-lhe uma ajuda. Está húmido. Encaracolado. Ela está uma lástima. Eu nunca tinha visto uma rapariga a chorar. Não desta maneira. Não como se o mundo estivesse a acabar. Não sei há quanto tempo lá estávamos em cima, nem o que os outros poderiam estar a pensar. Não sei se ela irá escrever tudo no diário. Haverá alguma coisa privada para a Anne? Há coisas que deviam ser guardadas só para nós, não é verdade?

– Desculpa – diz ela, de modo brusco. De modo abrupto. Está envergonhada.

– Não peças desculpa. – Eu também estou.

– A sério, só estou a chorar por tudo aquilo que perdemos.

– E escrever e pensar nisso não piora ainda mais as coisas? – pergunto, mas ela responde com outra pergunta.

– Tens saudades de alguma coisa? – pergunta ela.

Ficamos em silêncio, mais uma vez. Ela aguarda. Eu aguardo. As perguntas são perigosas, mesmo quando não vão ser colocadas num diário e enviadas ao governo.

– Claro que sim! – sussurro.

– De quê? – pergunta ela, baixinho. Por um instante, não sei o que dizer. Não por não haver coisas suficientes, mas porque há demasiadas. Tantas coisas de que tenho saudades. E, se as deixo sair a todas, como é que conseguirei recuperá-las novamente a todas? É nisso que estou a pensar na escuridão, enquanto a sinto à espera de uma resposta.

– Tenho saudades da chuva – digo, passado um bocado. – De sentir a chuva na cara. – E consigo senti-la enquanto digo as palavras, a chuva a cair como agulhas frescas de pinheiro na minha cara. Sinto falta da chuva com um sofrimento físico, como uma dor dentro de mim.

– Lá fora! – murmura a Anne. – As saudades são tantas que nem consigo explicar. – Ainda está a chorar. Quem me dera poder fazê-la parar. Quem me dera poder fazer tudo bem. Quem me dera ter palavras, como ela tem, para poder explicar as coisas. Mas não tenho. Não lhe peço que não chore – seria uma parvoíce. Abraço-a, embora não saiba se o devo fazer. É uma sensação estranha. Não sei se estou a fazer bem, ou o que poderá ela dizer acerca disso no seu diário.

As lágrimas continuam até eu me esquecer de tudo à exceção de querer abraçá-la com mais força. Ajudo-a a pôr-se de pé, sentamos na arca e ela deita a cabeça no meu ombro, onde sinto as lágrimas a encharcar-me lentamente a camisola. Ela está a tremer.

Eu estou zangado.

Que hipóteses é que temos?

Que escolhas?

Nenhuma.

Do lado de fora da janela, o vento levanta os galhos do castanheiro na escuridão. De repente, um pássaro canta, até se aperceber que é de noite, e a Anne continua a chorar. Nunca tinha percebido que ela estava tão triste. Passado um bocado, vou buscar o avental dela ao sítio onde está pendurado a secar. Ela limpa a cara.

– Melhor? – pergunto, e depois coro. Que coisa mais parva para se dizer. Como é que alguma coisa aqui pode ficar melhor? Espero que ela me diga isso. Não diz.

– Na verdade, sim – diz ela, baixinho.

– Ah, que bom – digo eu. – Ainda bem.

Ela funga.

– Às vezes, eu... tenho a sensação de que é demais, todas as oportunidades que perdemos – sussurra ela. Assinto com a cabeça.

– O caldo de carne da Mutti, com ervilhas!

– O quê? – pergunta ela.

– Outra coisa de que tenho saudades – digo eu, e ela sorri.

– Parvalhão! Há alguma coisa que faça os Van Pels esquecerem a comida?

– Há alguma coisa que te impedisse de escrever o teu diário?

– Não – ri-se ela, e, embora eu saiba que foi o que ela disse, dói na mesma, saber que venho em segundo lugar, a seguir a um caderno e uma caneta.

Tiro um enorme par de calças do Pfeffer da corda e ofereço-lhas para ela assoar o nariz. Ela dá uma risadinha.

– Pendura-as no lugar. Nem sequer suporto tocar-lhes!

– Anne? – chamo, e ela acena com a cabeça. – Tu tens uma coisa tua.

Ela não responde, só abana a cabeça.

– Tens, sim – digo. – Tens o teu diário.

Ela ergue os olhos para mim. De modo repentino. Arguto. E é assim que eu a teria desenhado, se pudesse.

Tal e qual.

E é assim que a vejo nos meus sonhos. Estarei acordado ou a dormir? Vivo ou morto? Não sei. Só sei que ela está sempre aqui comigo.

Tem os olhos dilatados e as mãos ocupadas a escrever, escrever – a registar cada lembrança.

Ela ouve tudo.

Vê tudo.

Tal como sempre fez.

9 de abril de 1944 – Anne e Peter tentam falar do mundo lá fora

Estou quase a dormir quando a Anne aparece à soleira da porta com uma almofada nas mãos. Levamo-la lá para cima e fazemos o nosso próprio sofá. Coloco a almofada sobre uma arca e empurro-a contra dois caixotes.

– Já está – digo.

– Quanto custa o conjunto inteiro? – pergunta ela.

– Não está para venda, mas para ti é de borla. Senta-te.

– Ah! – Suspira ao sentar-se. – Não há nada como um brandy e um cigarro depois de uma noite a ouvir Mozart.

– Não podia estar mais de acordo! – digo. Estou a aprender a jogar os jogos dela. Estou a melhorar. Mas ela também está – na parte de ficar calada. Sentamo-nos a olhar pela janela. Agora que estamos quase no verão, a noite demora mais tempo a chegar. O céu enche-se de todos os tons de azul antes de ficar negro. A árvore não é apenas uma silhueta de ramos. Tem rebentos muito grossos e folhas enroladas à espera de brotar. Rebentos que sobressaem no fundo escuro. Sentamo-nos. Lentamente, ponho o braço à volta dela. Lentamente, ela encosta-se a mim. O *Mouschi* deita-se atravessado nos nossos colos e mantém-nos quentes. Está muito frio. Está sempre frio. Temos tanta roupa vestida. “Pelo menos assim ninguém vê como estamos magros”, diz o Papi.

Mas não estávamos magros, pois não? Na verdade, ainda não.

Por um momento, estar no sótão com a Anne é tranquilo.

– É mau, não é? – diz ela.

Aceno a cabeça afirmativamente contra o cabelo dela.

– Está tudo a esgotar-se – diz ela. – A comida, o carvão. – Ela para por um instante.

– Até os judeus! – sussurro. Começamos a rir-nos. Sabemos que não devíamos. Sabemos que não tem graça e não tardamos a parar. Paramos de modo abrupto.

– A Miep diz que até as crianças roubam.

– Estão desesperadas! – respondo.

– Eu sei! – diz ela, rapidamente. Ela sabe o quanto detesto quando ela lhe chama crianças das barracas. Nós faríamos o mesmo se estivéssemos no lugar delas, não é verdade?

– Nunca me esqueço daquelas pessoas na Hungria.¹¹ Como é que conseguem matar tanta gente, Peter? Achas que é...

– Chh – digo eu. Porque não há respostas e não vale a pena fazer a pergunta. – Não podemos fazer nada, pelo menos por enquanto. – Ela senta-se direita e o *Mouschi* desenrola-se do corpo dela e vem aninhar-se no meu.

– Podemos, sim – diz ela. – Podemos contar o que aconteceu!

– Tu podes – respondo.

– Qualquer pessoa pode – retorque ela.

– Talvez.

– A Miep diz que lá fora está terrível. Os holandeses estão a virar-se uns contra os outros, a roubar-se uns aos outros.

– Temos sorte – digo. – Temos sorte por estarmos quentes e alimentados e podermos vir a sobreviver a isto.

– Eu sei. Bem, razoavelmente quentes – sussurra ela, enroscando-se mais em mim.

– A grande vantagem da escrita – diz ela, de repente – é que dura para sempre.

Sorriso.

– Isso é maravilhoso – digo, e penso que deve ser mesmo. Deve ser maravilhoso ser a Anne Frank e nunca se estar sozinho porque se tem sempre algo dentro de nós. Uma história para contar. Pessoas para descrever. Mais uma ideia para explorar.

Ela encosta-se a mim, satisfeita. Os melhores momentos são estes. Não os momentos em que ela anseia por algo que não sei se posso dar-lhe, mas estes momentos. Os momentos confortáveis, em que posso dizer-lhe:

– Sim.

– Peter, tenho andado a pensar no que disseste, nas coisas que queres... e eu...

Ouve-se um assobio grave e urgente e nós sentamo-nos de um pulo, com uma sensação de culpa, embora mal nos tenhamos tocado. O Papi está nas escadas.

– O Dr. Pfeffer diz que vocês lhe roubaram a almofada. – Sorrimos um para o outro e apressamo-nos a descer.

– Oh, Anne! – resmungo o Pfeffer, batendo com a almofada nas coxas. – Vou passar a noite toda a dar saltos na cama por causa das pulgas.

– Não. Fui só eu que me sentei nela, e eu não tenho pulgas – diz a Anne, a sorrir.

– Sabias que as pulgas conseguem saltar a uma altura bastante superior ao seu peso? – diz a Margot. Todos sorrimos e tentamos não nos rir com a ideia do Pfeffer a dar saltos onde quer que fosse.

– Deus santíssimo – diz o Papi. – Podias pôr-nos a todos às costas e dar saltos connosco rumo à liberdade.

– Não tem piada! – diz o Pfeffer, saindo disparado para o seu quarto.

Fico deitado no meu quarto a pensar no que a Anne iria dizer em seguida.

[11](#) Anne e Peter ouviram falar da ocupação da Hungria pela Alemanha a 19 de março.

Estava tão ocupado a pensar na Anne que nem dei por isso. Porque os passos se aproximavam cada vez mais – e nós não estávamos a ouvir. Nem quando se deu a entrada forçada nós nos apercebemos – estávamos demasiado à vontade. Estávamos esquecidos de como era perigoso.

Lá fora.

Achávamos que íamos safar-nos.

Nessa noite, mais tarde... Peter está prestes a descobrir outra entrada forçada

Assim que saio de detrás da estante, oiço o barulho. Dois estrondos e o meu coração dá um salto. Espero que o som surja de novo, mas isso não acontece. Descalço os sapatos e desço a escadaria secreta a correr. Até lá abaixo. Em silêncio. A porta do armazém está fechada, mas há um enorme painel que está partido, e o ar passa por ele.

Volto para cima a correr e peço ao Sr. Frank que me ajude com o meu trabalho de casa. Percebo que a Anne sabe que estou a mentir, mas tenho esperança de que não diga nada à Mutti. Pegamos em ferramentas (bem, eu e o Pai pegamos, mas o Sr. Frank recusa-se outra vez) e descemos à pressa para o armazém.

– Polícia! – grita o Papi, e ouvimos passos a descer a rua a correr. Pegamos na tábua às escuras e começamos a substituí-la. É impossível não fazermos barulho. Tentamos não pensar nos centímetros que nos separam do mundo lá fora, nem no som tão sonoro do martelo a meio da noite.

– Já deve dar! – sussurra o Sr. Frank. Todos respiramos fundo e pomo-nos à escuta, incapazes de acreditar que acabou. Expiro e viro costas. Ouve-se um barulho alto e dilacerante e a tábua sai a voar da porta. Viro-me para trás e vejo uma bota a atravessar a porta, uma grande bota preta, a invadir o armazém, o sossego, a escuridão e a segurança. A ameaçar-nos. Balanço-lhe o meu martelo e tento empurrá-la de volta ao lado de fora.

O martelo embate na tábua lascada. O Pai lança o machado contra o soalho, em fúria. Saltam faíscas. Os passos correm. Silêncio. Eu e o Pai encostamo-nos um ao outro, a respirar com dificuldade.

– Bem, isto parece ter resolvido a questão – sussurra o Sr. Frank, com secura. – Vamos colocar a tábua de novo no sítio.

Tínhamos acabado de a levantar quando ouvimos mais passos. Paramos. Através da porta lascada surge a luz de uma lanterna. Por detrás dela estão as sombras de um homem e de uma mulher.

– Mas que... – diz o Papi, e todos saímos dali. Agora somos nós os ladrões. O Papi e o Sr. Frank vão a correr ter com as suas mulheres. Eu fujo para o escritório e desarrumo tudo, como se tivesse havido um assalto. Abro janelas. O Papi lembra-se de que o Dr. Pfeffer está na casa de banho e ajuda-o a subir as escadas. Fecho a porta da estante com cautela e escondo-me atrás dela por um instante, à escuta. Nada. Deixo que o martelo penda das minhas mãos e aguardo.

Não há nenhum barulho.

O Sr. Frank leva as mulheres lá para cima. Abrimos a minha janela e ficamos à escuta. Nenhum barulho.

E é então que os ouvimos. Passos no escritório – na escadaria e, por fim, direitos à estante dos livros.

A porta chocalha.

Ninguém fala.

Ninguém se mexe.

Acho que nenhum de nós respira sequer, mas todos nós estamos a pensar no mesmo. É agora. Neste instante. Mas, mesmo assim, nenhum de nós se mexe. Seja quem for que ali anda, chocalha a estante outra vez. E mais outra.

Cai uma lata das prateleiras.

“Eles sabem!”, penso eu. “Por que outra razão estariam a fazer isto?”¹²

Ouvimos passos a voltar atrás pelo escritório, a fechar janelas e a descer as escadas. Mas a luz continua a brilhar por debaixo da porta. Porque é que deixaram a luz ligada? Será que vão voltar para investigar? Terão ido buscar ferramentas? Todos estes pensamentos me cruzam a mente em silêncio. Reunimo-nos na cozinha.

– Com esta excitação toda, preciso do penico! – diz o Papi. E damo-nos conta de que os penicos estão no sótão e que, como tal, não temos onde mijar. Acabamos por usar o meu balde – todos nós. O balde tresanda. A sério. Cheira a todo o mijo e medo e merda que há no quarto. Porque é assim que nós estamos – com medo – tementes pelas nossas vidas.

Quero deitar-me com a Anne por baixo da mesa. Quero tê-la nos meus braços. Quero ter *algo* para segurar, *seja o que for* – mas a única coisa disponível é um cigarro. Portanto, fumo. Não travo, não se dê o caso de me fazer tossir. Sento-me ao lado do lavatório e ponho-me a pensar em quem será o casal com a lanterna. Espero que seja um casal holandês simpático que andava por ali a passear. Espero que o medo nos nossos rostos os tenha feito terem pena de nós, em vez de ódio.

Acho que tenho os olhos a fechar-se, mas não me parece que vá dormir.

Acabo por me esquivar para fora do quarto. A Anne está parada, pálida como um fantasma à luz da aurora, e vem atrás de mim. Sentamo-nos à minha janela e esperamos que o Sol nasça. Não vamos poder vê-lo, mas havemos de o sentir. Não dizemos nada, mas acho que estamos a pensar no mesmo. Será desta? Será este o nosso último dia? Sentamo-nos muito juntos. Tão juntos que consigo senti-la a tremer. Tenho palavras na minha mente. Palavras que não posso dizer. Palavras simples.

Deita-te e faz amor comigo.

Estamos tão frios. Tão cansados. Deita-te comigo para podermos dormir nos braços um do outro.

Mas ficamos em pé e em silêncio à janela.

Como sentinelas.

Até que, atrás de nós, os outros começam a sussurrar e a acordar. A fazer planos. E eu acabo por me deitar sozinho na cama. E adormeço.

Quando acordo, a Miep e o marido, o Jan, estão à porta.

Levanto-me e ponho-me à porta da cozinha. Está toda a gente a chorar e a falar. A casa continua com um cheiro terrível. Vou buscar a lixívia e começo a tentar livrar-me do cheiro. O balde está cheio e a verter. Encontro um alguidar. O Sr. Frank dá-me uma ajuda. Está pesado, mas não tão pesado como a sensação de medo que tenho dentro de mim.

– Bom trabalho, Peter – diz ele, mas as palavras escapam-se-me. Ainda assim, assinto com a cabeça. É difícil fazer com que todo aquele medo escoe pela sanita. Só temos meia hora até chegar o pessoal do escritório. Tratamos disso no fim. Quando voltamos, já toda a gente arrumou a casa como se nada tivesse acontecido. Fico parado a olhar especado para a cozinha, para toda a gente à conversa. Lembro-me do dia em que cheguei. Sinto o calor e lembro-me de como me pareceu pequena e escura. Sinto-me zozzo por ter dormido pouco. Imagino os quartos vazios – com tudo despejado, incluindo nós. Mas nós já lá não estamos, murmura a minha mente. Não há sinal de nós em lado nenhum fora das paredes deste Anexo.

Nada de que alguém vá sentir falta, a não ser o pessoal do escritório.

Abano a cabeça e tento concentrar-me.

O Jan conta-nos que o casal que nos viu no armazém foi o Sr. Van Hoeven e a mulher, o casal que entrega as batatas. Não disseram nada à polícia. Calcularam que houvesse alguém escondido. Toda a gente começa a falar e a rir de alívio.

– Mas quem é que arrombou a porta da primeira vez, e porquê?

– Quanto mais tempo conseguiremos aguentar?

Depois de almoço, todos dormimos. Deito-me na minha cama e olho para as brechas no teto amarelo. Sinto os olhos secos e arenosos. Como se tivessem sal. Passado um bocado, desço até à

casa de banho para os lavar. Está lá a Anne. Olha para mim com os seus grandes olhos.

– Ainda queres ir para o sótão? – pergunto. Ela faz que sim com a cabeça. Subimos. Ponho o braço à volta dos ombros dela e pouso a cabeça no seu cabelo. Toco-lhe no cabelo com os dedos. Ela põe os braços à minha volta. Fá-lo com timidez. Abraça-me e puxa-me para ela, ou tenta. Ela é muito pequena.

– Obrigada – sussurra ela.

– Porquê?

– Por seres tão valente – diz ela.

– Não sou – sussurro.

– Lutaste por nós – diz ela – e depois foste limpar a confusão.

– Todos o fizemos – respondo. A expressão de admiração que tem nos olhos e o toque dos seus braços à minha volta são agradáveis.

– Peter?

– Sim?

– Tenho andado a pensar no que disseste e, depois da noite passada, eu...

A Margot aparece ao cimo das escadas.

– Anda sentar-te, Margot – digo eu, apercebendo-me do quanto a temos excluído. – Estamos só aqui sentados ao sol.

A Margot sorri.

– É irónico, não é? – diz ela. – Acontecem coisas más e o sol brilha. O chá está pronto. – E desaparece. Pomo-nos de pé.

Lá em baixo, toda a gente exulta de alívio. Fizeram-nos limonada verdadeira.

Indago-me sobre o que estaremos a comemorar.

Estou exausto.

Passado um bocado, vou para o meu quarto. Tenho esperanças de que a Anne apareça. Tenho esperanças de que o olhar de admiração possa finalmente transformar-se num toque, num beijo, num... Adormeço.

[12](#) Quando a polícia chegou finalmente, foi direita à estante. Será que foram informados por quem quer que seja que perpetró esta entrada forçada? Não sabemos. Não podemos saber. Só podemos supor.

14 de abril de 1944 – Peter está apaixonado por Anne

A Anne fala e fala e fala, não parando nem sequer quando os meus dedos lhe percorrem o rosto ou lhe tocam no cabelo. Adoro o toque dos seus caracóis nos meus dedos. Adoro tudo à minha volta. Desde a entrada forçada que vejo tudo de outra perspetiva. Reparo em tudo.

O mundo parece-me especial e maravilhoso. Um milagre: o som dos pássaros no castanheiro do lado de fora da janela, o Sol num céu azul, as folhas. Um destes dias hei de chegar cá acima e ver os rebentos abertos. Bem abertos, e eu não terei visto isso acontecer.

Sinto o sol na cara; vejo-o a iluminar a pele no rosto da Anne. A luz cai numa barra sobre os seus olhos enquanto ela me lê o poema que escreveu acerca de amor e esperança.

Trabalho, amor, coragem e esperança.

Tornam-me melhor e ajudam-me a aguentar.

– É lindo! – digo.

– Bem – sorri ela –, é assim que me fazes sentir.

– A sério? – respondo. – Eu acho que é assim que a *escrita* te faz sentir. – E ela fica a olhar para mim. Lança-me aquele olhar penetrante.

– Não – diz ela, lentamente. – É que às vezes, sabes, Peter, as palavras vêm depois do sentimento.

Às vezes, no campo, as palavras dela acorriam-me. Apareciam-me na cabeça, vindas do nada. Surgiam como um comentário jocoso. Uma praga. Um sonho de um outro mundo que aqui não tem nenhum significado.

Fizeram-me ter esperança de que ela tenha morrido depressa. Depressa. De que tenha entrado nas câmaras cheia de amor, coragem e esperança e tenha saído como uma luz. Uma luz brilhante.

Não como esta.

Esta morte viva.

15 de abril de 1944 – Peter está a sofrer

Estou deitado de olhos bem abertos, sabendo que o sono não vai chegar. Que, em vez dele, vai chegar o medo. Por vezes acontece, e não há nada que eu possa fazer para o impedir.

Fecho os olhos com força. Aperto-os. Enrolo-me numa bola e tento fazer-me pequenino, na esperança de que o medo passe sobre mim. Não posso fugir dele.

A casa está quente. Abafada. Não posso abrir a janela. Tenho de me lembrar de uma coisa.

Não adormeço; estou apenas adormecido. Até nos meus sonhos estou nu e a tremer e a tentar lembrar-me de algo. No sonho, toda a gente está nua. Toda a gente treme. Toda a gente é judia, ou deficiente, ou homossexual, ou louca. Andamos todos a tropeçar por ali, à procura de uma chave. Somos aos milhares – e, no entanto, de algum modo estou sozinho.

Acho que já consigo ouvir outra vez os sinos de Westertoren. Abro os olhos – com alegria, mas não é real, eles não estão aqui.

Não adormeço. Estou adormecido.

A voz da Anne está a chamar-me.

– Peter, Peter! – Sinto-a a pegar-me na mão. Abro os olhos, vejo-a – e depois lembro-me.

– Não desferrolhei a porta! – digo, sentando-me direito de repente. Ela não responde, só me aperta a mão.

– Vem tomar o pequeno-almoço – diz ela. Tenho o coração a bater tão rápido. Não desferrolhei a porta. Todas as noites, aferro a porta para que ninguém do exterior possa entrar. Todas as manhãs tenho de a desferrolhar, para que o Sr. Kugler consiga entrar com a sua chave. Não consigo falar. Como é que ele entrou? O que é que aconteceu?

– Anda lá – diz a Anne, fazendo-me festas na mão. – Devíamos ter-te lembrado – diz ela.

Visto-me. Consigo ouvi-los na cozinha, murmúrios de vozes baixas. Quando entro, olham para mim. Não com raiva, mas com pena.

– Anda sentar-te, Peter – diz o Sr. Frank.

– Come, meu querido – diz a Mutti. – Tenta comer.

O Papi limita-se a sorrir-me. Eu tento. Ponho a comida no prato. Consigo mastigar mas não consigo engolir. A Anne estica-se do outro lado da mesa e toca-me na mão. O Sr. Frank aperta-me o ombro.

– No meio disto tudo, é do Peter que tenho mais pena – diz a Sra. Frank. Engulo em seco. Tento não chorar.

– O que é que aconteceu? – pergunto. Tenho de saber. Olham todos para o Sr. Frank.

– Bem – começa ele –, como podes imaginar, o Sr. Kugler não pôde abrir a porta porque estava aferrolhada por dentro.

Por um momento, acho que é tudo o que ele irá dizer. Toda a gente olha para ele. Menos a Anne, que me pisca o olho.

– Foi para o Keg, na porta ao lado – diz ele.

Oh não!, ponho-me a pensar. O Keg, não! Eles já repararam numas coisas. Agora já devem saber que a porta estava aferrolhada e que, portanto, deve haver alguém cá dentro. Engulo em seco. Ninguém diz nada, mas oiço-os a todos a inspirar. Isto é desastroso. É mau. Muito mau. Ninguém tem de me dizer, nem de me acusar. Eu sei.

– Ele partiu a janela do escritório e entrou assim. – Silêncio. – Infelizmente, o pessoal do Keg reparou numa janela aberta no sótão. Temos sido descuidados. Todos nós – diz ele. Deixo pender a cabeça. Sobretudo eu, penso.

– Peço imensa desculpa – digo. A Mutti sorri para mim.

– Fui que abri a janela do sótão – diz ela. – Por uma vez, queria que a roupa secasse ao ar, e o dia estava tão bonito...

– Seja como for, devíamos ter-te relembrado – diz a Margot.

– Sim – diz a Anne. – A tua função é desferrolhares a porta, mas a de todos nós é lembrar-te de o fazeres.

– Sim – diz o Sr. Frank. – Todos somos responsáveis.

O Dr. Pfeffer não diz nada.

Levanto-me.

– Obrigado – digo. Vou para o meu quarto. Quero estar lá em baixo. Quero encontrar o *Mouschi*. Quero sentar-me na escuridão da arrecadação, onde ninguém me pode ver. Mas não consigo enfrentar o facto de ter de passar outra vez pela cozinha para lá chegar. Estou parado no sótão. O sol brilha. Está um lindo dia. O céu está azul. Como é que pude esquecer-me? Como é que pude colocar-nos a todos em tanto perigo? O que é que se passa comigo?

O que se passa contigo é a Anne Frank.

– É simpático da tua parte – oiço a Mutti dizer –, mas agora não, Anne. Talvez mais logo. Deixa-o estar sossegado um bocadinho.

Sento-me no chão, ao sol. Não sei por quanto tempo. Passado um bocado, levanto-me. Não posso ficar aqui para sempre. Não posso mudar o que aconteceu. Se os desejos resultassem, a guerra já teria terminado. É o que diz a Mutti. Por isso, levanto-me. Desço as escadas. Os Franks foram-se embora, o que é um alívio.

A Mutti abraça-me. Não precisa de dizer nada. Aceno ao Papi com a cabeça.

– Azar, meu amigo – diz ele. – Podia ter acontecido a qualquer um.

“Mas não aconteceu”, penso eu. “Não aconteceu a qualquer um. Aconteceu-me a mim.”

Vou lá para baixo. Vou ter com o Sr. Frank.

– Pus-nos em perigo – digo. Ele não discorda, limitando-se a assentir com a cabeça, e depois sorri.

– Cometeste um erro – diz ele – mas não é propriamente por tua causa que estamos em perigo, pois não, Peter?

– Não – respondo – mas...

– O que está feito, está feito – diz ele, rapidamente. – Não penses mais nisso. Aprende a lição e segue em frente. – Aceno novamente com a cabeça.

– Podemos estudar um bocado de francês agora? – pergunto, porque quero estar perto dele. Quero pensar em verbos e terminações e em todas as coisas que criam ordem e fazem sentido.

– Claro que sim – diz ele. Pousa o livro. Treinamos a falar francês. Eu não sou muito bom.

– *Bonjour!* – começa ele.

– *Ça va?* – pergunto.

– *Ça va bien, merci. Et toi?*

– *Ça va.*

– *Qu'est que tu voudrais acheter ce matin?* – diz o Sr. Frank.

E as palavras saem-me da boca em holandês, não em francês.

– Alguma liberdade.

Coro. O Sr. Frank sorri.

– Infelizmente, não é coisa que possamos comprar, Peter – diz ele. Não digo nada.

Começamos pelos verbos irregulares.

O Sr. Kugler está zangado connosco. Temos de fazer mudanças: eu tenho de patrulhar o prédio todas as noites entre as oito e meia e as nove. Não podemos usar o autoclismo depois das nove e meia. O Pfeffer queixa-se porque tem de trabalhar na casa de banho, em vez de ser no escritório.

Mas o pior de tudo é não poder abrir a minha janela à noite. Compreendo o motivo – o escritório ao lado reparou nela – mas é perder o último pedacinho de ar do exterior. Parece a tampa de um caixão a fechar-se com estrondo.

Cada vez que penso no que fiz, revolve-se-me o estômago e o meu coração acelera. A Anne nada diz, mas, sempre que pode, chama-me a atenção e sorri para mim.

Não consigo comer ao jantar – ninguém fala do assunto, nem sequer o Pfeffer, o que é simpático. Toda a gente fala de outra coisa qualquer. Quando acha que ninguém está a ver, a Anne pisca-me o olho. Primeiro, penso que é um engano, um tique nervoso. Mas

depois, no exato momento em que o pai dela está a falar dos Aliados e de como certamente não tardarão a chegar, ela faz o mesmo. Olho em volta. Ninguém reparou. Ela aguarda. E depois faz outra vez. Faz-me sorrir. Não consigo evitar. Sopra-me um beijo. Depois de jantar, senta-se comigo na minha cama.

– Então! Chega-te um bocadinho para cima! – diz ela, tentando depois abraçar-me. Chega-se para cima para me envolver com os braços, mas, como é baixa demais, tem de ir buscar uma almofada e sentar-se nela para ficar mais alta.

– Anda cá – diz ela, deitando a cabeça no meu ombro. Abraça-me tão junto a si que eu deixo de me sentir sozinho. Chega-se para trás e olha para mim, de modo inquiridor, mas eu não consigo falar. Seguro-lhe o rosto na palma das mãos e sou percorrido pelo nome dela.

An-na, An-na, An-na.

Por todo o corpo menos os lábios.

Deito-lhe a cabeça no meu ombro. Consigo ver o meu relógio. Olho para os minutos a passar e sei que terei de me erguer em breve, porque serão oito e meia, horas de começar a minha patrulha. A vida tem de começar outra vez. Mas tomara que não tivesse de ser. Nenhuma parte da vida.

Tomara que pudéssemos ficar aqui sentados, com a cabeça dela no meu ombro, os meus dedos no cabelo dela. Levanto-me. Ela também. Não sei o que dizer nem como lhe agradecer.

– Eu... – Ela sorri quando eu começo a falar, mas não consigo encontrar as palavras. Põe-me a mão no braço e vira-se para se ir embora.

– Anne? – Não sei se a minha intenção é beijar-lhe a boca, os olhos ou a testa. Mas faço tentações de a beijar. Disso eu sei. Ela vira-se para trás e, não sei como, beijo-lhe a face, o cabelo e o suave calor da sua orelha. E então, sem eu dar por isso, ela sai.

Fico parado à janela. Respiro fundo. Toco nos lábios. Ainda tenho uma madeixa de cabelo presa entre os dedos.

– Anne? – sussurro o seu nome. – Anne? – Abano a cabeça e encaminho-me para a cozinha.

– Tudo a postos? – pergunta o Papi. Assinto com a cabeça. – Bonito menino – diz ele.

Mas a Mutti limita-se a fitar-me. Durante uns momentos, não diz nada, e depois toca-me no ombro.

– Tem cuidado, Peter – sussurra, e eu sinto os olhos dela a seguir-me para fora da pequena divisão e por toda a descida das escadas.

Não respondo.

Nessa noite, mais tarde: Peter ouve os pais às escondidas

Ponho-me à escuta, à porta. O Papi está a baixar a cama. A Mutti está parada ao lado do lava-loiças, mesmo ao pé da porta.

– O Peter não está em si, Hermann, não está mesmo nada em si. E ambos sabemos porquê, não é verdade? Viste a expressão no rosto daquela descarada quando saiu pela porta dele?! E a Edith Frank não faz nada em relação a isso! Ah não! A sua filha é demasiado perfeita para ser a causa do que quer que seja. É incrível! Que dirá ela quando as coisas tiverem ido longe demais?

– Ora! – diz o Pai, e eu consigo ouvi-lo resmungar.

– Sabes o que é que aquela mulher me disse? Disse que eu tinha inveja, inveja de uma miúda de 14 anos! O que é que me dizes a isso?

A única resposta que consigo ouvir são resmungos.

– O Peter é apenas humano. É um rapaz, não é? E ela é uma rapariga – diz a Mutti.

Mais resmungos do Papi.

– Mas como é que podes *saber* que ele vai ser sensato, Hermann? Nós teríamos sido?

Mais resmungos e depois a Mutti ri-se o mais alto a que se atreve.

– Se achas que, numa situação destas, nós teríamos esperado, é porque não tens memória!

Faz-se silêncio. Eu espero. O silêncio aumenta. A cama range. Afasto-me da porta o mais depressa que posso.

16 de abril de 1944 – Peter está no armazém

Agora nunca estou sozinho. Mesmo no armazém, a Anne está comigo em pensamento. Imagino-nos juntos na escuridão e tranquilidade secretas. Penso em como poderia abraçá-la enquanto inspirávamos o aroma das especiarias – no que poderíamos fazer juntos.

Passo pela mesa e sinto algo a roçar-me na anca e a cair. Quando olho para baixo, está um lápis no chão. Não me diz nada. Limito-me a apanhá-lo e a equilibrá-lo de novo na mesa, indagando-me sobre como lá terá ido parar.

Havia pistas. Imensas pistas. Havia alguém a observar.

A hora aproxima-se. Mas eu não estou a ouvir, não estou a ver.

Estou demasiado cheio de desejo.

Pela Anne.

Passamos todo o nosso tempo livre no sótão. Abraçados um ao outro. A falar e falar e falar. Nunca soube que tinha tantas palavras dentro de mim. Tantos pensamentos. A Anne é fantástica.

– Afinal, o que é o amor? – pergunta ela, certo dia. – Quer dizer, é preciso ser-se casado para o sentir?

– Não – respondo eu.

– Lá está! Olha para os nossos pais. Serão exemplos imaculados de como amar alguém?

– Bem – digo, hesitante –, eu acho que os meus se amam a sério, ainda que discutam. – Penso no Papi a recordar a Mutti vestida de seda cor-de-rosa. Penso na cama deles a ranger. Não digo nada, não vá ela escrever isso no diário.

– Bem, o Papá não ama a minha mãe.

– Achas que não? – pergunto. – Mas eles nunca discutem.

– Exato! Não há paixão!

Penso no que ela disse. Pergunto-me porque será que eu e a Anne nunca discutimos.

27 de abril de 1944 – Anne e Peter beijam-se

Estou deitado na minha cama com os braços à volta dela. Parece-me tão natural como ter o *Mouschi* ao meu colo. Por vezes meto a mão por debaixo do tecido do vestido dela e sinto a curva do seu ombro.

O *Mouschi* está sempre a empurrar e a espremer-se no meio de nós. Tem ciúmes. Afasto-o com um empurrão.

Acho que a Anne está outra vez a chorar; em silêncio debaixo do meu ombro. As lágrimas ensopam-me as jardineiras. Como é que cabem tantos sentimentos numa pessoa tão pequena? Abraço-a com um bocadinho mais de força. Não digo nada. Será que ela sabe que eu consigo perceber? Será que pensa que estou aqui deitado com ela a imaginar que ela sorri? Porque é que ela não diz nada? Porque é que nunca fala da sua tristeza? Às oito e meia, levantamo-nos. Está na hora de ir. Ela põe-se à janela. A maneira como repete sempre a mesma coisa faz-me sorrir. Põe-se à janela para me dizer adeus. Está a tremer. Chego-me a ela. Acho que, se a abraçar, posso fazê-la parar de tremer. Não para sempre, mas pelo menos por agora. Estendo os braços. Ela lança os braços à minha volta e eu sou empurrado contra a parede. Sinto o peso quente dela no meu pescoço. A suave pressão dos seus lábios na minha face. É demasiado súbito, apanha-me de surpresa. E é então que a minha boca encontra a dela.

E, depois de lá estar, não consigo parar.

Não importa o que penso, nem o esforço que faço para respeitar o pai dela – para ser um homem e recusar-me a tomar o que não é meu.

O corpo dela está contra o meu, agarrado a mim. As nossas bocas comprimem-se. E eu não consigo parar. Não quero parar. Até que a Anne se afasta. Olhamos especados um para o outro. Os olhos dela

ainda reluzem de lágrimas e mais qualquer coisa. Algo que não conheço ou não reconheço.

– Anne. – Mas ela não fica. Não me dá tempo para dizer mais nada. Vira costas e sai. E vem-me uma coisa à ideia.

Ela mal pode esperar por escrever aquilo no seu diário.

O *Mouschi* passeia-se à volta dos meus tornozelos, de cauda em pé e furioso. Pego-lhe ao colo.

– O que foi? – pergunto, sentando-me. Ele levanta a cabeça, empurra-a contra as minhas mãos, à espera do toque dos meus dedos atrás das suas orelhas. E depois estica-se ao longo do meu colo. E se ele fosse a Anne? E se fosse ela que estivesse esticada no meu colo com as minhas mãos a percorrer-lhe o corpo?

– Não – murmuro a mim mesmo, mas o que quero dizer é sim.

Estamos assustados.

Assustados por esta ser a nossa única oportunidade.

Não amanhã.

Mas aqui.

E agora.

29 de abril de 1944 – Peter espera por Anne

Mal posso esperar por estar outra vez sozinho com ela. Bochecho com água e lavo a cara. Quando ela entra, estou a postos, sentado à secretária.

– Peter? – dirige-se a mim assim que se senta. – *Achas* que eu devia falar ao meu pai sobre nós?

– Claro que sim – respondo, rapidamente. – Deves fazer o que achas correto. – Mas o meu coração afunda. Será que lhe vai contar para ter uma boa desculpa para nos travar? Acena-me com a cabeça, de modo distante, formal, como se fosse minha secretária, como se aquele beijo nunca tivesse acontecido. Terá o corpo dela esquecido? O meu não esqueceu. Ontem à noite, ao adormecer, senti a pressão dos pequenos seios dela contra o meu peito. Penetrante e súbita, como a luxúria. Apercebo-me de que ela ainda está a falar.

– Tu mereces a minha confiança, não mereces, Peter? – Coro. Não digo nada. A que se refere ela? O que é que ela quer? Foste tu que começaste, é o que me apetece dizer, e agora eu não consigo parar. Não consigo parar de te querer.

A Anne fala sem parar até ao cair da noite.

Fico em silêncio.

– Estás bem? – pergunta ela. Não digo nada por uns instantes.

– Podia ficar a olhar para ti para sempre – acabo por dizer. – A ouvir-te para sempre.

– Espera um bocadinho – diz ela.

Quando regressa, traz qualquer coisa nas mãos. É o seu diário. Fico a olhar espedado para ele. O bem precioso da Anne, tão precioso que o pai dela o guarda numa pasta que fica ao lado da sua cama durante a noite. (Como se já não fosse suficientemente difícil esconder-nos aos oitos, também tem de esconder o diário dela!) Ela estende-mo. Pego nele. Olho-o fixamente.

– Vá lá – diz ela. – Marquei a página. Desde a entrada forçada que ando a pensar nisso e a tentar dizê-lo, Peter, mas, de alguma maneira, é sempre mais fácil escrever.

Abro o diário onde está marcado. A letra dela é pequena e direitinha. Leio depressa. As palavras saltam-me à vista. Faz perguntas acerca do amor, acerca do que pode significar. Diz que é físico, como tudo o resto; algumas das palavras saltam-me aos olhos. Diz que o amor não pode ser partilhado, que é sempre entre duas pessoas apenas. Coro quando leio aquilo. Penso na minha Liese e no Peter dela. Pergunto-me se será a isso que se refere.

Leio as palavras duas vezes. Ergo os olhos para ela; está a olhar para mim, à espera. Tento pensar mesmo no que ela está a dizer, mas tudo o que posso fazer de facto é perguntar-me se ela estará a falar a sério.

– Será que a virtude tem mesmo importância? – pergunta ela. – Temos de ser casados ou é aceitável amarmos outra pessoa, no aspeto físico, desde que seja apenas a ela?

– Estás a falar a sério em relação a tudo isto? – pergunto. Ela faz que sim com a cabeça: – Pensei muito nisso. Sei que tudo poderia acabar amanhã.

– Até a parte acerca de perderes a tua virtude?

– Se a pessoa valer a pena e não estiver apaixonada por outra. – Olha-me muito fixamente, com os seus olhos omnipresentes. – É a isso que me refiro quando pergunto se posso confiar em ti – diz ela. – Não iria suportar ser a segunda escolha de ninguém. – Ri-se mais uma vez.

– Anne Frank – digo –, és completamente inacreditável!

– Obrigada. – Sorri e finge fazer uma vénia.

Fecho o diário e seguro-o nas mãos. Olho para ela, parada à janela. Anne Frank, baixinha, determinada e pensativa – sempre pensativa. Sempre esperançosa. Sempre curiosa. Nunca capaz de aceitar o

segundo lugar, embora todos nós estejamos em segundo lugar em relação à sua escrita.

Este momento. Estou farto dele. Farto dela. Não existe a Liese, só eu e a Anne.

– Sim – digo. – Podes confiar em mim. Nunca te porei em segundo lugar.

Devolvo-lhe o diário.

– Quando sairmos daqui, vais esquecer-me, não vais? – diz ela, de repente. Deita a cabeça de lado. Lança-me o seu sorriso à estrela de cinema e passa a ser a outra Anne Frank, uma rapariga com um milhão de disfarces, dos quais nunca sei qual é o verdadeiro. Fico furioso. Como é que ela pode tratar-me assim, brincar comigo como se o facto de a ter posto acima da Liese não significasse nada?

– Isso não é verdade, Anne. Não podes pensar isso de mim!

Porque eu nunca hei de esquecer a Anne Frank – aconteça o que acontecer.

– Porque não? – pergunta ela. Levanta as sobrancelhas e faz beicinho. Viro costas. Quero dar-lhe uma estalada, com força. Quero acordá-la. Isto não é um jogo, tu não és uma estrela de cinema, Anne, e eu sou apenas um rapaz com uma dor na virilha! Vamos falar sobre isso?

– Acho que é melhor ires.

Ela pega no diário e dirige-se para a porta.

– Peter? – chama ela, agora com o pequeno rosto empalidecido. – Eu...

– Desculpa, Anne, desculpa, mas tu mudas tão depressa e fazes joguinhos, e às vezes é...

– Eu sei – diz ela. – Mas, Peter, eu também estou confusa.

– Estás?

– Claro que sim.

– Não parece!

Ela abana a cabeça para mim – para si própria.

– Eu sei – repete. – É horrível. Às vezes acho que só sou eu mesma no meu diário!

– Às vezes odeio o teu diário!

– Porquê?

– Porque vem sempre em primeiro lugar e eu sou sempre o segundo, e por vezes dá a sensação de que só passas tempo comigo para teres algo sobre o que escrever.

– Peter!

– Bem, é verdade!

Ela torna sentar-se. Ambos respiramos fundo.

– Eu... eu... não escreveria acerca disso se tu não quisesses – diz ela, passado um bocado.

– A sério?

Ela cora.

– Bem, talvez aproveitasse qualquer coisa para uma história, mas não é a mesma coisa, pois não?

Ela fica a olhar para mim.

– Não é? – pergunto. – Como é que hás de saber, Anne? Alguma vez alguém te meteu numa história? Sabes qual é a sensação de ser o Hans na “Vida de Cady”?¹³

Ela cora e aperta o diário junto ao peito.

– Percebeste?

– Era difícil deixar escapar.

– Bem – diz ela, em tom desafiador –, não é propositado. Não penso nisso. Limito-me a escrever e depois... bem... aparece lá.

– Sim, está numa página onde parece ser verdade – ainda que não seja.

– É essa a sensação que dá? – pergunta ela.

– Dá a sensação de ter sido roubado. – As palavras saem-me antes que eu dê por isso. Ela fica a olhar para mim.

– Desculpa. – Engole em seco, com os olhos a pestanejar de lágrimas. – Desculpa, não sabia, mas não consigo parar. Quer dizer,

a escrita é como...

– Estares apaixonada por outra pessoa?

Mais uma vez, as palavras saem-me simplesmente, mas, assim que surgem, sei que são verdadeiras. Tal como eu amo a Liese, a Anne ama a escrita. Ambos temos outra pessoa.

A Anne não responde, limitando-se a sair do quarto a correr.

Desço até ao armazém. Sento-me encostado à parede. Levanto a cabeça e estico o pescoço. Respiro fundo e deixo a cabeça pender-me para a frente.

Estará correto da minha parte desejar que façamos amor se for apenas pelo facto de podermos vir a morrer?

E se a Liese sobreviver?

E se eu desiludir o Sr. Frank?

E se a Anne não estiver a falar a sério em relação a nada daquilo?

Espero que o *Boche* apareça, mas ele não vem.

Onde estás, *Boche*? Não sei o que farei se ele não voltar. Não consigo imaginar não o ter aqui: o cheiro do ar no seu pelo, o toque das suas patas enquanto amarinha pelo meu corpo. Onde estás, *Boche*?

– Não sei. Não sei – sussurro a mim mesmo.

Não sei nada.

Já nem sei o que está certo ou errado.

[13](#) Anne estava a escrever uma história de ficção chamada "A Vida de Cady".

30 de abril de 1944 – O Sr. Frank interroga Peter

- Peter? – O Sr. Frank está parado à porta. Levanto-me.
- Pensava que podia confiar em ti – diz ele.
- E pode.
- Não me parece que compreendas, Peter – diz ele, com calma. – Isto não diz respeito apenas à política da casa, diz respeito à minha filha. – Assinto com a cabeça.
- Estás apaixonado por ela? – pergunta.
- Encolho os ombros.
- Não sei – respondo. – Gostamos da companhia um do outro. Acho que... talvez nos façamos felizes um ao outro.
- E desejo? – pergunta ele. – Eu também já fui rapaz, Peter.
- “Não assim, com certeza”, penso eu. Mas, mais uma vez, não digo nada. Tê-lo-ei desiludido?
- Não consigo controlar-me – digo, passado um bocado.
- Ele respira fundo.
- Tu conseguirias, e a Anne conseguiria, mas juntos o caso pode mudar de figura – diz ele.
- “Foi assim que acabou casado com a Sra. Frank?” Baixo a cabeça rapidamente, na esperança de que o pensamento não se note. Mas, quando levanto os olhos, ele está a sorrir.
- O amor não se consegue controlar, Peter! O melhor que podes fazer é manteres-te longe do seu caminho. É isso que te peço; que não te ponhas no seu caminho. Isso significa não passarem horas sozinhos. Percebes? – Assinto de novo com a cabeça, mas não falo.
- Passado um bocado, ele põe-se de pé e sai.
- Então ela sempre decidiu contar ao pai acerca de nós.
- Porquê?
- Desço até ao armazém, mas não encontro o *Boche* em lado nenhum. Fico preocupado; será que alguém comeria um gato? A ideia anda às voltas na minha cabeça. Sento-me no escuro e espero.

E espero. Mas o *Boche* desapareceu e, por mais que eu queira, não posso ir à procura dele.

5 de maio de 1944 – Anne está furiosa

– Podemos fazer o que quisermos! – diz a Anne. – Eles não sabem como é ser nós. Ter perdido tanta coisa! Temos de confiar nos nossos juízos de valor e fazer aquilo que *nós* pensamos que está certo, não é, Peter?

– Desde que fique só entre nós? – respondo. Ela desvia o olhar; não consegue olhar-me nos olhos. Aguardo, e, quando ela olha de facto para mim, de repente, não sei como, ficamos sozinhos com aquela pergunta silenciosa nos olhos, procurando uma resposta um no outro.

O ar estremece sob as goteiras. A Anne treme com o calor. Sopra uma mecha de cabelo para longe da cara.

– Está tanto calor – sussurra ela. Deita-se no retalho de luz do sol e estica-se, absorvendo o calor. Fecha os olhos. Levanto-me lentamente e desloco uma saca de feijões para cima do alçapão. O ar está tão quieto que consigo ouvir a nossa respiração. Deito-me ao lado da Anne, apoio-me sobre o cotovelo e fito-a à luz do sol. Tem um ligeiro sorriso nos lábios, mas não abre os olhos.

– Para de olhar! – diz ela.

– És linda – digo eu, e é verdade. Ela é linda.

Deito-me direito e procuro a mão dela; os nossos dedos entrelaçam-se uns nos outros. Viro a cabeça e beijo-lhe a testa. Ela levanta a cabeça, toca os meus lábios com os dela. Abre os olhos. Olhamo-nos fixamente enquanto nos beijamos.

– Anne? – sussurro. Ela acena com a cabeça, com os olhos arregalados.

O meu coração sobressalta-se. Não sei o que está a acontecer. Tento sorrir mas não consigo. O meu rosto não se mexe.

Levanto a mão para lhe tocar debaixo do cabelo. O pescoço dela é tão pequeno que quase consigo dar-lhe a volta com a mão. Estou a

tremer. Toco no osso em que a cabeça dela se une ao pescoço, pequeno e delicado.

A Anne estremece ligeiramente. Temos os olhos fixos um no outro. Percorro-lhe a espinha com os dedos e sinto a sua respiração a mudar, a ficar como a do *Mouschi*, quase um ronronar. Ela estica-se e suspira, vira-se de barriga para cima, fecha os olhos. Ponho-lhe a mão na barriga. E concentro-me. Em mantê-la lá.

– Anne?

– Peter?

Os olhos dela abrem-se. Os nossos rostos aproximam-se. Ponho as mãos no cabelo dela. É suave e espesso ao mesmo tempo. Aproximamo-nos cada vez mais, até ficarmos comprimidos um contra o outro à luz do sol, com a pele quente dela debaixo dos meus dedos. É como a curva de uma peça de madeira perfeita sob as minhas mãos, só que macia e autêntica e aqui e agora. Abraço-a tão junto a mim que até me esqueço de onde ela começa e eu acabo.

Ela chega-se para trás com rapidez. Com brusquidão. E arqueja.

– Oh! – E baixa os olhos para mim. Sento-me direito.

– Está tudo bem – sussurro rapidamente, chegando-me para trás. Mas não está tudo bem. Está tudo a regressar: a luz do sol, a janela, a roupa a secar. Está tudo a girar na minha direção à medida que a Anne se afasta. Agarro-me à mão dela.

– Peter! – sussurra ela. – Peter!

Respiro fundo, tento que tudo faça sentido, tento lembrar-me de quem sou, de onde estou.

– Anne? – pergunto.

– Estou bem – diz ela. – É que, é que... bem, é tão mais *real* do que eu imaginava!

Assinto com a cabeça. Ela agarra-se à minha mão.

Sentamo-nos juntos, em silêncio, até eu recuperar o fôlego, até que as palavras regressem com o mundo que, por um momento

apenas, se dissolveu por completo na luz do sol, e na Anne.

– Anne.

– Mmm.

– Não escrevas isto no teu diário.

– Não escrevo. – Ela larga-me a mão. – Peter?

– Mmm.

– Sabes, não estou contigo só para ter o que escrever no meu diário.

– Obrigado – digo. Levanto-me e olho pela janela. Lá fora, o céu exhibe um azul pálido e o mar é uma faixa escura à distância. Olho para ele à espera que o meu corpo pare de sofrer de desejo, que se acomode.

Ficamos em silêncio por instantes.

– Vais ficar aqui na Holanda quando a guerra acabar? – pergunta a Anne.

Suspiro. Encostamo-nos a pontas opostas da janela.

– Não. Acho que vou para um sítio quente.

– Não queres ser holandês?

– Não quero ser coisa nenhuma – respondo.

– Como é que podes dizer isso?

– Porque é que *não posso* dizer isso?

– Não é justo – diz ela, de modo apaixonado, e tomara eu que ela se sentisse assim quando está nos meus braços, da maneira como soa agora. Mas não sente. – Se fôssemos cristãos, não passaríamos de pessoas! Se fizermos algo de errado, é como se toda a raça judia o tivesse feito! Porque é que isso acontece? – queixa-se.

– Claro que é assim, Anne, mas se calhar alguns de nós fazem com que seja assim ao pensarem que somos tão especiais.

– Tem de ser, temos de preservar a nossa tradição, estamos a ser atacados. Devíamos ser orgulhosos!

– Nós somos orgulhosos, talvez orgulhosos *demais!*

– Peter!

– Gosto da ideia de ser responsável pelos *meus* atos, não pelos atos da raça inteira. Será isso assim tão errado?

– Não, mas... – e é então que ela começa com as risadinhas. Quando a Anne dá risadinhas, o som que emite é como uma luz numa sala escura. A sério. Ou aquela sensação que se tem quando o lápis desenha para nós. Não tarda, está a rebolar no chão.

– O que foi? O que se passa?

– Imagina – diz, ofegante – que eras o único rapaz que sobrava...

– Isso não tem graça.

– Peter van Pels, o último sobrevivente, a tua função é procriar a raça!

E agora estamos os dois no chão, a rir, agarrados um ao outro, tentando não fazer barulho.

– Tu... tu vais ser como o meu livro de Álgebra antigo – diz ela, ofegante. – Todo gasto. Tantos nomes em ti! – Rio-me. E depois imagino as filas de raparigas à espera. Boas raparigas judias, a cumprirem o seu dever, na esperança de perpetuarem a raça. A Anne ainda está deitada no chão, com os ombros a tremer.

– Anne! – Não há resposta.

– Anne, não tem piada! – Ela para. Para de modo tão súbito como começou.

– Eu sei – diz ela.

Ficamos em silêncio. Sentamo-nos afastados, com o mundo inteiro e todo o seu ódio a ocupar o ar entre nós.

– Lamento – sussurra ela.

– Eu também – respondo.

– Então, para onde irias? – pergunta ela, passado um bocado.

– Para longe – respondo. – Para um sítio onde o sol brilhe. Sabes qual é a palavra que eu adoro?

– Não.

– El Dorado.

Ela ri-se.

– Porquê?

– Não sei. Quer dizer ouro, não é? Aquilo que queres, que vais descobrir. Aquilo que te vai tornar rica! – e, quando digo as palavras, percebo que estou a falar *dela*. Da Anne. É ela aquilo que eu quero descobrir.

– Oh – é tudo o que ela diz. – Nem todas as riquezas têm que ver com dinheiro!

Mais tarde, quando nos encontramos nas escadas, chamo-lhe o meu El Dorado, para que saiba que não me referia a dinheiro!¹⁴

– Que querido – diz ela. – Não se pode chamar isso a uma pessoa.

Mas pode-se. Pode-se quando se sabe que ela é melhor do que o ouro e que ainda está por descobrir.

¹⁴ Na verdade, isto aconteceu no dia 25 de abril.

Terá alguma vez havido um mundo assim, onde falávamos e ríamos e pensávamos em voz alta?

Onde não nos deixavam nus nem nos faziam saber o que é um homem quando dele nada mais resta do que a ideia da sua sobrevivência.

O Sr. Frank salvou-me disso.

Pelo menos enquanto estivemos juntos.

Falei-vos da sopa? Disse-vos como desejei encher o estômago? Que, se pudesse aquecer-me com mais uns quartilhos, aceitava? Esquecendo-me da pressão que exerceriam sobre a minha bexiga à noite, acordando-me.

Uma vez, acordei para ir mijar e estava um gelo. As estrelas estavam tão altas. Tão distantes. Tão nítidas. Tão frias. Mas, por alguma razão, nessa noite pude ver como eram belas. E ali fiquei. Parado a olhar. E, por um momento, um momento apenas, senti-me de novo humano. E depois o momento passou.

26 de maio de 1944 – Peter quer Anne, Anne quer escrever

Está tudo a mudar. A invasão está cada vez mais próxima. Todo o Anexo está virado do avesso. Primeiro diz-se que o bombardeamento será no dia seguinte. Depois já se diz que nunca haveremos de escapar, porque os nazis irão afogar-nos como se fôssemos ratazanas, irão inundar a Holanda inteira se não puderem ficar com ela.

Lá fora, as pessoas morrem de fome. Nós também. Adoraria o sabor de algo fresco na boca, algo que não tivesse passado meses num barril. Está tudo podre.

Toda a gente tem esperança de ficarmos livres até ao fim do ano. A Anne está tão entusiasmada com o pensamento do mundo lá fora, com a ideia de o seu diário vir a ser um testemunho do que acontece no esconderijo.

– Mas, na maior parte do tempo, isto é tão aborrecido! – digo eu.

– Depende de como vês as coisas – responde ela, o que é um pouco preocupante.

Esquivo-me para a arrecadação, mas alguém derrubou um saco de farinha. No fundo, espero que tenha sido o *Boche*, embora saiba que ele nunca seria assim tão desajeitado. Não sei se hei de deixá-lo assim ou limpá-lo.

– Pisaste a farinha? – pergunta o Sr. Frank.

– Não.

– Então deixa ficar assim. – Parece preocupado. Isso significa que não posso ir lá abaixo o fim de semana inteiro. Sinto-me ainda mais encurralado. Opto por descer até ao armazém.

A porta está encravada, mas acabo por conseguir abri-la. O *Mouschi* segue-me lá para dentro, como se soubesse que não estava lá o *Boche* para o assustar. Agacha-se, com o dorso arqueado e o focinho no chão, os olhos erguidos para o nada. Às vezes faz o

mesmo com a luz do sol no sótão. Observa e observa e depois atira-se à luz e não há lá nada! Mas isto é diferente, enervante, como se estivesse a observar um inimigo invisível. De repente, ponho-me a pensar se ele conseguirá ver um *Boche* invisível, a brincar no ar. Abano a cabeça.

Lentamente, subo a deslizar pela parede e vou em direção à porta. É então que vejo o calço empurrado para trás e me apercebo de que foi isso que encravou a porta. Percebo de imediato que não há nada que eu possa fazer. Nada. Não posso pô-lo no lugar. Não posso fechar a porta e colocar o calço do lado certo. Ponho-me a olhar para ele. Olho para ele como se pudesse fazê-lo sair dali. Quem é que o pôs ali?

Passo pela porta e fecho-a. Digo ao Sr. Frank.

– Obrigado, Peter. Vamos guardar isto para nós, pode ser? – Assinto com a cabeça. Não volto lá abaixo.

Já não quero lá ir. Asseguro-me de que o *Mouschi* fica cá em cima. Ainda não há sinal do *Boche*. No fundo, sei que ele desapareceu. Há semanas que sei disso, mas continuo a ter esperança, continuo a pensar que ele pode entrar por aí adentro quando eu menos esperar e meter-me a cabeça no meio das mãos.

A Anne está iluminada. Por vezes, quando lhe toco, fico impressionado por ela não estar a arder de calor, de paixão por todas as palavras e ideias e esperança que dela vertem.

Mas não é paixão por mim.

– Peter?

– Mmm?

– Estou a escrever! Estou a escrever!

– Eu sei.

– Quero que as pessoas saibam, Peter. Quero que sintam o que nós sentimos. Qual é a sensação de se estar assustado. Qual é a sensação de olhar pela janela e ver o nosso próprio povo a ser levado enquanto estamos em segurança na nossa cama. Qual é a

sensação de comer enquanto eles morrem à fome. Se elas souberem, se também o sentirem, nunca mais poderão voltar a fazer isto, pois não? Os olhos dela estão acesos. Em brasa. Ardentes. Estão impressionantes.

– Mas nós *não* estamos em segurança nas nossas camas, Anne, pois não? – digo, com meiguice. Não sei porque tenho de o dizer. A Anne já o sabe. A Anne receia-o mais do que qualquer um de nós. Muitas vezes, ela treme de medo. Sinto-o cá dentro quando a abraço. Que está sempre a tremer. De medo. De entusiasmo. De desespero. E agora, de esperança. É o diário dela. É o que faz. Quer dizer que ela se lembra em vez de se esquecer. Quer dizer que tem esperança em vez de estar apenas à espera, como todos nós.

– Mas aguentámos tanto tempo. Esperámos tanto tempo, Peter! Não achas...? – e então detém-se.

– O que foi? – pergunto. Ela abranda. Vejo-a a fazê-lo. Quer gritar as suas palavras do cimo dos telhados, mas está a tentar abrandar-se a si própria, agarrar-se a si própria. Mas, na verdade, está a voar. A voar sobre nós todos. A voar alto no ar sobre palavras e ideias e escrita, escrita, escrita.

– Não te parece que Deus está a salvar-nos por uma razão? – pergunta ela. – Um propósito? Seja como for, o desespero é um pecado, sobretudo quando temos isto tudo! – e projeta os braços em direção à janela, onde o Sol brilha através das folhas do castanheiro, cheio de verão. E a Anne também é assim – cheia de esperança e vida e convicção. É esgotante.

– Porque é que haveria de o fazer? – digo.

– O que foi? – Ela desvia o olhar da janela e dirige-o para mim. Parece chocada, surpreendida por eu ter necessidade de dizer o que quer que seja. Afinal de contas, ela já disse tudo, não foi?

Engulo em seco. Digo as palavras.

– Porque é que Deus haveria de nos salvar, Anne, se não salvou tanta gente?

Ela para. Por um instante, não responde.

– No outro dia sonhei com a minha amiga Hanneli. Conheceste-a? Foi levada. – Não precisa de dizer mais nada. Todos nós sonhamos com aqueles que desapareceram. Não falamos deles. Não é preciso. Estão estampados nos nossos rostos no dia seguinte, nos nossos olhos vagos, nos nossos movimentos lentos. Todos reparamos. Todos contornamos essa pessoa com cuidado. Talvez estejamos a ser simpáticos. Talvez tenhamos medo de ser infetados. Não sei. Só sei que damos tempo um ao outro. E espaço. E que não falamos sobre isso.

– Todos nós sonhamos, Anne – digo eu. Penso na cabeça rapada da Liese, a pesar-me nas mãos. Mordo o lábio. Não quero os sonhos da Anne. Já me chegam os meus.

– Fui cruel com a Hanneli, Peter. Se alguma vez sair daqui, vou compensá-la. Vou mesmo. – Ela agora está frenética. Em pânico. Suspiro. Tudo o que a Anne sente, sente mais do que todos os outros.

– Eras uma criança, Anne. Como diz o teu pai, as crianças são muitas vezes cruéis sem querer, como os animais.

– Mas, e se ela estiver morta? E se eu nunca tiver oportunidade de pedir desculpa? – lamuria-se ela. Parece tão pequenina. Tão perdida. Tão frágil. Por isso abraço-a. Não consigo evitar. Sei que não devia. Sei que, no fim de contas, isso não irá melhorar nada – e que nunca conseguirei fazê-la amar-me mais do que ama as ideias, os livros e a escrita – mas acalma-a. E ela está quente. E, por um momento, sinto-me forte. E seguro. Seguro de que, por uma vez, estou a fazer uma coisa boa. A manter as coisas em segurança nas minhas mãos. Não. A mantê-la *a ela* em segurança nas minhas mãos.

Na noite passada sonhei com ela.

Eu estava num trapézio lá no alto. Estava de cabeça para baixo. A balançar. E depois chegaram as pessoas. Os seus corpos caíam como

chuva à minha volta. Estendi as mãos para os apanhar. Um toque. Um aperto. Mas, no final, todos se esvaíram pelos meus dedos. Caíam à distância. Aos milhares. Todos com as cabeças rapadas e olhos acusadores. Virei as palmas das mãos para fora, com dedos esticados e sentidos. Seguros. E foi então que ouvi a voz dela. "Peter", disse ela, e os nossos olhos encontraram-se.

"Anne?" Os olhos dela fixaram-se nos meus. Os olhos dela tentavam dizer-me algo, mas eu não conseguia ouvir. E ela começou a escorregar. A escorregar-me pelos dedos...

Até que caiu. Até se tornar mais um entre centenas, milhares, milhões de corpos que caíam como gotas de chuva. E depois tudo parou. E o mundo ficou vazio. Balancei de cabeça para baixo na escuridão. Sem mais nada a não ser o pedaço de papel rasgado que ela me deixara a adejar-me nas mãos.

Na manhã seguinte, toda a gente se junta à minha volta. Dá-me espaço. E eu sei que o sonho está estampado em mim.

Estão a ver? Nós sabíamos. Sabíamos que estava a chegar. Que a rede estava a fechar-se. Que, na verdade, não passávamos de peixe, que já se agitava e se debatia por ar. Nos bons velhos tempos, em Zuider Amstellaan, costumávamos brincar com isso. " O que irão racionar a seguir?", dizia o Papi. " O ar que respiramos?"

Sim, Pai, sim. Transformaram o ar em gás e mataram-te com ele. Será isto só mais um sonho?

Outro pesadelo?

Outra revelação?

E, no fim de contas, aquilo que sempre acontece vai tornar a acontecer.

Vais sorrir e erguer-te. Fazer um qualquer comentário que prove que não me ouviste sequer.

E depois vais afastar-te.

Não é assim que funciona?

6 de junho de 1944 – Começou a invasão

Os britânicos estão a bombardear ao longo da costa do Norte de França. Olho pela janela. A chuva cai no canal. Quem me dera senti-la na cara. Desejo-o como nunca desejei nada. Se pudesse ter algum poder no mundo, seria invisível. Iria lá para fora e não deixaria de estar em segurança. Digo-o. A Anne ergue os olhos de relance para mim.

– Não sejas tonto – diz ela, folheando mais uma página da revista.
– Se fosses invisível, não existirias de facto.

Penso nisso enquanto a observo a virar as páginas, fitando-as, sorrindo. Passado um bocado, levanta os olhos.

– Então? É verdade, não é?

Acho que é verdade que a Anne está farta de mim.

– Não tenho a certeza. Quer dizer, na realidade, eu ainda cá estaria, não é? E... e podia ir lá fora.

Ela suspira, exasperada. Agora provoco-lhe esse efeito. Faço-a suspirar. O Sr. Frank estava irritado e zangado com ela por me ver, e agora ela está irritada e zangada comigo por ainda a querer, quando tudo o que ela quer é trabalhar no seu diário e que chegue o dia da libertação.

– Mas serias, Peter? – pergunta ela. – Serias mesmo tu se pudesses ir lá fora? Serias a mesma pessoa, com o mesmo conjunto de experiências? Sinceramente? – Agora ela está a sorrir, a rir. Está a brincar comigo. Todos os meus pensamentos me parecem insignificantes quando ela está assim. Viro costas. Não sei. Não sei. Não sei nada, pois não?

Olho com atenção para a janela. Gostava de lhe bater. Gostava de lhe dar um murro e senti-la a estilhaçar-se. Gostava de ver sangue. Mas a sensação que tenho é a de que, se tentasse, o vidro apenas se dobraria para me encurralar. Como faz a mente da Anne. Ela dá um suspiro grande e sonoro.

– Nada a dizer? – pergunta ela. – Ora, mas que surpresa – diz, virando-se enojada para a sua revista. Aguardo. Aguardo até que a raiva deixe de falar tão alto em mim.

– Tenho muito a dizer.

Ela levanta os olhos.

– Então, o que se passa?

O silêncio no sótão prolonga-se. Vou dizê-lo. Consigo sentir as palavras a crescerem em mim, prestes a serem proferidas.

E a Anne também consegue. Estende a mão de repente, como se pudesse travar-me.

– Peter... eu...

É tarde. O sótão está banhado no anoitecer de fim de verão. Crepúsculo. É bom. Faz com que as palavras saiam com mais facilidade.

– Sou o Peter – digo. E o meu próprio nome ecoa dentro de mim. Oíço a voz da Liese a chamar por mim nos meus sonhos. Oíço a Anne a dizer o meu nome enquanto escorrega pelos meus dedos.

– Peter van Pels – digo, e, por alguma razão, o meu nome soa-me lindamente. – Peter van Pels – repito. Sou o Peter. Estou aqui e isto parece-me um milagre. Não só o facto de estar vivo, mas o de alguém ainda estar.

– Bem, é esse o teu nome, é verdade, mas dificilmente será uma identidade, não é assim? – diz a Anne.

Rio-me. Soa-me estranho.

– A mim chega-me – respondo. – É tudo o que quero ser. Peter van Pels. Nem judeu, nem holandês, nem alemão, apenas eu!

É uma sensação estranha, ouvir os meus pensamentos em voz alta. A voz da Anne é um silvo na escuridão.

– Sim, Peter van Pels, demasiado covarde para admitir que é judeu! Demasiado covarde para querer contar a nossa história!

– Não! – Porque não é a isso que me refiro. Não sou covarde por não ter ficado parado na rua a lutar até à morte pela Liese, embora

o quisesse ter feito, e não sou covarde por desejar poder ser invisível o suficiente para ir lá fora. Sou covarde porque não consigo falar. Como neste momento, no escuro, com a voz da Anne a acusar-me. As palavras foram-se. Sou covarde porque não sei como ser eu. É isso que quero dizer.

– Estás enganada! – é tudo o que me sai da boca. A fúria dela é como um murro na escuridão.

– Um dia – grita ela – toda a gente irá saber o que eles fizeram. A nossa história, não a deles. E nós teremos orgulho em ser judeus!

– Ainda bem! – digo. E sinto-o. – Tomara que todos pudéssemos ser o que queremos. É só isso que importa. O facto de sermos todos humanos. Podemos ser tudo, Anne, desde que não seja nazi. É só isso.

Ela não está a ouvir.

– Temos de sobreviver, Peter. Temos de passar o testemunho!

Suspiro.

– É a tua opinião, Anne – digo eu, baixinho.

– Que outra opinião é que há? – pergunta. – Sentes-te mesmo feliz a fingir que nada disto está a acontecer, a passar todo o nosso tempo aos beijos no chão?

– O quê?

Ela cora.

– É assim que vês as coisas? – pergunto.

– Eu é que te fiz uma pergunta: que outra maneira nos resta, a não ser contar a nossa história?

Não sei a resposta para a pergunta dela. Só sei que não é a única pergunta. Ouvi-la faz-me sentir sufocado pelo peso da sobrevivência. Mas a Anne não me deixa deitar-me. Não me deixa dormir. É como a campainha de um elétrico a disparar ao meu ouvido. Sento-me ao lado dela.

– Anne, e se vivêssemos na Holanda mas esta fosse só um nome?

– Bem, é um nome. – Abana a cabeça, irritada.

– Eu sei, mas... – Ri-se de mim antes que eu possa terminar. Mesmo assim, continuo. – Mas, e se a Holanda ou Amesterdão fossem apenas lugares? Quer dizer, imagina que só dizias essas palavras por serem um sítio aonde querias ir. – Não estou a explicar-me muito bem. Consigo senti-lo.

– Bem, isso é óbvio – diz ela. Ri-se. Sinto-me como um palhaço que não acerta com as piadas.

– Ai é? – pergunto, de modo inquiridor. Terá ela percebido com tanta facilidade aquilo que demorei tanto tempo a compreender?

– Claro que sim – responde ela.

Assinto com a cabeça.

– Então, a Holanda para ti é apenas a Holanda? Não a Holanda o lugar que nos salvou? Ou a Amesterdão que agora é tão perigosa porque as pessoas estão a morrer à fome e podem trair-nos?

– Ah – diz ela, despenteando-me o cabelo. – Referes-te ao facto de as pessoas atribuírem significados aos lugares. Sim, é claro que percebo isso, Peter! – Ela é tão rápida que me cansa.

– E se não o fizéssemos?

As mãos dela descaem do meu cabelo.

– Como assim?

– E se não atribuíssemos significados aos lugares, ou às religiões?
– Admito que sussurrei a última parte.

– Não é possível, seu palerma de coração mole. Não é humano – diz ela.

– Não é? – As palavras saem-me alto demais. – Se não existisse a Alemanha, ou a Holanda, ou a França, ou a Bélgica, não haveria ninguém para combater, pois não?

Por uma vez, ela ficou em silêncio. Isso encoraja-me.

– E, Anne, se não existissem cristãos ou judeus, se nos fosse permitido sermos apenas pessoas, apenas o Peter e a Anne... Não! Na verdade, é *isso* que somos. Não somos apenas judeus. Somos nós, aqui no sótão, a sentir o que sentimos. – Engulo em seco. –

Como eu a querer-te a ti e tu a queres salvar o mundo. Será que um de nós tem sempre de ter razão? Não poderão *as duas* coisas ser verdade?!

Estou a tremer. Nunca disse tanto, nem senti tanto o que disse. Estico-me para lhe pegar na mão, mas ela afasta-me. Levanta-se, numa sombra à luz ténue da janela. Por uns instantes, não diz nada. Eu também não. Por um momento tenho esperança de que se vire e me aceite nos seus braços, que possa ser a Anne que sabe que esta pode ser a nossa única oportunidade e que quer agarrá-la.

– Estou-te grata, Peter – diz ela.

– Porquê?

– Porque me mostraste uma coisa.

– O quê?

– Que o que eu quero mesmo é a minha escrita.

– Oh.

– E que tudo o resto, até mesmo o meu pai e tu, tem de vir em segundo lugar.

– Eu sei, mas, ainda assim, pensei que pudéssemos...

– Não posso, Peter. Não consigo pensar em mais nada. A não ser em que está a terminar e nós temos hipótese de contar a história. Nada mais importa, pelo menos para mim, e não posso acreditar que já não queiras ser judeu!

– Não! Eu nasci judeu, não posso negá-lo. Nem sequer quero, mas eu é que sei o que fazer em relação a isso. E nunca deixaria de apoiar os judeus, ou fosse quem fosse que estivesse a ser tratado como nós.

– Acreditas em alguma coisa? – pergunta ela.

– Sim! – respondo. E a palavra sabe-me bem. Ainda que faça com que ela se afaste, ainda que não faça diferença para mais ninguém, porque tem importância para mim. É o que eu penso.

– Em quê? – pergunta, com desdém. Desvio-me do olhar no seu rosto para conseguir verbalizar os meus pensamentos.

– Acredito nas pessoas.

– Pois, sim – diz ela. – E não em Deus? – Consigo ouvir o choque dela. Eu próprio estou chocado. Chocado por finalmente ouvir as coisas que tenho andado a pensar ditas em voz alta. Soam a definitivas. Soam a genuínas. Soam a uma porta a fechar-se entre nós. Uma porta que tínhamos acabado de abrir.

– Não sei – respondo. – Não é da ideia de Deus que não gosto, é da escolha. É o facto de uma religião ter de ser melhor do que a outra. Afinal, qual é a diferença entre ser Deus a decidir ou serem os nazis a decidir? Não percebo...

Ela ofega como se eu lhe tivesse batido, lhe tivesse arrancado o ar.

– Não, não percebes – diz ela –, mas eu percebo! Tu não acreditas em nada!

– Acredito nas *pessoas*, Anne! Em mim, em ti e até no Dr. Pfeffer. Em todos nós. – Quero dizer mais, quero dizer que, se tiver de morrer, não quero morrer por ser judeu, quero morrer por... por ser eu... por odiar os nazis e tudo o que representam. Não quero que eles decidam *o motivo* da minha morte... Quero resistir... Mas as palavras pararam. Não dizemos mais nada durante muito, muito tempo. A Anne espera à janela. Quero pôr o braço à volta dela, mas não posso. Quero abraçá-la, mas não posso.

Ela agora está noutra lugar qualquer.

Para lá de mim.

– És um covarde, Peter – diz ela, por fim –, porque tens medo de ser um judeu que se vai levantar para ser contabilizado.

Não consigo responder-lhe. Talvez tenha razão. Talvez seja verdade. Não sei. Só sei uma coisa.

– Não sou um judeu praticante, e ambos sabemos que isso não faz diferença, Anne, que eles me matam na mesma se nos encontrarem.

– Não pode ser uma *escolha* – silva ela. – Talvez mais tarde, mas não agora, Peter! Não no meio disto tudo!

O meu desejo, mais do que tudo no mundo, era poder cair nos braços dela e dizer: "Desculpa. Percebo o que queres dizer, nada disto importa, vamos apenas abraçar-nos." Mas não posso. Tenho de ser eu, tenho de compreender quem sou. Se alguma coisa a Anne me ensinou, foi isto. Não importa o que *queremos*, o que importa é quem *somos*, e isso não podemos mudar, nem mesmo se fôssemos as últimas pessoas da Terra. Suspiro.

– Mas é isso que *estou* a dizer, Anne – digo, com tranquilidade. – Estou a dizer que, para mim, é uma escolha.

– Estás errado – diz ela. – Estás a abandonar-nos.

– Anne! Eu nunca te deixaria! – A dor das suas palavras revolve-me cá dentro, e eu não consigo evitar chegar-me para ela.

– Já te foste embora! – diz ela, ao mesmo tempo que dá um salto para se esquivar de mim. A minha mão cai no ar e ela vira-se rapidamente e desce as escadas a correr.

Sento-me no sótão.

– Bestial! – murmuro para mim próprio. – Boa, Peter!

Quero que ela volte. Quero abraçá-la. Quero fazer amor com uma rapariga. Quero tantas coisas, mas do que *preciso* é saber quem sou. Porque, se não souber isso, só poderei ser o que eles dizem que sou.

Um judeu.

*Em Auschwitz, só há uma maneira de contabilizar um judeu.
Pôr-nos de pé ao frio gélido, ou à chuva, ou ao calor em grupos de cinco.*

E depois somar-nos.

Eu conto?

Não. Sou apenas um número, um corpo. Um dente na roda dentada que tem de ser contabilizado.

7 de junho de 1944 – Peter sente esperança

O sol desapareceu. O vento e a chuva uivam toda a noite em redor da casa. Não consigo dormir. O vento assobia pelo cano à cabeceira da minha cama.

Lá fora, há coisas terríveis a acontecer: está tudo a acabar. Não há comida. Não há dinheiro. As pessoas estão a morrer à fome. Nós também estamos. Como iremos sobreviver? Será que iremos sobreviver? Não sabemos.

Lá fora também há coisas maravilhosas a acontecer: começou a invasão e Churchill disse que o fim está à vista. Estamos assustados por termos esperança. A Mutti e o Papi dizem: “Ora, é só uma simulação, não é a sério”, mas o entusiasmo paira entre as nossas palavras como o fedor do chichi do *Mouschi* no sótão. Não se consegue ver, mas consegue-se cheirar.

É o cheiro a esperança.

11 de junho de 1944 – Na véspera do aniversário de Anne

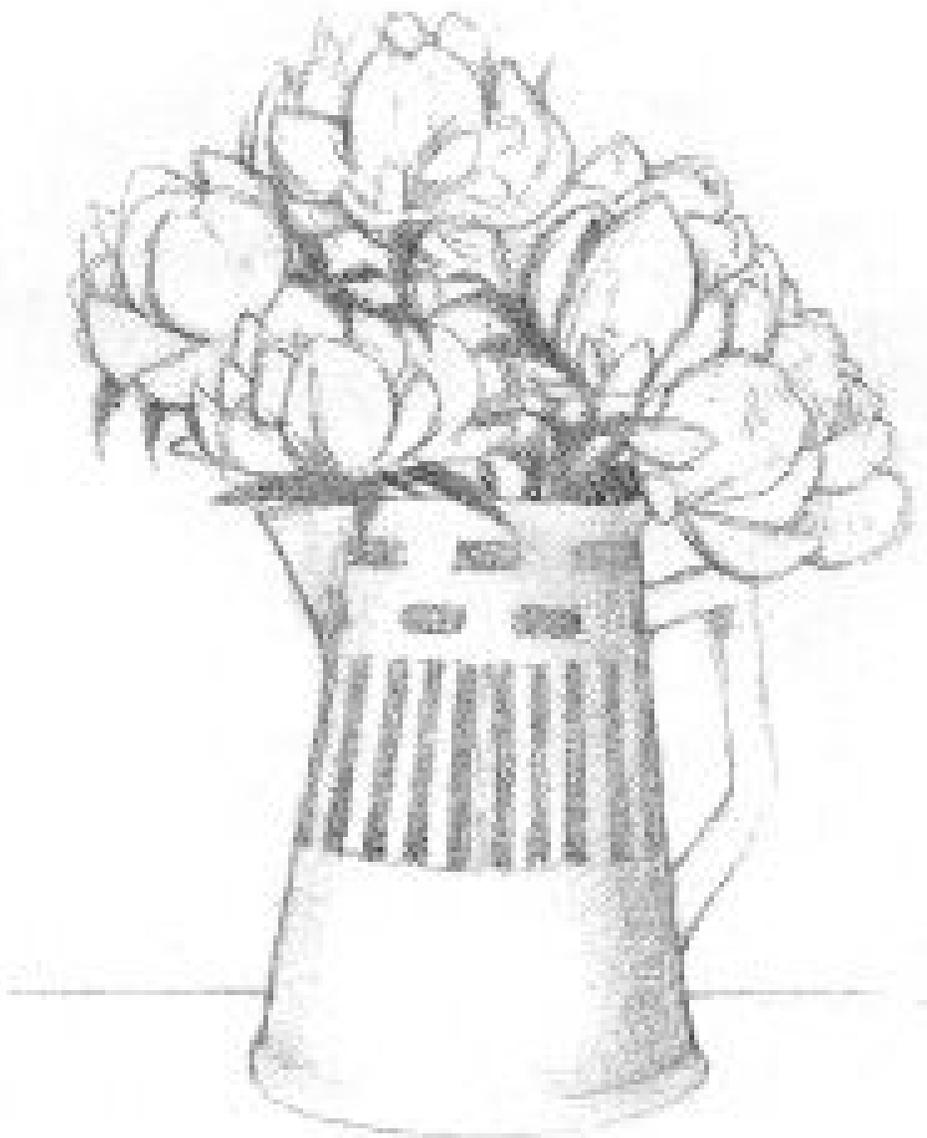
Quero comprar uma coisa bonita para o aniversário dela. Quero que ela saiba que podemos continuar amigos, apesar de sermos diferentes, não podemos?

E agora temos de encontrar um caminho de volta à amizade. A lembrança de lhe tocar, de a querer, já me parece algo estranha – como uma violação. Por vezes só se sabe quando se experimenta.

Era errado.

Era certo.

Era tudo o que tínhamos.



Peço à Miep que compre umas flores à Anne. Dá-nos tanta esperança, a Miep. Caen caiu para os britânicos. A esperança anda no ar. O Anexo está revigorado por causa dela.

Acabo por lhe pedir que compre peónias. Cor-de-rosa, frescas e ainda em botão – mas que vão ficar bem cheias e belas quando abrirem. Lança-me um olhar estranho quando as descrevo desta maneira, mas depois sorri e acena afirmativamente. O ramo que traz é perfeito. Coloco-o na minha secretária e fito as flores a noite

inteira. Desenho-as. Mas não consigo apanhá-las. Consigo uma semelhança, mas não a sua essência; não o seu aroma fresco, vigoroso e verde por despertar. Vejo-as durante o sono. A brilharem no escuro. E, quando abro os olhos, ainda lá estão. Mal posso esperar por lhas dar.

Ela ia fazer quinze anos. Era esperta e insolente e engraçada e magra e, por vezes, quando sorria, era bonita. Tão bonita como me parecia o mundo lá fora. Não sei se já tem dezasseis anos, ou se alguma vez os terá.

12 de junho de 1944 – O aniversário de Anne

A Anne olha para elas. Para as minhas flores.

– Obrigada, Peter, são lindas.

Não digo nada. Em tempos, teria querido explicar. Ter-me-ia sentido triste. Teria querido que estivessem perfeitas para ela, mas agora, bem, se a Anne gosta delas, não posso fazer nada.

– Gostei de estar a olhar para elas a noite toda – digo, mas ela olha de relance para mim e desvia novamente o olhar. Está infeliz. Conheço a sensação. Passar um dia de anos no Anexo, ou um outro aniversário qualquer. Uma ocasião para pensar no que passou e, pior, no que pode estar para vir. Os aniversários não são alegres para nós, apesar das notícias da invasão.

E o tempo está péssimo. A sério.

A Anne mexerica na pulseirinha de ouro que tem no pulso e que lhe foi oferecida pela Margot. Dão risadinhas e jogam ao “Lembras-te?”.

– Lembras-te de quando nos sentávamos no telhado em Merwedeplein? Lembras-te de quando aquele casal apareceu para casar no Liceu Judaico?

Todos nos lembramos do passado, como só se consegue fazer quando se tem esperança no futuro.

O Sr. Frank olha para mim e sorri. Sinto orgulho quando o faz, embora não devesse propriamente senti-lo. Não é por minha causa que já não estamos juntos, é só uma circunstância da vida.

Libertação: é disso que todos estamos a falar.

– Lembram-se de descer a Zuider-Amstellaan até à cidade? – pergunta o Papi.

– Lembro-me de levar as miúdas a pé para a escola – diz a Sra. Frank, de repente. O Sr. Frank sorri. – Uma caminhada do trabalho para casa!

– Uma corrida! – ri-se a Anne.

A Margot limita-se a sorrir. O que estará ela a pensar?

Durante todo o dia, ela assola-me. Aquela sensação. Aquela lembrança. De caminhar, apenas caminhar, sem destino específico. E sorrio. Não consigo evitar. A esperança anda no ar. Assusta-me. Mas não posso deixar de ali estar. A Anne e a Margot sorriem.

Lá fora, o Sol começa a brilhar de novo.

– Porque é que os britânicos estão a demorar tanto tempo?! – enfurece-se a Mutti. Está tão tensa que, se se soltasse, era capaz de voar até à Lua.

– Estão a combater por nós – digo eu, e mais uma vez me parece um milagre haver pessoas de todo o mundo a lutar. A lutar para que possam existir as diferenças entre nós. A viverem por nós. A morrerem por nós. Sem nem sequer saberem que aqui estamos. Será que alguma vez os vamos ver? Aos soldados britânicos ou americanos? E como irá isso acontecer? Irão descer a rua com tanques, com bandeiras? Irão gritar: Venham cá para fora, venham cá fora, estejam lá onde estiverem! Iremos descer as escadas a correr, fazendo o máximo de barulho possível (como a Anne faz às vezes, quando há um ataque aéreo)? Iremos ficar de novo parados ao sol, à chuva ou ao vento de mãos dadas? Iremos descer o Prinsengracht até à cidade e sentir o ar à nossa volta, sobre nós? – Miau! – O *Mouschi* salta dos meus braços. Estava a apertá-lo.

Tenho de parar. Tenho de parar. Porque ter esperança dói.

– O que é que fizeste ao desgraçado do *Mouschi*? – murmura a Anne enquanto lhe faz festas.

– Nada!

– Fizeste sim! – diz ela, enquanto lhe faz cócegas debaixo do queixo. – Não fez? O Peter é mau! – A Margot revira os olhos para o teto, depois fecha-os e sorri. A Anne e o *Mouschi* olham-me fixamente. O que é que posso dizer? Esperei com muita força. Foi o que fiz.

– Desculpa – digo.

Como foi a libertação, quando chegou? Em tempos tinha uma imagem para ela. O som dos nossos pés a correrem escada abaixo. A sensação do ar nos nossos rostos e o som dos sinos a tocar. Um carrilhão de sinos – as palavras usadas pela Margot. Na minha imagem, as folhas passavam por nós à deriva, como confetes, e nós abríamos os braços e deixávamo-nos cair no chão ou saltávamos para o canal. Abraçávamo-nos uns aos outros e corríamos; corríamos pelas ruas abaixo, pelos becos. Gritávamos em voz alta.

Terá sido assim?

Não sei.

Não estávamos lá.

Os nossos quartos no Anexo estavam vazios e nós tínhamos partido.

4 de agosto de 1944 – Peter está no seu quarto com o Sr. Frank. Os oito habitantes do Anexo são traídos

Chega o momento, mas eu ainda estou lá dentro e, portanto, não me apercebo.

Está quente e abafado e nós ansiamos por abrir as janelas. Estamos a estudar com afinco. De repente, parece fazer sentido de novo. O cerco está a fechar-se, mas desta vez é sobre eles, não sobre nós.

Lá fora, as portas do armazém da 263 Prinsengracht estão escancaradas para a rua. Mas eu não sei disso. Todos nós estamos desejosos de que termine. Os Aliados estão a vencer. Todos sabemos disso. A esperança bate com força dentro de mim, um pulsar, como uma memória a regressar à vida. Tento travá-la, mas não consigo. Um dia destes, um dia qualquer, poderemos ficar livres. Começo a desenhar novamente as ruas. Desenho o trajeto para casa, todo o percurso desde o Prinsengracht até Merwedeplein. Nos desenhos, imagino que é outono. Não quero ser demasiado ganancioso, demasiado esperançoso.

Desenho as folhas a caírem sobre nós, celebrando sob a forma de chuva dourada e vermelha. Estamos tão perto, tão perto, tão perto como o calor nos quartos atrás das janelas fechadas.

Lá fora.

Um veículo militar posiciona-se. Sai de lá um polícia militar. Dirige-se a pé às portas do armazém e um funcionário aponta para ele e faz sinal cá para cima, onde... estou no meu quarto com o Sr. Frank.

– Percebes como funciona a frase, Peter? Em inglês usa-se a palavra "it".

Limpo o suor da cara e tento raciocinar.

Está prestes a acontecer aquilo que mais tememos durante dois anos. Não é de noite, como sempre acontecia no meu imaginário, mas sim de manhã. O sol brilha. Os pássaros cantam nas folhas do

castanheiro. Lá em baixo, a Anne escreve o seu diário. A Margot lê um manual de Medicina; decidiu que quer ser médica. Disse-me em voz baixa há dois dias no sótão. Tinha os olhos a brilhar debaixo dos óculos. “Vais dar uma ótima médica”, disse-lhe eu.

O Dr. Pfeffer está no seu quarto a escrever à Charlotte; cartas cheias de planos. A Mutti e o Papi estão na cozinha, a abanarem-se com o leque no sofá. Consigo ouvir as vozes deles a falar de modo tranquilo. Está tudo calmo no Anexo. O momento está quase sobre nós, mas nenhum de nós deu pela sua chegada.

Inicialmente penso que é a Anne a subir as escadas, com um bocado de barulho a mais, um bocado de peso a mais. Oíço um ruído na porta ao lado, no calor do momento parece-me ouvir alguém dizer: “Mãos ao ar!”

Há uma exclamação abafada da Mutti e um som de acalmia do Papi. Por esta altura, eu e o Sr. Frank já estamos de pé quando eles aparecem à porta. Um holandês com uma farda verde. Tem uma pistola na mão. Há mais dois atrás dele. Ninguém bateu à porta; simplesmente eles estão aqui, no meu quarto, à soleira da porta. O Sr. Frank olha para mim. Percebemos de imediato. Ambos sabemos que acabou. A imagem da esperança despedaça-se dentro de mim.

– Ponham as mãos ao alto!

– Guarda os teus livros, Peter – diz o Sr. Frank. Olhamos para a janela, para os degraus do sótão. Não temos onde nos esconder. Há mais três homens, todos da polícia holandesa. Obrigam-nos a pôr as mãos no ar e revistam-nos. Não temos armas. Empurram-nos para a porta ao lado. Na cozinha, a Mutti está de pé ao lado do Papi. Têm os braços no ar.

– A minha família! – diz o Sr. Frank.

A Mutti e o Papi olham especados para nós, de olhos arregalados. Nenhum de nós fala. Obrigam-nos a descer as escadas.

A porta da estante que nos manteve tão seguros e escondidos está escancarada e a balançar com lassidão. Aquela visão é chocante.

Não resta nenhum sítio para nos escondermos.

A Anne está de pé ao lado da Margot, que chora. Olho-a fixamente. As lágrimas escorrem-lhe pela cara, sem buliço, em silêncio. Parece impossível que a Margot esteja a chorar, mas está. A Anne tem o pé enroscado no tornozelo da Margot, para a consolar. Respira de modo regular, fitando os homens. A Sra. Frank está do outro lado da Margot. Todas têm as mãos no ar. Há um homem de pé a apontar-lhes uma pistola.

– Tu! – grita ao Sr. Frank. – Mostra-me onde guardam as jóias e o dinheiro!

O Sr. Frank aponta. Um dos homens vasculha as gavetas. Outro regressa do quarto dos Franks com a pasta da Anne e esvazia-a. A Anne tem os olhos arregalados. Os papéis soltos e o diário caem ao chão. Ela respira fundo. Quero abraçá-la. O Sr. Frank mexe-se.

– Quietos! – O homem enfia o nosso dinheiro (que não é muito) e as nossas jóias (que não são muitas) na pasta. Tenho o coração a bater com muita força. Muito rápido. Não sei como é que o Sr. Frank consegue parecer tão calmo. Penso no que disse a Mutti: “Se a libertação se aproximar, eles vão encontrar-nos. Vão matar-nos. É isso que vai acontecer?”

Tomara que assim tivesse sido. Tomara que eu tivesse morrido nessa altura, com a Mutti ao meu lado, mas isso teria sido fácil demais. Pôr-lhe um fim nessa altura, matar-me quando eu ainda tinha um corpo e pensamentos que me pertenciam. Quando a minha esperança estava morta há pouco tempo e ainda poderia renascer.

Eles vasculham o Anexo. Abrem armários e gavetas. Penso nos quartos vazios da nossa casa antiga, na mobília a ser carregada e levada. Sei que é isso que nos vai acontecer se não nos matarem. Não me parece que o façam aqui. Estamos todos a transpirar. É difícil ter as mãos no ar durante muito tempo. Olhamos uns para os outros e tornamos a desviar o olhar. Mantemos uma conversa com o

olhar. Os nossos olhos dizem que estamos chocados. Os nossos olhos dizem: “E agora?”

– Podem meter umas roupas na mala – grita o homem. – Rápido! Rápido! – Baixamos os braços. Vamos para os nossos quartos. Não sabemos o que meter na mala.

Voltamos lá para baixo. A Anne está no chão, ajoelhada, a colocar os papéis numa pilha organizada.

– Larga isso! – diz o homem, de modo brusco. Ela levanta-se. Nem depressa, nem devagar. Ergue-se com dignidade e acena afirmativamente com a cabeça, como se ele merecesse o mesmo respeito que qualquer outro ser humano. Quem me dera poder bater palmas. Sinto orgulho nela. Espero que ele não perceba que ela está a tremer.

O tempo passa muito devagar e muito depressa. O líder dos polícias ainda está a vasculhar o quarto.

– Isto é seu? – pergunta ele ao Sr. Frank, pontapeando uma arca de madeira e mudando repentinamente a voz. Todos levantamos os olhos.

– Sim. Fui tenente na reserva na I Grande Guerra – diz o Sr. Frank. Soa exatamente ao mesmo de sempre, com uma voz suave e sensata a que todos nos prendemos. É então que o homem se levanta, muito direito, e olha para o Sr. Frank com uma postura diferente.

– Não os apresses! – diz, com brusquidão, ao outro polícia.

– Devia ter reportado isso – diz ele ao Sr. Frank, parecendo pesaroso. – Talvez conseguíssemos que fossem enviados para o campo de trabalho de Theresienstadt.

– Bem – diz a Mutti muito baixinho. – Agora que toda a gente sabe que aqui estamos, talvez nos seja permitido abrir uma janela?

Olho para ela. É muito corajosa. Não sei se resultou. Não sei se a interrupção dela e o contundente “Nada de janelas” do homem impediram que a Anne e a Margot se tenham dado conta do que foi

dito. Porque, se não vamos para um campo de trabalho, então para onde vamos? Todos conhecemos as palavras. Campo de extermínio.

– Podemos arrumar um bocadinho? – pergunta a Anne. Quando ele diz que sim com a cabeça, ela torna a ajoelhar-se. Eu também me ajoelho. Juntos, juntamos o diário dela com os seus papéis.

– Não te preocupes – murmuro. – A Miep há de encontrá-los. Ela guarda-tos, não faças com que eles se interessem muito por eles.

– Não posso deixar a Kitty! – sussurra.

Pego-lhe no pulso com força.

– Tem de ser – digo eu. – Sabes que tem mais hipóteses sem ti. – As lágrimas enchem-lhe os olhos, mas não vertem. Escondemos o diário debaixo dos papéis, numa pilha arrumada.

Levantamo-nos juntos. Percebo como é difícil para ela deixar os papéis. Dou-lhe a mão. Está a transpirar. Ela está a tremer. A espera é horrível. Sentamo-nos. Não conseguimos falar. Não podemos acreditar que isto está a acontecer, mas sabemos que está. É-nos permitido beber um pouco de água.

– Bem – diz a Mutti ao meio-dia e meia. – É hora de almoço. – Ninguém responde e toda a gente faz silêncio. É uma coisa tão normal de se dizer. Ela chora lágrimas silenciosas. Eu podia combatê-los, penso eu. Quero fazê-lo. Sinto o coração a bater com força por causa disso. Sinto-o também no Papi. Mas eles não iriam limitar-se a dar-nos um tiro. Iriam matar-nos a todos. Por fim, à uma da tarde, chega o furgão por que esperam.

– Subam! Depressa!

Enquanto saímos, um dos homens dá um pontapé nos papéis e estes espalham-se pelo chão. O Sr. Frank segura a Anne bem perto e sussurra qualquer coisa.

Descemos as escadas. Está a acontecer. Mas custa a crer que esteja a acontecer. O Sr. Kugler e o Sr. Kleiman estão connosco. Lamentamos que isso aconteça. A polícia está à frente e atrás.

Lá fora.

Sáímos pela porta.

Estamos lá fora.

Está tão brilhante. Tão brilhante e contundente; a luz do dia depois das trevas. Faz-me arder os olhos. Olhamos uns para os outros. Todos temos um aspeto diferente. À luz parecemos tão brancos. Todos nós paramos por um momento diante da carrinha. Levanto a cara em direção à luz e sinto-a na pele. Está tão quente, o ar. Tão suave e tão maravilhoso.

– Entrem!

Abro os olhos. Estamos todos a fazer o mesmo, parados ao ar do exterior com os rostos virados para o Sol. É apenas um momento, menos de um segundo. E depois acaba.

– Já disse para entrarem!

A carrinha não tem janelas. Lá dentro está quente e escuro e nós começamos a recear o nosso destino.

Parte Dois

Os Campos

Maio de 1945 – Peter: Mauthausen, enfermaria

Chegámos, então – o momento está aqui e agora.

Estou deitado num beliche em Mauthausen.

Há uma palavra que tenho de recordar. Uma palavra que mancha tudo aquilo em que toca – uma palavra que nunca poderá referir-se apenas a um lugar ou ser apenas uma palavra. É uma palavra sem esperança nem desejo – Auschwitz.

Acho que devo estar vivo. Mas não tenho a certeza.

Estarei vivo ou morto? Como posso saber? – já que, para um judeu em Auschwitz, é a mesma coisa.

Foi para lá que nos mandaram primeiro.

Em Auschwitz tínhamos sonhos e, quando acordávamos, o sonho continuava – e era um pesadelo.

Estou a morrer. Devo estar.

Toda a gente que lá esteve está morta – mesmo que ainda estejam de pé.

E agora é a minha vez.

Como posso falar disto? Haverá palavras?

E será que me vão ouvir, agora que chegou a hora?

Será que vão continuar, como eu sou obrigado a fazer, a virar as páginas de cada dia – uma atrás da outra – e a sobreviver?

Porque isto não é uma história. É a verdade. Estas coisas aconteceram mesmo.

É isto que todos nós que aqui estamos queremos que vocês aí fora saibam.

Que fomos com tranquilidade, a maioria de nós. Entrámos na noite dos campos em longas filas sem sabermos para onde nos dirigíamos. Entrámos em comboios, vestindo todas as nossas posses como se de esperança se tratassem. Em tempos fomos uma legião, agora somos poucos.

Agora os nossos corpos nus jazem em pilhas. Os nossos ossos são triturados em pó e nós somos... cinzas.

Esta é a verdade.

Peço imensa desculpa por ter de perguntar de novo, mas está aí alguém?

Está alguém a ouvir?

Ainda sobra algum de nós?

Ou sou só eu que ainda respiro?

Serei o último – estarei sozinho – neste rio de corpos mortos e pútridos que jazem à minha volta?

Quero gritar, perguntar se há mais alguém ali deitado como eu, ainda a respirar. Mas eles podem ouvir-me, podem cá vir, podem dar-me um tiro.

E alguém tem de sobreviver.

“Sobrevive, sê corajoso”, sussurra o Papi.

“Conta”, sussurra o Sr. Frank, “conta a nossa história...”.

Os corpos em meu redor começam a deitar cheiro.

Estará mesmo a acontecer? O sonho que todos tivemos repetidamente. Estarão todos mortos? Não há mais judeus além de mim? Lá fora não há gritos, nem guardas, nem música. Fecho os olhos.

“Sobrevive, sê corajoso”, sussurra o Papi.

Mas eu não sou corajoso. E estou cansado.

“Conta, conta, conta, conta, conta”, as vozes castigam-me o corpo, tantas vozes, tantos corpos, tantas histórias terminadas, que não

consigo contá-las todas. *Sou a pessoa errada. A Anne é que devia estar aqui, a Anne com os seus olhos brilhantes parada à soleira da porta do meu quarto. A Anne a sorrir. A Anne a dar gargalhadas. A Anne a chorar: "Tenho tanto para dizer, tantas histórias dentro de mim, Peter!"*

- Como é que posso contar isto? – *pergunto-lhe, em desespero.*
 - Traduz por palavras – sussurra ela – e começa.
 - E há palavras para isto?
 - Que mais temos nós?
- E então eu começo.*

Primeiro levaram-nos para Westerbork, um campo de detenção. Lembro-me da Anne, com os olhos a dançar à luz do exterior. Nessa altura, ainda estávamos todos juntos. Ainda tínhamos esperança. Os Aliados estavam a chegar, vinham em direção à Holanda.¹⁵ Era uma corrida contra o tempo. Todas as quintas-feiras, os comboios chegavam e partiam outra vez.

Para onde iam?

Iam para leste:

para Theresienstadt,

para Sobibor,

para Bergen-Belsen

e para Auschwitz.

Havia um rio de nós a caminhar, um rio de nós deitados, um rio de nós a trabalhar – um rio de nós a morrer.

- Oh, Anne! Onde estão as palavras para isto?
- Dentro de ti – sussurra ela. – Encontra-as e começa.

Metem-nos dentro de um comboio.

Estou num comboio. Não sei para onde nos dirigimos.

Auschwitz, Auschwitz. Na minha memória, as rodas dão-lhe um estalido, sussurram-no, zombam de mim com o nome do nosso destino. Auschwitz, Auschwitz, Auschwitz. Mas a minha memória está errada. Nós não sabíamos para onde íamos.

Temos tudo connosco, as poucas coisas que nos restam. As portas fecham-se. De repente deixa de haver luz – há apenas uma nesga dela, como uma semimemória, bem no alto da carruagem.

Conseguimos ouvir-nos uns aos outros a respirar no escuro. Faz-se um silêncio súbito e nele ouvimos um barulho de giz a arranhar na parte lateral da carruagem. Estão a escrever um número – o número de quantos somos lá dentro.

– Vão perder-nos?! – diz alguém. Há quem se ria. É de tarde. Há apitos e barulho, palmas das mãos a bater na porta. Os guardas gritam e o comboio começa a andar. Somos sacolejados para um dos lados. Chegamo-nos para o outro para nos equilibrarmos. Agarro-me à Anne. A lembrança do corpo dela contra o meu no sótão é súbita e contundente. Largamo-nos.

As rodas fazem estalidos rítmicos. Sinto os olhos a fechar-se-me: começa-me a pender a cabeça. Acordo de supetão e volto a mim. A luz desapareceu e está tudo às escuras. Se não fosse o calor dos nossos corpos, estava frio, mas ainda assim o comboio continua a andar.

Alguém solta um gemido. Estamos todos a pensar no mesmo. Quando irá parar? Quando poderemos libertar-nos? Das nossas bexigas, dos nossos olhos, dos nossos corpos ainda em pé. Não há nenhum ruído, apenas o cheiro quente e pungente do mijo fresco que se ergue no ar, um gemido de alívio. Uma e outra vez, até o fedor ser tão forte como um casaco a tapar-nos.

– Desculpem – surgem as palavras sussurradas. – Desculpem. Peço imensa desculpa.

Agora ninguém pode descansar no chão.

Ficamos em pé, na esperança de que não tardemos a parar. Às vezes o comboio abranda, as nossas cabeças erguem-se do seu semi-repouso e aguardam, mas o comboio prossegue. Encostamo-nos às paredes e uns aos outros. Balançamos com o movimento das rodas, sem nos darmos conta de que estamos em movimento. Agarrados uns aos outros, às nossas bexigas. Em breve. Temos esperança de que iremos chegar em breve.

Não sabíamos no que recaíam as nossas esperanças.

Nasce o Sol. O comboio continua em movimento. As pessoas desistem, deitam-se no mijo, deitam-se em cima umas das outras.

A Mutti estende o casaco no chão. Dá-nos um espaço onde nos sentarmos. Temos sorte. Revezamo-nos para nos sentarmos nele. Mijamos no chão, virados para o lado de fora. Ainda não precisámos de cagar.

No meu sono leve oiço o estalido das rodas do comboio. Acordo. Desta vez não é um sonho. O comboio abranda e para.

– Onde? Para onde vamos? – pergunta alguém. Um homem alto olha fixamente através da brecha na parte lateral da carruagem. Lê nomes polacos em voz alta. Lá dentro ouvem-se gemidos. Silêncio. O cheiro do medo – e o súbito fedor a merda.

– Se for como o campo em Westerbork, não vai ser assim tão mau!
– sussurra a Anne. Ninguém responde. Todos sabemos que não vai ser como Westerbork – esse era apenas um campo de detenção. Ela começa a tremer.

Alguém começa a lamuriar-se:

– Não consigo acordá-la. Não consigo acordá-la.

Outra pessoa resmunga:

– Ela é que tem sorte.

As pessoas batem na porta.

– Deixem-nos sair!

O Sr. Frank começa a sussurrar.

– Mantenham-se juntos. Aconteça o que acontecer, temos de nos manter juntos. Lembrem-se. Eles estão a perder. O fim está a chegar. Seja onde for que acabarmos, temos de fazer com que as pessoas saibam. Temos informações. Podemos dar-lhes esperança.

Ele estava certo. Que estúpidos que fomos. Revelámo-lo para nada.

Algures no vagão do gado alguém começa a dizer o *Kaddish* – a oração pelos mortos. O comboio começa a andar.

Dia três. Mais pessoas começam a cagar-se nas calças. O cheiro provoca vômitos aos outros.

Nós, os homens, estamos juntos, em pé, de costas para a multidão. Agarramo-nos uns aos outros. Defendemo-nos das paredes em movimento. Tentamos proteger o nosso espaço.

Sinto o cabelo da Anne debaixo do meu queixo.

– Tenho tanta sede, Peter! – sussurra ela.

– Eu sei – respondo.

É cada vez mais difícil estar de pé. Agora o comboio para de vez em quando.

Durante horas.

– Água! – gritam as pessoas. – Água! – Mas não há água. Ninguém responde. Só há o calor. O fedor. O silêncio. Lá fora, uma voz chama por outra na plataforma.

– Respondam-nos! – grita o homem perto da brecha. – Respondam-nos, seus sacanas!

Ficamos à espera, mas não há resposta.

– Aqui dentro há pessoas – sussurra a Anne. Mas eles não respondem, como se fôssemos *mesmo* gado, mugindo, gritando num estranho discurso inumano.

Incompreensível.

O comboio começa outra vez a andar. As rodas dão estalidos. O comboio balança pelo caminho.

Para de novo. Está escuro, e já parámos tantas vezes que já estamos habituados. Achamos que o comboio vai ser assim para sempre. Até morrermos. Há quem já tenha morrido.

Estamos perdidos, num tempo que passa sem medida. Estamos acordados sem o estarmos. Estamos vivos sem o estarmos quando o comboio finalmente se detém e as portas se abrem.

Há palavras até para isto, Anne?

– Sim, até para isto – sussurra ela. – Tens de lá voltar, Peter, para veres se os encontras.

Depois da suave escuridão das carruagens, a luz é ofuscante. Há vozes a gritar.

– Raus! Raus! Schnell! Schnell! Schnell!

O ar fresco chega à carruagem e torna o cheiro ainda pior. De repente, sentimo-nos envergonhados. Cheiramos mal e estamos encolhidos de medo, e tentamos esconder-nos. Há pessoas a cair e a saltar e a rastejar para fora da carruagem em direção à plataforma.

Agora só sobramos nós. Nós os oito, parados à porta, com o olhar fixo.

Há homens com roupa às riscas. Judeus, como nós. Mas não como nós. Tosquiados. Como os mortos-vivos, gritam para nós na escuridão iluminada pelos holofotes.

Tanta luz.

– Cá para fora! Cá para fora! – gritam eles, ao mesmo tempo que os cães ladram. A Anne dá um passo atrás.

– Mulheres e crianças para a esquerda! – A Anne começa a deslocar-se para a esquerda. Puxo-a para trás. Quero-a perto de mim. Ainda estamos na carruagem. – Homens, para a direita. Mulheres, para aqui! Esquerda! Direita! – Damos as mãos e olhamos especados. E é então que me dou conta. As palavras fazem sentido porque eles estão a falar alemão. Consigo percebê-los.

Está um velhote parado na plataforma, de olhar fixo, sem se mexer. Não os percebe. Olha em volta, perdido, empurrando os óculos pelo nariz acima.

– Não me ouviste? – grita um guarda. Bate no homem na cara. Olhamos especados. Os nossos olhos não são grandes o suficiente, os nossos corações não são amplos o suficiente para perceber aquilo – para compreender.

– Eu disse *esquerda*, parvalhão!

O velhote abana a cabeça. Tem sangue nos olhos, não consegue ver. Levanta as mãos de modo impotente. O guarda bate-lhe e pisa-lhe o corpo tombado. O Dr. Pfeffer dá um passo em frente. O Sr. Frank puxa-o rapidamente para trás. O guarda aproxima-se do homem seguinte – talvez seja o filho do velhote. Não sei. Foi tudo tão rápido e calmo que ainda não tenho a certeza de o ter visto. O homem não diz nada. Esmurra o guarda com tanta força que a cabeça dele balança para trás e todos nós ouvimos um estalo. O guarda cambaleia, o homem mantém-se em pé, de punhos cerrados à espera da luta. O guarda recupera o equilíbrio e dá-lhe um tiro. No chão da plataforma, o velhote lamuria-se. Também lhe dão um tiro.

Os esqueletos rapados às riscas dobram-se e começam a vasculhar os bolsos dos homens mortos. Pergunto-me porque lhes abrirão as bocas para procurar lá dentro. Depois do silêncio e do cheiro da carruagem, o som das ordens parece ensurdecador.

Mas na minha memória está tudo em silêncio. Clarões de momentos iluminados por holofotes. Imagens como armas a disparar. Lembranças de palavras que não fazem sentido. O som de uma língua que eu reconheço – mas que ainda não compreendo realmente.

– Vocês! – O guarda refere-se a nós. Descemos. – Esquerda, esquerda, esquerda. – Nós, os homens, demos um passo em frente, determinados a proteger. Estou de mão dada com a Mutti.

– Não! As mulheres para este lado! Direita! Eu disse *direita!*

Fitamo-nos uns aos outros, mas não por muito tempo. Estamos chocados. Estamos assustados. Estamos tão cansados e sedentos que nem conseguimos pensar. Não conseguimos compreender. Já vimos que eles nos matam se não fizermos o que eles querem – e depressa. Olhamo-nos de relance antes de largarmos as mãos uns dos outros como crianças obedientes.

É apenas um momento, uma fração de tempo, mas mais tarde irá assombrar-nos. Como parecemos largar-nos uns aos outros com tanta facilidade.

– Peter!

– Mutti!

– Peter!

– Anne!

Agarrámo-nos uns aos outros com os olhos e depois elas desapareceram – para dentro da escuridão.

Estarão vivas? Estarão mortas? Também terão conhecido este horror?

Não sei. São levadas para longe de nós. Levantamos os olhos de relance e elas desaparecem. Tão depressa que nem damos por isso.

– Por aqui! Por aqui! – Somos levados em marcha. É provável que nos cheirem a um quilómetro de distância.

Fazem-nos marchar pelos portões amplos e negros.

ARBEIT MACHT FREI.

O trabalho liberta.

É o que diz nos portões.

Correu um rumor de que havia um campo onde penduravam no ferro preto um judeu morto todos os dias. Cada dia um. Todos acreditámos nisso. Acreditámos porque, nessa altura, já sabíamos

que era possível. Não comentámos, apenas resmungámos e continuámos, pondo um pé à frente do outro.

Põem-nos num quarto. Fitamo-nos uns aos outros. O que aconteceu? Sabemos que aconteceu alguma coisa, mas o quê? As luzes são muito brilhantes. As pessoas murmuram: o que irá acontecer agora? Algures, alguém reza repetidamente num lamúrio.

– De que lhe serve? – comento, com rispidez.

– A oração ajuda-o, Peter! – A voz do Sr. Frank é suave. Imutável. Calo-me. Cheiramos mal. Cheiramos mal como animais. E temos a cara inchada e esquisita por causa da falta de água.

Entra um homem. – Dispam tudo. Deixem a roupa toda aqui. Podem recuperá-la mais tarde.

Olho em volta. Todos temos o mesmo ar: confuso, entorpecido, assustado. Fizeram-nos ficar parecidos através da fome, da sede e da separação.

No final já nem dava para perceber se éramos homens ou mulheres. No final éramos só ossos. Só ossos. Como eu sou.

– Por favor! Água! Estamos cheios de sede! – diz um homem.

– Mais tarde – responde o alemão.

Despimo-nos lentamente. Tentamos não olhar uns para os outros. Há um velhote. Usa óculos.

– Tiro os óculos também? – pergunta ele.

– Eu disse tudo! – Fala como se estivéssemos doentes ou maldispostos. Fala como se fôssemos crianças. É confuso. Ele não está zangado. Não percebo. Porque está a agir como se isto fosse normal? Porque é que nós estamos a agir como tal? Estamos diante dele desesperados, com frio, com sede e com fome – ainda acreditando que, se fizermos tudo bem, poderemos sobreviver.

– Tirem tudo! – diz ele outra vez.

– Mas o meu pai não consegue ver sem os óculos!

– Então não tem grande utilidade para nós, pois não? – diz o homem.

Entram os homens às riscas. Vasculham as nossas roupas, separando, retirando. Penso nos corvos que se reúnem no castanheiro.

Damos as mãos para nos taparmos. Olhamos para baixo. Sentimos que a vergonha é nossa. Eu nunca tinha visto o meu pai nem o Dr. Pfeffer ou o Sr. Frank nus. Não conseguimos olhar-nos nos olhos. Não conseguimos olhar para mais nada a não ser o chão.

Levam-nos para os chuveiros. Estão quentes. Mal conseguimos acreditar. A maravilha de podermos lavar o medo, o fedor e o terror daquela viagem. Aquilo dá-nos esperança.

– Porque haveriam de fazer isto tudo se fossem apenas matar-nos? – pergunta o Dr. Pfeffer.

– Quem são os judeus vestidos às riscas? – sussurra outro. Mas não temos respostas.

Somos rapados. Os homens que o fazem ostentam triângulos verdes.

Triângulo verde significa criminoso. Deram navalhas a criminosos para nos raparem.

Vamos para uma fila. Observamos. Sentamo-nos. Rapam-nos a todos. Tudo. A cabeça. Os braços. As partes íntimas. E sei que estamos todos a pensar o mesmo. E as nossas mulheres? Isto também estará a acontecer-lhes a elas? A ideia magoa. Alguns homens choram em silêncio.

Hão de habituar-se. Ou então morrem.

Acontece todas as semanas: aos sábados.

Olho para os homens que nos fazem isto. Quem são eles? *Serão alguns deles mesmo judeus?* Não paro de pensar. A ideia anda às

voltas na minha cabeça: como é que podem ser? Se eles são judeus, o que está a acontecer? Isto será real?

Que estranho é pensar que tentei encontrar sentido naquilo, que todos tentámos fazê-lo, como se isso fosse possível.

Estamos nus e a tremer. Não temos toalhas para nos secarmos. As nossas roupas e sapatos desapareceram e no seu lugar há pilhas daqueles pijamas. Às riscas, como os dos homens que nos raparam e despiram. Não os queremos. Não há sapatos, há apenas uma enorme pilha de tamancos.

O velhote grita:

– Quero os meus óculos! Não consigo ver sem os meus óculos!

– Os teus óculos foram-se – diz o alemão, com calma. Faz um gesto; um dos homens às riscas ataca o homem na cara.

Aquilo já não me surpreende. Viro costas. Vestimos as riscas. Tentamos encontrar tamancos que nos sirvam.

– Arranja umas que te sirvam bem. É importante – diz o Papi, e o Dr. Pfeffer concorda. – Os sapatos são a diferença entre a vida e a morte – diz ele. Enchemos os braços de tamancos, experimentamos a todos e depois vamos buscar mais, guardando os melhores para tornarmos a experimentá-los. Alguns dos homens olham para nós como se fôssemos loucos.

Foram os que morreram mais depressa.

Outros juntam-se a nós numa busca frenética.

Esses duraram mais tempo.

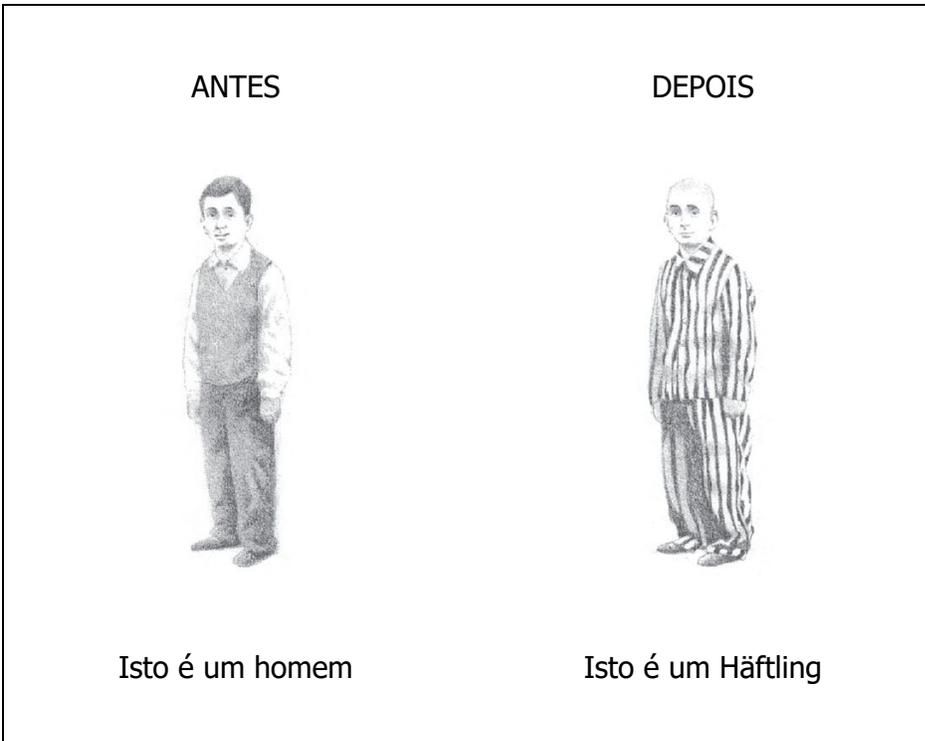
Pomo-nos de pé, os quatro. E olhamos uns para os outros. Desviamos rapidamente o olhar. Agora parecemo-nos com eles. Os judeus às riscas, que falam aquela língua estranha e dura – e que nos batem e pontapeiam e nos matam. Quando tentamos andar, descobrimos que não conseguimos levantar os pés, portanto

mancamos, tal como eles fazem, com medo de que os tamancos nos caiam.

Está feito.

Encaixamos na imagem.

[15](#) Na verdade, as forças aliadas desviaram-se da Holanda, dirigindo-se diretamente para Berlim.



Não temos bem a certeza do que aconteceu. Mas sabemos que algo aconteceu.

Chama-se Auschwitz.

Chama-se campo de extermínio.

Mas eles não acabaram. Ainda não. Levantam-me a manga e uma dor lancinante perfura-me o pulso. O que é? Olho para baixo. Há um número: B-9286.

Já não sou o Peter van Pels.

Sou o Stegi Stersi, B-9286.

Vejam, se virar o pulso, ainda consigo vê-lo.

As nossas roupas desapareceram, o nosso cabelo desapareceu – os nossos nomes desapareceram.

Agora somos números.

Números na parte lateral de um vagão de gado, números azuis tatuados por um pulso acima.

Está feito.

Atravessámos os portões de um inferno humano.
Estamos em Auschwitz.

As lembranças agora aglomeram-se – densas e pesadas como os mortos. Porque é que larguei a mão da Mutti com tanta facilidade? Eu não sabia o que estava a acontecer. Não houve tempo para pensar.

“Petel!” Ela disse o meu nome e desapareceu. Desapareceram todas, as nossas mulheres. Para dentro das chaminés deste inferno. Abdico dela. Acabo por abdicar de tudo.

Até de mim.

Mas não ainda.

Deixem-me contar-vos.

Deixem-me contar-vos.

Se alguém ali estiver?

Se houver alguém a ouvir?

Naqueles primeiros minutos, os segundos pareceram horas. Sentámo-nos rapados e fardados e numerados. Agora Häftlinge, incapazes de acordar para o choque daquele último afastamento que nem sequer sabíamos que tinha acontecido, mas que sentíamos entre nós – uma separação das nossas mulheres, de nós próprios – o primeiro de muitos que hão de vir, à medida que somos pontapeados, ou espancados, ou enforcados, ou alvejados, ou levados para chuveiros que transformam água em gás. Há tantas maneiras de nos separarmos da vida.

Aqueles de nós que aprenderam depressa, apesar do choque, podem sobreviver. Mas até nós, que falávamos alemão, não percebíamos propriamente. Como é que pudemos? Como é que podemos?

Vocês conseguem?

Mesmo agora, que está quase no fim, não faz sentido para mim.

Será que faz mesmo sentido para os alemães?

Porque é que sou eu que sinto tanta vergonha?

Vergonha por ter lutado pela vida e visto outros a morrer.

Vergonha por não ter feito nada para os salvar.

Isso assombra-me, enquanto estou aqui deitado, à espera de morrer. A estrutura dos campos, os ossos que os sustentaram, está dentro de mim – escrita em tinta indelével – gravada em mim como a tatuagem azul no meu pulso.

E nunca irá largar-me.

– Como é que posso contar isto, Anne?

– Tens de pôr uma palavra à frente da outra e caminhar com elas, tal como nós caminhámos enquanto isto durou, Peter, sem pensar no amanhã.

– Mas não há ninguém para ouvir.

– Então escreve no ar; eles não conseguem queimar ideias.

– Assim farei. Caminharei com as minhas lembranças na tua direção.

Estou assustado.

Estou sozinho.

Sou o último judeu.

O guarda está a gritar connosco.

– Ponham-se em grupos de cinco! Cinco! Eu disse de cinco! São homens ou atrasados mentais?

O Sr. Frank reúne-nos e começa a explicar-nos, em holandês, em inglês, em francês, em qualquer língua que possa ajudar-nos a perceber o que temos de fazer. O guarda zomba dele:

– Ah, com que então és professor? Os do teu tipo nunca duram muito!

O Sr. Frank não responde; obedece, e depressa. Ele compreende, parece ocupado. Curva a tua cabeça. A nossa primeira *Appell* – a chamada – a nossa primeira lição acerca de como ser um *Häftling*.

– Ponham-se em grupos de cinco, a dois metros de distância!

O Sr. Frank traduz, nós ouvimos, observamos e copiamos, já ansiosos por não sermos aquele a ser atingido, aquele que cai e

pode ser abatido.

Dantes, eu e a Anne ríamo-nos dele, do seu fraco sotaque holandês. O holandês não nos serve de nada aqui. O alemão é que nos há de salvar, se é que podemos ser salvos.

– É mesmo alemão? – sussurro. Porque, embora eu compreenda as palavras, não se parece nada com o alemão que *nós* falamos.

– Mais ou menos – responde ele, com tranquilidade. Está calmo. Consigo vê-lo agora parado diante de nós, maior do que a farda que nos vestiram.

Naquele momento, ele é como a única palavra que se conhece numa língua estrangeira. A palavra a que nos agarramos como se pudesse explicar a frase inteira.

Ajude-me, penso eu. Ajude-me.

Porque, mesmo parado sob os holofotes com aspeto de Häftling, ainda tinha o cheiro da liberdade na minha pele. A convicção de que era possível compreender isto. Uma convicção infantil de que algures, noutro lugar qualquer, o mundo poderá continuar a fazer sentido.

O Sr. Frank muda o som brutal do alemão mastigado para frases lentas e claras para nós, e nós obedecemos-lhe. Posicionamo-nos em grupos de cinco. A dois metros de distância. Aprendemos a lição. Por um momento, ele parece perplexo quando assumimos a nossa posição. Como se fosse ele a fazer com que isso aconteça.

Ainda não sabemos que iremos fazer isto todos os dias e todas as noites.

Vamos ficar a um braço de distância do nosso vizinho, numa linha reta de cinco pessoas, para lhes facilitar a nossa contagem.

Vou ficar parado à neve e à chuva. No nevoeiro e na neblina. Ao sol e debaixo de poeira. Debaixo de granizo.

Serei um dos cinco, que são um de dez, que são um de cem, de mil, de um milhão. Quantos de nós fomos contados e quantas

vezes?

Não sei.

Vou entrar e sair pelo portão com os meus pés gretados e com bolhas, em fila. Em fileiras.

Por vezes ficarei de pé durante horas, com a cabeça curvada contra a neve fria e vigorosa, porque há uma brecha na fila ou porque é o que apetece ao guarda. Não me ponho a pensar porquê, fico parado, espero e suporto.

Durante horas.

Por vezes há pessoas a cair ao meu lado. Podem ser mandadas para a Ka-Be¹⁶ ou levar um tiro ali onde estão deitadas. Aprendo a ficar de pé.

Uma vez, estávamos em fila e vimos um homem a ser enforcado. Estava frio. Descaímos a cabeça e desejámos que terminasse, para podermos deixar de estar de pé.

– Despacha-te! – sussurrou o jovem polaco ao meu lado. Ele queria sair do frio de rachar, chegar ao dia seguinte. Já ansiava pelo curto descanso e a sopa aguada. As palavras vinham-lhe da dor nas pernas e do frio que lhe atravessava a camisa.

Porra, pá, despacha-te e deixa-me sair deste frio, continuar a sobreviver, chegar ao fim deste passo, deste dia, desta noite, desta chamada.

Gritaram-nos para que levantássemos a cabeça e o víssemos a morrer.

– *Haben sie verstanden?* – gritaram. – Compreenderam? – E todos soubemos o que tínhamos de responder.

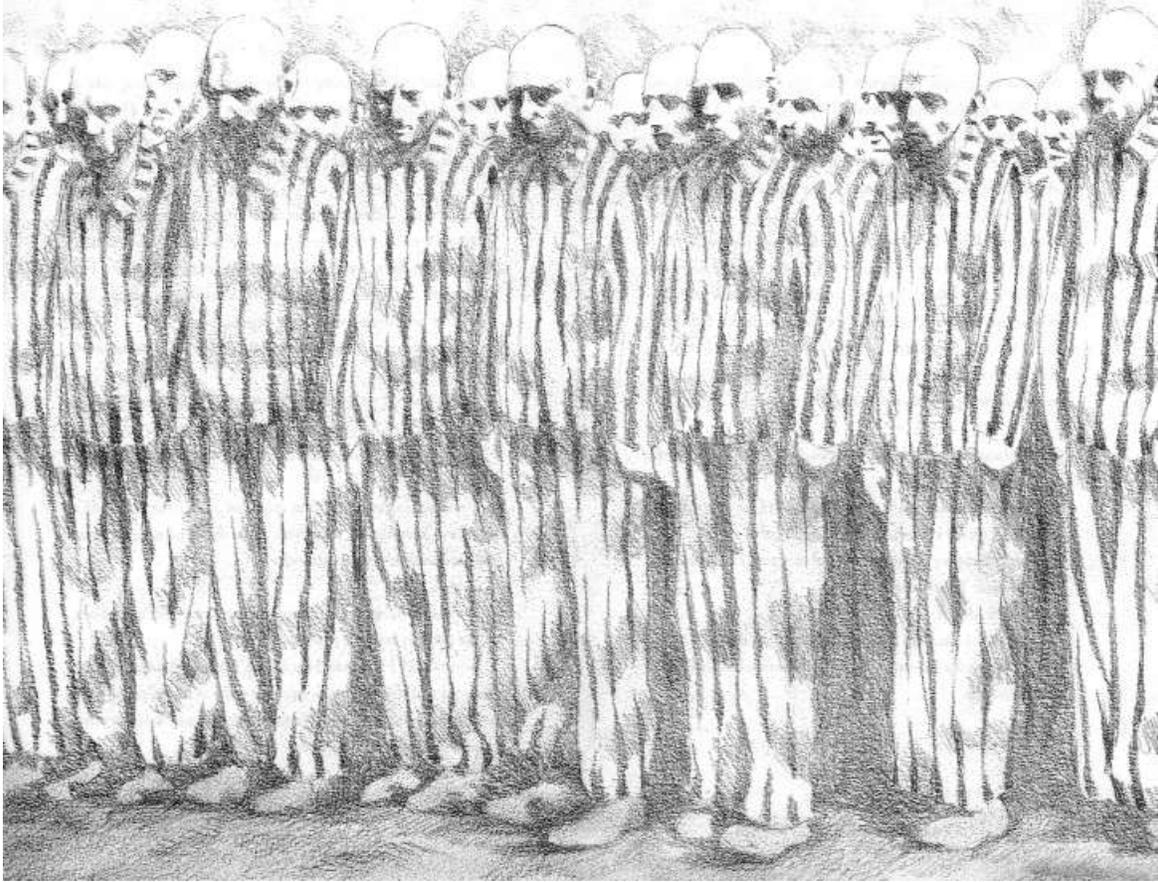
– *Jawohl!* – Mas nunca nos perguntaram o que tínhamos compreendido.

A nossa vergonha. Foi isso.

E o ódio deles.

– Camaradas, estou livre – gritou o condenado ao colocar o laço à volta do próprio pescoço, saltando antes que pudessem empurrá-lo.

[16](#) A designação da enfermaria em Auschwitz.



Só havia um caminho para a liberdade em Auschwitz.

A escolha do modo da nossa morte.

Quem me dera ter morrido assim também. Vivo. A lutar. Diante das nossas cabeças não curvadas, dos nossos olhos erguidos para ele por entre o frio cinzento. Aquele homem será lembrado. Será contabilizado. Não será um de nós. Um dos milhões que parecem ratazanas cinzentas às riscas, a morrer em pilhas. Bem, isso digo eu agora. Mas naquela altura só queria deixar de estar parado. Só conseguia pensar no frio e na necessidade de me mexer. No momento em que finalmente iria terminar a música horrível que tocava à medida que entrávamos e saímos pelos portões.

E em que a chamada teria fim.

Trabalhei durante uns tempos no departamento dos correios, num sítio quente, a fazer a seleção da correspondência deles. Onde conseguia obter rações extra de pão.

Porque é que consegui aquele trabalho? Quem sabe? Se calhar foi por ter ar de alemão. Se calhar foi por ter passado por lá à hora certa.

Não há porquês neste mundo, não vos expliquei ainda?

Ainda não perceberam? Também têm de ser espancados? Também têm de ser obrigados a comer sopa de uma tigela enquanto estão em pé?

– Cheiram a animais! – Era o que eles diziam.

Sim, nós somos como animais. Comemos depressa e em pé. Lambemos as tigelas, à procura do último pedacinho. Se existir comida, agarramo-nos a ela, lutamos por ela. Somos as bestas dos vossos fardos, do vosso ódio. Pensamos como animais, em coisas simples.

Comida.

Calor.

Sono.

Mas não somos animais.

Os animais não temem a morte, nem o anonimato, nem uma história por contar.

Portanto, não sou um animal, estão a ouvir?

Mesmo que substituam o meu nome por um número, não me deem uma colher com que comer, ou roupas ou sapatos para calçar – de modo a que eu seja obrigado a viver e comer como um. Não sou um animal.

Embora ainda agora esteja à espera.

À espera que me chegue a ordem através deste pesadelo adormecido, vigilante, sonhador. Através da escuridão fria e demolidora de uma aurora de inverno e da severa luz inicial do verão. A palavra que me parte ao meio e obriga este corpo a acordar para dar início a um dia para o qual a minha mente não encontra sentido.

Wystawach.

Acordem.

E sei que, quando a oiço, apesar de tudo, vou tentar erguer-me, levantar-me, pôr-me de pé e esperar para ser contabilizado. A ordem está instalada em mim.

Wystawach.

Acordem.

E não posso fugir dela.

– Como posso falar disto?

– Porque tem de ser – sussurra a Anne.

Mas será possível para vocês, aí fora, compreenderem sequer que as palavras existem?

Teremos sequer a mesma linguagem? Isto é um prato, digo. Aquilo é uma tigela. Estas são palavras fáceis, mas há outras mais difíceis. É aqui que o vosso mundo para e o meu começa.

Conseguem atravessar o espaço entre nós?

Ouvir o significado de uma palavra.

– Diz – sussurra a Anne.

– Mas porquê?

– Porque são as palavras que libertam um homem – não o trabalho.

Seleckcja.

Seleckja.

É assim que lhe chamam – àquilo que acontece. Nunca ouvimos a palavra, embora, inadvertidamente, já tenhamos sobrevivido à primeira seleção na plataforma da estação. Somos os números mais altos do campo, os mais recentes – os estúpidos, desastrados e perigosos.

Perigosos porque não conhecemos as regras, chamamos a atenção sobre nós próprios com as nossas movimentações estranhas. Troçamos nos tamancos e fazemos os outros caírem connosco.

Somos odiados.

Seleckcja.

Estamos em outubro. A palavra é sussurrada pelas barracas de Auschwitz, paira como um falcão sobre nós, à espera de descer. Somos muitos. Os números mais baixos sabem-no, pressentem o que está para vir, as mãos antigas. E sussurram a palavra – *seleckcja*.

Seleckcja.

Olham para nós com ódio. Fomos nós que fizemos com que isto acontecesse, nós, os números mais altos, ao aparecermos e darmos azo a uma multidão. Somos demasiados, e agora os guardas terão de fazer algo em relação a isso. Eles esquecem-se de que não somos nós que os matamos – não somos nós que pensamos que eles não são pessoas mas sim números.

Seleckcja.

Olho para o Papi, que abana a cabeça.

– Bem, pelo menos estamos cá dentro! – diz ele. Estávamos a viver em tendas, mas o vento tinha-as destruído. Agora dormimos lado a lado, quatro num beliche.

Não, não dormíamos. Aquilo não era sono. Devia haver outra palavra para aquela coisa que fazíamos de olhos fechados, com as nossas mentes a funcionar de modo incessante, a tentar encontrar sentido no impossível. Mantendo afastado o gemido e o joelho nas costas, o moer da comida imaginária de outrem nos nossos ouvidos, a descida para um sonho, sem aviso prévio. Uma cenoura perfeita, saída inteirinha do chão, está quase na minha boca, o meu cuspo está molhado só de pensar nisso, os meus dentes conseguem sentir finalmente o estalar de qualquer coisa sólida entre eles... acordo... o sonho espalha-se... tenho a boca vazia, o cuspo amargo... demoro alguns segundos a aperceber-me... da palavra que nos arranca deste lugar que não é o sono.

Wystawach.

Acordem!

O Blockaltester¹⁷ grita e começa um novo dia.

Há um novo medo no ar – não o medo diário de viver ou morrer, do frio, ou da dor dos chicoteamentos e de caminhar com os pés com bolhas...

A morte está a chegar. Está sempre a chegar, mas agora está mais próxima.

Não importa se somos novos ou velhos, saudáveis ou doentes, se somos holandeses ou gregos ou até mesmo alemães. A única coisa que importa é sermos judeus – e nem que sejamos só um, já seremos demais.

– Somos demasiados – diz o Sr. Frank. – Estão a escolher quem irá morrer.

Sabemos que é verdade. Isso não nos choca – faz tanto sentido como qualquer outra coisa que esteja a acontecer.

– Estamos todos a morrer – diz o Papi – é só uma questão de sentido de oportunidade! – E depois ri-se. Olho-o fixamente, mas o Sr. Frank dá uma gargalhada sonora. Os outros olham-no espedados, o riso dele parece chocante e enorme, como se recordassem algo esquecido.

– Caluda! – grita o *Blockaltester*.

E nós obedecemos.

Sabemos que vai acontecer. Vamos ser seleccionados. Mas não sabemos como. O Dr. Pfeffer desapareceu. O Sr. Frank faz perguntas, mas não há respostas. Os homens encolhem os ombros ou abanam a cabeça.

– Esvaiu-se em fumo – sugere um número baixo. O Sr. Frank deita a cabeça nas mãos.

– De certa forma, só aqui é que o conheci de facto – sussurra. Nessa noite, há outro homem deitado no lugar do Dr. Pfeffer.

– Observa – diz o Sr. Frank. – Aconteça o que acontecer, não tires os olhos dos números baixos; copia-os. Faz com que pareça que sabes o que estás a fazer.

Os rumores abundam. Só os jovens serão escolhidos. Só os velhos. Não será a nossa secção, mas sim outro campo. Para variar, desta vez não seremos nós, judeus, mas sim os criminosos.

Algures, no fundo, sabíamos que não era verdade. Estávamos a fazer a nossa própria seleção, fingindo que serias tu. Não eu. O que mais poderíamos fazer, quando...

Não há escapatória. Não há para onde fugir, a não ser o arame farpado, mas esse é só para os corajosos – aqueles que percebem que só há uma escolha: e a escolha não se refere a *quem* há de morrer, mas a *como* morrer. E por isso escolhem morrer da única maneira que lhes resta – no arame farpado.

Compreendem?

*Conseguem compreender?
Que não foi um ato de desespero.
Mas sim um ato de vida.*

Para os que restam de nós, dizemos uns aos outros as palavras em que não acreditamos. Que desta vez não seremos nós, mas outra pessoa qualquer, noutra sítio qualquer. Permitimos que as palavras aplaquem o medo que nos rodeia, que suavizem a ameaça que paira no ar sobre nós como cinzas.

É isso ou o arame farpado. Não há meio-termo. Não há outra maneira.

Selekcja.

Dão-nos um duche. Rapam-nos. Desinfetam-nos. Somos preparados para mais uma semana. Mas hoje é diferente; hoje a campainha toca. Isso significa que temos de ir para as nossas barracas. Tudo para. À volta da praça, as conversas terminam, a permuta de colheres, sapatos e pão falha. Faz-se silêncio. Os negociantes guardam os seus artigos. E agora até aqueles poucos que ainda não tinham pressentido que iria acontecer já sabem.

Está na hora. Vamos ser escolhidos. Vamos ser selecionados.

Paramos o que estamos a fazer e vamos para dentro das barracas.

É-me dado um cartão. Olho para ele na minha mão. Tem o meu nome escrito. Peter van Pels. Tem a minha idade e a data em que nasci. Faz-me lembrar algo que já esqueci. Faz-me lembrar de quem sou.

Guardo-o. Os números baixos não olharam para os deles. Não foram apanhados pelo vislumbre deles próprios por escrito – pela lembrança de quem são.

Agarram-no com força, verificam rapidamente, apenas uma vez, que está correto, e desviam o olhar.

– Dispam-se!

Já estou habituado à visão dos nossos corpos nus. Já não me sinto envergonhado. Dobro as roupas sobre o meu beliche e coloco os

tamancos por cima.

– Hão de estar à tua espera quando voltares – diz o número baixo que dorme por baixo de mim. E tem razão. Ninguém se arrisca a roubar nada. O pão extra que alguém tenha é partilhado, não permutado. Nenhum de nós sabe quem irá regressar.

Esperamos nas barracas. Uns dormem. Outros rezam. A maioria de nós tem o olhar fixo, perdido na distância. As nossas mentes descartam-se de nós, tentam poupar-nos ao horror. Já não estou assustado. Agora que finalmente chegou, estou calmo.

Sim, é isso mesmo. É isso mesmo. Não há nenhum sentimento que dure para sempre, senão como conseguiríamos suportar? Até mesmo o medo só pode durar até ser subjugado.

Estávamos calados.

Chega subitamente, embora já estejamos à espera. O barulho e os gritos e os berros do *Blockalteste* romperam com a nossa calma, com um qualquer mundo que construímos dentro de nós para conter este horror. Fazem-nos sair nus dos beliches e enfrentar o ar gelado... passar para outra sala, onde somos apertados, comprimidos... à espera... nós, os números altos, não sabemos bem o que esperamos. A pressão começa a aliviar-se devagar. Lembrome das palavras do Sr. Frank. Observo. Já estou quase na porta. Escolho um número baixo para observar. É velho, mas não interessa. Observo-o. Observo-o a aproximar-se da porta. Observo-o a levantar o corpo sobre as ancas e a projetar o peito esquelético para fora. Observo-o a correr o mais rápido que consegue, com os joelhos bem levantados e os braços a dar balanço.

E depois é a minha vez.

À minha frente há um pátio, no fim do qual há outra porta. Ao lado da porta há guardas e um homem das SS. Encaro-os. Ergo a cabeça. Levanto os joelhos. Projeto o peito para fora e corro o mais rápido que consigo. Espero que me escolham para viver. Dou o meu cartão ao homem das SS.

Termina.

Regressamos à barraca. Vestimo-nos. Toda a gente se reúne em redor dos velhos, dos fracos, dos doentes e dos coxos.

Desapareceu toda a amabilidade e toda a calma.

– Esquerda ou direita? Esquerda ou direita? – perguntam. – Para que lado foi o teu cartão?

– Esquerda! – dizem, e repetem: – Esquerda. Esquerda. Esquerda.

– Olhaste? – pergunta o Papi, baixinho. – Viste para que lado foi o teu cartão? – Porque já se tornou óbvio que todos os cartões que foram para a esquerda são os seleccionados.

Abano a cabeça. Não sabia. Não sabia que era isso que era preciso fazer. Sinto-me envergonhado. Não olhei com a devida atenção, não imitei com o cuidado necessário.

– Viste? – pergunto. O Papi abana a cabeça e depois sorri.

– Não! – responde ele.

E é então que chega a sopa.

– Olha – diz o Papi. – Deram-me uma dose dupla. Toma, Petel, fica para ti.

Porquê? Porque é que lhe deram mais? Olho em volta. Ele não é o único. Todos os *Musselmänner*¹⁸: os fracos, os velhos, os imprestáveis. Todos os homens cujos cartões ficaram à esquerda receberam uma dose dupla. Olho para o Papi.

Ele foi seleccionado.

– Não! – digo. – Come tu. – Mas ele não quer.

– Por favor, Peter, senão a Mutti mata-me. Imagina só!

Mas eu abano a cabeça. Não posso. Apesar de ter tanta fome.

Não, eu não tinha fome. Fome é uma palavra que se pode compreender. Esta fome não está no meu estômago, está na minha pele – nos meus ossos. Se me cortassem as pernas, elas caminhariam sem mim em direcção a uma tigela de sopa.

Quero a sopa do meu pai, mas não posso comê-la.

À noite, fico deitado acordado no meu beliche. Sinto os joelhos nas minhas costas e, no rosto, o hálito imundo que todos temos. Há vozes aos gritos e aos berros na escuridão. Praguejam e gemem e lamuriam-se e sussurram com sofrimento e anseio e medo e todos os sentimentos que se ocultam durante o dia, enquanto lutamos pela sobrevivência. Elevam-se das bocas dos que dormem.

Não consigo dormir. Fico deitado acordado e à escuta.

Quando amanhece, ainda tenho os olhos bem abertos.

– Wystawach – grita o *Blockaltester*.

Mas eu já estou acordado.

No dia seguinte é tudo igual. Chamada. Especificações do trabalho. Acordamos. Trabalhamos. Está um frio de rachar. Estamos mortos de fome. Só há uma diferença – o Papi recebe outra ração extra de sopa.

– Estão a engordar-me para alguma coisa! – brinca ele. Olhamos de relance um para o outro e desviamos o olhar. Toco-lhe no braço. As pontas dos seus dedos roçam-me no rosto. Ele sabe. Sabemos os dois.

– Por favor – diz ele, baixinho –, come, vais ganhar forças.

Era o que a Mutti nos dizia sempre no inverno, quando nos dava papas de aveia. As palavras queimam-nos. Tocam-nos naquele sítio privado chamado passado que não devemos relembrar, que devemos manter morto ou congelado, se quisermos sobreviver. Olhamos um para o outro. Ele sorri.

– Petel – diz ele –, por favor. – Lentamente, passa-me a tigela. Levo-a à boca. Quase nem está quente, mas queima-me de tal maneira que mal consigo engolir.

– Isso mesmo – diz ele –, engole tudo. – E observa cada boca cheia de sopa, sem perceber que a sua própria boca se movimenta juntamente com a minha até desaparecer o último pedacinho. E depois pousa a mão no meu ombro.

– Bom trabalho – diz ele. E dá-me uma palmadinha no ombro. – Bom trabalho.

Encosto-me a ele e, por um instante, sinto o calor do seu corpo contra o meu e sei que ele está ali. E depois endireito-me.

– Todos temos de fazer coisas difíceis para sobreviver – diz ele. E sorri de novo. Segura-me a cara nas palmas das suas mãos e olha-a fixamente. Apenas por um segundo.

– Sê corajoso. Sobrevive – diz ele, largando-me em seguida. Não come mais nada. Dá-me todo o seu pão e a sua sopa.

Levam-nos cedo, quando estão a trabalhar. Nós despedimo-nos. Somos uns felizardos. O Sr. Frank não conseguiu. Mais para o fim dessa mesma tarde, vemos regressar um carrinho de mão cheio com as roupas vazias deles e percebemos que está feito. O Sr. Frank põe a mão no meu ombro. Não dizemos nada. Não há nada que possa ser dito.

Mas, depois disso, fico diferente.¹⁹

Agora já compreendem o significado da palavra?

Selekcja.

Depois disso, deixei de ser o Peter. Passei a ser o Stegi Stersi, B-9286. Häftling. Untermensch. Uma criatura do depósito. Uma criatura que faria qualquer coisa para manter a réstia de vida que o pai alimentou com sopa.

Sê corajoso. Sobrevive.

Foi o que fiz.

Por ele.

Custe o que custar.

Matei a simpatia. Roubei. Se precisássemos de mais pão, eu arranjava-o. Não havia outra maneira. Um prego solto no soalho, uma saca vazia, uma colher: eu ficava junto às latrinas e vendia tudo o que encontrávamos.

Aprendi grego: *klepsiklepsi*.²⁰ Aprendi o suficiente – o suficiente para comprar e vender e permutar.

E sobreviver.

Era assim que fazia.

Quando vi o velhote pela primeira vez, dei-lhe uma semana. Tinha *Musselman* escrito por todo ele. Faltava uma semana para ele estar morto e *eles* lhe tirarem todo o ouro da boca. Que desperdício. Eu tinha de ser rápido e tinha de ter sorte. Ele estava no beliche de baixo. Mas já todos tínhamos visto aquele clarão na sua boca. Estávamos todos de olho nele. Sentei-me com ele.

– Há maneiras de aprender. De sobreviver – disse eu. Ele tentou acenar com a cabeça.

– A minha mulher – sussurrou.

– Depois. Não podes pensar nela agora.

Ele tinha aquela expressão. Aquela que todos tínhamos à chegada. De dor e confusão. A expressão que todos nós odiamos, que nenhum de nós quer recordar, a expressão que nos torna cruéis e severos.

– A minha mulher! – Abana a cabeça. – Onde está a minha mulher? – O rapaz do beliche do outro lado ri-se.

– Já não estás em casa! – diz, com rispidez. É o que todos dizemos aos números altos. Porque é que são tão estúpidos?

– Esquece a tua mulher – digo eu. – Posso arranjar-te pão.

– Pão? – pergunta de novo. É tão lento que me apetece bater-lhe. Meu Deus, ele acha que lhe vão *dar* coisas.

– Eu ajudo-te – digo. – Dá-me esse ouro que tens na boca, que eu arranjo-te uma colher, uma tigela, pão. Precisas dessas coisas para sobreviver.

Já referi que nunca nos deram tigelas nem colheres? Tínhamos de pagar por elas com pão, ou sopa ou qualquer coisa que conseguíssemos encontrar, mas, no entanto, as permutas eram ilegais.

Ele olha para mim espedado e abana a cabeça. Gostava de lhe arrancar o ouro diretamente da boca.

– Sem comida extra, vais morrer! – digo-lhe, mas ele abana a cabeça.

– A minha mulher! – torna a dizer.

– Tudo bem! – digo eu. – Logo verás!

É colocado nas especificações de trabalho. Dois dias depois, oferece-me o seu dente. Faço negócio com um civil e consigo vinte rações de pão. Vinte! Chegam para um mês inteiro. Divido o pão com ele e com o Sr. Frank. Mas nem isso consegue manter vivo o *Musselman*. Morre passada uma semana.

Foi assim que sobrevivi.

Vendo tudo o que posso. E, se o *Blockaltester* for ávido, também lhe vendo a ele. E assim conseguimos sopa do fundo da panela, às vezes com legumes.

Uma vez calhou-me um pedacinho de salsicha. Sabem o que fiz? Pu-lo na boca. E mantive-o lá. Deu gosto à sopa. E à noite mastiguei-o. E engoli-o. Um pedaço de carne. Foi um bom dia.

Agora já percebem? Era isto que eu fazia. Foi assim que me mantive. Para alguns de nós, a sobrevivência foi uma questão de sorte. Não, para todos nós foi uma questão de sorte. Mas para a maioria de nós foi porque aprendemos a enganar e a mentir e a roubar e a aguardar – e a observar enquanto os outros eram espancados e morriam.

Deste modo imprimiam o ódio deles em nós.

Mas ainda assim sonhávamos.

Em dizer a alguém, fosse a quem fosse – a vocês – que está a acontecer.

Mas até os nossos sonhos nos falharam.

Sonho com a Anne. Não estamos no sótão, estamos nos ramos do castanheiro – lá fora. Sinto os ramos debaixo de mim e a aragem no meu rosto. O ar corre como o som de água através das folhas. O Sol brilha.

Estou feliz.

A Anne fita-me com os seus grande olhos castanhos, a cabeça inclinada como um pássaro. A felicidade deambula até mim como folhas.

Estou a contar-lhe tudo. Tudo. As palavras jorram de mim.

Digo-lhe que não consigo dormir: falo-lhe da fome, do medo, de como nos espancam e nos fazem passar fome – de como até o trabalho que nos obrigam a fazer é irreal. Que por vezes passamos dias a levar madeira de uma ponta de um local até à outra, para no dia seguinte tornarmos a fazer o mesmo. Falo-lhe das câmaras que nos gaseiam e nos fornos que nos queimam. As seleções... e a Anne escuta e assente com a cabeça, tendo nas mãos o seu diário. Vejo a mão dela a escrever, a anotar tudo à medida que eu falo.

Sinto as palavras a entrar-lhe pelos olhos e a descer até à página e sinto um grande peso a sair-me do corpo. Estou cheio de alegria.

Sou uma folha, um pássaro, um balão – uma coisa que consegue voar e flutuar para longe.

Sinto-me grato.

– Anne! – sussurro o nome dela, chego-me a ela para lhe tocar, para me assegurar de que é real. Ela afasta-se.

A Anne ergue os olhos para mim, mas o seu olhar está vago quando sorri e começa a descer a árvore.

– Anne! – grito, mas ela não responde. O seu diário está pousado no ramo ao meu lado. Estico-me para o agarrar. Abro-o. Fito-o. Folheio as páginas, para trás, para a frente, com a esperança a desvanecer-se dentro de mim, porque, por mais que eu procure... as páginas estão vazias...

Abro os olhos. Há barulho em toda a minha volta, barulho de homens a mastigar os seus sonhos.

O vácuo.

De dia éramos feitos animais. Mas nos nossos sonhos não podíamos deixar de ter esperança de que alguém, algures, poderia ouvir-nos.

Estão aí?

Estão a ouvir?

Nós sabemos que podemos não durar.

Que a nossa história pode ser roubada.

E por isso lutamos para sobreviver.

Roubei. Furtei.

Menti.

Fiz tudo o que pude. Tornei-me no que teve de ser.

Para ser corajoso e sobreviver.

Conseguem ouvir-me?

Porque eu tenho de contar.

Tudo.

Fiz de tudo.

Fiz tudo...

Abandonei o Otto Frank.

Deixei-o em Auschwitz.

Traí o homem que tentou salvar-me.

Nessa altura era inverno.

Inverno em Auschwitz.

Os Aliados estão a chegar. Às vezes os aviões sobrevoam-nos. As estruturas do campo estão finalmente a ceder. Quem irá escapar por entre as brechas?

Estou assustado.

Estão a reunir-nos a todos. Vão fazer-nos marchar até algum lado. Para longe dos aviões e dos Aliados, para longe da liberdade.

– O que hei de fazer?

– Fica aqui! – diz o Sr. Frank. – Os Aliados estão quase a chegar. Esconde-te, Peter. É a nossa oportunidade!

Mas e se me encontram? E se matam os doentes e os imprestáveis antes de irmos embora? Ou se os gaseiam? Foi o que sempre fizeram. É o que voltarão a fazer – não é?

– Fica aqui! – diz o Sr. Frank, mas ele é tão magro que nunca conseguirá safar-se em passo de marcha. Ficar é a única hipótese. Olho-o fixamente.

– Estou com medo – digo.

– Eu sei – diz ele.

– Fica aqui, Peter! Esconde-te. Está a chegar a libertação! – Já está velho, com as maçãs-do-rosto coladas aos ossos. Fitamo-nos um ao outro. Ele *tem de* ficar – e eles vão matá-lo. É o que eu penso. Vão matar todos aqueles que não conseguem trabalhar, como sempre fizeram. Se ele ficar, vai ser morto. Se eu ficar, serei morto com ele.

Tenho de decidir.

Afinal de contas, a decisão é rápida. Sou reunido aos outros. Não temos hipótese de nos despedirmos.

Estou a andar. Ponho um pé à frente do outro. O ar está gelado. Estamos do lado de fora dos portões. O céu está cinzento. O solo é duro e frio sob os meus pés. É inverno. Observo os meus pés a moverem-se. Não levanto os olhos. Ponho um pé à frente do outro. Pé direito, pé esquerdo.

Deixei-o. Deixei para trás o último de nós. Abandonei-o. Porque quero viver. Pé direito, pé esquerdo. Pé direito, pé esquerdo.

Quando finalmente levanto os olhos, o dia está quase acabado. Já somos menos. Deram um tiro aos que tombaram, que não conseguiram acompanhar o passo. Há árvores numa encosta. A imagem delas faz-me saltar o coração. São verdes. Coníferas. A cor viva faz-me arder os olhos. Não estou habituado a isso. À cor.

Dormimos onde caímos. De manhã deixamos os mortos onde estão. Enregelados e enrolados na sua manta de gelo.

Caminhamos. Pomos um pé à frente do outro.

Deixei-o. Deixei-o para trás. Cada passo faz-me avançar e afasta-me mais dele.

Caminho durante dias, torno a ver aldeias e pessoas que não são guardas, nem *Häftlinge*. Vejo uma mulher com um lenço azul-vivo na cabeça. Não consigo parar de olhar para ele, de tão bonito que é. Ela oferece-nos comida. O *Häftling* que aceita a comida dela leva um tiro.

– O que posso fazer por eles? – pergunta ela, chocada.

– Nada – respondem os guardas.

A simpatia dela confunde-nos. Os sentimentos chamejam dentro de nós e queimam-nos. Morrem porque não podem ser suportados.

Estou a andar.

Perdi tudo. Uma a uma, fiquei sem as pessoas que amei. Estou sozinho. Sou um esqueleto ambulante e, em breve, tudo estará terminado.

Em breve, até o fumo vai parar de sair pelas chaminés, os últimos pedaços de osso terão sido transformados em pó e eles terão vencido. Irão soprar ao vento o nosso último pó, e, nos anos que se seguirem, até as suas histórias serão verdade.

Que nós éramos só como eles nos viam.

Ratazanas. Baratas. Esmagadas.

E assim prosseguem os poucos de nós que ainda restam. Pomos um pé à frente do outro. Caminhamos. Quando tropeçamos e caímos e queremos morrer, levantamo-nos e continuamos. Porque isto é tudo o que temos. Não existe o Peter, nem o número.

Só existe a sobrevivência.

Eles ou nós.

A história deles ou a nossa.

Qual delas será?

Conseguem ouvir-me?

Ou é apenas como nos meus sonhos?

Já estão a virar costas e a afastar-se, de volta aos raios de sol daquele outro mundo – o vosso mundo – onde eu já não existo?

Serei mesmo o último?

O último judeu na Terra?

Ouve-se um barulho do lado de fora da barraca. Fecho os olhos. Passos. Fico deitado sem me mexer, na esperança de que pensem que estou morto. Os passos continuam a avançar. Estão a procurar por entre os corpos, em busca de sinais de vida.

– Acho que estão todos mortos – diz uma voz.

Há alguém parado ao lado da minha cama.

– Acho que nesta há vida!

Não me mexo. Se tiver sorte, não valho uma bala. Gostaria de morrer sem essa violência final.

– Consegues ouvir-me? – diz a voz ao meu ouvido. – Quem és tu?

Está a falar em espanhol. Repete as palavras em alemão.

– Quem és tu?

Abro os olhos. O homem não está fardado de guarda. É magro, mas não é esquelético. Respondo-lhe, ou tento fazê-lo. A minha voz tem um som estranho.

– Stegi Stersi, B-9286. – Salivo ao dizer o número, pois a minha boca já pensa que, finalmente, vai haver sopa. Uma criatura do depósito é uma criatura de hábitos.

– O teu número, não – diz ele. – Esses tempos acabaram. Qual é o teu nome? – pergunta.

Tenho expressões a pulular na minha cabeça. Mas nenhuma faz sentido. Será uma selecção? Uma artimanha?

Tenho o meu nome na ponta da língua. O meu nome. O meu nome. Qual é?

Sou o? Sou o? Sou o?

– Deixa estar, rapaz. Consegues pôr-te em pé?

Não sei. Levantam-me as pernas.

Tento.

Sinto os calcanhares sobre o chão. Os meus joelhos começam a moer. Os ossos comprimem-se e esmagam-se uns contra os outros. Não há carne para amortecer entre eles.

Começo a erguer-me. As minhas pernas servem de alavanca. Ponho-me de pé. Estou de pé.

Oiço a minha voz.

– Peter! – diz a voz. – Sou o Peter!

– Peter! – diz o homem. – Eu sou o Stefano.

Sou o Peter.

As palavras a erguer-se dentro de mim.

Sou o Peter.

Um carrilhão de sinos.

Levanta o braço e toca-me. Sinto a mão dele no meu ombro. Já passou muito tempo desde que fui tocado, o meu corpo retrai-se, à espera de um golpe.

– Não estejas em pé, senta-te – diz o Stefano. É surpreendente. A voz dele é terna. Os seus olhos olham para mim.

– Peter, consegues chegar lá fora? – diz o outro. Fito-o. Não é tão magro como eu. Ostenta o triângulo vermelho de um político. Parece estar a chorar.

– Não passa de um miúdo! – diz ele, mas o Stefano abana a cabeça.

– Aqui não há crianças. Se sobreviveu até agora, é um homem.

Unem os braços e fazem uma tipoia. Içam-me e levam-me nos braços.

– Precisamos de sair daqui. Ainda sobram alguns daqueles sacanas dos Blockalteste. Consegues chegar lá fora?

Lá fora.

Lá fora.

Lembro-me daquela expressão.

Vejo um castanheiro.

Havia ruas. Acho eu. E canais. E luz do sol. E no outono as folhas caíam como moedas de ouro que flutuavam na água escura dos canais.

– Ainda está lá tudo? – sussurro. – Lá fora?

Mas eles estão aflitos para me levar nos braços e não conseguem responder.

À nossa volta há pilhas. Pilhas de paus de fósforo compridos deitados como pessoas na terra. Já não há filas, não há Häftlinge em pé. Não há guardas aos gritos. Fecho os olhos. Levanto a cara para o calor e o silêncio do sol e sinto-o no rosto.

Olho em meu redor. Vejo que as pilhas de paus de fósforo são de homens.

Tantos homens.

Agora todos mortos.

Ou moribundos.

Ainda estou em Mauthhausen, o sítio onde...

Os guardas têm mangueiras nas mãos.

– De pé! De pé! Em grupos de cinco. A dois metros de distância! – gritam.

Os Häftlinge posicionam-se com rapidez, com eficácia. São velhos e novos e doentes e coxos e feridos. Em tempos todos foram diferentes – mas aos olhos dos guardas são todos iguais.

Os guardas ligam as mangueiras. Os homens caem como pinos.

– De pé! – gritam os guardas.

Os homens rastejam nus pela terra, debatem-se para conseguirem pôr-se de pé. Alguns, poucos, levantam-se rapidamente de um salto, desejosos de agradar – mas os velhos e os sensatos rastejam o mais lentamente possível, guardando cada pequeno segundo de energia. Avaliando de modo refinado este equilíbrio entre o erguerem-se o

mais lentamente possível, mas com a rapidez suficiente para não levarem um tiro ou serem espancados – este equilíbrio entre a vida e a morte.

Todos os dias me arrasto ao passar pelos homens parados como os esqueletos despídos das árvores de inverno a caminho da pedreira. Todas as noites, quando regresso, eles são menos. Estão todos nus. E está um gelo. À noite as estrelas brilham num céu negro límpido e gélido. A Lua está nítida. E eles estão debaixo dela. De pé. Como as árvores. De manhã, os guardas ligam as mangueiras.

– De pé!

Cada dia eles são menos.

– De pé!

Uma e outra vez.

O último homem demorou dias a morrer. Manteve-se em pé. Não queria deitar-se. No final, brincaram com ele. Deixaram-no descansar mais tempo. Aceitaram apostas. Ele pensou que podia ganhar...

...mas, como eu sou, ele só demorou mais tempo a morrer.

Os dois políticos põem-me no chão. Há qualquer coisa macia debaixo de mim.

– Uma das fardas dos guardas – ri-se o Stefano. – Já não vai precisar dela!

O sol no meu rosto parece...

...uma bola quente no meu peito, corpos a erguerem-se juntos como o murmúrio do vento através das folhas de um castanheiro, uma explosão de felicidade como o sabor a morango. Lembro-me do Mouschi.

Sinto o rosto a sorrir.

O sol é autêntico. Não estou a imaginá-lo. Está aqui no meu rosto.

– É isso mesmo, rapaz, deita-te nela! – Abro os olhos.

– Eles vieram! – diz o Stefano.

– Fomos libertados – diz o outro.

Fecho os olhos e sorrio. Já a ouvi antes, há muito, muito tempo. Aquela palavra: Libertação. Havia um quarto. E um rádio. Havia a Anne. Nessa época eu tinha mãe e pai. Esperámos juntos, lá em cima no sótão, mas não veio ninguém.

A não ser eles.

Nesse dia também estava sol.

O Stefano ri-se.

– Acabámos por ser demasiados! – diz ele. Oiço a voz dele. Tem algo de estranho. Tem vida. Para ser tão forte, ele deve ser um número baixo. Também terá feito coisas terríveis, como eu?

– Dorme, rapaz – diz ele. – Já acabou. Os russos deram-nos armas!

– Vocês sabem? – sussurro. – Sabem o que eles fizeram?

– Sabemos, e em breve o mundo inteiro também irá saber – diz a voz.

Suspiro. Fecho os olhos. Ele fala de todas as coisas terríveis como se fizessem parte do passado, ao invés de estarem dentro de nós.

Estou a pensar no Otto Frank. De todas as coisas terríveis que fiz, abandoná-lo à morte foi a pior. Consigo vê-lo agora...

Estamos juntos, em pé. É o dia em que levaram o meu pai. Não consigo falar.

– O que resta dele? – pergunta o Sr. Frank. – As roupas que voltaram para trás não eram dele, o número que tinha no pulso não era dele.

– Não sobra nada – sussurro.

– Tu! – diz ele. – Tu és o legado dele. Hás de recordar. Hás de sobreviver. Hás de contar a sua história.

– Seremos homens, sequer? – pergunto. Sinto-me envergonhado. Abro mão do meu pai.

Também abri mão do Sr. Frank... Fui-me embora sem ele... Será que posso apelidar-me de homem?

– Sim. Somos homens. – A voz do Sr. Frank é contundente e irada.
– Nunca te esqueças, Peter, *eles* é que não são homens – todos aqueles que não conseguem sentir vergonha. Não é a *tua* culpa ou a tua vergonha que importam. São as deles. É por isso que tens de contar a tua história.

E é assim que começo. Da única maneira que posso, com palavras como passos, pondo uma à frente da outra.

– *Estás aí? – sussurro ao Stefano. – Consegues ouvir-me?*

– *Estou aqui – diz ele. – Estou a ouvir.*

“Trouxeram-nos de todos os lados para aqui para Mauthausen. Sobreviventes. De Auschwitz e Budapeste, de Plaszow e Buchenwald. Todos os judeus. Diziam que éramos bichos. Um enxame de gafanhotos. Estavam sempre a tentar matar-nos. Mas nós não parávamos de chegar. Eles eram o nosso pesadelo, agora somos nós o deles. Gasearam-nos. Espancaram-nos. Enforcaram-nos e alvejaram-nos com metralhadoras. Tentaram fazer-nos andar até à morte. Mas, ainda assim, não parámos de chegar.”

O homem segura-me na mão.

– *Estás a tremer – diz ele. – Agarra-te a mim.*

“Davam-nos mangueiradas até gelarmos. Faziam-nos cair como peças de dominó pelos degraus da pedreira. Punham-nos de pé ao lado do arame farpado e obrigavam-nos a dançar até cairmos de cansaço. E quando morríamos sobre o arame farpado, dançando devido à eletricidade que se contorcia pelos nossos corpos, riam-se e diziam: ‘Ele dança melhor quando está a morrer!’”

– *Sabes que isto é verdade? – pergunto-lhe.*

Ele aperta-me a mão. – Agora já sei – responde.

“Alguns davam as mãos e saltavam para as suas mortes. Chamavam-lhes os paraquedistas. E estavam sempre a fazer-nos passar fome. Obrigavam-nos a trabalhar. Espancavam-nos. E ainda assim nós vínhamos. Em vagas. Pegaram-nos tifo. E febre. E cólera. Obrigaram-nos a carregar os nossos mortos e a deixá-los em pilhas. Alimentavam os nossos corpos através das chaminés e fornos vazios. Espalhavam as cinzas dos nossos ossos pelas suas estradas e pisavam-nos. Faziam-nos usar as roupas dos nossos mortos, não fôssemos nós esquecer-nos de que vínhamos a seguir. Acordavam-nos antes do nascer do Sol. Roubavam os nossos sonhos. E, ainda assim, continuávamos a chegar.”

– *Sim! Foi terrível – oiço a voz dizer –, mas já acabou.*

Vivi no medo, não com medo da morte, mas de uma maior solidão, da sobrevivência. De ter de contar a história quando não resta mais nenhum *Häftling*. Nem um para acenar com a cabeça e dizer “Sim” ou “É verdade, eles chamavam-nos *Häftlinge* e *Untermenschen*”.

Só eu, sozinho, com a incredulidade nos olhos das pessoas lá fora.

– *Não estás sozinho! – diz ele. – Há outros!*

– *Outros judeus? – pergunto eu.*

– *Sim!*

Então não estou sozinho.

Não estou sozinho.

Estou só a morrer.

Fecho os olhos.

– *Peter! – dizem eles. – Aguenta-te, Peter!*

Sorrio.

O meu nome é Peter van Pels.

Sou o Peter.

E contei a minha história.

– *Encontraram alguns dos guardas, vejam só! Estão a matá-los, Peter. Estão a espancar os sacanas até à morte com os tamancos!*

Não vou abrir os olhos.

Não quero ver o ódio deles.

Num outro sítio qualquer, fora daqui, existe um mundo onde os pássaros cantam.

Nesse mundo, sonhei com liberdade, com libertação.

E ela chegou.

– *Estão mortos, aqueles cobardes nojentos! C'um caraças, estamos livres.*

– *Consegues abrir os olhos, rapaz?*

– *Acho que ele está a ir-se, companheiro.*

– *Agora não! Agora não, rapaz!*

– *Consegues ouvir-me, Peter?*

– *Escuta, rapaz. O teu povo ergueu-se!*

Sorrio.

Então, aqui está ele. O momento por que ansiei. Por que lutei. Por que vi os outros morrerem.

– *Estás livre, rapaz. Livre!*

Estarei?

Alguma vez conseguirei libertar-me das imagens dentro de mim? De pessoas paradas em filas? De um homem a pôr uma corda à volta do pescoço e a saltar? De Deus a morrer? De corpos a jazer em pilhas como paus de fósforo? E da verdade de que, quando não há mais nada, há ainda a vontade de viver? A impelir-nos, a fazer-nos pôr um pé à frente do outro. A mim em frente de ti. Porque, se não o fizer, morro.

Já chega. Não quero mais.

Percebem?

Estão a ouvir?

Viram os mortos a jazer na terra e a secar, como se fossem raízes arrancadas? Anónimos – como dentes.

Oiço-os a sussurrar-me – os mortos – consigo vê-los.

– *Rapaz! Abre os lábios. Tens aqui água!*

As gotas são doces nos meus lábios. Como um beijo.

– *Estamos salvos!*

Mas não são os salvos que vejo. São os afogados. Os mortos. Os milhões sem nome que já me assombam. Peço desculpa. Peço desculpa por vos ter empurrado para baixo, por ter mantido os cotovelos de fora, por ter pegado na pedra mais pequena para vocês terem de ficar com as mais pesadas. Onde estão as palavras para os mortos sem nome – para aqueles que já partiram antes de mim e que estão a chamar-me?

Estou pronto.

Estou a chegar.

Estou parado ao cimo dos degraus, de braços esticados para a minha mãe. Sinto o nome dela nos meus lábios.

– Mutti?

– *Está a ir-se. Assim que chamam pelas mães, é o fim.*

Sorriso.

– *Ele está a sorrir!*

– *Bem, ele vai para um lugar melhor, não vai?*

– *Também nós, companheiro, assim que sairmos daqui!*

Ela levanta os braços para mim...

– *Estás tão perto, estás tão perto agora – sussurra a Anne. – Todas as histórias têm de ter um fim.*

As imagens enchem-me.

Merwedephein com neve... rebentos brancos a brilhar no céu noturno no verão... uma fila de gansos... um quadrado de céu cheio de estrelas.

– *Peter? – chama ela. – Eles não podem rebentar com os nossos mundos.*

As folhas do seu diário estão espalhadas pelo chão do Anexo.

Sinto-me tão leve como uma folha.

Tão pronto.

– *Todos estamos a morrer – oiço o meu pai a dizer. – É só uma questão de sentido de oportunidade.*

Se existe um céu, então deixámo-lo à pinha. Respiro fundo e, com o meu último pensamento, sopro as folhas do diário dela no chão do Anexo. Observo-as a voar – a subir pela janela do sótão, a passar a árvore, a passar pelos pássaros e pelos sinos do relógio da igreja. A afastar-se da Anne, a afastar-se de mim e da Mutti e do Pai e do Otto e da Margot e da Edith. A subir cada vez mais no ar, onde as mãos dos nossos inimigos já não conseguem apanhá-las.

As palavras dela estão escritas.

A minha história é contada.

Estou a morrer.

Mas outros haverão de sobreviver.

Acima de nós, as palavras de milhões pairam no ar devastado como se fossem os últimos farrapos de um incêndio extinto. A flutuar como pedaços de cinza. Não tardarão a assentar. Algumas palavras regressarão com os vivos e nunca serão proferidas, mas outras erguer-se-ão em chamas e cobrirão a terra.

– *Agora já acreditas nas palavras? – sussurra a Anne.*

Sim. Acredito.

Estou tão perto que já consigo ouvir as vozes deles.

– *Peter!*

Com alegria, ergo mais alto os braços. Levanto os olhos e vejo-os: a Mutti está descalça e devastada, de braços estendidos. O Pai está parado ao lado dela, com os óculos torcidos e partidos, mas a boca ainda a sorrir. Segura nas mãos um pedaço de seda cor-de-rosa usada. A Anne e a Margot agarram-se uma à outra enquanto a mãe as envolve com os braços. A Liese está parada atrás delas, com a cabeça ainda rapada, à minha espera.

Procuro pelo Sr. Frank, mas ele não está com eles. Ainda está entre os vivos.

Deixo sair o ar da minha respiração.

– Salta, Peter! – gritam em conjunto.

E dou um pulo, para os braços deles, que me aguardam.

Agora estou morto, mas, se se puserem à escuta, ainda conseguem ouvir-me.

Wystawach.

Acordem.

Ainda aí estão?

Estão a ouvir?

[17](#) Era por esta designação que eram conhecidos os chefes de cada uma das barracas em Auschwitz. (*N. da T.*)

[18](#) Musselman era uma palavra usada em Auschwitz para designar os mais famintos e exaustos. Vem da palavra que significa muçulmano, pois estes homens caíam muitas vezes de joelhos, como um muçulmano quando reza.

[19](#) Hermann van Pels, pai de Peter, foi gaseado nas infames seleções de outubro, que tiveram lugar em Auschwitz, quando o campo se encheu de judeus reunidos para o extermínio e os Aliados começaram a conquistar a Europa.

[20](#) Termo em calão, derivado do grego, que significa roubo e que era usado nos campos de concentração.

Epílogo

Depois de ter estado escondido durante dois anos e um mês, Peter van Pels foi levado para um campo de detenção chamado Westerbork. A partir daí, sobreviveu a uma viagem de três dias no último comboio que partiu da Holanda para Auschwitz.

As experiências de Peter na secção “campos” deste romance não estão documentadas, não sendo, desse ponto de vista, autênticas. São imaginadas a partir de outros relatos documentados. Sabemos de facto que Peter esteve a trabalhar no departamento dos correios, o que se teria traduzido em razões suplementares, que ele partilhava com Otto Frank.

Para mim, nesta secção Peter existe como um “cidadão comum”. Ajuda-me a explicar como funcionavam os campos, como estes faziam uma tentativa fria e sistemática para desprover os prisioneiros do seu próprio sentido de identidade, abandonando-os num mundo onde até a sobrevivência mais básica os obrigava a roubar e a enganar, enquanto se esforçavam por sobreviver às tentativas do regime nazi para os eliminar por completo.

Peter van Pels era um rapaz tímido e adorável, que de algum modo conseguiu suportar sete meses em Auschwitz e a perda do seu pai. Debilitado e faminto, foi então obrigado a entrar numa marcha da morte entre a Polónia e a Áustria, até Mauthausen – um campo famoso pela criatividade da crueldade que exercia sobre os reclusos judeus.

Alguns historiadores pensam que ele pode ter morrido na própria marcha da morte. Outros registos sugerem que acabou por morrer em Mauthausen, algures entre o dar entrada na enfermaria a 11 de

abril de 1945 e a libertação do campo a 5 de maio. O facto de ter sobrevivido tanto tempo foi excepcional.

Tinha 18 anos.

Auguste van Pels esteve com os membros femininos da família Frank em Auschwitz. Foi transportada para Bergen-Belsen com Anne e Margot e deu-lhes apoio até ser de novo deslocada, em fevereiro de 1945, para um campo de trabalhos forçados chamado Raguhn, perto de Buchenwald. Raguhn foi encerrado a 8 de abril de 1945. Auguste foi obrigada a juntar-se a uma marcha da morte em direção a Theresienstadt. Terá morrido ou no caminho ou pouco depois da chegada. É possível que Auguste e Peter tenham morrido com poucos dias de intervalo um do outro.

Tinha 44 anos.

Hermann van Pels morreu durante as seleções de outubro em Auschwitz, em 1944. Foi morto nas câmaras de gás. A mulher e o filho sobreviveram-lhe durante seis meses.

Tinha 46 anos.

Edith, Margot e Anne Frank estiveram juntas com Auguste van Pels em Auschwitz-Birkenau até 26 de novembro de 1944, data em que Anne e Margot foram separadas da mãe e transportadas para Bergen-Belsen.

Edith Frank apoiou e amou ferozmente as filhas em Auschwitz, tendo chegado a escavar um buraco na enfermaria onde Anne estava a ser tratada para lhe passar comida. Morreu a 6 de janeiro de 1945, provavelmente de exaustão, fome ou sofrimento. Tinha 44 anos.

As condições que Margot e Anne enfrentaram em Bergen-Belsen estavam para lá do que se pode imaginar. O sistema do campo deixara de funcionar: não havia comida, nem higiene nem água fresca e abundavam as infeções e a doença. As irmãs mantiveram-se juntas e esforçaram-se muito por tomar conta uma da outra.

Dormiam no mesmo beliche, ao lado da porta, o “pior posicionamento, por causa do frio”, e existe um breve relato das condições em que viviam feito por Janny e Lien Brilleslijper, que estavam na mesma barraca que Margot e Anne. Margot morreu de tifo. É provável que o seu corpo tenha simplesmente sido acrescentado a uma pilha do lado de fora da porta.

Tinha 19 anos.

Anne Frank morreu sozinha em Bergen-Belsen, dias depois de Margot. É difícil imaginar o grau de desolação que sofreu ao perder a irmã, o último elemento da família. Hanneli Goslar acredita que Anne morreu de desespero e solidão, a juntar ao tifo. “Não sobra ninguém”, disse através de uma vedação em Bergen-Belsen. Morreu a poucos dias da libertação de Bergen-Belsen.

Tinha 15 anos.

Otto Frank sobreviveu sete meses em Auschwitz e os dias que se seguiram à deserção dos campos por parte dos nazis e consequente abandono dos sobreviventes à sua sorte em condições perigosas e aterradoras. Acabou por regressar à Holanda, onde, depois da derradeira confirmação da morte das filhas, Miep Gies lhe entregou o diário de Anne, que cuidadosamente guardara.

Foi ele que tomou a decisão de o editar e publicar. O resto é história. Anne concretizou por fim o seu sonho de reconhecimento “a nível mundial”. Sem o saber, já tinha escrito algo “capaz de mudar vidas”.

O seu trabalho e as suas convicções estão protegidos e são continuados pela Fundação Casa de Anne Frank, que investiga todas as formas de racismo e genocídio, incluindo o recente aumento da islamofobia na Holanda. Continuam a incentivar as novas gerações para a compreensão da natureza e significado do Holocausto.

Otto Frank morreu em agosto de 1980. Tinha 81 anos.

Fritz Pfeffer sobreviveu às seleções de outubro em Auschwitz e foi levado para o campo de Neungamme, onde morreu sozinho, de enterocolite, a 20 de dezembro de 1944.

Tinha 55 anos. Charlotte casou-se com o Dr. Pfeffer a título póstumo, em 1953.

Liese, a primeira namorada de Peter, é totalmente ficcional. Existe como meio de representar os cidadãos judeus desaparecidos e que iam desaparecendo durante os anos em que Peter esteve escondido.

Nota da autora

Escrever ficção histórica pela primeira vez revelou-se uma tarefa desafiante. A vida no Anexo foi retratada por Anne de maneira brilhante; na Parte Um do meu romance, o meu principal guia foi o diário dela. Por vezes, a bem da continuidade da narrativa, um ou outro acontecimento foi mudado de lugar. Espero que os ávidos leitores do diário me perdoem. Tentei manter-me fiel ao espírito do diário e aos acontecimentos que ocorreram no interior do Anexo.

O trabalho de registrar o que poderá ter acontecido aos ocupantes do Anexo assim que chegaram aos campos foi mais difícil de desenvolver. Na tentativa de escrever acerca da sobrevivência em Auschwitz e Mauthausen, fui sempre orientada pelos testemunhos e provas dos sobreviventes dos campos. Li muitos livros, mas o que me tocou mais foi o de Primo Levi, cujo testemunho clarividente retrata sem emotividade a realidade da vida quotidiana em Auschwitz.

Os meus agradecimentos a Buddy Elias e a Carol Anne Lee por lerem o manuscrito e fazerem algumas sugestões inestimáveis.

Agradecimentos

Agradeço a:

Charlie Sheppard – editor extraordinário – por pegar neste livro depois de ser largado, por lhe ter sacudido o pó e ter tido fé suficiente para lhe dar uma nova vida.

Klaus Flugge, por tê-lo publicado.

Sarah Pakenham, por andar a vendê-lo ao mundo inteiro.

Barbara Bradshaw – o riso de Anne é o teu riso, e tantas vezes foi esse som que me fez avançar nesta história tão triste.

Gertjaen Broek e à Casa Anne Frank, pelas informações acerca do número de Peter.

Danny Lee, por me dar uma perspetiva diferente.

Paula Barry e Suzy Paul, Rosemary Turan, pelo apoio e amizade.

Kate Dando, Steve, Charlie e Felix Bishop, e às “beldades do banho” – vemo-nos nas ondas no próximo ano... vocês sabem onde...

Barry Cunningham, por me dizer para não voltar a guardá-lo na gaveta.

Joy Court, pelos seus conselhos.

Família Fiddes, sobretudo a George, pelas suas ilustrações.

Andy Kelly, por encontrar e me enviar a edição comentada do diário da Doubleday.

Bruce e Tess, por terem copiado aquelas cinco páginas novas à mão, há já tantos anos!

Xa White, por todas as tuas ideias e trabalho árduo neste livro, por organizares a viagem a Amesterdão – e por teres sido uma companhia tão maravilhosa no caminho.

Ella White, por pegar no *Diário de Anne Frank* e falar dele de modo tão apaixonado, fazendo-me assim lembrar de uma ideia que eu tempos tivera...

Jem White, por estar em casa este ano, por achar tudo tão divertido e por fazer o melhor gin tónico de sempre!

Alastair, por... me ter sobrevivido...

Índice

[CAPA](#)

[Ficha Técnica](#)

[Para Jem, Xa e Ella](#)

[PREFÁCIO](#)

[PRÓLOGO](#)

[PARTE UM](#)

[O ANEXO](#)

[13 de julho de 1942 – Peter entra no Anexo: 263 Prinsengracht, Amesterdão](#)

[8 de agosto de 1942 – Peter é assombrado por Liese nos seus sonhos](#)

[9 de agosto de 1942 – Peter está a sufocar no Anexo](#)

[21 de agosto de 1942 – O pai de Peter está zangado](#)

[22 de agosto de 1942 – Peter irrita-se](#)

[26 de agosto de 1942 – Peter descobre as alegrias da leitura](#)

[28 de agosto de 1942, ao fim da tarde](#)

[15 de setembro de 1942 – Anne e Peter discutem](#)

[23 de setembro de 1942 – Anne e Peter brincam no sótão](#)

[8 de outubro de 1942 – Miep toma uma decisão difícil](#)

[Nesse dia, mais tarde](#)

[13 de outubro de 1942 – Peter sonha com Liese](#)

[14 de outubro de 1942 – Peter não consegue esquecer o seu sonho](#)

[29 de outubro de 1942 – A casa dos van Pels é “limpa”](#)

[8 de novembro de 1942 – Peter faz dezasseis anos](#)

[16 de novembro de 1942 – A chegada de uma oitava pessoa ao](#)

[Anexo](#)

[18 de novembro de 1942 – Peter pensa em Deus](#)

[3 de dezembro de 1942 – A primeira noite do Hanukkah](#)

[12 de dezembro de 1942 – Peter e os pais comemoram o](#)

[Hanukkah](#)

18 de março de 1943 – A Turquia entra na guerra!

24 de março de 1943 – Peter descobre um assalto

27 de março de 1943 – Peter e Margot conversam no sótão

Dezembro de 1943, Hanukkah

5 de janeiro de 1944 – Peter está no seu quarto, a tentar fugir de Anne

24 de janeiro de 1944 – Anne chama a atenção de toda a gente

1 de fevereiro de 1944 – Peter vislumbra o diário

3 de fevereiro de 1944 – Peter não consegue encontrar palavras

13 de fevereiro de 1944 – Peter discute com o Dr. Pfeffer

14 de fevereiro de 1944 – Anne e Peter estão juntos no sótão

16 de fevereiro de 1944 – O aniversário de Margot

17 de fevereiro de 1944 – Anne está no quarto dos van Pels e clarifica os seus sentimentos

23 de fevereiro de 1944 – Anne e Peter passam tempo juntos

26 de fevereiro de 1944 – O Sr. Frank está preocupado

27 de fevereiro de 1944 – Peter e Anne estão à conversa no sótão

29 de fevereiro de 1944 – Outra entrada forçada

Nesse dia, mais tarde

3 de março de 1944 – Peter recorda o antigamente

7 de março de 1944 – Peter está com Anne

22 de março de 1944 – Peter pensa em Anne

26 de março de 1944 – Peter está cheio de sentimentos

27 de março de 1944 – Anne e Peter estão juntos no sótão

29 de março de 1944 – Todos se apercebem do valor do diário

de Anne

30 de março de 1944 – Peter observa Anne a escrever

9 de abril de 1944 – Anne e Peter tentam falar do mundo lá fora

Nessa noite, mais tarde... Peter está prestes a descobrir outra entrada forçada

14 de abril de 1944 – Peter está apaixonado por Anne

15 de abril de 1944 – Peter está a sofrer

Nessa noite, mais tarde: Peter ouve os pais às escondidas

16 de abril de 1944 – Peter está no armazém

27 de abril de 1944 – Anne e Peter beijam-se

29 de abril de 1944 – Peter espera por Anne
30 de abril de 1944 – O Sr. Frank interroga Peter
5 de maio de 1944 – Anne está furiosa
26 de maio de 1944 – Peter quer Anne, Anne quer escrever
6 de junho de 1944 – Começou a invasão
7 de junho de 1944 – Peter sente esperança
11 de junho de 1944 – Na véspera do aniversário de Anne
12 de junho de 1944 – O aniversário de Anne
4 de agosto de 1944 – Peter está no seu quarto com o Sr. Frank. Os oito habitantes do Anexo são traídos
13 de julho de 1942 – Peter entra no Anexo: 263 Prinsengracht, Amesterdão
8 de agosto de 1942 – Peter é assombrado por Liese nos seus sonhos
9 de agosto de 1942 – Peter está a sufocar no Anexo
21 de agosto de 1942 – O pai de Peter está zangado
22 de agosto de 1942 – Peter irrita-se
26 de agosto de 1942 – Peter descobre as alegrias da leitura
28 de agosto de 1942, ao fim da tarde
15 de setembro de 1942 – Anne e Peter discutem
23 de setembro de 1942 – Anne e Peter brincam no sótão
8 de outubro de 1942 – Miep toma uma decisão difícil
Nesse dia, mais tarde
13 de outubro de 1942 – Peter sonha com Liese
14 de outubro de 1942 – Peter não consegue esquecer o seu sonho
29 de outubro de 1942 – A casa dos van Pels é “limpa”
8 de novembro de 1942 – Peter faz dezasseis anos
16 de novembro de 1942 – A chegada de uma oitava pessoa ao Anexo
18 de novembro de 1942 – Peter pensa em Deus
3 de dezembro de 1942 – A primeira noite do Hanukkah
12 de dezembro de 1942 – Peter e os pais comemoram o Hanukkah
18 de março de 1943 – A Turquia entra na guerra!
24 de março de 1943 – Peter descobre um assalto

27 de março de 1943 – Peter e Margot conversam no sótão
Dezembro de 1943, Hanukkah

5 de janeiro de 1944 – Peter está no seu quarto, a tentar fugir
de Anne

24 de janeiro de 1944 – Anne chama a atenção de toda a gente

1 de fevereiro de 1944 – Peter vislumbra o diário

3 de fevereiro de 1944 – Peter não consegue encontrar palavras

13 de fevereiro de 1944 – Peter discute com o Dr. Pfeffer

14 de fevereiro de 1944 – Anne e Peter estão juntos no sótão

16 de fevereiro de 1944 – O aniversário de Margot

17 de fevereiro de 1944 – Anne está no quarto dos van Pels e
clarifica os seus sentimentos

23 de fevereiro de 1944 – Anne e Peter passam tempo juntos

26 de fevereiro de 1944 – O Sr. Frank está preocupado

27 de fevereiro de 1944 – Peter e Anne estão à conversa no
sótão

29 de fevereiro de 1944 – Outra entrada forçada

Nesse dia, mais tarde

3 de março de 1944 – Peter recorda o antigamente

7 de março de 1944 – Peter está com Anne

22 de março de 1944 – Peter pensa em Anne

26 de março de 1944 – Peter está cheio de sentimentos

27 de março de 1944 – Anne e Peter estão juntos no sótão

29 de março de 1944 – Todos se apercebem do valor do diário

de Anne

30 de março de 1944 – Peter observa Anne a escrever

9 de abril de 1944 – Anne e Peter tentam falar do mundo lá fora

Nessa noite, mais tarde... Peter está prestes a descobrir outra
entrada forçada

14 de abril de 1944 – Peter está apaixonado por Anne

15 de abril de 1944 – Peter está a sofrer

Nessa noite, mais tarde: Peter ouve os pais às escondidas

16 de abril de 1944 – Peter está no armazém

27 de abril de 1944 – Anne e Peter beijam-se

29 de abril de 1944 – Peter espera por Anne

30 de abril de 1944 – O Sr. Frank interroga Peter

[5 de maio de 1944 – Anne está furiosa](#)

[26 de maio de 1944 – Peter quer Anne, Anne quer escrever](#)

[6 de junho de 1944 – Começou a invasão](#)

[7 de junho de 1944 – Peter sente esperança](#)

[11 de junho de 1944 – Na véspera do aniversário de Anne](#)

[12 de junho de 1944 – O aniversário de Anne](#)

[4 de agosto de 1944 – Peter está no seu quarto com o Sr.](#)

[Frank. Os oito habitantes do Anexo são traídos](#)

[Parte Dois](#)

[Os Campos](#)

[Epílogo](#)

[Nota da autora](#)

[Agradecimentos](#)